



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

TU É DOIDO, MACHO! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza



FORTALEZA – CEARÁ
2014

TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

TU É DOIDO, MACHO! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo.

FORTALEZA – CEARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3 / 726

G963t Guimarães, Tatiane de Araújo Almeida Studart
 TU É DOIDO, MACHO! A variação das formas de tratamento
 no falar de Fortaleza/ Tatiane de Araújo Almeida Studart
 Guimarães- 2014.
 CD-ROM. 237 f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

 “CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho
acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7
mm)”.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará,
Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.
 Área de Concentração: Linguagem e Interação.
 Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araújo.

 1. Formas de tratamento. 2. Teoria Variacionista. 3. Teoria da
Polidez. 4. Teoria do Poder e da Solidariedade. 5. Falar de
Fortaleza I. Título.

CDD: 418



TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

TU É DOIDO, MACHO! A VARIAÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO NO FALAR DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 30 / 04 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Aluiza Alves de Araújo

Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Hebe Macedo de Carvalho

Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (1º Membro)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Antonio Luciano Pontes

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes (2º Membro)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao Raul

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, à minha família, em especial, à minha mãe, que, além do incentivo que sempre me deu, me apoiou quando mais precisei, cuidando do meu pequeno Raul para que eu pudesse voltar a estudar.

Ao meu marido, pela paciência durante as ausências, pelo financiamento dos congressos e pela companhia durante esse tempo.

Ao meu filhote, Raul, maior incentivador e a pessoa que mais desejava que eu terminasse esse trabalho, acordando à noite para me colocar para dormir.

À minha orientadora, Aluiza, coautora do meu trabalho, quem teve muita paciência, me deu todo suporte e segurança para desenvolver essa pesquisa. Obrigada por seus textos, seus comentários nessa pesquisa, por me auxiliar com o GoldVarb X e por sua dedicação em trabalhar com tanto afinco.

Aos professores Luciano Pontes e Hebe Macedo pelas contribuições na minha banca de qualificação.

Ao professor Kilpatrick Campelo, pela gentileza em enviar seu livro e artigo.

Às professoras Marta Scherre, Vera Lucia Paredes Silva, Maria Auxiliadora Bezerra e Maria Socorro Coelho que me forneceram valiosos artigos e dissertações.

Aos meus amigos do PosLA, em especial, Germana, Grayce, Ticiane, Eduarda, Marcos Alberto, Gabriela, Maria Eduarda, Miguel, Marcos Bonfim, Fernando Henrique, Robson e Wagner pelos dois anos compartilhando conhecimento, alegrias e aprendizado.

Aos amigos do Ciplom, Marcos, Eduarda, Marquim, Miguel, Gabi e FH, por nossas conversas elucidativas sobre atos de fala e por terem participado de um dos melhores congressos que fiz.

Aos meus amigos Rebeca e Felipe, por terem, gentilmente, feito o *abstract* desta pesquisa.

À minha amiga Rebeca, por nossas conversas diárias durante o café, por fazer parte de minha vida.

Aos coordenadores e funcionários do PosLA, em especial, a Keiliane, por sua atenção,
carinho e dedicação com os alunos.

A todos os meus amigos e familiares que torceram e ficaram felizes com mais uma batalha
vencida.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP),
pela bolsa concedida durante os dois anos de pesquisa.

*Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá!
Faz o que tu queres
Pois é tudo
Da Lei! Da Lei!
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa!*

(Raul Seixas)

*Oh mulher espilicute, macho, essa mulher! Espilicute demais, macho! Muito espilicute. Ave
Maria! (Cine Holliúdy)*

RESUMO

Este estudo, que tem seus alicerces teóricos fundados na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1994; 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), na Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e na Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), aborda as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *cê* e *o(a) senhor(a)* e as formas de tratamento nominais *macho*, *rapaz*, *mulher*, *minha filha*, *cara* e *meu amigo* no falar popular de Fortaleza-CE. Com o objetivo de estudarmos os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam essas formas de tratamento, bem como avaliarmos se temos algumas destas formas em processo de mudança, selecionamos 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e analisamos apenas os inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois Informantes). Nossos informantes foram estratificados em função do gênero, da faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; a partir dos 50 anos) e da escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos). Com o auxílio do GoldVarb X, obtivemos os seguintes resultados: para as formas pronominais- *tu* com 47,2%, *você* com 46,5%, *o senhor(a)* com 4,3%, *o cê* com 2% e *ocê* com 0,1%; e para as formas nominais: *macho* com 39%, seguido de *mulher* com 26,9% e *rapaz* com 17%, *cara* com 5,2%, *minha filha* com 4,3%, *amiga* com 3,3%, *meu amigo* com 1,5%, *menina* com 1,3%, *meu filho* com 1,1%, *meu irmão* com 0,2% e *menino* somente com 0,1%. O fator de maior relevância, para cada análise, foi o seguinte: a) em *tu x você*, a entonação (interrogativa) para o *tu*, com indícios de uma mudança em curso; b) em *tu x você +cê*, as variáveis se comportaram como na rodada *tu x você*; c) em *cê x você*, a escolaridade (a mais baixa) para o *cê*; d) em *o(a) senhor(a) x você*, o tipo de relato (reportado) para *o(a) senhor(a)*; e) em *macho x rapaz*, a faixa etária (os jovens) para o *macho*, sinalizando uma mudança linguística; f) em *cara x macho*, a escolaridade (os menos escolarizados) para *cara*; g) em *mulher x minha filha*, a faixa etária (os jovens) para *mulher*; h) em *rapaz x cara*, a escolaridade (a menor) se mostrou relevante para *rapaz*. As formas de tratamento nominais, assim como o *tu* e *você*, são mais produzidas nas relações de solidariedade, mas o mesmo não acontece com *o(a) senhor(a)*. As formas *rapaz* e *você* seriam consideradas neutras. O uso do *cê* ainda é muito escasso, já o *ocê* praticamente não ocorre. Observou-se também que o uso de *cara*, *macho* e *rapaz* não se refere apenas a homens e que todas as formas em estudo não são estigmatizadas pela comunidade em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento. Teoria Variacionista. Teoria da Polidez. Teoria do Poder e da Solidariedade. Falar de Fortaleza.

ABSTRACT

This study, which has its theoretical foundation grounded in the Theory of Language Variation and Change (LABOV, 1994; 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), in Politeness Theory (BROWN; LEVINSON, 1987) and the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), discusses the forms of treatment pronoun *tu*, *você*, *cê*, *o senhor and a senhora* and nominal forms of treatment *macho*, *rapaz*, *mulher*, *minha filha*, *cara e meu amigo*, popular talking of Fortaleza-CE. Aiming to study the linguistic and extralinguistic factors that influence these forms of treatment, and assess if we have some of these forms in the change process, we selected 53 informants bank NORPOFOR (Oral Norm Portuguese Popular of Fortaleza) data and analyzed only investigations of type D2 (Dialogue between two informants). Our informants were stratified by gender, age group (15-25 years, 26-49 years, from 50 years) and education (0-4 years, 5-8 years, 9-11 years). With the aid of GoldVarb X, we obtained the following results: pronominal forms – *tu* with 47.2 % , *você* with 46.5 % , *o senhor and a senhora* with 4.3 % , *cê* with 2 % and *ocê* with 0.1%; and nominal forms: *macho* with 39% , followed by *mulher* with 26.9 % and *rapaz* with 17%, *cara* with 5.2%, *minha filha* with 4.3%, *amiga* with 3.3%, *meu amigo* with 1.5%, *menina* with 1.3%, *meu filho* with 1.1%, *meu irmão* with 0.2% and *menino* with only 0.1%. The most relevant factor for each analysis was as follows: a) *tu x você*, intonation (interrogative) for *tu*, with evidence of a change in progress; b) *tu x você +cê*, variables behaved as *tu x você* ; c) *cê x você* , schooling (lowest) to *cê* ; d) *o senhor and a senhora x você*, the type of report (reported) for *o senhor and a senhora*; e) *macho x rapaz*, age (youth) to the *macho*, signaling a language change; f) *cara x macho*, education (less educated) to *cara*; g) *mulher x minha filha*, age group (youth) for *mulher*; h) *rapaz x cara*, schooling (lowest) proved to be relevant for *rapaz*. Nominal forms of treatment , like *tu e você*, are more produced in relations of solidarity , but the same does not happen with *o senhor and a senhora*. Forms *rapaz e você*, would be considered neutral . The use of *cê* is still very limited , and *ocê* practically does not occur . It was also observed that the use of *cara*, *macho e rapaz* does not only refer to men and that all forms studied are not stigmatized by the community under study.

KEYWORDS : Forms of treatment. Variationist theory. Politeness Theory. Theory of Power and Solidarity. Talking of Fortaleza.

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Tabela 01 | Frequência de uso das variantes <i>tu e você</i> em outras localidades do Brasil..... | 133 |
| Tabela 02 | Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 136 |
| Tabela 03 | Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 138 |
| Tabela 04 | Atuação do tipo de referente sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 139 |
| Tabela 05 | Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 140 |
| Tabela 06 | Atuação do gênero/sexo sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 142 |
| Tabela 07 | Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 144 |
| Tabela 08 | Atuação do tipo de relato sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 145 |
| Tabela 09 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 146 |
| Tabela 10 | Atuação da função sintática sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 147 |
| Tabela 11 | Atuação do paralelismo formal sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 148 |
| Tabela 12 | Atuação da escolaridade sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 149 |
| Tabela 13 | Atuação do tempo verbal sobre o pronome <i>tu (tu x você)</i> | 150 |
| Tabela 14 | Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>)..... | 153 |
| Tabela 15 | Atuação do tempo verbal sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>)..... | 154 |
| Tabela 16 | Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 154 |
| Tabela 17 | Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>)..... | 155 |
| Tabela 18 | Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 156 |
| Tabela 19 | Atuação da escolaridade sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 156 |
| Tabela 20 | Atuação da função sintática sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 157 |
| Tabela 21 | Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>)..... | 157 |

| | | |
|-----------|---|------------|
| Tabela 22 | Atuação do tipo de relato sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 158 |
| Tabela 23 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 159 |
| Tabela 24 | Atuação do paralelismo formal sobre o pronome <i>tu</i> na fala das mulheres (<i>tu x você</i>) | 159 |
| Tabela 25 | Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais jovens (<i>tu x você</i>)..... | 161 |
| Tabela 26 | Atuação do tipo de relato sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais jovens (<i>tu x você</i>) | 162 |
| Tabela 27 | Atuação da escolaridade sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais jovens (<i>tu x você</i>) | 162 |
| Tabela 28 | Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais jovens (<i>tu x você</i>)..... | 163 |
| Tabela 29 | Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais jovens (<i>tu x você</i>) | 163 |
| Tabela 30 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais jovens (<i>tu x você</i>) | 164 |
| Tabela 31 | Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>) | 166 |
| Tabela 32 | Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>) | 166 |
| Tabela 33 | Atuação do gênero/sexo sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>) | 167 |
| Tabela 34 | Atuação do tipo de referente sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>)..... | 167 |
| Tabela 35 | Atuação do tipo de relação entre os interlocutores sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>)..... | 168 |
| Tabela 36 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>) | 168 |
| Tabela 37 | Atuação do paralelismo formal sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos mais escolarizados (<i>tu x você</i>) | 169 |
| Tabela 38 | Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com | |

| | | |
|-----------|---|------------|
| | maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 170 |
| Tabela 39 | Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 171 |
| Tabela 40 | Atuação do tipo de referente sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 171 |
| Tabela 41 | Atuação do gênero/sexo sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 172 |
| Tabela 42 | Atuação do tempo verbal sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 172 |
| Tabela 43 | Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 173 |
| Tabela 44 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 174 |
| Tabela 45 | Atuação do tipo de relato sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>)..... | 175 |
| Tabela 46 | Atuação da função sintática sobre o pronome <i>tu</i> na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (<i>tu x você</i>) | 175 |
| Tabela 47 | Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 177 |
| Tabela 48 | Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 178 |
| Tabela 49 | Atuação da referência sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 178 |
| Tabela 50 | Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 179 |
| Tabela 51 | Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 179 |
| Tabela 52 | Atuação do gênero/sexo sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 180 |
| Tabela 53 | Atuação do tipo de relato sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 180 |
| Tabela 54 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 181 |
| Tabela 55 | Atuação da função sintática sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 181 |
| Tabela 56 | Atuação do paralelismo formal sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 182 |
| Tabela 57 | Atuação do tempo verbal sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você e cê</i>) | 182 |
| Tabela 58 | Frequência de uso das variantes <i>você e cê</i> em diversas localidades do Brasil | 184 |
| Tabela 59 | Atuação da escolaridade entre os informantes sobre o pronome <i>cê</i> (<i>cê x você</i>) | 186 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| Tabela 60 | Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome <i>cê (cê x você)</i> | 186 |
| Tabela 61 | Atuação do gênero/sexo entre os informantes sobre o pronome <i>cê (cê x você)</i> | 187 |
| Tabela 62 | Frequência de uso das variantes <i>você e senhor</i> em diversas localidades do Brasil..... | 188 |
| Tabela 63 | Atuação do tipo de relato sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 189 |
| Tabela 64 | Atuação do gênero/sexo sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 191 |
| Tabela 65 | Atuação da escolaridade sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 192 |
| Tabela 66 | Atuação da função sintática no pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 193 |
| Tabela 67 | Atuação do tempo verbal sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 193 |
| Tabela 68 | Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 194 |
| Tabela 69 | Atuação do tipo de relação entre os interlocutores sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 196 |
| Tabela 70 | Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 197 |
| Tabela 71 | Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>senhor(a) (senhor(a) x você)</i> | 198 |
| Tabela 72 | Atuação da faixa etária sobre a forma <i>macho (macho x rapaz)</i> | 202 |
| Tabela 73 | Atuação do tipo de fala sobre a forma <i>macho (macho x rapaz)</i> | 203 |
| Tabela 74 | Atuação do paralelismo formal sobre a forma <i>macho (macho x rapaz)</i> | 203 |
| Tabela 75 | Atuação do tipo de relato sobre a forma <i>macho (macho x rapaz)</i> | 204 |
| Tabela 76 | Atuação da escolaridade sobre a forma <i>macho (macho x rapaz)</i> | 205 |
| Tabela 77 | Atuação do grau de simetria entre os informantes sobre a forma <i>macho (macho x rapaz)</i> | 206 |
| Tabela 78 | Atuação da escolaridade sobre a forma <i>cara (cara x macho)</i> | 208 |
| Tabela 79 | Atuação do sexo/gênero sobre a forma <i>cara (cara x macho)</i> | 208 |
| Tabela 80 | Atuação do tipo de fala sobre a forma <i>cara (cara x macho)</i> | 209 |
| Tabela 81 | Atuação da faixa etária sobre a forma <i>mulher (mulher x minha filha)</i> | 210 |
| Tabela 82 | Atuação da escolaridade sobre a forma <i>mulher (mulher x minha filha)</i> | 211 |
| Tabela 83 | Atuação da escolaridade sobre a forma <i>rapaz (rapaz x cara)</i> | 213 |
| Tabela 84 | Atuação do sexo/gênero sobre a forma <i>rapaz (rapaz x cara)</i> | 214 |
| Tabela 85 | Atuação da faixa etária sobre a forma <i>rapaz (rapaz x cara)</i> | 215 |
| Tabela 86 | Atuação da posição em relação verbo sobre a forma <i>rapaz (rapaz x cara)</i> | 215 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|--|------------|
| Quadro 1 | As formas de tratamento no Brasil no século XIX (BIDERMAN, 1972, p.363)..... | 31 |
| Quadro 2 | As formas de tratamento no século XX no Brasil (BIDERMAN, 1972, p.366) | 31 |
| Quadro 3 | Distribuição dos informantes por sexo, idade, tipo de registro e escolaridade (NORPOFOR)..... | 100 |
| Quadro 4 | Distribuição dos informantes por variáveis sociais controladas na nossa amostra..... | 101 |
| Quadro 5 | Distribuição dos informantes da nossa amostra por número do inquérito /gênero, bairro/Secretaria Executiva Regional (SER), profissão / idade e escolaridade..... | 104 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|--|-----|
| Gráfico 01 | Distribuição das formas <i>tu e você</i> nos estudos do Norte | 53 |
| Gráfico 02 | Distribuição das formas <i>tu e você</i> nos estudos do Nordeste | 54 |
| Gráfico 03 | Distribuição das formas <i>tu, você, cê, ocê</i> e nulo nos estudos do Centro-Oeste | 55 |
| Gráfico 04 | Distribuição das formas <i>tu, você</i> e nulo nos estudos do Sudeste | 56 |
| Gráfico 05 | Distribuição das formas pronominais <i>tu, você, senhor</i> e nulo nos estudos do Sul | 58 |
| Gráfico 06 | Distribuição das formas <i>você e suas variantes ocê e cê</i> nos estudos brasileiros..... | 67 |
| Gráfico 07 | Percentuais obtidos para as variantes que ocorrem em mais de uma função sintática..... | 132 |
| Gráfico 08 | Percentuais obtidos para as variantes <i>tu e você</i> após a retirada dos nocautes..... | 135 |
| Gráfico 09 | Percentuais obtidos para as variantes <i>tu e você</i> na rodada só com as mulheres após a retirada dos nocautes..... | 152 |
| Gráfico 10 | Percentuais obtidos para as variantes <i>tu e você</i> na rodada só com os mais jovens após a retirada dos nocautes..... | 161 |
| Gráfico 11 | Percentuais obtidos para as variantes <i>tu e você</i> na rodada só com os mais escolarizados após a retirada dos nocautes..... | 165 |
| Gráfico 12 | Percentuais obtidos para as variantes <i>tu e você</i> na rodada só com os mais escolarizados após a retirada dos nocautes | 170 |
| Gráfico 13 | Percentuais obtidos para as variantes <i>tu e você(cê)</i> após a retirada dos nocautes..... | 176 |
| Gráfico 14 | Percentuais obtidos para as variantes <i>cê e você</i> após a retirada dos nocautes..... | 185 |
| Gráfico 15 | Percentuais obtidos para as variantes <i>senhor(a) e você</i> após a retirada dos nocautes..... | 189 |
| Gráfico 16 | Percentuais obtidos para cada variante apenas na função de vocativo..... | 200 |
| Gráfico 17 | Percentuais obtidos para as variantes <i>macho e rapaz</i> após a retirada dos nocautes..... | 201 |

| | | |
|------------|---|------------|
| Gráfico 18 | Percentuais obtidos para as variantes <i>cara e macho</i> após a retirada dos nocautes..... | 207 |
| Gráfico 19 | Percentuais obtidos para as variantes <i>mulher e minha filha</i> após a retirada dos nocautes..... | 210 |
| Gráfico 20 | Percentuais obtidos para as variantes <i>rapaz e cara</i> após a retirada dos nocautes..... | 213 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 20 |
| 2 | FORMAS DE TRATAMENTO..... | 24 |
| 2.1 | UM PERCURSO DOS PRONOMES <i>TU, VOCÊ SENHOR</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO..... | 30 |
| 2.2 | OS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO..... | 35 |
| 2.2.1 | Estudos variacionistas..... | 35 |
| 2.2.1.1 | <i>Tu, você e o senhor.....</i> | 36 |
| 2.2.1.2 | <i>Você e suas variantes ocê e cê.....</i> | 59 |
| 2.2.2 | ESTUDOS DE NATUREZAS DIVERSAS..... | 68 |
| 3 | TEORIA DA POLIDEZ..... | 73 |
| 4 | TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA..... | 79 |
| 5 | NORMA CULTA E NORMA POPULAR..... | 91 |
| 6 | METODOLOGIA..... | 99 |
| 6.1 | TIPO DE PESQUISA..... | 99 |
| 6.2 | O <i>CORPUS</i> E A AMOSTRA..... | 99 |
| 6.3 | VARIÁVEIS CONTROLADAS..... | 110 |
| 6.3.1 | Variáveis dependentes..... | 110 |
| 6.3.2 | Variáveis independentes..... | 111 |
| 6.3.2.1 | Variáveis linguísticas..... | 111 |
| 6.3.2.2 | Variáveis extralinguísticas..... | 121 |
| 6.4 | LEVANTAMENTO DE DADOS..... | 127 |
| 6.5 | CODIFICAÇÃO DOS FATORES..... | 127 |
| 6.6 | ANÁLISE ESTATÍSTICA..... | 128 |
| 7 | ANÁLISE DOS DADOS..... | 132 |
| 7.1 | FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAIS..... | 132 |
| 7.1.1 | <i>Tu X você.....</i> | 135 |
| 7.1.1.1 | Refinamento de resultados selecionados na rodada <i>tu x você</i> | 151 |
| 7.1.1.1.1 | <i>Só com as mulheres.....</i> | 151 |
| 7.1.1.1.2 | <i>Só com os mais jovens.....</i> | 160 |
| 7.1.1.1.3 | <i>Só com os mais escolarizados.....</i> | 165 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| 7.1.1.1.4 | <i>Só os que possuem maior grau de intimidade.....</i> | 170 |
| 7.1.2 | <i>Tu X você e cê.....</i> | 176 |
| 7.1.3 | <i>Cê X você.....</i> | 183 |
| 7.1.4 | <i>O(a) senhor(a) X você.....</i> | 188 |
| 7.2 | FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAIS..... | 199 |
| 7.2.1 | <i>Macho X rapaz.....</i> | 201 |
| 7.2.2 | <i>Cara X macho.....</i> | 206 |
| 7.2.3 | <i>Mulher X minha filha.....</i> | 209 |
| 7.2.4 | <i>Rapaz X cara.....</i> | 212 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 217 |
| | REFERÊNCIAS..... | 220 |
| | APÊNDICE | 231 |
| | APÊNDICE A Mapa dos estudos variacionistas <i>tu, você, ocê, cê</i> e <i>o(a) senhor(a)</i> | 231 |
| | ANEXO..... | 232 |
| | ANEXO A- Parecer do Comitê de Ética..... | 232 |
| | ANEXO B- MAPA DE FORTALEZA: distribuição espacial dos bairros nas seis regionais | 236 |
| | APÊNDICE C- MAPA DO CEARÁ..... | 237 |

1 INTRODUÇÃO

Nas aulas de língua portuguesa, a maioria dos professores adota basicamente a gramática normativa ainda como único modelo a ser seguido. Dessa maneira, a língua portuguesa é apresentada como homogênea e imutável. Assim, a gramática tradicional, estudada em sala de aula, não retrata a nossa realidade linguística em diversos pontos, como as formas de tratamento, e, principalmente, no que diz respeito ao uso dos pronomes de 2ª pessoa. Na língua falada informal, pode-se dizer que o uso do *vós* não existe mais, apesar de a escola exigir do aluno domínio ao conjugar esta forma. Este pronome não é mais empregado em situações informais e são raríssimas as situações formais em que é utilizado.

Além dele, outro pronome também chama-nos a atenção: o *tu*, visto que há uma alternância com o pronome *você*. Dependendo da localidade, um tem mais prestígio que o outro, no entanto, isso não é abordado em sala de aula de língua materna. Vale dizer também que as demais formas de tratamento são ignoradas, não fazendo parte do conteúdo a ser ministrado pelo professor. No entanto, se o docente tivesse esse conhecimento, ele poderia discutir o emprego das formas de tratamento com os seus alunos de maneira mais segura e fundamentada.

Um dos materiais de apoio mais usados pelos professores de língua portuguesa são as gramáticas. Adotadas como material imprescindível, o seu uso, como único material de apoio ao professor, torna o ensino arcaico, valorizando apenas a norma padrão, principalmente porque essas gramáticas tratam como erro as mudanças linguísticas ou porque, em virtude do distanciamento com as universidades, trazem informações vazias ou ultrapassadas. As formas de tratamento ficam restritas às formas de cortesia como *Vossa Excelência*.

Bechara (2009) não apresenta a variação dos pronomes, enquanto Azeredo (2008) considera os pronomes *tu* e *você* como pronomes pessoais do caso reto. Já Luft (2009) informa que esses pronomes denotam o ouvinte, ou seja, a pessoa com quem se fala.

Poucas gramáticas discutem o uso das formas de tratamento. Cunha e Cintra (2008) fazem um paralelo entre o português falado no Brasil e o falado em Portugal e observam que as mudanças no nosso português fizeram com que o *você* fosse usado como uma forma mais polida, indicando respeito ou um tratamento de igual para igual, mas também como forma de intimidade.

É bom deixar claro que, com exceção de Cunha e Cintra (2008), nenhuma outra gramática fala das outras formas de tratamento, como as nominais. A maioria se limita aos pronomes, distinguindo os pessoais dos de tratamento.

Compreender o uso das formas de tratamento torna-se necessário para o falante se adequar ao seu interlocutor e à situação de comunicação. Considerar que os fatores sociais e discursivos fazem parte da comunicação e não devem ser menosprezados é de suma importância, ratificando o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), isto é, que toda linguagem carrega dentro de si uma visão do mundo, que não se limita aos aspectos formais. Desprezar os demais significados desvincula o aluno do caráter intrassubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem. Ao estudar a linguagem verbal, o professor deve ter em vista a representatividade da norma padrão. O aluno deve aprender a valorizar determinada manifestação, considerando o seu valor, representado pelo poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade.

Torna-se, assim, imprescindível que o aluno conheça não apenas a norma padrão, mas também que ele possa observar no seu cotidiano o que foi estudado em sala. Assim, não só memorizar formas, os alunos, principalmente os que não têm o português como língua materna, devem aprender que a variação não ocorre de maneira aleatória, está sempre dependendo de um contexto, em que são levados em conta fatores linguísticos, sociais e discursivos.

Compreender como se dá a atuação das formas de tratamento é relevante não somente para o ensino de língua materna, mas também para o ensino do português como língua estrangeira. Para o estrangeiro que deseja aprender a língua portuguesa, é necessário conhecer não apenas o que prescreve a gramática normativa, mas, sobretudo, o que ele vai vivenciar no seu cotidiano.

Aos professores, informar aos alunos sobre as variações regionais, como o caso das formas de tratamento pronominais e nominais, é de suma importância para o combate ao preconceito linguístico, o que é uma prática frequente não somente pelas instituições educacionais como também pela mídia, conforme veremos no capítulo 3. No Brasil, o estudo sobre variação linguística nas escolas ainda é muito limitado, alguns professores têm dificuldades em trabalhar com esse assunto, seja por conta do método adotado na instituição onde ensina, seja por não saber como trabalhar com a variação e, apoiados na gramática normativa, preferem adotar o modelo tradicional, proliferando a ideia de que o aluno “não sabe português”.

Esse trabalho poderá contribuir futuramente para a realização de estudos diacrônicos sobre o português popular falado em Fortaleza, possibilitando ao pesquisador realizar estudos em tempo real. Além disso, este trabalho poderá fornecer subsídios para os profissionais do

teatro, da televisão e do cinema, pois, para criar personagens com os quais o público se identifique, é necessário conhecer a realidade linguística que se quer representar.

A alternância dos pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na fala sob a perspectiva variacionista já foi objeto de estudo de vários trabalhos no território brasileiro, como veremos no capítulo 1. Um ponto que nos chama atenção é o fato de só haver, sobre o falar cearense, um estudo de natureza sociolinguística, o de Soares (1980), que trata dos pronomes *tu*, *você* e *senhor*, e um de natureza dialetológica, o de Sales (2004), que descreve como se dá a distribuição dos pronomes *tu* e *você* no falar dos fortalezenses.

Soares (1980), em seu trabalho pioneiro sobre o estudo das formas de tratamento no Ceará, que também se constitui em um dos primeiros estudos sobre a variação pronominal de 2ª pessoa no português oral brasileiro, aborda as formas de tratamento em Fortaleza, utilizando uma amostra constituída por falantes fortalezenses natos ou vindos do interior do Ceará, desde que fossem residentes na capital cearense. A amostra, apesar de extensa, pois é constituída por 72 informantes, não é balanceada quanto à sua distribuição por célula.

Sales (2004), sob a perspectiva dialetológica, faz uma análise comparativa entre dados da norma culta e da norma popular. Apesar de o trabalho contribuir para a descrição do falar de Fortaleza, nota-se que o estudo é realizado com base em uma reduzida quantidade de informantes, 24, ao todo, distribuídos, por célula, de forma desbalanceada. Ademais, utiliza, exclusivamente, o Diálogo entre Informante e Documentador (DID), que acreditamos não ser o melhor tipo de inquérito para analisar a alternância do *tu* e *você*, pois, nesta modalidade de entrevista, quem utiliza mais as formas de tratamento é o documentador, que, assim, pode induzir a escolha pronominal do informante.

Apesar de serem dois trabalhos de suma importância para a descrição do português falado em Fortaleza, o estudo de Soares (1980) e o de Sales (2004), como vimos, apresentam algumas lacunas. Neste trabalho, tentamos saná-las.

Dessa forma, o objetivo principal dessa pesquisa é analisar o comportamento variável das formas de tratamento, tanto as pronominais: *tu*, *você*, *cê* e *o(a) senhor(a)* quanto as formas nominais: *macho*, *mulher*, *rapaz*, *minha filha* e *cara* no português oral popular de Fortaleza, além de verificar se alguma variante possui indícios de que haja uma mudança linguística.

Este estudo está embasado em três pilares teóricos, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), a Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e a Teoria da Semântica do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960).

Controlamos, em nossa investigação, variáveis sociais (faixa etária, sexo, escolaridade), interacionais (grau de simetria entre os interlocutores e grau de intimidade) e variáveis linguísticas (tipo de referente, paralelismo formal, tipo de verbo, tipo de fala, tempo verbal, função sintática do pronome, tipo de frase e tipo de relato).

Como hipóteses, defendemos as seguintes:

- a) O pronome *tu* é favorecido em ambientes informais, em relações simétricas, com alto grau de intimidade e por conversas que necessitem dessa intimidade.
- b) Os menos escolarizados e os mais jovens favorecem o *tu*.
- c) O *tu* na função de objeto em falas originais, bem como o paralelismo, beneficiam seu uso.
- d) O pronome *o(a) senhor(a)* é favorecido em ambientes mais formais, em conversas que não exigem intimidade e em relações assimétricas.
- e) O *cê* é privilegiado em situações de informalidade e entre jovens de baixa escolaridade.
- f) Quanto às formas nominais, elas são favorecidas em relações solidárias de alto grau de intimidade, principalmente entre os jovens.
- h) As conversas sobre relacionamento amoroso, brincadeiras/observações irônicas e fofocas constituem o fator mais relevante das formas nominais.
- i) As formas *macho, rapaz, cara, meu amigo, menino, meu irmão* são mais produzidas por homens para homens, enquanto *mulher, minha filha, amiga menina* são frequentes entre mulheres.

O presente estudo encontra-se dividido basicamente em 7 partes: esta introdução, onde apresentamos o objeto de estudo, nossos objetivos e as hipóteses da pesquisa, bem como explicitamos a nossa justificativa para a realização deste trabalho. Logo depois, no capítulo 2, abordamos as formas de tratamento e depois, mais especificamente, os pronomes de segunda pessoa. Em seguida, no capítulo 3 e 4, respectivamente, discutimos os pontos mais relevantes da Teoria da Polidez, Semântica do Poder e da Solidariedade e da Teoria Variacionista que nos deram suporte para a análise de nossos dados. No capítulo 5, abordamos as diferenças entre norma culta e norma popular. Já no capítulo 6, detalhamos nossos procedimentos metodológicos e, no capítulo 7, apresentamos a análise dos resultados, comparando-os com os de outros estudos realizados em outras partes do Brasil. Por fim, no capítulo 8, tecemos algumas considerações sobre os resultados apresentados nesta pesquisa.

2 AS FORMAS DE TRATAMENTO

As formas de tratamento (doravante FT's) estão ligadas a muitos fatores decorrentes de nossa situação de interação. Preti (2004) aponta que intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder são fatores que fazem com que usemos uma forma em detrimento de outra. Preti (2004, p.184) também informa que elas podem “ocorrer nos diálogos ou nos vocativos e, nestes, apresentam uma grande variedade, aberta às mais inesperadas *situações de comunicação*” (grifos do autor).

Segundo Preti (2004), Duarte (2011; 2010), Rodrigues (2003) e Cintra (1972), o sistema de tratamento do português não se limita apenas aos pronomes e pode ser representado de três formas: formas pronominais, formas pronominalizadas e formas nominais.

1) por formas pronominais, ou seja, pelos pronomes pessoais (*tu, vós*); 2) por formas pronominalizadas, isto é, com valor de pronomes pessoais (*ocê, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria* e suas variações); 3) por formas nominais, constituídas por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento. (PRETI, 2004, p. 184-185, grifos do autor).

O uso de cada variante de tratamento não será aleatório, dependerá de vários fatores, dentre eles o *status* e o papel social que exercemos. Preti ainda informa que o *status* pode ser tanto adquirido como atribuído, mas que isso vai exigir do indivíduo determinados comportamentos considerados convenientes para o que ele ocupa. O autor enfatiza que a leitura feita sobre o outro não se limita à postura ética, mas a todo o conjunto: seu modo de falar e sua aparência também são importantes, como vemos mais abaixo:

Quando dizemos que a pessoa que ocupa um *status* deve subordinar-se a certos comportamentos, queremos referir-nos, de maneira ampla, não apenas a posturas éticas, mas também a aspectos ligados à sua representação física, à sua aparência, ao seu vestuário. E, também, à sua linguagem, componente importante na criação de sua imagem. Esse conjunto de normas relativas a cada *status* tem o nome de *papel social*. (PRETI, 2004, p. 181, grifos do autor)

O que se observa é que as normas são o que rege toda a sociedade. Para cada função social que exercemos, nossa forma de vestir e falar deve estar de acordo com o comportamento que exige nossa função. Não é à toa que usamos formas de tratamento mais respeitadas com as pessoas mais velhas, com pessoas que temos pouca ou nenhuma

intimidade. Mesmo nas relações de solidariedade, segundo Brown e Gilman (1960), há necessidade de determinadas adequações. Não se chama um amigo íntimo de idade próxima de *senhor*, em uma situação de informalidade, nem mesmo que seja uma forma de brincadeira. O uso dessa FT durante uma conversa com pouca formalidade poderia gerar desconforto, devido ao uso impróprio do tratamento.

Preti (2004) faz um estudo sobre as FT's do final do século XIX, nos textos de Eça de Queiroz, e constata que as formas pronominalizadas são as que expressam as relações de poder, com exceção de *você*: “*vossemecê, o senhor, a senhora, a senhora Dona, o senhor Dr., o cavalheiro, V. Exa., V.Sa., o Deputado*” (PRETI, 2004, p. 187). Essas formas podem indicar tanto respeito como hierarquia, e o seu uso depende do *status* do interlocutor.

Ao abordar as formas de tratamento de solidariedade, encontramos uma gama de expressões que são representadas pelas formas nominais, como mostra Preti (2004).

A expressão da solidariedade e dos vários graus de intimidade entre os falantes, com todos os seus elementos afetivos, está bem documentada nos vocativos e representada pelas formas nominais. Nelas se incluem o primeiro ou último nome dos falantes; os diminutivos e apelidos com que é tratado; as formas que o designam, como *homem, mulher, amigo, primo, menino, rapaz, meu rico senhor* e tantas outras (PRETI, 2004, p.187-188, grifos do autor).

Campelo (2011) mostra a contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). Nosso foco aqui recairá, entretanto, nos axiônimos.

A antropoforicidade diz respeito a toda e qualquer designação identificadora de seres humanos. Em assim sendo, a antropoforicidade abarca a antroponímia, entendida como a designação de seres humanos por meio de nomes próprios; a axionímia, entendida como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamento lexicais; a proformalização pessoal, compreendida como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamento gramaticais (formadas em português ou herdadas do latim) (CAMPELO, 2011, p.136).

Tendo definido axionímia como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamentos lexicais, o autor faz distinção entre axionímia lexical aristocrática e democrática, enfatizando que, nas gramáticas que são dirigidas aos alunos, a gramática normativa só apresenta a aristocrática, como mostra o trecho transcrito.

A nosso ver, a axionímia lexical (as formas de tratamento) da gramática tradicional (doravante GT) é flagrantemente heteronômica, isto é, ela restringe as formas de

tratamento lexical a um grupo muito restrito de referentes humanos. Tais formas de tratamento nos ensinam que as sociedades humanas em geral são heteronômicas, ou seja, constituem-se por meio de hierarquias. Por outras palavras, tais formas de tratamento estão radicadas em uma hierarquização de ordem societal, a qual pode ser definida por diversos valores como, por exemplo, o poder econômico, o poder religioso, o poder familiar, ou, simplesmente o trato interpessoal simétrico ou assimétrico. Esse tipo de axionímia lexical, à qual a GT confere tratamento privilegiado, será designado por nós de *axionímia lexical aristocrática*. Ela difere inteiramente de uma *axionímia lexical democrática*, cujas ocorrências [...] têm sido solenemente ignoradas pela GT e quaisquer compêndios gramaticais e linguísticos. (CAMPELO, 2011, p 143)

Trataremos da axionímia lexical democrática, que, de acordo com Campelo (2011, p.145), “representa toda e qualquer forma nominal a que se empreste um caráter antropofórico, mas que não têm sido abonadas como formas de tratamento”. Contudo, são formas que são excluídas pela gramática normativa, que dá preferência à axionímia aristocrática.

Campelo (2011) apresenta 25 exemplos de ocorrências retiradas tanto de obras de ficção quanto de um *corpus* oral e analisa esses dados, que são formas de tratamento conhecidas. Observa que algumas marcam simetria e distensão, como *cara, meu amigo, meu irmão*. Outras são restritas a algumas regiões, como *meu* para São Paulo, e *macho véi* (variantes *macho, mah*) para o Ceará. Campelo (2011, p.150) conclui que a axionímia lexical “representa um estágio de metaforização em que há uma recuperação da motivação referencial original de forma mais direta, tais como nos axiônimos estratofóricos, etnofóricos, cronofóricos, androfóricos, calofóricos, genofóricos, topofóricos, trofofóricos, zoofóricos e escatofóricos”, que são exemplificados em sua pesquisa.

Machado (2010) estuda o que ela denomina de pronomes de tratamento da 2ª pessoa no falar de Aracaju-SE. A autora diz que “os pronomes foram relacionados às intenções dos falantes e ao tipo de impacto causado no interlocutor. Dividem-se de acordo com o grau de subserviência; formalidade/respeito; ou, ainda, de acordo com a intenção de criar uma situação de intimidade com o interlocutor” (p.9).

O uso *doutor(a)*, segundo a autora, ocorre de forma indiscriminada, em que se considera o interlocutor como detentor de maior poder intelectual e com maior prestígio social; porém, esse mesmo pronome pode indicar formalidade ou respeito em seu uso mais contido. As vestimentas e a aparência são importantes: são formas usadas para pessoas mais elegantes e que aparentam ter idade superior a 30 anos. Os pronomes *senhor(a), dona e seu* indicam formalidade e respeito e são de uso comum em diferentes esferas da sociedade e são pronunciados tanto de maneira recíproca, quanto em relações de poder assimétricas.

Já os pronomes de tratamento *moço(a)*, *tio(a)*, *mulher/[mulhé]*, *homem [ómi]*, *meu irmão [mermão]*, *brother*, *[fia]*, *compadre [cumpadi]*, *comadre [cumadi]*, *meu filho [mofio]*, *madame* e *senhorita* indicam intimidade entre os interlocutores. O uso de *tio(a)* restringe-se às crianças e jovens quando se dirigem a pessoas mais velhas que eles e tentam criar uma noção de proteção do adulto com relação ao mais jovem. A autora mostra um fato curioso relacionado ao uso de *meu filho*, que ocorre entre amigos jovens da mesma idade. “É que esse tratamento é usado para demonstrar ou confirmar que o falante tem mais razão ou mais entendimento em algum aspecto com relação ao ouvinte” (MACHADO, 2010, p.9).

A autora pode constatar na pesquisa que “o falar aracajuano ligado aos pronomes de tratamento analisados revela as relações sociais existentes, assim como explicita as significações de algumas práticas sociais cotidianas dessa comunidade linguística”. (MACHADO, 2010, p.11).

Santos (2013) estuda as formas de tratamento para se dirigir às mães por falantes de Jequié-BA. Dentre as formas usadas, encontrou *mainha* (32%), *mãe* (29%), *minha mãe* (26%), *mamãe* (7%) e outra forma: *mãenhê*, *maminha*, *brodinha*, *coroa*, *filha*, *rapaz e bebê* (7%). A autora observou que não só os fatores sociais influenciaram o favorecimento de uma das variantes, como também isso foi constatado com o registro. Nas falas mais espontâneas, o uso da forma *mãe* é mais acentuado, enquanto nas falas menos espontâneas há a predominância da forma *mainha*.

De modo geral, há poucos estudos que se referem à forma de tratamento que não esteja ligada às formas pronominais no Brasil. O mesmo não ocorre na Europa, visto que há muitas pesquisas lá que abordam o uso das formas de tratamento nominais. Autores como Rodrigues (2003), que estuda as FT's associadas à questão da cortesia, e Duarte (2010; 2011), que aborda essa questão no ensino de língua materna, são alguns dos quais podemos citar.

Rodrigues (2003) mostra que, além das funções que mostramos anteriormente, as FT's funcionam como sujeito, objeto e vocativo. Quanto ao nível de referência enunciativa, podem ser: *alocutivos* (o locutor refere-se e situa-se a si próprio), *delocutivos* (terceiros presentes), *elocutivos* (terceiros ausentes). Além disso, há o nível de semântica lexical (classes nominais) que ele define em: a) nome próprio e/ou sobrenome; b) nome de parentesco (pai, mãe); c) nome de afeto (querido/a); d) nome de profissão (professor/a); e) título acadêmico (doutor, arquiteto), político (deputado), civil (chefe), militar (coronel) ou religioso (padre); f) título nobiliárquico (príncipe); g) títulos honoríficos (Vossa Santidade); h) Senhor/a, dona; i) nomes de relação especial (camarada, amigo/a); j) insultos (burro/a, canalha).

Esses tratamentos podem vir acompanhados ou não de um determinante (definido e/ou possessivo) e de adjetivos, que, segundo Rodrigues (2003, p.284), “poderá aumentar ou reduzir a expressão de cortesia ou de descortesia da FT usada e, conseqüentemente, a relação de proximidade (proxémica) ou de afastamento (taxémica)”.

Outro nível importante que Rodrigues (2003) destaca é o nível semântico-pragmático, classificado como “*intimidade, familiaridade, solidariedade, proximidade, afectividade, informalidade*, por um lado, e de *distanciamento, hierarquia, formalidade, respeito, poder,*” por outro lado. Algumas formas de tratamento podem ser classificadas, ao mesmo tempo, como sendo de cortesia ou de deferência (consideração), como por exemplo, os títulos honoríficos.

Rodrigues (2003) reforça que os valores pragmáticos das FT’s portuguesas, cortesias e descortesias, e suas condições de uso dependem, fundamentalmente, além dos valores semântico-lexicais que cada uma denota, das propriedades reais ou presumidas dos interlocutores. Dessa forma, o uso das FT’s dependerá de vários fatores sociolinguísticos, assim como o tipo de relação (de poder ou de solidariedade). Tudo vai depender da situação de interação. Duarte (2010) ratifica essa ideia, mostrando que é necessário um conjunto de papéis sociocomunicativos para haver essa interação.

A questão ganha, a nossa ver, em ser tratada tendo em conta os princípios reguladores da interação discursiva, tal como os entende a Pragmática Linguística. Nas formas de tratamento cruzam-se questões linguísticas e não linguísticas, o princípio de cortesia, a adequação ao destinatário, a necessidade de não ameaçar a sua face (cf. Goffmann). O locutor tem de ter em conta, ao dirigir-se ao alocutário, as diferenças sociais, de idade, a proximidade ou a distância da relação, a formalidade ou informalidade da situação discursiva, isto é, o conjunto dos papéis sociocomunicativos de um dado acontecimento interaccional. Por regularem as relações intersubjectivas, as formas de tratamento permitem perceber a subjectividade enunciativa, e através delas se valoriza positiva ou negativamente o alocutário. São atravessadas pela atitude subjectiva do locutor, o respeito pelas convenções sociais, os sentimentos em relação àquele com quem se fala e o lugar que se lhe atribui. (DUARTE, 2010, p.134-135)

Observamos que os estudos sobre as FT’s não se limitam a uma área de estudo. A Sociolinguística interage de forma intensa com a Pragmática. Vai além das convenções sociais, das questões linguísticas e sociais, do princípio de cortesia, de adequar-se ao seu interlocutor sem ameaçar a sua face. Estudá-las mostra-se cada vez mais relevante, visto que são essas relações que regem a sociedade.

Baseado em Kerbrat-Orecchioni, Rodrigues (2003, p.288) ressalta que as FT’s desempenham três funções pragmáticas essenciais em relação “(I) ao acto de linguagem que acompanham (e, em certas situações, também realizam, a nosso ver, como se verá); (II) à mecânica da conversação; (III) ao nível das relações interpessoais”. Assim, os atos de

chamamento exigem que haja tratamento, que é usual também nos atos de cumprimento e de agradecimento e facultativo nos atos de pedido. As FT's desempenham papéis importantes principalmente no que diz respeito à troca de turnos de fala, ou seja, na distribuição, na tomada de palavra, nas interrupções e intrusões, além de negociação das identidades e das relações que se têm ou se desejam estabelecer. “As FT's têm papel vital, a todos os níveis de comunicação humana e nas suas diferentes práticas discursivo-textuais, em todas as sociedades mais ou menos organizadas, de que constituem um dos reflexos e marcas mais evidentes” (RODRIGUES, 2003, p.289).

Segundo Duarte (2011), a complexidade de se estudar as FT's se resume apenas em descrevê-las. O uso dessas formas varia tanto de localidade para localidade, principalmente quando consideramos dois países: Portugal e Brasil. Mesmo tendo como língua materna o português, indivíduos que visitam o outro país podem ter dificuldade quanto às FT's, visto que elas não se comportam da mesma maneira. Questões de intimidade, cortesia e respeito podem variar.

Ainda esse problema pode ser agravado em questões de tradução. Duarte (2011, p.86-87) informa que “para marcar a deferência em relação ao locutário, o locutor dirige-se-lhe, quer utilize uma forma nominal ou não, enquanto sujeito de um verbo na 3ª pessoa do singular (como em espanhol ou italiano) e não na 2ª pessoa do plural (5ª), como em francês”. As diferenças quanto ao uso de qual pessoa torna-se mais adequado dificulta ainda o processo de tradução.

Não devemos esquecer que o *voce* é a forma de tratamento mais frequente em português (que oscila entre, no português brasileiro, o íntimo e o não-íntimo), mas em outras línguas, como o espanhol e o italiano, é frequente o uso do *tu*.

Duarte (2011) conclui sua pesquisa mostrando a importância de um trabalho lexical explícito, para que os estudantes estejam munidos de instrumentos indispensáveis para que possam efetuar as suas escolhas discursivas adequadas.

Por fim, observamos a complexidade de se estudar as FT's. As formas pronominais são amplamente discutidas no Brasil, como veremos ainda neste capítulo. No entanto, ainda há uma carência no que concerne a formas nominais, visto que há poucos estudos que procuram descrevê-las, assim como há poucos trabalhos brasileiros que teorizam sobre esse tema.

2.1 UM PERCURSO DOS PRONOMES *TU*, *VOCÊ* E *O SENHOR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Alguns estudos, como o de Biderman (1972), mostram, que, no português medieval, o *vós* poderia ser usado tanto para mais de um interlocutor como também para um único interlocutor “de posição social ou hierárquica mais elevada ou por razões de idade, as convenções sociais vigentes exigiam do falante a utilização de uma forma de tratamento respeitosa” (MENON, 1995, p. 93).

Dessa forma, o *vós* era a forma polida de se dirigir ao interlocutor e o *tu* era usado para relações solidárias (entre dois de igual poder) ou de superior para inferior, sendo bem marcado. Menon (1995) explica que, para entender a noção de *marca*, deve-se levar em conta que o uso do *tu* se restringia a pessoas conhecidas. Seria inadmissível usá-lo para se reportar a alguém desconhecido. “Isso seria violar as regras de conduta da sociedade da época, por ter a forma *tu* um uso bem específico, em casos bem determinados” (MENON, 1995, p.93). Já o *vós*, por não ter restrições, poderia ser empregado em várias situações comunicativas, sendo menos marcado: “não se transgride nenhuma regra social, não se ofende ninguém com um tratamento respeitosa” (MENON, 1995, p.93).

Coutinho (1976 [1938]) diz que o pronome da segunda pessoa *você* era antigamente o tratamento de respeito *vossa mercê*. O autor informa que o processo de mutação fonética deve ter sido: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*. Acredita-se que essas formas chegaram ao Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos- século XIII-XIV. A partir de meados do século XVIII, os usos tornaram-se divergentes. Os estudos em torno desse fenômeno verificaram que *Vossa Mercê*, usado no período dos séculos XVII e XIX, mantinha um caráter de respeito, utilizado principalmente entre relações assimétricas, inferior para superior.

É importante destacar que a forma *você*, oriunda de uma forma honorífica, também teve mudanças de valor além das mudanças fonéticas. O *você* sempre foi uma forma de se referir ao interlocutor: “primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo” (MENON, 1995, p.95).

No século XIX, em Portugal e Brasil, as formas de tratamento se classificavam de acordo com sua função social e o grau de intimidade com quem se falava, conforme podemos ver no quadro 1.

Quadro 1: As formas de tratamento no Brasil e em Portugal no século XIX

| | Rei, Imperador | | Nobre, classe alta | | | Povo, classe baixa |
|-------------------------------|-------------------------------------|---|--|-----------------------|--------------------------------|--|
| Rei, Imperador | <i>S, I senhor, meu pai</i> | <i>S, I tu</i> | <i>Vossa Alteza, Vossa Majestade, Senhor</i> | | | <i>Vossa Alteza, Vossa Majestade, Senhor</i> |
| Nobre, classe alta | <i>I senhor (3. p)</i> | <i>I meu amigo, o marquês, você (3.p)</i> | <i>S, D Senhor (I) V. Excia</i> | <i>Ig, D você</i> | <i>Ig, I tu (você)</i> | <i>Senhor, V. Senhoria, sinhô, sinhá, etc.</i> |
| Povo, classe baixa | <i>Tu</i> | | <i>Tu, você</i> | | | <i>Tu, você</i> |

Relações íntimas; S- relação mais moço- mais velho; D- dirigindo-se a um estranho, relação assimétrica (idade, posição social, iguais não íntimos); Ig- relação simétrica, de igual.

Fonte: Biderman (1972, p.363).

Algumas formas de tratamento eram exclusivas da linguagem escrita: Exmo Sr. Dr. Biderman (1972) informa que não há registro dessas formas na linguagem oral. Quanto ao uso do *você*, essa forma se referia ao trato superior ao inferior: tanto por idade, posição social, como relações assimétricas e iguais não íntimos. No Brasil ocorreu a substituição do *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, entre o século XIX e século XX. Biderman informa que até os anos 70, Machado usava *tu* com os íntimos, de modo geral. No final do século XIX e começo do XX utiliza, de forma geral, o *você*. Nas correspondências com seu amigo Salvador de Mendonça, usava o *tu* até 1901, depois passa a usar *você*, mas os possessivos continuam de segunda pessoa.

Quadro 2: As formas de tratamento no século XX no Brasil

| | Íntimo | Não-íntimo | |
|-----------------|------------------|------------------------|-------------|
| Superior | <i>O senhor</i> | <i>O senhor</i> | |
| | <i>A senhora</i> | <i>A senhora</i> | |
| Igual | <i>Você</i> | <i>O senhor</i> | <i>você</i> |
| | | <i>A senhora</i> | |
| Inferior | <i>Você</i> | <i>Você</i> | |
| | | <i>O(a) senhor (a)</i> | |

Fonte: Biderman (1972, p.366).

O quadro 2 mostra as formas de tratamento no século XX. O tratamento de *o(a) senhor(a)* dado a um íntimo (superior), como aos pais, já não é generalizado. Em algumas

grandes cidades, os jovens tratam os pais de *você*. Biderman (1972) pode constatar que, no Brasil, as formas de tratamento são como uma extensão da semântica da solidariedade em detrimento da semântica do poder, assim como em algumas culturas europeias (França, Itália e Alemanha), quando observado por Brown e Gilman. Quanto à interação entre pessoas da mesma classe social e mesma faixa etária, o tratamento pode alternar entre *o(a) senhor(a)* e *você*. No entanto, observava que o uso de uma das formas não era aleatório, enquanto *o(a) senhor(a)* era usado mais por pessoas de educação mais conservadora em ambientes mais refinados que necessitem de um tratamento mais formal e menos familiar, o uso do *você* ocorria entre os considerados inferiores. Biderman informa que, apesar de haver o predomínio do *você* entre os inferiores, o uso de *o(a) senhor(a)* também ocorria.

Em uma pesquisa com cartas nas primeiras décadas do século XX, Lopes (2009) observa um comportamento híbrido e instável quanto ao uso do *você*, podendo ser usado como uma estratégia de prestígio usada pela elite brasileira da época, como também um tratamento generalizado ao lado de *tu* menos frequente. A exemplo disso, vemos que “nas cartas do Imperador D. Pedro II, o emprego de ‘você’ (grafado V.) pode ainda estar correlacionado à semântica do poder (relações assimétricas).” (LOPES, 2009, p.50).

Lopes nota que as cartas de Barbara Ottoni a seu neto possuem um estilo predominantemente oral, quase uma reprodução da fala, “não há nenhum sinal de pontuação para recuperar a estrutura do discurso direto, emprega-se o pronome ‘ela’ como sujeito numa estrutura com verbo causativo ‘mandasse ela fazer’. Nota-se [também] o uso de ‘você’ e ‘tu’ numa mesma carta” (LOPES, 2009, p.50).

Menon (1995) explica que a introdução desse novo par *-você/vocês-* para o tratamento da segunda pessoa fez com que a língua passasse a ter uma assimetria no paradigma dos pronomes-sujeitos: “as novas formas passaram a coocorrer com a antiga oposição *tu/vós*, suplantando primeiro a forma *vós* que [...] se tornou arcaica. Assim, *vocês* foi integrada completamente no paradigma, caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa” (MENON, 1995, p.96). A autora ressalta ainda que “o antigo uso respeitoso do plural continua a existir nessa nova forma, não com a mesma intensidade ou vitalidade, mas é ainda perceptível, e válido, em algumas situações.” (MENON, 1995, p.96).

Segundo Lopes e Cavalcante (2011, p.36), “A forma vulgar *você* passou a ser produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, ‘conteúdo negativo intrínseco’, em oposição à sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*”. No Brasil, a partir do século XIX *você* passa a concorrer com o

tu nas relações solidárias mais íntimas. O uso do pronome *você* não era considerado estigmatizado, o que pode ter auxiliado a expansão de seu uso.

Apesar de o pronome *você* ainda permanecer nas gramáticas adotadas nas escolas como pronome de tratamento, percebemos essa mudança, principalmente na fala da população brasileira. Diante disso, encontramos inúmeros trabalhos que abordam esse assunto tanto na língua falada como também na língua escrita. Monteiro (1994) informa que, da mesma forma que há mudança do *vós* para o *vocês*, o *tu* também tende a mudar para o *você*. Prova disso é sua tese, defendida em 1991, que teve de desconsiderar o *tu* por conta da sua baixa ocorrência. No entanto, apesar de em regiões, como no Nordeste e no Sudeste, haver o predomínio do *você*, na região sul, o *tu* é predominante. Na região Nordeste, por exemplo, estudos como o de Nogueira (2013), Alves (2010), Santana (2008), Divino (2008), Assunção e Almeida (2008), Oliveira (2007; 2005) indicam que, nessas regiões, mesmo sendo maior a ocorrência do *você*, ainda há o uso do *tu*. É interessante dizer que os estudos no Brasil sobre o pronome *tu* (tanto a alternância com *você* como a concordância verbal), na maioria dos casos, revelam que esse pronome vem seguido do verbo sem a marca de segunda pessoa.

Sobre o uso do pronome *você* ainda ser colocado como concordando com a terceira pessoa, Menon afirma que deve haver uma mudança quanto à explicação. Se o pronome é de segunda, não é cabível que se diga que a concordância está na terceira pessoa, como ocorre.

Historicamente, como foi demonstrado, a forma *você(s)* origina-se de uma *locução nominal* (constituída de um pronome possessivo mais um substantivo) e, nessa categoria, passa a requerer o verbo na *terceira pessoa*. No entanto, durante o processo de modificação fonética e de valor social, a forma se pronominalizou, isto é, passou por um processo de *gramaticalização*, mudando de categoria: de *nome* (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um *nome* -substantivo ou adjetivo - , exercendo as mesmas funções gramaticais) para *pronome*. Este novo pronome é *de segunda pessoa*; logo, a forma verbal que o acompanha também passa a ser uma forma de segunda pessoa. Então, não faz sentido algum continuar a dizer que o verbo está na terceira pessoa com um pronome de segunda pessoa. Essa afirmação contrariaria, inclusive, uma das regras do sistema de concordância verbal do português: *o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa*. (MENON, 1995, p.96- 97, grifos da autora)

Além disso, a autora fala de uma reestruturação, em função da modificação do pronome sujeito, no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa passa a ter duas formas: “uma continua a ter o morfema tradicional, por exemplo: *-s*, para o presente do indicativo, e a outra apresenta um morfema \emptyset de pessoa, segundo o pronome pessoal que o falante utiliza” (MENON, 1995, p.97). Desse modo, o uso da forma *tu* ocorreria com o uso do verbo com o

morfema tradicionalmente relacionado à 2ª pessoa do singular, e no caso do uso do pronome *você*, utilizará a forma verbal portadora do morfema \emptyset . Apesar de essas duas formas coexistirem hoje, para a expressão da segunda pessoa, não se pode tomar como uma afirmação totalmente verdadeira, tendo em vista os últimos trabalhos, como veremos na subseção 1.2.1, em que observam esse uso até mesmo onde é mais produzido o *tu*, a sua concordância canônica pouco ocorre.

Menon (1995, p.97) acredita que “os falantes ‘interiorizaram’ a forma verbal com morfema \emptyset como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome”. O que reforça a sua hipótese é a utilização, “mesmo por falantes onde *tu* é a forma preferida no singular, da forma plural *vocês*. Como *vocês* é o plural de *tu*, basta subtrair da forma verbal o morfema de plural -m e se disporá da forma singular, à qual se adiciona o pronome *tu*”. (MENON, 1995, p.97)

Com as mudanças que encontramos nos estudos dos pronomes, além do *você*, há outras formas variantes desse pronome que são *ocê* e *cê*. Vitral (1996) diz que essas duas novas variantes são bastante usuais no falar mineiro e que a distribuição dessas formas não ocorre de maneira idêntica, pois o comportamento sintático de *cê* é distinto, propondo que haja um processo de clitização. Ficando dessa forma: item com significado lexical: *Vossa Mercê* > item gramatical: *você* > clítico: *cê* > afixo flexional. No entanto, sua teoria será rediscutida por Petersen (2008), que propõe uma nova classificação, em função da teoria de tripartição pronominal.

Othero (2013) nos oferece a posição mais recente sobre o *cê*. O autor acredita que *você* e *cê* possuem características sintáticas e prosódicas distintas e peculiares. “Mais do que isso, acreditamos que a forma *cê* seja um tipo de pronome de um tipo diferente em PB, que não pode ser confundido nem com um pronome tônico (como é o caso de *você*), nem com um pronome clítico” (OTHERO, 2013, p.135). As mudanças quanto à redução do *você* se apresentam de forma inquestionável. Em algumas localidades, já se estuda a variação dessas formas, considerando que atuam de forma distinta do *você*.

Além do uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, podemos ver que há também a existência do pronome *senhor*. Os estudos indicam uma pequena ocorrência dessa forma nos estados brasileiros. Esse pronome é mais utilizado no sentido de respeito, levando em consideração a formalidade da situação comunicativa. Devido a pouca ocorrência, Monteiro (1994, p.153) diz:

A nosso ver, os jovens quebraram preconceitos e tentaram modificar seu espaço na sociedade brasileira, definindo um padrão de comportamento pautado pela ideia de liberdade ou autonomia face aos que se consideravam superiores em relação a eles. Em decorrência dessa nova postura, o tratamento respeitoso que se esperava do filho para o pai, do aluno para o professor e até mesmo do empregado para o patrão deixou de ter a rigidez que caracterizava as relações assimétricas. Já hoje é comum o emprego de você nas mais diversas díades.

Assim, hoje a expressão *senhor* denota polidez. Informa Niculescu (1967 *apud* Monteiro, 1994, p. 154) que a forma de polidez mais antiga se realiza na marca da pluralidade, no caso o *vós* que, com o tempo, houve uma mudança para *Vossa Mercê*. Já, sendo usado como *você*, passou a ser empregado em toda situação, e o senhor se tornou o pronome para tratamento respeitoso, enquanto o *você* passou a ser utilizado em outras situações.

Observa-se que o uso dos pronomes está intimamente ligado não apenas à localidade onde vive o falante, mas também serve como uma estratégia do falante de aproximação ou distanciamento com o interlocutor. Dessa forma, o interlocutor utiliza a forma que achar mais adequada para o momento.

2.2 OS PRONOMES PESSOAIS DE 2ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os trabalhos que se seguem estão divididos em duas seções: os estudos variacionistas e estudos de natureza diversa. Encontramos, até o momento, vinte e dois trabalhos de cunho variacionista, divididos nas cinco regiões brasileiras e sete de natureza diversa, sendo que seis deles são estudos interacionistas. Nosso intuito é descrevê-los para depois comparar seus resultados com os nossos.

2.2.1 ESTUDOS VARIACIONISTAS

Em cada um dos trabalhos que serão apresentados a seguir, destacamos a localidade onde foi realizado o estudo, o perfil dos informantes, a distribuição dos pronomes *tu x você* (e *senhor*, quando houver) e as variáveis selecionadas como as mais relevantes para o fenômeno abordado. Em um segundo momento, apresentaremos os estudos que abordam o *você*, *ocê* e *cê*. (Para visualizar a distribuição espacial dos trabalhos variacionistas já realizados no Brasil, ver APÊNDICE A).

A amostra de todos esses trabalhos foi constituída em obediência aos preceitos teórico-metodológicos da pesquisa variacionista. Por isso, os informantes são nascidos ou vieram morar na cidade com, no máximo cinco anos de idade; possuem pais que nasceram e moraram na cidade; nunca se ausentaram da localidade por um período superior a dois anos consecutivos; são residentes na localidade. Estes critérios foram adotados com o objetivo de tentar neutralizar a interferência dos falares de outras regiões.

Vale salientar que alguns trabalhos não deixam claro em seu estudo como ficou a distribuição dos informantes por célula. As pesquisas que mostram balanceamento são as de: Franceschini (2011), Nascimento (2011), Rocha (2010), Martins (2010), Alves (2010), Gonçalves (2008), Assunção e Almeida (2008), Dias (2007), Mota (2008), Peres (2006), Herênio (2006), Andrade (2004), Orlandi (2004) e Coelho (1999).

Apresentamos agora, de forma sucinta, primeiramente, os estudos encontrados para a variação *tu/você/senhor* e, depois, os trabalhos que tratam da variação *você/ocê/cê*, obedecendo à distribuição geográfica e também à ordem cronológica dessas pesquisas. Depois, teceremos algumas considerações sobre as investigações abordadas.

2.2.1.1 *Tu, você e o senhor*

Ao todo, foram encontrados 22 trabalhos que estudam a alternância dos pronomes *tu/você/o senhor* na língua falada: 02 da região Norte, o de Babilônia e Martins (2011) e Martins (2010), para o Amazonas; 07 do Nordeste: Alves (2010) e Herênio (2006), para o Maranhão; Nogueira (2013), Santana (2008), Assunção e Almeida (2008) e Oliveira (2007, 2005), para a Bahia; 03 da região Centro-Oeste: Andrade (2010), Dias (2007) e Lucca (2005), para o Distrito Federal; 06 da região Sudeste: Santos (2012), Lopes *et al* (2009) e Paredes Silva (2008¹), para o Rio de Janeiro, Modesto (2006), para São Paulo, Mota (2008) e Herênio (2006), para Minas Gerais; e 06 da região Sul: Franceschini (2011), Rocha (2010), Zilli (2009), Orlandi (2004) e Packer (1990), em Santa Catarina e Loregian-Penkall (2004), no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Até o momento, não temos notícia de outras investigações concluídas no território brasileiro que tenha estudado a alternância pronominal em foco.

¹ Paredes Silva apresenta vários trabalhos sobre o uso dos pronomes de tratamento na cidade do Rio de Janeiro. Neste último artigo, faz um apanhado das pesquisas já realizadas. Sendo assim, nos deteremos apenas neste estudo.

a) Região Norte

Babilônia e Martins (2011) estudam a influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes *tu/você* na fala manauara. Para isso, utilizaram 40 informantes do Projeto Fala Manauara Culta (FAMAC). Participaram desse estudo 24 mulheres e 16 homens, distribuídos em três modalidades de gravação: 20 participaram do D2; 14, do DID; e 6, do EF. Todos tinham nível superior completo e foram estratificados de acordo com a faixa etária (20-35; 36-55; 56 anos em diante).

Os autores observaram que o pronome *senhor* aparece em contextos formais, como reunião entre chefe e assessor, e o sujeito nulo aparece, principalmente, como marcador conversacional, “sabe, tá entendendo”.

Não foi utilizado o Varbrul pelos pesquisadores, mas eles observaram que, quanto ao *tu* e *você*, foram registrados 492 dados, 35% para *tu* e 65% para *você*. Quanto à situação discursiva, o *tu* é mais usado no D2 - Diálogo entre dois Informantes (70,5%), enquanto o *você* ocorre mais no DID - Diálogo informante e documentador (96%), como também nos EF – Elocuções Formais ocorrem mais *você* (90,7%). Nas díades, verificaram que, em conversas com marido e esposa, o uso do *tu* é categórico, mas seu uso é sem a concordância canônica. *Você* também é usado para repreender, visto que marca distanciamento. Quanto ao gênero, as mulheres tendem ao uso do *tu* (60%), mais que os homens (40%). No tocante à faixa etária, essa variável não foi tão relevante, pois os dados indicaram em todas as idades que o *tu* é mais utilizado nos diálogos entre informantes, enquanto *você* é mais aplicado nas entrevistas e nas elocuções formais. Com relação à concordância canônica, observou-se que: a) na faixa etária 3 (56 anos em diante), a concordância ocorreu em 89% das ocorrências, valor que vai sendo reduzido de acordo com a idade; b) na faixa etária 2 (36-55), o valor é 31,3%; c) e na faixa etária 1 (20-35), 1,6%. Segundo os autores, tais dados indicam uma possível mudança linguística em andamento.

Martins (2010) estuda a alternância *tu/você/senhor* na cidade de Tefé-AM. O *corpus* analisado foi constituído entre 2008 e 2009 e é composto por 19 entrevistas (algumas com mais de 1 informante), sendo que destas 4 foram feitas sem o conhecimento prévio do informante. No entanto, vale ressaltar que eles foram notificados posteriormente, sendo-lhes reservado o direito de recusar o uso da gravação na pesquisa. Ao todo, 30 informantes participaram da pesquisa, 15 mulheres e 15 homens, divididos em três faixas etárias (de 7 a 10, de 20 a 35 e de mais de 50 anos), com dois níveis de escolaridade (fundamental e superior).

Os dados, submetidos ao Varbrul², revelaram que o pronome *tu* (com 42,9% ocorrências) é o mais utilizado pelos informantes e que a concordância com a forma verbal canônica é muito baixa (apenas 3,7%). Além disso, é informada a frequência de uso do *senhor*, 4,9%, e do *você*, 22,9%. Dos 1213 dados, foram desconsiderados os dos pronomes zero, cuja frequência foi de 28,6%. Sobre o pronome *senhor*, o autor afirma que o seu peso relativo não foi calculado, porque essa forma, nas situações em que é utilizada, é categórica. Dentre todas as variáveis selecionadas para *tu*, observamos que: o paralelismo (precedido por outro *tu*, com 64,5% e 0,75³) é o grupo mais relevante dentre todos; o grau de intimidade aparece como a variável social de maior relevância e mostra que o emprego do *tu* cresce com o aumento da intimidade, com 80,9% e 0,59; no tipo de gravação, as gravações ocultas se destacam com 90,7% e 0,78; a faixa etária (as crianças, com 83% e 0,58) foi selecionada como relevante; o gênero (as mulheres, com 70,6% e 0,58) foi selecionado como o quinto grupo de fator mais importante; e o tipo de referência, com destaque para a específica, 74,7% e 0,55). O pronome *senhor* faz parte da comunidade de fala tefeense, mas, segundo o autor, os resultados indicam que pode estar em curso uma possível mudança no sentido de substituir o *senhor* pelo *tu* nas relações assimétricas⁴ íntimas.

b) Região Nordeste

Nogueira (2013) estuda a alternância dos pronomes *tu* e *você* em Feira de Santana e Salvador, partindo de 48 entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), sendo que 12 pertenciam ao Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador (NURC/SSA); 12 eram oriundas do Programa de Estudos sobre o Português Popular em Salvador (PEPP); 24 vinham do projeto A Língua Portuguesa no Seminário Baiano; e 7 eram conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana. Os informantes foram estratificados de acordo com sexo, faixa etária (25-35; 36-55; mais de 56 anos) e escolaridade (ensino fundamental e médio), em uma amostra balanceada. Nas conversações espontâneas, foram gravadas duas conversas, com 5 homens (3 de 25 a 35 anos; 2 entre 45 a 55) e 7 mulheres (4 entre 25 a 35; 3 entre 45 a 55 anos).

A autora não submete os dados à análise estatística, mas analisa todos os grupos de fatores. Decidiu-se fazer aqui apenas a apresentação dos resultados que a autora obteve nas

² O Varbrul é constituído por um conjunto de programas para análise estatística de fenômenos variáveis.

³ O segundo número, a partir de agora, vai se referir ao peso relativo do fator.

⁴ As relações assimétricas são aquelas relações humanas em que há uma diferença social nos cargos ocupados pelos falantes no discurso e, que, de certa forma, um falante ficará subordinado a outro. Exemplo disso são relações entre pais e filhos e chefe e funcionário.

conversas espontâneas, visto que esse tipo de registro é similar ao que utilizamos em nossa pesquisa. Os dados da conversação espontânea mostram-se diferentes dos colhidos no DID. Dos 147 dados, 57,8% pertencem ao *você* e 42,2% ao *tu*. Quanto ao sexo, os homens usam mais o *você* (66,7%), já as mulheres preferem o *tu* (50,5%). Na função sintática, *você* aparece mais como sujeito (60,8%), enquanto o *tu* aparece mais como não sujeito (76,9%). Nos casos sem verbo, há o predomínio do *você* (75%). No tipo de frase, as declarativas favorecem o uso do *você* (72,4%), e as não declarativas favorecem o *tu* (78,6%). Quanto ao tempo verbal, o *você* favorece o tempo passado (17,6%), e o *tu*, não passado (36,9%). No discurso direto, há predomínio do *você* (63,1%) e, no discurso relatado, do *tu* (25%). Já no tipo de referência, a específica favorece *tu* 64,6%, enquanto a genérica beneficia o *você* (100%). Não houve concordância canônica com o pronome *tu*. A autora conclui que o gênero do discurso é uma das variáveis mais relevantes para a análise da alternância entre as formas de tratamento *tu/você*.

Alves (2010), numa abordagem geo-sociolinguística, trata da variação de uso das formas *tu/você* nos municípios maranhenses de São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Alto Parnaíba e Balsas. O *corpus* da pesquisa, constituído a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão, é o resultado da aplicação de 28 questionários realizados com informantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos). A maioria dos informantes tinha apenas o ensino fundamental e somente 4 possuíam o ensino superior.

Foram considerados apenas os pronomes em posição de sujeito, totalizando 328 ocorrências: 126 ocorrências para o *tu*, 168 para o *você*, 27 para o *cê* e 7 para o *ocê*. Com a utilização do GoldVarb X, constatou-se que o *você* (61,6% das ocorrências) é a forma mais frequente no falar maranhense. Dos grupos de fatores considerados pela autora, apenas três foram selecionados pelo programa como favorecedores do *tu*: faixa etária, tipo de relato e localidade. Nesta análise, os mais jovens, com idade entre 18 a 30 anos (52% e 0,63), utilizam mais o *tu*, ao contrário dos mais velhos, com idade entre 50 a 65 anos (30,2% e 0,41). Os dados revelam ainda que os jovens tendem a alternar mais os pronomes do que os mais velhos. Quanto à localidade, observou-se que: a) em São Luís e Tuntum, os mais jovens usam mais o *tu*; b) no Alto Parnaíba, não se verificou o emprego do pronome *tu* pelos mais velhos; c) as regiões de Balsas, Bacabal e Pinheiro são as que apresentam a maior ocorrência do *tu*, com 56,7% e 0,72; 56,5% e 0,67; 36,9% e 0,54, respectivamente; d) nas demais localidades, há um padrão, que é o equilíbrio no uso do pronome *tu* quanto à idade. O grupo de fator tipo de relato, segundo na ordem de seleção, indica que o *tu* é favorecido pelo discurso relatado

por terceiros (61,1% e 0,76), pois, ao narrar um acontecimento, o falante se afasta do fato narrado e, portanto, do seu envolvimento direto com o discurso. Ao fazer uma rodada considerando o *tu* com a concordância, a autora verificou que a fala própria (24,5% e 0,66) apresenta um favorecimento maior deste pronome com a concordância do que em falas retomadas (4,3% e 0,17). A concordância canônica (11,1%) mostra-se baixa.

Santana (2008) estuda a variação dos pronomes *tu* e *você* entre os interlocutores de Feira de Santana-BA, partindo de um *corpus* constituído de 12 amostras de fala, resultante de entrevistas realizadas com informantes de nível superior (universitários e graduados). Segundo o autor, nas conversas, foram provocadas narrativas sobre experiências pessoais no trabalho, na família, entre amigos e na universidade com o objetivo de deixar o informante à vontade. Foram analisados o modo verbal (indicativo, subjuntivo e imperativo), a relação documentador/informante (íntima e não-íntima), o gênero (masculino e feminino) e a faixa etária (I: de 22 a 29, II: de 30 a 45 e III: 46 a 60 anos).

Utilizando-se o programa GoldVarb 2001, evidenciou-se que, na variação *tu/você*, de um total de 243 ocorrências, o pronome *você* corresponde a 65% das realizações e o *tu* equivale a 34%. Os grupos de fatores relevantes para *tu*, seguindo a ordem de relevância, foram: o gênero (mulheres, com 54% e 0,85), a relação documentador/informante (relação íntima, com 42% e 0,72) e a faixa etária, de 22 a 29 anos (44% e 0,50). Quanto a esta última variável, os dados da faixa III revelam 100% de realização do pronome *você*.

Assunção e Almeida (2008) estudam o uso dos pronomes pessoais *tu* e *você*, em Feira de Santana-BA, com base nas entrevistas de 12 informantes, feirenses natos, todos analfabetos funcionais e distribuídos da seguinte forma: seis para cada gênero e quatro para cada uma das três faixas etárias (I- 15 a 29; II- 30 a 45 e III- 46 a 60 anos). Os grupos de fatores controlados foram: modo verbal, tipo de sentença, intimidade ou não entre o informante e o documentador, gênero e faixa etária.

Com o auxílio do Varbrul, verificou-se que, de um total de 114 ocorrências, o pronome *você* corresponde a 90% e o pronome *tu* a 10% das realizações. As autoras não mencionam o peso relativo e nem a seleção dos grupos de fatores relevantes, mas concluem que o *você* é a variante predominante. Quanto aos fatores linguísticos, o modo verbal indicativo (12%) favorece o *tu*, bem como o tipo de sentença interrogativa (29%). Com relação aos fatores sociais, o grau de intimidade indica que quanto maior a intimidade, maior a possibilidade de uso do pronome *tu* (17%); no que se refere ao grupo de fator sexo, os homens (13%) utilizam mais o *tu*; e, quanto à faixa etária, os mais velhos (16%) favorecem o pronome *tu*.

Oliveira (2007) investiga a alternância entre *tu* e *você* em comunidades rurais do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus e Poções, partindo de um *corpus* constituído por 48 entrevistas sociolinguísticas, sendo 12 para cada comunidade, subdivididas em duas áreas do município: sede e rural. Foram controlados os seguintes grupos de fatores sociais: sexo, escolaridade (analfabeto ou semianalfabeto), estada fora da comunidade (ausência ou não da comunidade por pelo menos seis meses) e a faixa etária (faixa 1 – 20 a 40, faixa 2 – 40 a 60 e faixa 3 – acima de 60 anos).

Com 1128 dados, após a utilização do Varbrul, verificou-se que o uso do *você* corresponde a 88% das realizações e o pronome *tu* equivale a 12%. A autora não informa a ordem de seleção das variáveis pelo programa, mas apresenta os grupos de fatores selecionados. A referencialidade mostra o favorecimento do *você* na presença do fator traço semântico da indeterminação (99% e 0,84), ao passo que a utilização do *tu* aumenta com o referente determinado. O paralelismo formal revela que o *você* é privilegiado quando o antecedente é realizado com a mesma forma (99% e 0,73). No tocante à faixa etária, nota-se que há uma maior realização do uso do *você* por falantes da faixa I (0,54) e da faixa II (0,55). Quanto ao gênero, constata-se que os homens (89% e 0,57) favorecem mais o *você* do que as mulheres (86% e 0,40). O tipo de interlocutor indica que o informante tende a usar o *você* com interlocutores mais formais, isto é, aqueles com os quais o entrevistado não tem contato, ou seja, um indivíduo de fora da comunidade. O falante distingue os interlocutores que são membros da comunidade (72% e 0,45) daqueles que não o são (89% e 0,71), respectivamente. A variável efeito gatilho permite verificar se há interferência da fala do documentador na escolha de uma das variantes pelo informante. Esta variável indica que, quando o *você* (89% e 0,53) é mencionado pelo documentador, há uma extensão do uso da mesma forma pelo informante, ao contrário do que ocorre com o *tu* (42% e 0,05).

Herênio (2006) estuda a variação entre as formas *tu* e *você* em duas cidades de regiões distintas do Brasil: Uberlândia-MG e Imperatriz-MA. Para compor o *corpus*, seleciona 45 informantes em cada cidade, estratificados de acordo com a idade (20 a 30; 31 a 45; acima de 45 anos) e a classe social (A, B e C, de acordo com os critérios adotados pelo IBGE⁵).

Embora a pesquisa seja realizada na perspectiva da sociolinguística laboviana, a autora não utiliza nenhum programa de análise estatística, por isso não são apresentados os pesos relativos e nem informações sobre quais grupos de fatores são considerados relevantes à variação pronominal. No total, são obtidos 1059 dados para as duas cidades. Constatou-se

⁵ Os critérios estão de acordo com o Critério Brasil, cujo objetivo é atualizar a distribuição da população brasileira por classes, de acordo com o seu consumo. Ele está disponível no site www.ibope.com.br.

que, na cidade de Uberlândia, não se utiliza o *tu* e o *você* aparece com 100% das realizações, e em Imperatriz, há uma baixa ocorrência do *tu* (27%), predominando o *você* (73%). Vale salientar também que, nesta última cidade, a autora informa a baixa ocorrência canônica da conjugação do *tu*, com 7,7%.

Oliveira (2005) analisa a variação dos pronomes pessoais *tu* e *você* em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. A amostra é constituída por 24 entrevistas e representa o vernáculo das comunidades de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé, denominado *Corpus* Base do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. De cada comunidade, foram selecionadas 06 entrevistas. O *corpus* encontra-se estratificado de acordo com o sexo, a escolaridade (analfabeto ou semi-analfabeto), estada fora da comunidade (ausência ou não da comunidade por pelo menos seis meses) e a faixa etária (faixa 1 – 20 a 40, faixa 2 – 40 a 60 e faixa 3 – acima de 60 anos).

Com a ajuda do Varbrul, verificou-se que, de um total de 710 ocorrências, o *você* corresponde a 88% das realizações, contra apenas 12% da forma *tu*. Apesar de não apresentar os pesos relativos, a autora menciona que, dos 11 grupos de fatores analisados, 7 influenciam o uso dos pronomes: referencialidade, paralelismo formal e discursivo, faixa etária, sexo, comunidade, interlocutor e efeito gatilho.

A referencialidade revelou que o uso do *você* é mais frequente na presença do traço semântico da indeterminação (97%), já o emprego do *tu* aumenta com o referente definido (18%). Quanto ao paralelismo, os resultados apontam que, quando ocorrem no mesmo período ou na oração anterior, o uso dos pronomes *tu* e *você* é praticamente categórico; e no discurso, quando fazem referência anterior ao mesmo indivíduo, ou seja, em suas falas, o sujeito utiliza sempre o mesmo pronome, ou retoma o último de sua fala (87%), confirmando o favorecimento da repetição: 99% para *você* com *você*, 97% para categoria vazia com *você*, 3% para categoria vazia com *tu*, 92% para *tu* com *tu*, 8% para *tu* com *você* e 1% para *você* com *tu*. No tocante à faixa etária, há uma tendência à aplicação do pronome *tu* pelos falantes mais jovens (17%), ao contrário dos mais velhos (9%), enquanto o uso do *você* é mais frequente entre os mais velhos (91%) do que entre os jovens (83%). Com relação à variável sexo, as mulheres (19%) usam mais o *tu* e o *você* predomina entre os homens (93%), mas vale ressaltar que as mulheres (81%) também usam bastante esse último pronome. Quanto às comunidades, todas usam mais o *você* (88%). No entanto, quando o *tu* é empregado, ele ocorre mais em Cinzento (19%) e Sapé (22%) que em Helvécia (97%) e Rio de Contas (1%). Segundo a autora, isso seria explicado pelo fato de as duas primeiras comunidades serem mais isoladas e não apresentarem contato constante com outros dialetos, enquanto Helvécia e Rio

de Contas estabelecem um maior contato com outros dialetos, porque os homens saem para trabalhar fora. Quanto ao interlocutor, o *você* é empregado com frequência de 81% no total, sendo: 90% para o entrevistador, 74% para o membro da comunidade e 81% para o indivíduo de fora. Com relação ao efeito gatilho, os pronomes *você* (92%) e *tu* (60%), quando mencionados pelo documentador, influenciam a escolha do informante.

Além destes, não podemos deixar de mencionar o estudo de Monteiro (1994) sobre os pronomes pessoais, realizado com dados de 5 capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife. O seu *corpus*, formado por 60 informantes de cada cidade, foi extraído do projeto NURC (Norma Urbana Culta do Brasil). Todos os informantes possuíam nível superior completo e foram estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino) e a faixa etária (25-35 anos; 36-55 anos e 56-70 anos). No entanto, não nos deteremos neste trabalho pelo fato de ele ter dispensado de sua análise o *tu*, devido à sua inexpressiva ocorrência.

c) Região Centro-Oeste

Andrade (2010) investiga as formas *você*, *cê* e *tu* no falar de crianças e adolescentes de Brasília, com o propósito de verificar se, já nos primeiros anos, as crianças usariam o *tu* que, em Brasília, figura como variante inovadora. Para isso, ela seleciona alunos, com idade entre 7 e 15 anos, de uma escola pública em Vila Planalto. A amostra é constituída por 43 informantes, 25 do sexo feminino e 18 do sexo masculino. Deste universo, 9 não pertencem à comunidade de Vila Planalto (3 meninas e 1 menino do Lago Sul; 2 meninos da Asa Norte; 2 meninas e 1 menino do Sudoeste).

Submetidos os dados ao GoldVarbX 2001, realizou-se uma rodada eneária, o que impossibilitou o programa de efetuar a seleção dos grupos de fatores. Das 835 ocorrências, o pronome mais utilizado é o *tu* (48%).

O *você* se destacou nas falas femininas (34% e 0,44), em referências genéricas (64,2% e 0,45), em construções que não possuem verbos (58,9% e 0,46), em relações assimétricas (0,40⁶) e em enunciados não interrogativos (45,8% e 0,46). A variante *cê* demonstrou não possuir exatamente as mesmas características do *você*, mesmo sendo, a rigor, uma redução deste, mostrando-se privilegiada em: falas reportadas (36,7% e 0,42), posição de sujeito (28,8% e 0,57), orações interrogativas (35,4% e 0,39) e em relações assimétricas (0,40). O *tu*, por sua vez, foi favorecido em: falas masculinas (52% e 0,41), falas originais (48,7% e 0,47),

⁶ Ao produzir uma rodada eneária, a autora não informa a frequência das relações assimétricas e das relações simétricas.

frases interrogativas (46,7% e 0,38), referência específica (37,5% e 0,49), relações simétricas (0,47) e, relativamente, também na função de sujeito (32,1% e 0,35).

A faixa etária mostrou-se relevante em todas as variantes. Para o *tu*, os resultados para as faixas etárias são de 7 a 11 anos, 27% e 0,3 e de 12 a 15 anos, 58% e 0,37. Os resultados se invertem quanto ao *cê*: de 7 a 11 anos, 40% e 0,37 e de 12 a 15 anos, 20% e 0,3. Quanto ao *você*, de 7 a 11 anos, 32% e 0,33 e de 12 a 15 anos, 87% e 0,33.

Dias (2007) analisa o uso do *tu* dos brasilienses em três regiões: RAI- Brasília, RAXVI- Lago Sul e RAXVIII- Lago Norte. Ao todo, utilizaram-se 18 informantes, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino) e a faixa etária (entre 13 e 19 anos, entre 20 e 29; e 30 em diante).

Os dados foram submetidos ao GoldVarb X e constatou-se que, dos 1080 dados coletados, a autora se concentrou em 900 ocorrências, eliminando-se 124 dos pronomes nulos e 56 que estavam na posição de objeto. Assim, os resultados revelaram o predomínio do uso de *cê* (51,4%) frente às variantes *você* (26,5%) e *tu* (10,6%). Verificou-se que 7 informantes não utilizaram o *tu*. A única variável linguística selecionada para o favorecimento do pronome *tu* foi o tipo de fala, destacando-se a ironia/brincadeira (31,7% e 0,80) e a conversa casual (12,9% e 0,56). O grupo de fator social selecionado como o mais relevante foi a faixa etária, sendo que os mais jovens, de 13 a 19 anos (28,8% e 0,76), são os maiores favorecedores do *tu*, seguidos dos de 20 a 29 anos (12,5% e 0,56). Logo em seguida, a variável sexo, terceira na ordem de seleção, mostra os homens (14,9% e 0,60) como aliados do *tu*, ao contrário das mulheres (10,8% e 0,41).

Lucca (2005) trata da alternância entre os pronomes *tu* e *você* na fala brasiliense e, para isso, elege as três regiões mais populosas do Distrito Federal: Ceilândia, Taguatinga e Brasília. Para compor o *corpus*, coletado entre abril de 2004 a fevereiro de 2005, selecionou-se um informante em cada região, exceção feita a Brasília que teve três informantes. Os responsáveis pelas gravações eram estudantes do ensino médio de escola pública. Foram entrevistados, ao todo, 32 informantes. Destes, 29 são jovens (entre 15 e 19 anos) do sexo masculino e somente três pertencem ao sexo feminino. Lucca pretende analisar somente a fala masculina, mas há algumas mulheres no inquérito que foram consideradas. Segundo a autora, os informantes fizeram gravações ocultas de situações conversacionais entre si e seus amigos,

o que permitiu coletar dados de interações entre rapazes, entre rapazes e garotas e entre rapazes e adultos, por meio de falas reproduzidas⁷.

Após o uso do GoldVarb 2001, com 453 dados, constatou-se que a maior parte das falas são características de relações entre pares solidários, nas quais o uso do *tu* emerge. Os resultados revelaram alto índice da variante *tu*, 72% (0,77), contra apenas 28% do *você*. Foram selecionados, por ordem de relevância, em relação ao *tu*, as variáveis: a) o gênero aponta os homens (78% e 0,55) na fala real como seus aliados; b) o paralelismo linguístico indica que o primeiro item da série sendo *tu* (85% e 0,58) e os ‘não primeiros’ precedidos por *tu* (80% e 0,56) são relevantes no seu emprego; c) o tipo de relação entre os interlocutores revelacom que o fator pares em relações solidárias (79% e 0,57) são seus aliados; d) a familiaridade com o tema discursivo mostra os mais familiares (74% e 0,52) como os mais propensos ao uso desta variante; e) a região administrativa do falante revela Ceilândia (RAIX) (86% e 0,68) como a que mais utiliza o *tu*; f) o tipo de estrutura apresenta as exclamativas (94% e 0,87) como aliadas deste pronome.

d) Região Sudeste

Santos (2012) analisa o retorno de produtividade do *tu* correlacionado com a forma verbal neutra na cidade do Rio de Janeiro. Seu *corpus* é composto por 52 informantes, estratificados de acordo com sexo/gênero (masculino e feminino), a faixa etária (aproximadamente 18 a 30 e 31 a 55 e mais de 56 anos) e o grau de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior). Os informantes foram extraídos das seguintes amostras: 18 do perfil profissional (2006); 5 da amostra Almirante Barroso (2006); 9 da amostra advogados (2008); 13 da amostra zona oeste (2009); e 7 da amostra norte (2009). As questões, em geral, se baseavam na pergunta "como faço para chegar à rua x?". Foram selecionados apenas os pronomes-sujeitos.

Inicialmente, a autora apresenta os dados gerais, mostrando que, no total de 648 ocorrências, foram registrados 49% (318 ocorrências) dos casos para *você*, seguido de sujeito nulo, 39% (251 ocorrências), e, por fim, 12% (79 ocorrências) do *tu*. Em sua abordagem panorâmica, a autora observa que o *você* é mais produzido na zona norte (56%), enquanto o *tu* ocorre mais na zona oeste (21%). As mulheres (53,9%) falam mais *você* do que os homens

⁷ O propósito desse trabalho era o de estudar a fala apenas dos homens. A autora estudou não só o diálogo entre eles, mas também a forma como reproduziam uma conversa que já havia acontecido. Cada adolescente ficou com o gravador e seus amigos foram gravados, mas só foram informados disso após a gravação.

(44,40%). O *você* é mais usado por pessoas que têm o ensino superior (56,30%), enquanto o *tu* é mais aplicado por pessoas que possuem ensino fundamental (12%) e médio (12%).

Logo após essa apresentação, é feita uma rodada e Santos expõe o seguinte resultado: dos 11 grupos de fatores escolhidos pela autora, cinco foram selecionados pelo GoldVarb 2001, na rodada *tu x você*⁸: paralelismo formal (*tu* precedido de *tu*, 66,7% e 0,87), modalidade verbal (ordem, 31,1% e 0,66, certeza 23,7% e 0,60), escolaridade (ensino superior, 13,1% e 0,55), bairro (zona oeste 33,8% e 0,80), e gênero/ sexo (masculino 25,4%, e 0,62). A autora constata que o *tu* ainda é estigmatizado.

Estudando o uso dos pronomes, Lopes et alii (2009) realizam 20 gravações no centro da cidade do Rio de Janeiro, com ambulantes, vendedores e gerentes, "profissões que atendem a um público variado de pessoas de diferentes estratos sociais, o que favorecia, pela própria natureza do contato interativo, o emprego de uma forma interlocutiva menos marcada e neutra (*você*)" (LOPES et al, 2009, p. 18). Os autores fazem as entrevistas e evitam utilizar qualquer forma de tratamento. Em geral, fazem perguntas da seguinte forma: "como faço para chegar no lugar x?"

Ao final do estudo, nota que o *você* (65%) é mais utilizado do que o *tu* (35%), de uma amostra de 129 ocorrências. Os autores apresentam apenas os percentuais, não permitindo que saibamos o peso relativo de sua análise. Quanto ao tipo de sujeito, quando pleno, usa-se mais o *você* (61%) do que o *tu* (57%); já o nulo, emprega-se mais o *tu* (43%) do que o *você* (39%). Os homens (80%) usam mais o *tu* e as mulheres (58%) utilizam mais o *você*. Quanto ao emprego do *tu*, as mulheres jovens (46%) aplicam mais o pronome do que as adultas (13%), já as idosas não utilizam esta forma. Os homens jovens empregam o *tu* de forma categórica, ao contrário dos homens idosos (51%) e adultos (24%).

Mota (2008) investiga os pronomes *tu* e *você* no português oral de São João da Ponte-MG, com base em entrevistas sociolinguísticas com 24 informantes, que só possuem o ensino fundamental, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino) e com a faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25, 26 a 49 e mais de 50). Vale salientar que a autora faz as rodadas com as entrevistas e com o teste de produção⁹, mas aqui só mencionaremos os resultados do trabalho com as entrevistas.

⁸ A autora faz várias rodadas, mas só nos deteremos na rodada *tu x você*.

⁹ O entrevistador sugeria a palavra e um informante fazia a pergunta, Foram 36 palavras sugeridas, variando entre o mais formal e o menos formal. Segue um exemplo retirado de Mota (2008, p. 55).

E- *Bicicleta, faça uma pergunta pra ele.*

I1- *Cê gosta muito de bicicleta?*

I2- *Gosto. Meu isporte favorito é ciclismo.*

E- *Faça uma pergunta pra ele.*

Dos grupos de fatores selecionados pelo GoldVarb 2011, foram considerados relevantes: função sintática, grau de intimidade, faixa etária e estatuto do interlocutor na interação. Segundo a autora, um fato revelador diz respeito à distribuição das ocorrências das formas pronominais: 89% para o pronome *você* e 10% para o *tu*, de uma amostra de 509 ocorrências. O trabalho de Mota (2008) mostra o aparecimento do pronome *tu* que já era informado por Mendes (1998) sobre a inexistência desse pronome no dialeto mineiro.

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, a função sintática é a única selecionada. A presença do *tu* ocorre mais na função de objeto (48% e 0,91) do que na função de sujeito (4% e peso de 0,41). Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, temos, por ordem de relevância, o grau de intimidade, a faixa etária e o estatuto do locutor. Na primeira variável, o *tu* aparece mais em situações íntimas (26% e 0,81) que em situações não íntimas (1% e 0,32). Na segunda, os apenas a faixa etária de 15 a 25 anos (3% e 0,72) favorece o uso do *tu*, ao contrário das demais: 7- 14 anos (12% e de 0,30), 26-49 anos (24% e 0,19) e 50 anos ou mais (3% e 0,14). Na última, comparando-se ao locutor I (0,7% e 0,18) e ao locutor II (20% e 0,85), o locutor III (37% e 0,95) é o que mais favorece o emprego do *tu*.

Paredes Silva (2008) faz um apanhado de todos os seus trabalhos, com diferentes *corpora* (1988, 1996 e 2000). A autora busca mostrar a mudança que parece estar em curso no português brasileiro, mais precisamente no falar carioca- o retorno do *tu*, disputando espaço com *você*. O estudo da autora teve início em cartas pessoais com escrita informal. Nesse *corpus*, ela observou o uso do *você* (com 70%) e do sujeito nulo (com 30%). A faixa etária não se mostrou relevante para a escolha dos pronomes neste trabalho. Na década de 90, observa-se a mudança: o aparecimento do *tu*. Utiliza-se o Banco de Dados Interacionais (BID) do PEUL/UFRJ, cujo material é mais espontâneo. No entanto, a autora acredita que, pelo fato de os informantes já saberem da existência da gravação, o uso do *tu* é inibido, menos de 10 ocorrências em 6 interações de 25 minutos. É relevante dizer que o *tu* era conjugado sem flexão. Essa investigação mostrou-se importante, pois apresentou à autora outro fenômeno que estava ocorrendo: a clitização, ou seja, o aparecimento do *cê*, como aponta os resultados: 30% para zero, 32% para *você* e 38% para *cê*.

Em outro momento, a pesquisadora faz um novo estudo, dessa vez, sem dizer aos informantes que seriam gravados. Isso só era informado ao final, para que pudessem decidir se o material coletado poderia ser utilizado no trabalho. A pesquisa de 2000, porém, não mostrou um aumento na frequência do uso do *tu*, comparada a de 80, mas é importante dizer

12- *Que qui tu acha [daque] dessas bicicleta qui tu vê ?*
(Entrevistador sugere palavras a dois colegas de sala – T 1 p. 96)

que somente dois grupos de fatores são selecionados pelo Varbrul nas duas décadas: o sexo e a idade.

Em Amostra 80, como é chamada a primeira pesquisa de *corpus* oral, foram encontrados os seguintes resultados: um total de 686 ocorrências, 11%/0,72 para uso do *tu* entre os homens e 1%/0,29 para o uso do *tu* entre as mulheres. Na Amostra 00, como é chamada a segunda pesquisa citada, foram computadas 579 ocorrências dos pronomes e destas 13%/0,72 são realizações do *tu* por mulheres e entre os homens é de 2%/0,31. Quanto à faixa etária, na amostra 80, os mais jovens favorecem o uso do *tu* (de 7-14 anos: 22%, 0,61; de 15-25 anos, 10%, 0,61) e, na amostra 00, a faixa favorecedora é a de 15 a 25 anos (13%, 0,64). As duas pesquisas mostram um uso de 9% do pronome.

Em estudo de tempo aparente, que a autora nomeia por Amostra 96, nota-se a supremacia do uso do *tu*, pois o seu emprego foi apontado em 68% dos casos. Nesta análise, o Varbrul selecionou a faixa etária (de 20 a 29 anos, com 70%, 0,60) e o sexo (os homens com 69%, 0,57) como fatores relevantes para o uso do *tu*. A autora conclui que o uso do *tu* e *você* sugere uma mudança em curso, embora ainda restrita a alguns grupos sociais e contextos discursivos; no caso do *tu*, há contextos em que ocorre um menor monitoramento e maior grau de intimidade.

Modesto (2006) estuda o uso das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, no litoral do Estado de São Paulo. O *corpus* constitui-se de 20 inquéritos, correspondentes a textos conversacionais realizados entre falantes santistas. Os informantes foram estratificados de acordo com três grupos de fatores sociais: gênero (masculino e feminino), faixa etária (15 a 20 anos e 21 anos ou mais) e escolaridade (ensino médio e ensino superior). Considerando todo léxico¹⁰ encontrado, o pronome *você* (0,93%), com 476 ocorrências, apesar da baixa frequência, admitida pelo autor, aparece mais que o *tu* (0,45%), com 232 ocorrências. As formas de tratamento apresentam a seguinte frequência de uso: *você*, com 67% e *tu*, com 32%. Observou-se que não se usa a forma canônica de 2ª pessoa com a forma *tu*.

Ao utilizar o GoldVarb 2001, foram selecionados 5 grupos de fatores, seguindo a ordem de importância: monitoramento, expressividade, função sintática, referenciação e escolaridade. Em contexto de menor monitoramento, a frequência de uso e o peso relativo da forma *tu* são, respectivamente, 46% e 0,61 e, para a forma *você*, tem-se 53% e 0,38. Com maior monitoramento, temos os seguintes resultados: *você*, com 82% e 0,62 e *tu*, com 17% e 0,37. A variável expressividade indica que quanto mais expressivo, maior o uso do *tu* (50% e

¹⁰ Para contar as palavras, utilizou-se o MS-WORD XP, da Microsoft.

0,65) e quanto menos expressivo, maior o uso do *você* (79% e 0,39). A função sintática do pronome, se subjetiva ou objetiva, revela que o uso do *tu* é favorecido com a função objetiva (60% e 0,77), enquanto a função subjetiva favorece *você* (71% e 0,53). A escolaridade mostrou que o uso do *tu* está mais presente na fala das pessoas de ensino médio (40% e 0,6) do que na fala de indivíduos com ensino superior (29% e 0,4).

e) Região Sul

Franceschini (2011) procura descrever e analisar, em sua tese, a variação pronominal nós/a gente e *tu/você* em Concórdia-SC. A amostra, coletada entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, foi constituída por 24 entrevistas, uma por informante, distribuídas por: duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais), sexo (masculino e feminino) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio).

Aqui vamos apresentar apenas os resultados para *tu/você*, por ser o foco de nosso interesse. De um total de 926 ocorrências, foram encontradas 55% das ocorrências do pronome *tu*, mostrando que é mais utilizado na localidade que o *você* (45%). A análise estatística do Varbrul apresentou seis grupos de fatores relevantes: a determinação do referente mostrou-se o mais significativo, ou seja, em contexto de sujeito indeterminado, o pronome *você* é mais usado (52% e 0,57) e, em contexto determinado, o pronome *tu* predomina (79% e 0,72). O segundo grupo selecionado foi o grau de escolaridade, indicando que, no ensino fundamental II (76% e 0,68), o *tu* é favorecido e o *você* é privilegiado no ensino médio (53% e 0,58). O terceiro grupo foi o sexo/gênero, revelando que as mulheres (61% e 0,56) favorecem mais o *tu*, enquanto os homens (50% e 0,56) beneficiam mais o *você*. O tipo de ocorrência foi o quarto grupo, com as formas isoladas (67% e 0,57) favorecendo o *tu*, já o *você* é beneficiado por formas iguais (53% e 0,55). O quinto grupo foi o tipo verbal, favorecedor do *tu* com verbos epistêmicos (70% e 0,58) e do *você* com verbos *dicendi* (54% e 0,68). A faixa etária foi a última variável selecionada e os dados indicam uma provável mudança em curso, pois o pronome *você* apresenta uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem (50% e 0,53); já o pronome *tu* está mais presente na fala dos mais velhos (64% e 0,55).

Rocha (2010) descreve o sistema pronominal de 2ª pessoa nas comunidades florianopolitanas de Rationes e de Santo Antônio de Lisboa. Para isso, usa um *corpus* de oito informantes, estratificados de acordo com a faixa etária (- 35 anos e +50 anos) e a escolaridade (+ 14 anos de escola e - 12 anos de escola).

Após utilizar o GoldVarb 2001, os resultados indicam que os falantes da região usam mais o *tu* (97%), com 134 ocorrências, do que o *você* (3%), com 4 ocorrências. Além disso, 89% do uso do *tu* é sem concordância. Segundo a autora, por terem poucos dados, alguns grupos de fatores apresentaram nocaute e a pesquisadora não pôde apresentar os pesos relativos dos resultados. Apesar da idade não ter sido uma variável selecionada, a autora acha importante dizer que nenhum jovem usa *você*.

Zilli (2009) descreve a fala dos falantes de Criciúma, com base em seis entrevistas retiradas das Entrevistas Sociolinguísticas da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Os informantes foram estratificados, segundo o sexo (feminino e masculino) e a escolaridade (primário, ginásio ou segundo grau), todos com mais de 50 anos.

Com 302 dados, ficaram 281 dados para *tu* (93%) e 21 para *você* (7%). Após a submissão dos dados ao Varbrul, a referência aparece como a variável de maior relevância, com interlocutor, para *tu* (95%) e para *você* (0,5%), com 0,68 para o grupo de fatores. Ao fazer o cruzamento entre grupo de referência e sexo, de um total de 302 ocorrências, verificou-se que as mulheres (99%) utilizam mais o *tu* que os homens (83%). Com 281 ocorrências, outra variável relevante foi a escolaridade, cujos números revelam que apenas no segundo grau (85%) há um uso mais intenso do *você*, ao contrário do primário (96%) e do ginásio (98%). Observamos que a autora só informa o peso relativo das referências.

Loregian-Penkall (2004) estuda a alternância do *tu x você* na região sul, utilizando dois bancos de dados: o Varsul (RS e SC) e o *corpus* Brescancini (Ribeirão da Ilha). É importante dizer que a autora não lida com dados de fala de Curitiba, porque, em sua primeira análise, Loregian (1996) observou que curitibanos usam apenas *você*. Assim, os municípios selecionados neste trabalho são: Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da ilha; 3 cidades do interior de Santa Catarina: Chapecó, Blumenau e Lages; 3 cidades do interior do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja. São 24 informantes de cada localidade, excetuando-se Ribeirão da Ilha, com 11 informantes. Ao todo, são 203 informantes, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino), a faixa etária (25 a 49 anos; mais de 50) e o grau de escolaridade (primário, ginásio e colegial).

Foram selecionados apenas os pronomes na função de sujeito. Dos 203 informantes, 8 fizeram uso do tratamento zero; 91 usaram o pronome de forma categórica; 78, só com *tu*; e 15, só com *você*. Foi utilizado o Varbrul 2S. A autora selecionou 7 variáveis linguísticas e 5 sociais e foram feitas 3 rodadas binárias para o uso do *tu*. A primeira rodada foi realizada com as cidades Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha. A segunda foi feita com a região de Santa Catarina e a terceira foi realizada com o Rio Grande do Sul. Depois a autora fez rodadas

para todas as cidades, mas, como a nossa pretensão é ter um panorama geral, para que possamos comparar nossa pesquisa com essa e considerando a extensão desse trabalho, não serão descritas aqui.

Foram selecionados, na primeira rodada, 7 grupos de fatores, sendo a variável sexo a mais relevante, mostrando as mulheres (96% e 0,74) como favorecedoras do *tu*, diferentemente dos homens (75% e 0,20); o segundo grupo foi a localidade que revelou o fato de Porto Alegre (93% e 0,61) e Ribeirão da Ilha (96% e 0,78) serem aliadas da regra, ao contrário de Florianópolis (76% e 0,34). Quanto aos fatores linguísticos, foi selecionado, em terceiro lugar, a explicitação do pronome, que indicou que o *tu* é favorecido sem pronome explícito (97% e 0,80).

Na Região de Santa Catarina, foram selecionados 5 grupos de fatores, sendo a localidade a variável de maior relevância para o *tu*, destacando-se apenas a cidade de São Borja (94% e 0,76); o segundo grupo mais relevante foi o gênero do discurso¹¹, cujos resultados indicam que as explicações (40% e 0,72) e as receitas (69% e 0,89) e também o gênero argumentativo (23% e 0,51) favorecem o *tu*.

Já na Região do Rio Grande do Sul, 7 variáveis foram selecionadas como favorecedores do *tu*: o sexo foi a primeira, sendo apenas as mulheres (38% e 0,61) aliadas da regra; a segunda foi a escolaridade que apontou o primário (94% e 0,72) como o único nível favorecedor do *tu*; e a terceira é a alternância pronominal: o *tu*, usado antes (51% e 0,36), mostrou-se inibidor da regra. Nota-se a manutenção do pronome *tu* como uma marca da identidade e de valores regionais. No entanto, os informantes de Lages e, em menor escala, os de Blumenau, mostram que são os mais avançados em direção ao uso apenas de *você*.

Orlandi (2004) estuda o uso da flexão verbal de 2ª pessoa do singular, *tu*, *você* e o *senhor*, em textos orais de informantes de Tubarão, em SC. O *corpus* é formado por um grupo de 6 informantes, de ambos os sexos (feminino e masculino), de escolaridade variada (primário completo, ginásial completo e colegial completo), e pertencentes a duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos).

Com base em 142 dados, foi observado que o pronome mais recorrente é o *tu* (73%). No entanto, não foi utilizado nenhum programa computacional para observar quais fatores mais influenciam a sua ocorrência. O grupo de fatores escolaridade mostrou que os

¹¹ A autora informa que a escolha desta variável teve o propósito de avaliar se o gênero discursivo exerce ou não influência nas regras variáveis que analisaram. Dessa forma, estipularam quatro fatores para compor a variável: segmentos predominantemente narrativos, segmentos predominantemente argumentativos, explicações, receitas e não se aplica às ocorrências que não se encaixaram nestes quatro gêneros. (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.96-97)

informantes com o primário completo concordavam com o pronome (7%), enquanto as outras escolaridades não foram observadas pela autora. Foram selecionados 9 grupos de fatores linguísticos para o *tu*: natureza da forma pronominal (presença de *tu*, 73%); paralelismo formal (verbo de uma sequência sem marcas de concordância, 100%); interação emissor/receptor (função fática, 14%); explicitação do pronome (pronome explícito com material interveniente, 8%); tempo verbal (presente do indicativo, 8%); saliência fônica (acréscimo de *-s*, 62%); tonicidade do verbo (paroxítono, 4%); número de sílabas do verbo (monossílabo, 15%); contexto fonológico seguinte (consoante, 12%).

Packer (1990) estuda o sistema de tratamento pronominal no dialeto oral de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, enfatizando a questão da variação *tu/você*. Para isso, constitui um *corpus* formado por entrevistas de 108 informantes, de 25 famílias. Os informantes foram estratificados em três classes socioeconômicas (trabalhador superior, média média, e média baixa), seis faixas etárias (-14 anos, 15-25 anos, 26-35 anos, 36-45, 46-55 anos, mais de 56 anos) e três graus de escolaridade (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio). As classes socioeconômicas seguiam critérios de ABA/ABIPEME¹².

A autora, após fazer o teste do Qui-quadrado, observou que os grupos de fatores relevantes são classe social e escolaridade. Em seu trabalho, não há o uso de peso relativo, apenas de percentagem. A autora divide seu trabalho em duas partes: uma abordando falantes com intimidade e outra com falantes desconhecidos. Observa-se que, em relações íntimas, com 1374 ocorrências, usa-se mais o *tu* (28,60%), sendo que este pronome é mais usado para tratamento de familiares por pessoas de classe média baixa (77,38%) e trabalhadores superiores (68,65%). No tocante à escolaridade, quanto menor a escolaridade, maior o uso do *tu*: ensino fundamental (70,45%); ensino fundamental II (57,25%), e ensino médio (55,61%). Dos 1951 dados obtidos, 684 (35,06%) se referem ao uso do *você*, a forma com maior número de ocorrências; a segunda forma mais usada é *tu* (22,09%); a terceira, as formas nominais (20,40%); e a última, *senhor* (9,52%). A forma nominal, que é percebida como mais informal que *senhor*, é igualmente respeitosa.

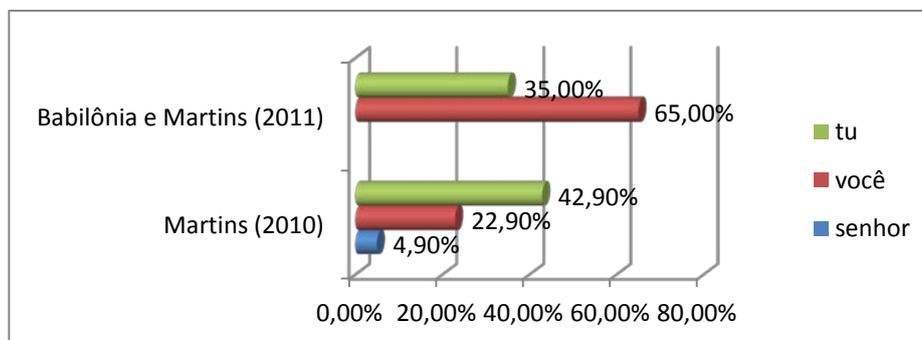
¹² Introduzido no Brasil em 1979, é uma forma convencionada para classificar socioeconomicamente os consumidores segundo sua "aptidão para consumo". Esse critério organiza os consumidores em cinco (5) classes socioeconômicas, a saber: A, B, C, D e E. Sua aplicação é bastante simples, pois são necessárias apenas duas (2) perguntas: uma com referência à instrução do chefe da família (a cada grau de escolaridade corresponde um determinado número de pontos) e outra a respeito da posse e número de certos eletrodomésticos, automóvel e empregada doméstica (para cada resposta afirmativa há um número de pontos, que varia com a quantidade de itens que a família possui). A apuração é feita pela soma dos pontos das duas (2) perguntas. (PACKER, 1990, p. 34-35)

É bom reforçar que algumas das pesquisas apresentadas aqui, como foi mostrado, não informavam o peso relativo dos grupos de fatores selecionados e nem a ordem de seleção das variáveis, apesar de submeterem os dados a tratamento estatístico.

Os trabalhos, de modo geral, mostram que, na maioria dos estados, os falantes optam por utilizar o *você* no lugar do *tu*. O pronome *senhor* é pouquíssimo usado, normalmente em situações de maior formalidade, provavelmente, por isso, há poucas ocorrências em virtude das pesquisas procurarem falas mais espontâneas. Destacamos o fato de que o *tu* é mais utilizado na região Sul, com exceção de Curitiba, conforme dito no trabalho de Loregian-Penkal (2004), e na cidade de Tefé-AM.

A seguir, apresentamos, sucintamente, os principais achados dos estudos realizados sobre a variação *tu* x *você* x *senhor* nas diferentes regiões do Brasil e nossas conclusões a este respeito.

Gráfico 1- Distribuição das formas *tu* e *você* nos estudos do Norte

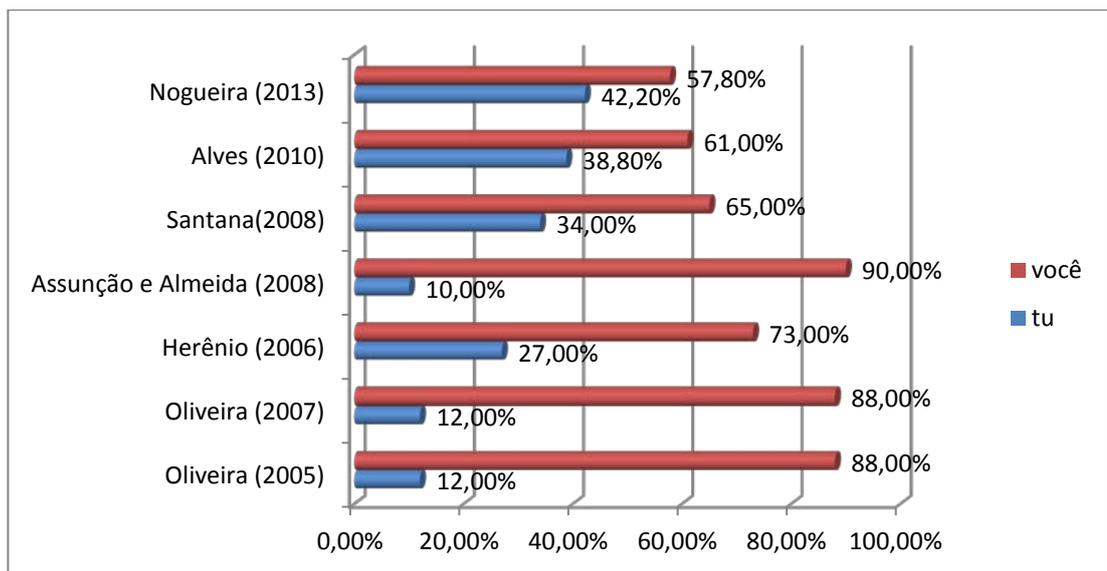


Com base no gráfico 1, que permite a visualização da distribuição dos pronomes analisados nos trabalhos encontrados para a região Norte do país, notamos que, em Manaus, usa-se mais *você* e, em Tefé-AM, emprega-se mais o *tu*. Considerando que os trabalhos apresentam resultados bem distintos, não podemos afirmar qual pronome é o mais usado na região Norte.

Babilônia e Martins (2011), apesar de não terem submetidos os resultados ao Varbrul, observaram que o pronome *senhor* aparece em contextos formais, enquanto o sujeito nulo aparece, principalmente, como marcador conversacional. Quanto menor o monitoramento, mais é usado o *tu*, e quanto maior o monitoramento usa-se mais o *você*. Esse pronome também é usado para repreender, visto que marca distanciamento.

Destacou-se, em Martins (2010), o grau de intimidade, indicando que, na região, quanto maior a intimidade, maior o uso do *tu*, bem como o paralelismo linguístico, revelando que os tefeenses optam por este pronome principalmente quando é o último a ser utilizado. Como só foram encontrados apenas dois trabalhos nesta região, é desejável que se realizem mais estudos, para que o Norte possa ser completamente mapeado e, assim, possamos com segurança afirmar como se dá a distribuição destes pronomes nesta região.

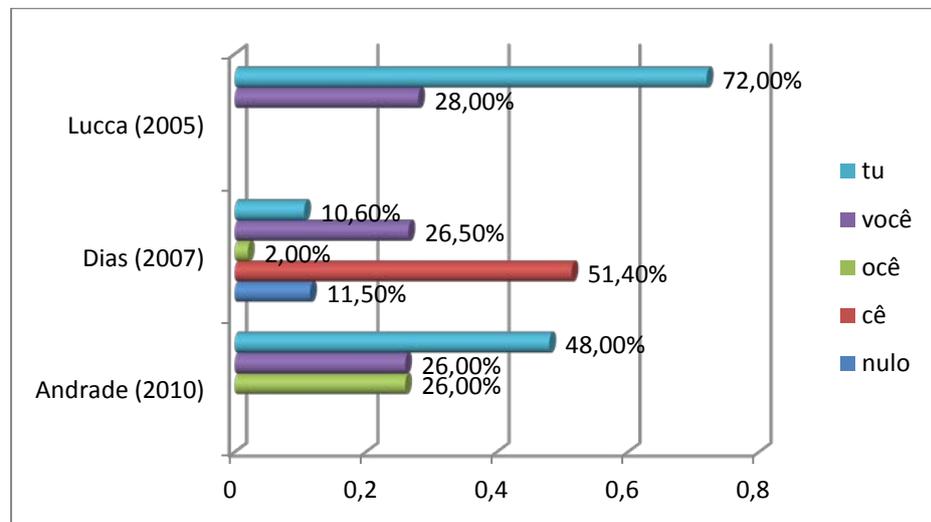
Gráfico 2- Distribuição das formas *tu* e *você* nos estudos do Nordeste



Conforme mostra o gráfico 2, ao todo, foram realizadas 7 pesquisas de cunho variacionista no nordeste, o que mostra que esse número ainda precisa ser muito ampliado, pois é insuficiente para caracterizarmos essa região, uma vez que, dos seus 9 estados, só dois deles, Maranhão e Bahia, apresentam estudos, com predominância deste último. Nos trabalhos analisados, viu-se que, no nordeste, o *você* predomina maciçamente, mas o *tu* também é muito produtivo, ocorrendo em todos os estudos. Algumas pesquisas mostraram que há uma baixa ocorrência para o pronome *senhor*. A forma *você* aparece com maior intensidade nos trabalhos de Assunção e Almeida (2008) e também nos de Oliveira (2005, 2007), cujos valores percentuais se aproximam, enquanto o *tu* aparece mais nos estudos de Santana (2008) e Alves (2010). Nas pesquisas de Oliveira (2005, 2007) e Assunção e Almeida (2008), encontram-se as menores frequências de uso do *tu*, com taxas muito próximas.

Dos grupos de fatores selecionados, nos trabalhos da região Nordeste, os dois mais recorrentes são a faixa etária e o sexo. A faixa etária que mais favorece o uso do *tu* é a mais jovem e, quanto à variável sexo, são as mulheres as maiores aliadas desta variante.

Gráfico 3- Distribuição das formas *tu*, *você*, *cê*, *ocê* e nulo nos estudos do Centro-Oeste



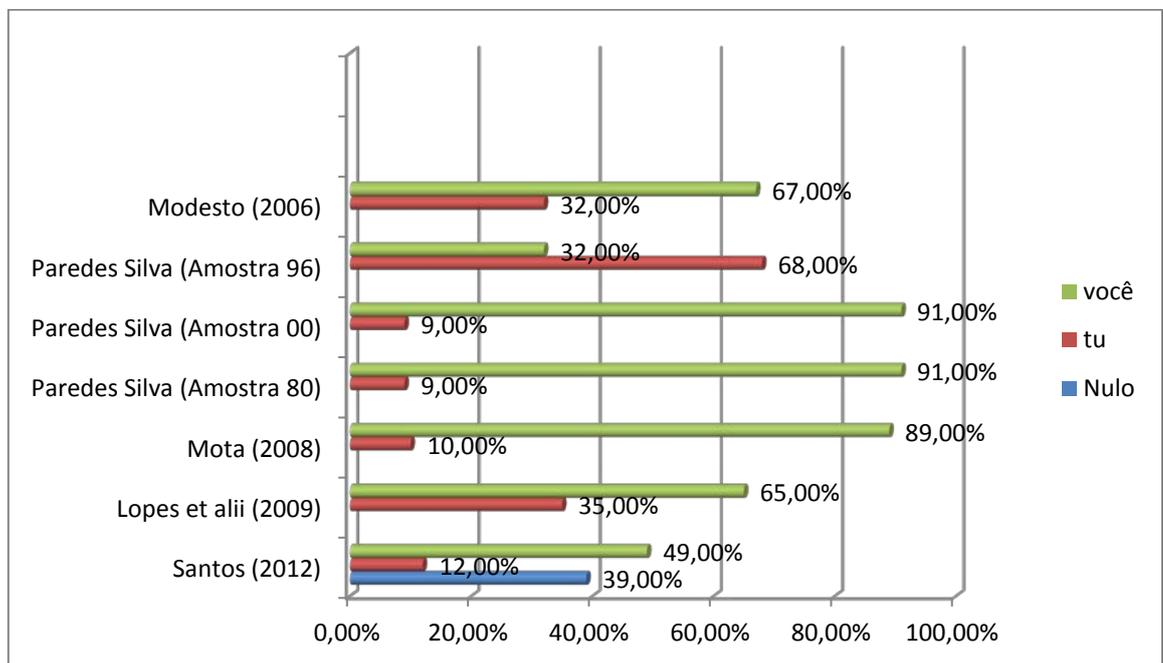
No centro-oeste, só foram encontrados 3 trabalhos no que tange à alternância dos pronomes de 2ª pessoa, *tu x você*. É importante salientar que as pesquisas se restringem praticamente à mesma localidade, Brasília e seu entorno, revelando a necessidade de se realizarem estudos nos demais estados da região. Os trabalhos de Lucca (2005) e Andrade (2010) apontam o predomínio do *tu* sobre o *você* (e suas variantes, *ocê* e *cê*) e sobre o pronome nulo, como mostra o gráfico 3. A maior frequência de uso do *tu* ocorre em Lucca (2005) e o seu menor emprego é documentado em Dias (2007). Não se pode deixar de mencionar que o *você* é registrado em todos os estudos com valores percentuais aproximados. O *ocê* foi registrado por Dias (2007) e Andrade (2010), sendo que o primeiro mostra a menor frequência de uso desta forma e o segundo aponta os mesmos valores percentuais entre esta variante e o *você*. Já o *cê*, encontrado apenas em Dias (2007), apresenta-se, neste trabalho, como a forma mais frequente de todas. No gráfico 3, não ocorre a forma *senhor*, porque, nesta região, a variante também apareceu pouco. O pronome nulo só foi registrado por Dias (2007).

Quanto aos fatores, os trabalhos realizados nessa região indicam que, diferentemente da região nordeste, o *tu* é mais favorecido pelos homens, bem como os mais jovens. Quanto ao tipo de relação, as solidárias são aquelas que mais favorecem o uso dessa variante.

A respeito da variação *tu* e *você* no Sudeste, os trabalhos que abordam o *tu* nessa região são escassos e um dos motivos é a baixa ou nenhuma ocorrência desse pronome. Sobre isso, Nascimento (2011) menciona que o pronome *você* está presente nas comunidades de fala em todas as regiões do Brasil. Dessa forma, a autora verifica que a comunidade de fala paulistana também se insere no subsistema pronominal V [*você*], já que o *tu* não é uma forma empregada entre os paulistanos.

É importante informar que há, nesta região, vários estudos (NASCIMENTO, 2011; GONÇALVES, 2008; PERES, 2006; COELHO, 1999; ALVES, 1998; RAMOS 1997 e 2000) acerca das formas de tratamento, mas que tratam apenas a variação *você x ocê x cê*, abordada por nós na próxima subseção.

Gráfico 4- Distribuição das formas *tu*, *você* e nulo nos estudos do Sudeste



Assim, é fácil entender por que, na região Sudeste, ocorre o predomínio do *você*, como é vemos no gráfico 4. No entanto, novas pesquisas (MODESTO, 2006; MOTA, 2008; LOPES, 2009; SANTOS, 2012) mostram que, apesar do predomínio do *você*, o pronome *tu* aparece nessa região. A pesquisa de Santos (2012) mostra também o pronome nulo, que só aparece neste trabalho, com frequência maior do que o *tu*. No estudo de Modesto (2006) e Lopes (2009) encontramos frequências aproximadas para o *tu*, ocorrendo o mesmo nos trabalhos de Mota (2008) e Santos (2012). Já, em Paredes Silva (2008), observamos mudanças no decorrer do tempo, visto que é um apanhado de vários trabalhos. Na década de

80, encontramos pouco o uso do *tu*, mas, nos dois últimos *corpora* (96 e 2000), o uso desse pronome já é mais frequente.

No Sudeste, com relação às variáveis analisadas, observa-se que a função sintática (o pronome *tu* como objeto) é o que favorece o aparecimento do *tu*, além do paralelismo formal (o *tu* precedido de *tu*). Dos grupos de fatores sociais, a escolaridade, o gênero e o grau de intimidade foram considerados relevantes para o aparecimento do pronome *tu*. É bom destacar que o grau de escolaridade não apresenta um comportamento bem homogêneo nas amostras examinadas. No Rio de Janeiro, a escolaridade favorecedora do *tu* foi a de nível superior, ao passo que, em Santos-SP, foi a de nível médio. Ainda nessa região, o gênero aliado do *tu* foi o masculino e viu-se também que quanto maior o grau de intimidade entre os interlocutores, maiores as chances do uso do *tu*. A faixa etária não apresenta uma direção bem definida, mas, no trabalho de Paredes Silva (2008), vimos que os jovens entre 20 a 29 anos usam mais o *tu*.

Há uma grande quantidade de estudos no Sul sobre a alternância dos pronomes de 2ª pessoa. Vale salientar que o estado de Santa Catarina é onde se concentra a maior parte dos estudos realizados na região, mas, no estado do Paraná, não foi encontrado nenhum estudo sobre a alternância do *tu* e *você*. Loregian-Penkall (2004, p.15) informa abaixo o porquê de não ter escolhido, em seu estudo, nenhuma cidade do Paraná:

Quanto às cidades do interior do Paraná - Irati, Londrina e Pato Branco – tínhamos uma suposição de que iríamos encontrar poucas ocorrências de *tu*. Só não tínhamos certeza disso com relação a Pato Branco, devido a sua colonização gaúcho-catarinense. No entanto, o trabalho de GODOY (1999) nos fez constatar que o interior do Paraná, assim como Curitiba, também não poderia fazer parte de nossa análise, uma vez que foram encontradas pouquíssimas ocorrências do pronome *tu*.

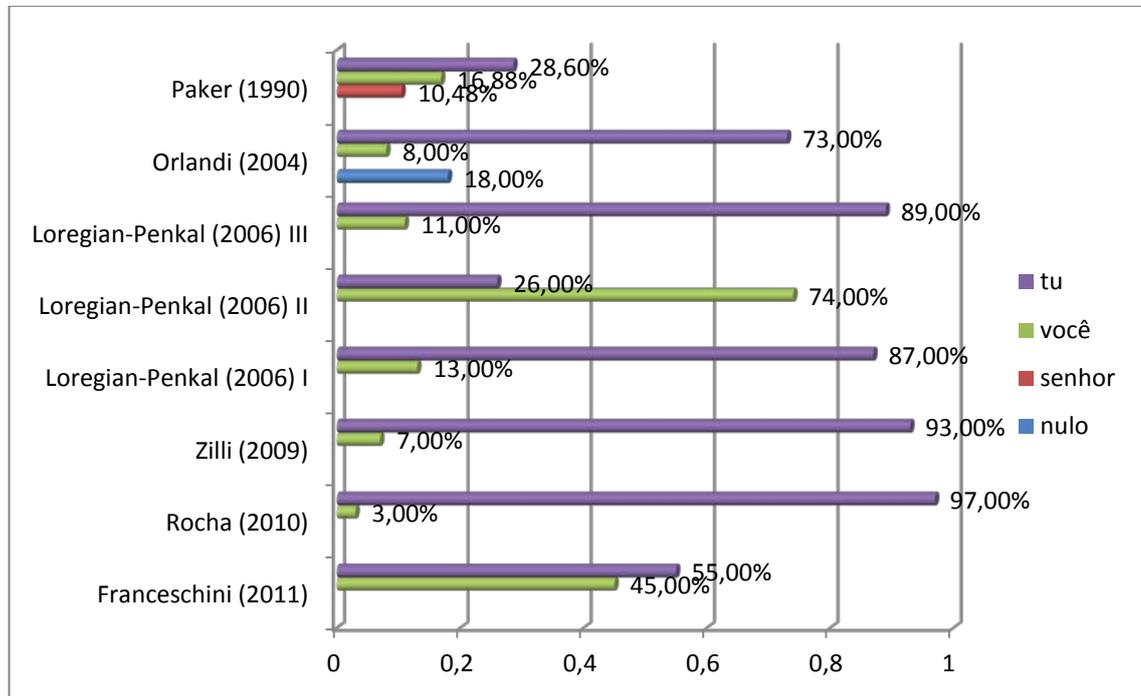
A autora também informa que já havia feito um estudo em 1999, em que observava a concordância verbal do *tu*, mas que, em Curitiba, não foi possível, já que não foi encontrada ocorrência desse pronome na região.

Também nos chamou a atenção o fato de que a maioria dos trabalhos realizados no Sul é recente, com exceção do trabalho de Packer, realizado em 1990.

Na região Sul, apesar da proximidade com a região Sudeste, vimos que o uso do *você* é mais frequente no Sudeste, já, na região Sul, é o *tu*. O *você* só é predominante nas localidades do interior de Santa Catarina (Loregian-Penkall (2006) II), como está descrito no gráfico 5. Nos trabalhos de Zilli (2010) e Rocha (2010), encontramos as maiores frequências de uso do *tu*, que se mostra praticamente categórico, enquanto o *você* exibe as menores frequências de aplicação. Loregian-Penkall (2006) III, Loregian-Penkall (2006) I e Orlandi (2004) também

apresentam uma elevada taxa de emprego da forma *tu*, acima de 70%. O estudo de Franceshini (2011) aponta para um equilíbrio entre as duas formas de tratamento. O pronome nulo só aparece na pesquisa de Orlandi (2004) e o *senhor(a)* só é encontrado no trabalho de Paker (1990), indicando que é um pronome pouco usado nos últimos anos pelos sulistas.

Gráfico 5- Distribuição das formas *tu*, *você*, *senhor* e nulo nos estudos do Sul



No Sul, as variáveis linguísticas selecionadas são bem diversificadas, como o paralelismo linguístico (*tu* precedido de *tu*), explicitação do pronome (com o pronome explícito é mais recorrente o uso do *tu*, enquanto o implícito favorece o *você*) e gênero do discurso (as receitas são as que mais favorecem o uso do pronome *tu*). Dos grupos de fatores extralinguísticos, a variável sexo é a mais recorrente nos estudos analisados, sendo as mulheres as que mais utilizam o *tu*. A classe social, a escolaridade e a localidade também foram selecionadas pelo programa GoldVarb, mas não tiveram o mesmo destaque que a variável sexo.

Os estudos apresentados mostram que, de modo geral, o Brasil aderiu ao pronome *você*, como a forma mais frequente. O uso do *tu* é pouco recorrente em alguns locais, concentrando-se basicamente na região Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004). Apesar de haver poucos estudos, a região Norte revela que o uso do *tu* é acentuado (BABILÔNIA; MARTINS,

2011; MARTINS, 2010) e em Brasília (ANDRADE, 2010; LUCCA, 2005). Nos demais estudos, há o predomínio do pronome *você*.

As mulheres, em sua maioria, são as maiores favorecedoras do uso do *tu*. Podemos dizer que, na região Sul, seu emprego é mais acentuado, porque é a variante de prestígio (FRANCESCHINI, 2011; ROCHA, 2010, ZILLI, 2009; LOREGIAN-PENKAL, 2004). Já em outras localidades em que o *você* é o mais utilizado, os jovens também são os que mais empregam o pronome *tu*, ou seja, este é a variante inovadora. Nesses locais, as mulheres também utilizam mais o *tu*, mesmo não sendo a forma de prestígio (NOGUERIA, 2013; MARTINS, 2010; SANTANA, 2008; PAREDES SILVA, 2008; OLIVEIRA, 2005).

A concordância canônica do pronome *tu* também foi mencionada na maioria dos trabalhos e se apresenta cada vez mais reduzida. O único trabalho que apresenta de forma significativa essa concordância (BABILONIA; MARTINS, 2011) indica uma possível mudança linguística, visto que ela ocorre de maneira representativa apenas com os mais velhos.

Quanto ao pronome *senhor*, observa-se que ele é pouco usado. No entanto, sua baixa recorrência pode se dar pela escolha do *corpus* nas pesquisas desenvolvidas sobre os pronomes de segunda pessoa. De modo geral, a constituição dos *corpora* se dá pelo menor monitoramento e maior grau de interação, o que dificulta o aparecimento dessa variante.

Apesar de haver uma quantidade significativa de trabalhos sobre a variação pronominal entre *tu x você x senhor*, ainda notamos uma carência de pesquisas sobre esse tema, visto que a maioria dos trabalhos apresentados aqui se concentra em determinadas regiões, como Brasília (ANDRADE, 2010; DIAS, 2007; LUCCA, 2005). Esses estudos são importantes, pois sabemos que estas pesquisas não se esgotam e que há necessidade de outras localidades também serem contempladas.

2.2.1.2 *Você* e suas variantes *ocê* e *cê*

Alguns trabalhos contemplam apenas o pronome *você* e suas variantes. Nosso intuito era o de observar como ocorre essa alternância e depois comparar os resultados com os da nossa pesquisa. Foram encontrados sete trabalhos dessa natureza. Outros estudos também foram encontrados quanto ao uso do pronome *você*, mas não serão descritos aqui, seja por trabalhar com *corpus* escrito (TEIXEIRA, 2002), seja por trabalhar só a indeterminação dos pronomes (CARVALHO, 2010) ou por só trabalhar com um pronome (SOUSA, 2008).

Os sete trabalhos encontrados concentram-se na região Sudeste, com exceção do de Loregian-Penkal e Menon (2012), em Curitiba-PR, e do de Andrade (2004), em Brasília. As demais pesquisas são de Nascimento (2011), em São Paulo-SP, Calmon (2010), em Vitória-ES, Gonçalves (2008), em Arcos-MG, Peres (2006), Belo Horizonte-MG e Coelho (1999), São Francisco-MG. Em alguns estudos, os autores enfatizam que não foi encontrado o uso do *tu*. Nessa região, de modo geral, ocorre o uso quase categórico do *você*, mas alternando com as variantes *ocê* e *cê*.

a) Região Centro-Oeste

Andrade (2004) estudou o *você*, *ocê* e *cê* na fala de crianças das áreas urbanas e rural do Distrito Federal. Foram entrevistadas 15 crianças e a entrevistadora, com 25 anos de idade, que, apesar de não ser da região, mora em Brasília há 19 anos. Os dados foram coletados em 1991 em entrevistas feitas por Malvar, em 1992. Os informantes, de faixa etária entre 10 e 14 anos e estudantes do fundamental (0-4 anos), foram estratificados de acordo com o sexo/gênero (8 homens e 7 mulheres) e a procedência geográfica (9 da zona urbana e 6 da zona rural, de Boa Vista). Desses informantes, 5 eram naturais de Brasília, 3 de Goiás e 1 de Minas Gerais.

A autora não informa qual programa estatístico é utilizado. Foram obtidos 1258 dados: 189 das crianças e 1069 da entrevistadora. Quanto aos resultados, vimos que: a) para os dados dos adolescentes (10-14 anos), temos: *você*, 57%; *cê*, 25%; *ocê*, 5%; *zero*, 13%; para os dados da entrevistadora, encontramos: *você*, 63%; *cê*, 21%; *ocê*, 1%; *zero*, 15%. Dos dados da entrevistadora, para a variante *cê*, foram selecionadas as variáveis: tipo de estrutura frasal (as frases interrogativas (que-que), 39%, 0,62), paralelismo discursivo (*cê* precedido de *cê* com 72%, 0,88), tipo de elemento interveniente entre o verbo e o pronome (o contíguo *cê*, 32%, 0,53). Dos dados dos adolescentes, foram selecionados como favorecedores do *cê* os seguintes grupos de fatores: a procedência geográfica (a zona rural, 53%, 0,70) e o sexo/gênero (os homens, 44%, 0,61). Os dados de *ocê* foram excluídos devido à baixa frequência.

b) Região Sudeste

Nascimento (2011) analisa os pronomes *você(s)* e *cê(s)* na cidade de São Paulo-SP, com base em dois *corpora*: NURC-SP-70 e GESOL-SP-2000. Do NURC foram extraídas 18 entrevistas (DID) com paulistanos e do GESOL foram analisadas 36 entrevistas realizadas entre 2003-2009. Os informantes dos dois *corpora* foram estratificados de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino) e faixa etária (20- 32 anos, 35-45 anos e 50 anos em

diante). No GESOL, os informantes também foram estratificados pela escolaridade (superior e médio/fundamental), enquanto no NURC todos possuem o nível superior completo.

Para ambos os corpora, foram registrados 4639 dados (dentre eles, 54 casos de *vcê* e 63 casos de *cê* duvidosos que foram retirados da análise). Foram, no total, 54,3% para *você* e 43% para *cê*. Os dados revelam um aumento do uso do *cê*.

No NURC, foram 64,1% para *você* e 34,1% para *cê* e, no GESOL, foram 1616/3065 ocorrências, 52,7% para *você* e 44,6% para *cê*. No GESOL-documentadores, foram 54,9% para *você* e 41,9% para *cê*. A autora faz duas análises por meio do GoldVarb X, uma com a amostra do GESOL e outra com a do NURC, comparando-as entre si.

Quanto às variáveis sociais, nos dados do NURC, a faixa etária entre 20-32 (47,6%, 0,64) favorece o *cê*, se opondo aos dados do GESOL 2000, somente universitários (45,7%, 0,55). O sexo/gênero não foi selecionado por nenhum dos corpora.

No GESOL, a escolaridade do nível fundamental e médio (57,3%, 0,59) favorece o uso de *cê*. A pesquisadora faz ainda um cruzamento entre gênero/sexo x faixa etária e observa que as mulheres mais jovens (57,3%, 0,58) e mais velhas (60,4%, 0,61), assim como os homens mais jovens (56,1% 0,54), favorecem o uso do *cê*. Quanto às variáveis interacionais, a autora observou que as conversas com desconhecidos era a maior favorecedora para o *cê* (62,1%, 0,63). Também verificou que, dentre os informantes, eram duas mulheres, uma da primeira faixa etária e outra da terceira faixa etária que, conforme a autora, estão entre os perfis sociais que mais tendem a empregar a variante reduzida do pronome. Dessa forma, eliminou os dados das conversas com desconhecidos, para que permitisse melhor avaliação do impacto da variável relação entre informante e documentador no caso de variação *você/cê* e, como resultado, as conversas com parentes (56,9% 0,57) favorecem o uso do *cê*, assim como o grau de intimidade (56,8% 0,56). A autora observa ainda que os documentadores (59,8%, 0,63), em situação de intimidade, são mais propensos ao uso dessa variante do que os informantes.

Quanto às variáveis linguísticas, a autora apresenta apenas os resultados dos entrevistados. Foram selecionadas para *cê*: referência específica (64,3%, 0,70), o paralelismo anterior precedido por *cê* (78%, 0,78), tonicidade antecedente tônica (228/431, 67%, 0,61), tonicidade seguinte tônica (54%, 0,53), frequência do verbo¹³ mais de seis (57%, 0,58) e coalescente¹⁴ (50%, 0,51).

¹³ A autora investiga se a frequência dos verbos que acompanham o pronome *você/cê* favoreceria a redução do pronome. Considerou-se o item lexical, independentemente de suas flexões verbais. As únicas exceções foram os verbos: *ser* (*é/ser; foi; era*); *ter*: (*“tem + X”*; *“tem/tinha + que”*; outros tempos verbais que não o presente); *ir* (*“ir*

Ao analisar somente os dados dos universitários, comparando os *corpora*, NURC 1970 e GESOL 2000, para *cê*, encontramos as seguintes variáveis relevantes: referência, paralelismo antecedente, paralelismo com reduções, frequência do verbo, tonicidade seguinte, tonicidade antecedente, dissimilação e coalescência. No NURC, tivemos os seguintes resultados para o *cê*: referência (específica 41,8%, 0,63); paralelismo antecedente (*cê* 59,1%, 0,70); paralelismo com reduções (*num/tá/tava* 59,5%, 0,72); frequência do verbo (+ freq. (acima de 3%) 47,5%, 0,60); tonicidade seguinte (mediana 58,3%, 0,72); tonicidade antecedente (pausas¹⁵ 44,2%, 0,57); presença de *se* (Sem /SE/ 36,9%, 0,50); e, por fim, coalescência (interpolação 45,6 0,60). No GESOL, encontramos o seguinte: referência (específica 57,4% 0,69); paralelismo antecedente (*cê* 73,2%, 0,82); paralelismo com reduções (*num/tá/tava* 53,2%, 0,65); frequência do verbo (+ freq. (acima de 3%) 45,8%, 0,56); tonicidade seguinte (mediana 53,1%, 0,65); tonicidade antecedente (pausas 47,3%, 0,61); presença de *se* (Sem /SE/ 40,1%, 0,52); coalescência (adjacente 40,3 0,51).

A autora assevera que, em 2000, a forma reduzida *cê* tende a ser favorecida pelos informantes mais jovens e pelas mulheres acima de 50 anos de idade; é desfavorecida entre os indivíduos de uma faixa etária intermediária (entre 35 e 45 anos); tende a ser evitada entre os mais escolarizados; e é favorecida em interações cujos informantes são familiares ou amigos. Na década de 70, Nascimento verificou uma típica mudança em progresso, mas em 2000 revela um caso de variação estável na comunidade.

Calmon (2010) estuda as variantes *você* e *cê* na fala de Vitória-ES, utilizando dois *corpora*: PORTVIX (Português falado na cidade de Vitória) e Fala Casual. Do primeiro, foram extraídas entrevistas com 24 informantes, estratificados de acordo com gênero/sexo (masculino e feminino), escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 em diante); do segundo, foram analisadas duas gravações de conversa sem o consentimento prévio dos entrevistados. A primeira gravação traz 5 pessoas, estratificadas de acordo com o gênero/sexo (homens e mulheres),

+ infinitivo” e outros casos); e (*es*)*tar* (seguido ou não de gerúndio). Foram estabelecidas seis frequências : até 1%; 1 a 2ª %; 2 a 3%; 3 a 4%; 4 a 6%; e acima de 6%. (NASCIMENTO, 2011, p. 124)

¹⁴ A variável coalescência refere-se à posição entre o pronome e o verbo. Coalescente, no caso, seria vir antes do verbo.

¹⁵ A autora considerou além da tonicidade alta, mediana e baixa, um quarto fator, pausas ou hesitações. Ela informa que, em todas as transcrições apresentadas nos exemplos, pausas são representadas por reticências. Quando se tratar de hesitações por parte do falante, utiliza-se a notação. A pausa ou hesitações ocorre quando não se aplica tonicidade.

escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (26-49 anos e mais de 49 anos). A segunda gravação foi realizada com quatro pessoas, da mesma família, de quatro gerações: um menino de sete, com ensino fundamental e três mulheres de 33, 50 e 78 anos, com ensino superior.

Foram coletados 2363 dados dos entrevistados e 2613 dos entrevistadores. Calmon expondo as ocorrências de todos os pronomes, mostra que o uso de *ocê* é muito baixo, praticamente não existe, por isso decide analisar apenas *você* e *cê*.

O uso de *você* no PORTVIX é de 74,2% entre os entrevistados e 76,0% entre os entrevistadores, enquanto o *cê* se realiza 25,8% entre os entrevistados e 24% entre os entrevistadores. Já na Fala Casual, na primeira gravação, o uso de *você* é 31,4% e o uso de *cê* é de 68,6%. Na segunda gravação, o emprego de *você* é de 63,2% e 36,8% (46/125) para *cê*.

Após rodar os dados no programa GoldVarb X, foram relevantes, no PORTVIX, a faixa etária, sendo os mais velhos (95,1%, 0,823) favorecedores do *você*, e o gênero/sexo, revelando as mulheres (511/643, 79,5%, 0,558) como favorecedoras. O gênero/sexo feminino (63,4%, 0,628) também é apontado no *corpus* Fala Casual, considerada a única variável relevante neste *corpus*. Quanto à escolaridade, no PORTVIX, os menos escolarizados (78%, 0,523) tendem ao uso do *você*. A respeito da função sintática, ainda no PORTVIX, a autora retira os fatores com nocautes, como o complemento do verbo e o sujeito precedido da preposição, e verifica que o sujeito precedido da preposição *para* favorece o uso do *você* (95,7%, 0,879). Calmon salienta que não foi encontrado o pronome *tu* em seu estudo.

Gonçalves (2008) estuda a variação *você*, *ocê* e *cê* na região de Arcos, em Minas Gerais, com base em um *corpus* formado por 40 narrativas orais espontâneas de informantes, estratificados de acordo com a procedência geográfica (rural ou urbano), sexo/gênero (feminino ou masculino), faixa etária (15-30, 31-59 e 60 anos em diante), classe social (mais privilegiada e menos privilegiada) e escolaridade (0 a 4, 5 a 11 e mais de 11 anos).

Dos 510 dados, o *você* apareceu em 22% das ocorrências; em 24% ocorreu *ocê*; e em 54% se realizou o *cê*. O autor amalgamou *ocê* e *cê*, separando a forma padrão das formas não padrão (*ocê* e *cê*). Ao rodar o programa GoldVarb 2001, foram selecionadas quatro variáveis para o uso não padrão: ambiente fonológico (a consoante foi a mais relevante, com 100%, 0,97), procedência geográfica (os falantes da área rural, com 91%, 0,72), função sintática (complemento de verbo sem preposição, com 88%, 0,58) e classe social (menos privilegiada, com 52%, 0,54). Constatou-se que, na região analisada, *você* se comporta como um pronome de poder e as formas *ocê* e *cê* como pronomes de solidariedade.

Peres (2006) faz um estudo em tempo aparente e em tempo real da fala de Belo Horizonte-MG, utilizando um *corpus* de 1982, com 16 informantes e outro de 2002, com 23 informantes, com entrevistas sociolinguísticas feitas na casa do informante e outras 24 entrevistas gravadas em uma escola, com estudantes de 8 a 15 anos. Os informantes do *corpus* de 1982 foram estratificados de acordo com sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (8-11 anos e 12-15; os do *corpus* de 2002 apresentam a seguinte estratificação: faixa etária (16-30 anos e 31-47; mais de 47 anos para os dois) e classe social (média e baixa).

Com o *corpus* de 2002, a autora faz três análises binárias com o GoldVarb 2001: *você-cê*; *ocê-você*; *ocê-cê*. Neste banco de dados, foram encontrados 1453 dados, sendo para *cê*, 72,6%; para *você*, 23,5%; e para *ocê*, 3,9%. O pronome *você* é favorecido pelos seguintes grupos de fatores, nesta ordem de importância: função sintática (objeto de preposição, 57,8%, 0,97), contiguidade (não-contíguo, 28,3%, 0,58), referência (indefinida, 31,6%, 0,63), foco (foco, 72,7%, 0,93), faixa etária (mais de 47, 37,2%, 0,64) e gênero/sexo (masculino, 29,7%, 0,57); já o *cê* é, na ordem apresentada, beneficiado pelas variáveis: função sintática (sujeito, 75,1%, 0,52), contiguidade (contíguo, 76,2%, 0,52), referência (definida, 79,8%, 0,64), foco (não-foco, 73,1%, 0,50), faixa etária (16 a 30, 78,7%, 0,66) e gênero/sexo (feminino, 78,2%, 0,57); e, para *ocê*, temos apenas a função sintática (objeto de verbo, 41,7%, 0,98) como variável favorecedora.

Ainda no *corpus* de 2002, a autora faz o que chama de teste, em que dois alunos, um menino e uma menina da mesma turma, faziam entrevistas, orientados pela pesquisadora, com os outros alunos. Nesses testes com as crianças, *você* é favorecido pelos seguintes grupos de fatores: função sintática (objeto com preposição, 84,6%, 0,96), gênero/sexo (masculino, 50,3%, 0,56) e classe social (classe média, 59,9%, 0,66); *cê* é privilegiado pelas variáveis: função sintática (sujeito, 54,4%, 0,53), gênero/sexo (feminino, 59,7%, 0,57) e classe social (classe baixa, 65,3%, 0,63); para *ocê*, apenas como função sintática (objeto com preposição, 11,5%, 0,98) foi selecionado, mas, nas entrevistas, *ocê* não é favorecido. O *você* é beneficiado, nas entrevistas com crianças, na função sintática (objeto do verbo, 66,7%, 0,97 e objeto com preposição, 83,3%, 0,97) e classe social (classe média, 33,3%, 0,66); e o *cê* é favorecido na função sintática (sujeito, 77,6%, 0,52) e pela classe social (classe baixa, 85,0%, 0,66).

No *corpus* de 1982, foram encontrados 587 dados, distribuídos em 93 ocorrências para *você* (15,9%), 39 para *ocê* (6,6%) e 455 para *cê* (77,5%). Os grupos de fatores selecionados foram: para o *você*: função sintática (objeto com preposição, 64%, 0,99), faixa etária (acima de 47 anos, 21,6%, 0,62) e classe social (classe baixa, 20,5%, 0,62); para *ocê*: função sintática

(objeto com preposição, 32%, 0,99); para *cê*: função sintática (sujeito, 81,2%, 0,54), faixa etária (16 a 30 anos, 80,0%, 0,57) e classe social (classe média, 80%, 0,58). Os dados indicam que o pronome *você* é usado em referência indefinida, enquanto o *cê* é usado em referência definida. Em contextos marcados, como objeto de verbo e de preposição, e o foco, o uso do *cê* ainda é restrito.

No confronto entre os *corpora*, de 2002 e de 1982, as formas continuam sendo usadas como sujeito e *cê* continua sendo a forma preferida. No uso de *cê* como objeto com preposição, os percentuais dobraram, indicando uma possível mudança. O uso do *cê* mostra-se condicionado à idade, quanto mais novo, maior a sua frequência de uso, indicando, dessa forma, uma possível mudança em progresso.

Coelho (1999) estuda o uso dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* na cidade de São Francisco, norte de Minas Gerais, a partir de entrevistas orais de 24 informantes, distribuídos de acordo com a procedência geográfica (zona rural e zona urbana), faixa etária (15-25 anos, 26-49 e 50 em diante), sexo/gênero (homem e mulher) e classe social (mais privilegiada e menos privilegiada).

Utilizando o programa Varbrul (versão 92), obteve os seguintes resultados: 20% para *você*, 23% para *ocê*, 56% para *cê* e 1% para *ancê*. Foi eliminado o *ancê* devido a sua baixa ocorrência. A autora informa que, com três variantes a segunda rodada não permitiu verificar a significância, ou não, dos grupos de fatores considerados como possíveis condicionadores, por limitação do programa utilizado.

Para *você*, os grupos de fatores que favorecem o seu uso são: tipo de contexto de interpretação da forma¹⁶ (indefinido, com 22%, 0,40¹⁷), ambiente fonológico precedente à forma (vogal, com 28%, 0,51), função sintática (objeto do verbo, com 57%, 0,54), tipo de frase (afirmativa, com 23%, 0,42), procedência geográfica (urbana, com 28%, 0,55), classe social (menos privilegiada, com 19%, 0,38), o sexo (feminino, com 26%, 0,49) e a idade (mediana, com 26%, 0,45).

Para *ocê*, favorecem o seu uso: tipo de contexto de interpretação da forma (definido com 26%, 0,41), ambiente fonológico anterior à forma (consoante, com 30%, 0,41), função sintática (complemento do nome, com 38%, 0,48), tipo de frase (negativa, com 20%, 0,37), a

¹⁶ Segundo a autora, essa variável refere-se às formas como o pronome *você* pode ser interpretado como fazendo referência ao locutor ou de forma indeterminada. Em outros estudos, encontramos o mesmo termo como referência genérica e referência específica, que será mais explanado no nosso capítulo de metodologia.

¹⁷ Como esta é uma análise ternária, o ponto neutro é 0,33.

procedência geográfica (rural, com 35%, 0,49), a classe social (privilegiada, com 26%, 0,38), o sexo (masculino, com 21%, 0,37) e a faixa etária (os jovens, com 30%, 0,40).

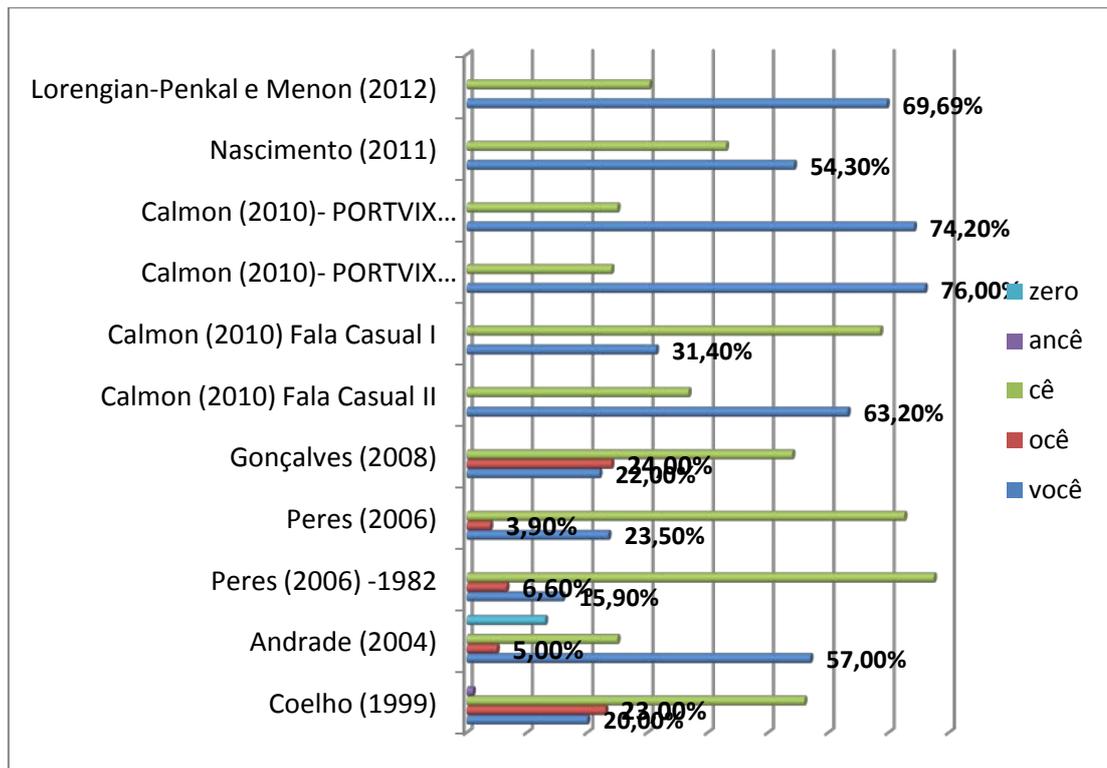
Para *cê*, os grupos de fatores favorecedores do seu uso são: tipo de contexto de interpretação da forma (indefinido, com 63%, 0,34), ambiente fonológico anterior à forma (pausa, com 75%, 0,44), função sintática (pronome sujeito, com 61%, 0,61), tipo de frase (negativa, com 73%, 0,42) a procedência geográfica (rural, com 58%, 0,34), a classe social (privilegiada, com 52%, 0,34), o sexo (masculino, com 65%, 0,43) e a faixa etária (os jovens, com 59%, 0,39) favorecem o uso do *cê*. Por fim, a autora afirma que não se pode falar em mudança em progresso, mas pode-se dizer que a variante *cê* já está implementada nessa comunidade.

c) Região Sul

Loregian-Penkal e Menon (2012) estudam o *você*, *ocê* e *cê* em Curitiba, tomando para estudo 44 informantes do banco de dados Varsul, estratificados de acordo com o sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (14-24 anos, 25 a 49, 50 em diante) e escolaridade (1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos, universitário). As autoras se utilizaram de entrevistas formais, mas também fizeram observações em situações espontâneas. Essas anotações serviram como amostra de controle para se checar a vitalidade das variantes de *vocês* em uso e a sua distribuição.

Não houve ocorrência de *ocê* na fala dos curitibanos. O *você* é o mais recorrente, com 1533 dados e *cê*, com 667. Das 11 variáveis testadas, seis foram selecionados para *você*, pelo programa GoldVarb 2001, nesta ordem: função sintática, gênero do discurso, paralelismo pronominal, contiguidade das formas, sexo/gênero e escolaridade. Quanto à função sintática, o *você* na posição de complemento sem preposição é categórico e na posição de complemento com preposição é de 93%, 0,86. Com relação ao gênero do discurso, os segmentos predominantemente argumentativos favorecem o *você* em 79%, 0,63. O paralelismo pronominal, apesar de ter sido a terceira variável selecionada, dos 23 fatores, 8 apresentaram nocautes. As autoras não mostram os pesos relativos nem os percentuais dessa variável, mas informam que os resultados demonstram que a tendência é a de os pronomes manterem o princípio geral do paralelismo. No tocante à contiguidade das formas, o não contíguo favorece o *você* 76%, 0,58. Já, quanto ao sexo/gênero, o masculino beneficia o uso do *você* 71%, 0,53. E, por fim, a escolaridade mostra que os universitários privilegiam o *você*, com 77%, 0,58. As autoras asseveram que o *cê* está em expansão.

Gráfico 6- Distribuição das formas *você* e suas variantes *ocê* e *cê* nos estudos brasileiros



Diferentemente da outra subseção, abordaremos todos os trabalhos juntos, já que são poucos os realizados e também porque se concentram na região sudeste, especificamente no estado de Minas Gerais. Tanto na região sul como na região centro-oeste só foi realizado um trabalho, Lorengian-Penkall e Menon (2012) e Andrade (2004), respectivamente. Sendo assim, preferimos juntá-las.

Os trabalhos desenvolvidos sobre *você*, *ocê* e *cê* apontam em todas as regiões que a forma padrão, que é o *você*, ainda é mais usada. No entanto, não podemos negar que a forma *cê* já entrou na fala da população brasileira. Na verdade, em algumas localidades, o seu uso é mais frequente que as outras formas, como ocorre em Belo Horizonte-MG (PERES, 2006).

Já o *ocê* é pouco recorrente e, conseqüentemente, estudado em poucas pesquisas (GONÇALVES, 2008; COELHO, 1999), devido a sua baixa quantidade de dados que interfere no momento da análise estatística com o Varbrul. A maioria dos trabalhos revela que essa variante é pouco usada, ou nem é usada, como o caso de Curitiba (LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2012).

No que diz respeito ao gênero/sexo, os homens favorecem o *você* (LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2012; PERES, 2006) e também contribuem com a forma reduzida *cê*

(ANDRADE, 2004; COELHO, 1999). Um ponto importante quanto a esta variável é o fato de as mulheres, de modo geral, preferirem o uso do *você*. Somente Peres (2006) e Loregian-Penkal e Menon (2012) revelaram que as mulheres favorecem o *cê*. Contudo, estes estudos em que as mulheres são as que mais usam o *cê* mostram que essa forma não é estigmatizada socialmente, isto é, a comunidade não a avalia como negativa.

Nos demais trabalhos, a forma padrão *você* ainda é a variante de prestígio. Essa informação é confirmada com a procedência geográfica que indica que os falantes de zona urbana preferem o *você*, enquanto os de zona rural usam mais *ocê* e *cê*. (GONÇALVES, 2008; COELHO, 1999). No entanto, a forma inovadora é preferida pelos mais jovens (COELHO, 1999; PERES, 2006), enquanto os mais velhos preferem o *você* (CALMON, 2010; PERES, 2006). Apesar disso, as pesquisas ainda não indicam que há indícios de mudança linguística, mas reforçam que a forma reduzida *cê* está em ascensão.

Dessa forma, não podemos considerar as três variantes como uma, já que, como pudemos notar, elas atuam de maneira diferente, pois não apenas se diferem quanto aos fatores sociais, mas também com relação aos fatores linguísticos. As pesquisas realizadas mostram a atuação dessas formas, de modo que constatamos a diferença entre elas e não podemos ignorá-la. Assim, mais estudos devem abordar a variação *você/ocê/cê*, visto que é pouco estudada nos trabalhos de segunda pessoa, mas que mostra relevância nos estudos sociolinguísticos.

2.2.2 ESTUDOS DE NATUREZA DIVERSA

A seguir, apresentaremos, de acordo com a ordem cronológica, estudos de natureza diversa que também se preocuparam em estudar os pronomes de 2ª pessoa. Após isso, faremos alguns comentários sobre o que observamos nestes trabalhos.

Divino (2008), em um trabalho tanto de natureza sociolinguística quanto dialetológica, investiga a variação de uso das formas *tu/você* e *senhor(a)* em Santo Antônio de Jesus, cidade do Recôncavo Baiano, com o objetivo de verificar em que proporção ocorre a alternância do uso de *tu e você* e quais são os fatores linguísticos e sociais condicionadores desta variação. O *corpus* desta pesquisa é constituído por: a) um questionário de 22 questões, aplicado a 18 informantes, estratificados em função das seguintes variáveis: gênero (feminino e masculino), faixa etária (de 15 a 35, de 36 a 55, mais de 55 anos) e nível de escolaridade (superior, fundamental, semianalfabeto); e b) 10 conversas informais, obtidas de forma secreta, envolvendo 3 a 6 participantes, sem controle dos fatores sociais já mencionados.

A autora, na sua primeira análise, obteve o seguinte resultado: *você* 58%, *tu* 16%, *senhor(a)* 26%, *vossa excelência* (1%). Analisando somente o *tu* e *você*, constatou-se que o pronome *você* é o mais usado, com 79%. A faixa etária de 15 a 35 anos é a que mais utiliza o pronome *você*, com 64%. Quanto ao sexo, as mulheres utilizam mais *tu* (56%) que os homens (44%). No que diz respeito ao grau de escolaridade, os informantes com apenas o ensino fundamental (22%) utilizam mais o *tu* (semi-escolarizado, 12% e ensino superior, 14%), enquanto os que possuem ensino superior (64%) utilizam mais o *você* (semi-escolarizado, 57%, e ensino fundamental, 50%). Como variáveis linguísticas relevantes, a autora apresenta as seguintes variáveis: indeterminação do sujeito, relação de poder, tipo de relação entre interlocutores, referenciação e monitoramento. Infelizmente, por não utilizar um programa de estatística, não informa o fator de maior influência para a ocorrência dos pronomes *tu*, *você* e *senhor*, mas enfatiza o grau de formalidade, comparando os fatores sociais. Analisando os dois *corpora*, a autora averiguou que, nas falas secretas, há o maior uso do *tu* (56%), enquanto nas gravações não secretas, ocorre o emprego maior do *você* (91%). O grau de intimidade também foi relevante, visto que a intimidade favorece o *tu* (77%), mas, nas relações de intimidade com mais respeito, usa-se o *senhor* (34%); já nas relações de não intimidade, emprega-se o *você* (31%) e o *senhor* (29%).

O estudo de Sales (2004), de base dialetológica, faz uma análise comparativa entre dados da norma culta e da norma popular. A amostra do falar culto, proveniente do banco de dados Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), é constituída por 14 informantes (todos possuem ensino superior completo e faixa etária entre 25 e 67 anos); e a amostra da falar popular, representada pelo *corpus* Dialetos Sociais Cearenses¹⁸, é composta por 10 informantes que possuem primeiro ou segundo grau incompleto, com faixa etária entre 14 e 39 anos. O fenômeno é analisado em entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID). Apesar de o trabalho contar com um total de 24 informantes, nota-se que a sua distribuição, por célula, foi feita de forma desbalanceada.

Os resultados apontam para um uso predominante de *você* (93%) frente a 7% de uso do *tu*. Além de trabalhar com as formas de tratamento *tu* e *você*, a autora trata da variação entre os pronomes nós e a gente, e do uso de alguns verbos. Sobre este trabalho, a autora conclui que há o predomínio do pronome *você*, mas que o *tu* é muito utilizado sem

¹⁸ Nos dois *corpora*, no PORCUFORT e no Dialetos Sociais Cearenses, os informantes são fortalezenses natos, filhos de pais cearenses, sendo que a maioria possui pais fortalezenses; e mantêm residência fixa em Fortaleza. (SALES, 2003, p.26)

concordância verbal. Sales ainda informa que o uso dos pronomes é mais influenciado pelos fatores sociais do que pelos fatores linguísticos.

Nesta pesquisa, as mulheres (72%- PORCUFORT e 52%- Dialetos Sociais Cearenses) utilizam mais o pronome *você* que os homens (28% e 48%, respectivamente). Além disso, a autora acrescenta que o documentador utilizou o pronome *senhor* para se referir aos informantes mais velhos e *você* para os informantes mais jovens.

Mendes (1998) desenvolve um trabalho a partir de gravações em 10 mesas redondas e os debates subsequentes, no Congresso Universitário da UFMG, em 1995. A situação é formal, pela formalidade do ambiente, pelo assunto tratado e pela plateia. Além disso, conforme a autora, a norma em estudo é a culta, já que praticamente todos os informantes têm nível superior. São aproximadamente 25 horas de gravação, com 283 ocorrências.

Não houve uma única ocorrência do pronome *tu* no *corpus*. Nenhum programa de estatística é utilizado no estudo. No total, 78,1% dos pronomes de tratamento utilizados são para *você/vocês*, 16,5% para *o(s) Senhor(es)/a(s) Senhora(s)*, 3,9% para *Vossa Excelência* e 3,9 % para formas pronominalizadas, como *o (a) professor(a)*, *o senador* e *o Reitor*. A predominância do pronome *você* aponta para uma tendência à informalidade, principalmente por se tratar de uma situação formal. O pronome *você/vocês* foi utilizado por falantes de todos os níveis de hierarquia tanto em relação a falantes de mesmo nível, quanto a falantes de nível inferior ou superior. Segundo a autora, quanto à relação entre poder/assimetria e entre intimidade/simetria, houve 19 ocorrências em que um falante se dirige a seu interlocutor e esse mesmo interlocutor se dirige ao primeiro. Em 10 dessas ocorrências, houve simetria e somente em 2 casos ficou constatada assimetria. A autora enfatiza que, embora a amostra seja pequena, houve predominância da simetria do fator intimidade. Entretanto, os casos de simetria detectados nem sempre podem ser atribuídos à intimidade. Quanto à variável sexo, foram registrados 17 falantes de sexo feminino, que usaram *você* (57,6%) e 1 vez a forma *a Senhora Secretária* (3,8%). O comportamento dos 58 homens mostra uma aplicação de 71,5% para *você/vocês* e de 71,5% e 14,8% para as formas cerimoniais. Os homens, quando se dirigiram às mulheres, usaram somente 3 vezes *a Senhora* e as mulheres, dirigindo-se aos homens, só usaram 1 vez tratamento cerimonioso. Quanto a esta variável, nota-se que homens e mulheres são igualmente informais, os homens um pouco mais que as mulheres.

Para tratar da questão da polidez e preservação de faces, Bezerra (1994, 1997), analisa sob o viés da sociolinguística interacional, a fala espontânea, gravada em 1992, de 19 crianças da Paraíba com idades entre 6 e 12 anos, de classe média, a fim de estudar a variação *tu/você*,

considerando o pronome *você*, explícito, e o pronome *tu*, explícito e implícito, na flexão verbal.

Foi observada a predominância de *tu* (194 ocorrências, 69%) sobre a forma *você* (96 ocorrências, 31%). Segundo a autora, o uso de uma ou outra variante parece estar relacionado ao tipo de ato comunicativo envolvido na interação. Os resultados confirmaram que o pronome *tu* prevalece em situações de intimidade e que o falante demonstra o desejo de preservar a face positiva do ouvinte, sua autoestima, enquanto o pronome *você* tende a ocorrer em situações de não solidariedade, quando o falante ameaça a face do ouvinte.

Com base na Sociolinguística Interacional, Soares e Leal (1993) analisam as formas de tratamento nas interações entre pais e filhos em Belém do Pará, sendo alguns professores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e outros funcionários dessa universidade na interação com seus filhos e vice-versa. Os 38 informantes, que compõem o *corpus*, foram estratificados segundo a classe socioeconômica e a faixa etária.

Os resultados indicam que o pronome mais usado pelos filhos para se dirigirem aos pais é o *tu*, seguido pelo tratamento *senhor*. Entretanto, filhos de professores têm o *tu* por preferência, enquanto os filhos de funcionários preferem *senhor*; adolescentes usam as formas *tu* e *senhor* com a mesma frequência, e crianças mostram preferência pelo *tu*. Os pais belenenses, na maior parte das ocorrências, tratam seus filhos por *tu*, considerando-se que usam mais *tu* para os filhos adolescentes que para as crianças.

Sette (1980) estudou as formas de tratamento na fala coloquial do recifense sob a perspectiva interacionista. Para a constituição da amostra, a pesquisa foi dividida em duas fases: na primeira, os informantes responderam a um questionário direcionado e, na segunda fase, foram gravadas algumas conversas espontâneas. Os informantes foram distribuídos em dois grupos: os fixos e os não-fixos. Os primeiros são os que trabalham no local de realização da pesquisa e os últimos fornecem os dados para a segunda parte da coleta de dados.

Testaram-se as seguintes variáveis: sexo, idade, profissão, nível social e grau de instrução. Analisando as respostas dadas ao questionário, Sette percebeu que, em relação às formas *tu* e *você*, a maioria dos informantes diz usar mais a forma *você* (65%); e, em segundo lugar, vêm as pessoas que dizem usar somente *você* (20%). De acordo com a análise assistemática, o *você* realmente aparece com uma certa frequência, porém a forma *tu* parece ser considerada mais íntima e familiar do que a forma *você*. No ambiente familiar, no tratamento usado com os pais, encontrou-se tanto o pronome *senhor* (87,5%) e a *senhora* (82,5%), como *você* (pai: 12,5% e mãe 17,5%). Os informantes se dividiram em três grupos: alguns afirmaram usar, exclusivamente, *tu* (2,5%); outros, somente, *você* (52,5%); e outros, *tu*

e *você* (45%) com os irmãos. No ambiente de trabalho, os informantes afirmaram empregar apenas *você* e *senhor*. Neste ambiente, a idade só é significativa na escolha de tratamento de superior para inferior, mas, quando é de inferior para superior, a preferência foi quase sempre *senhor*.

Soares (1980), em uma pesquisa de natureza interacionista, examinou as formas de tratamento no falar de Fortaleza, utilizando-se de dados provenientes de 46 entrevistas, elaboradas pela autora que solicitava, ao informante, a criação de uma história com base em 27 figuras; e de 26 conversas ocasionais, com ou sem aviso prévio de que a conversa seria gravada. Ao todo, foram ouvidos 72 informantes. O questionário foi aplicado com um número significativo de díades para motivar os informantes a usarem tanto o tratamento simétrico como o assimétrico. Os informantes foram divididos por faixa etária (até 16 anos, entre 16 e 30 e mais de 30) e grau de escolaridade (1º grau, 2º grau e 3º grau).

A autora constatou que existe em Fortaleza um sistema ternário das formas pronominais de tratamento com um uso muito variado, com *tu*, *você* e *senhor*, tanto nas relações simétricas como nas assimétricas, ocorrendo variação entre *tu* e *você* e entre *você* e o *senhor* (ou *senhora*), de acordo com o grau de intimidade. A regra de concordância do pronome *tu* com o verbo tende a não ser aplicada. Outro ponto importante foi a tendência à exclusão do pronome sujeito quando há apelativos na frase. A alternância das formas é determinada por fatores como situação discursiva, papel social dos interlocutores, faixa etária e grau de intimidade entre os interlocutores. Sobre a variação *tu/você*, destacou-se que o uso do *tu* é mais generalizado, o pronome *você* é preferido em situações formais e a flexão canônica com o pronome *tu* é variável, sendo motivada por fatores como escolaridade, monitoramento da fala e formalidade.

Nota-se, através dos trabalhos apresentados, que o grau de intimidade e a situação de comunicação favorecem os pronomes de segunda pessoa. Constata-se que, quanto maior o grau de intimidade, maiores são as chances do pronome *tu* aparecer. No entanto, se a diferença de idade for grande, por uma questão de respeito, aparece, com mais frequência, o uso do *senhor*, como no trabalho de Sette (1980), reforçado por Divino (2008). Outro grupo de fator importante é o monitoramento, pois constatamos que quanto maior o monitoramento, maior é a possibilidade de aparecer a forma *você*. Podemos dizer que a forma de menor prestígio é o *tu*, que ocorre quando há pouco ou nenhum monitoramento e quando os falantes estão em uma situação de comunicação mais íntima ou familiar.

3 TEORIA DA POLIDEZ

Na sociedade em que vivemos, temos cuidado com nossas escolhas linguísticas ao falar, porque o nosso interlocutor é muito importante e as palavras, assim como o tom de voz, são relevantes, para que possamos nos fazer entendidos. Dependendo de nossas escolhas, poderemos ser mais ou menos polidos.

Leech (2007) resgatando alguns conceitos e críticas, propõe dois tipos de polidez, a relativa e a absoluta. A primeira, também chamada de polidez adequada à situação, refere-se a um contexto ou situação e indica certos atos linguísticos como intrinsecamente polidos. Dessa forma, segue normas de uma determinada sociedade, para um determinado grupo ou para determinada situação. Já a polidez absoluta seriam os atos linguísticos que, em qualquer escala, seriam polidos, independente do contexto. O autor ilustra isso mostrando que “muito obrigado” é mais educado que somente “obrigado”, porque intensifica uma expressão de gratidão, ao invés de expressar gratidão de uma maneira mínima. Esta escala é unidirecional e registra graus de polidez em termos de forma lexicogramatical e de interpretação semântica de enunciado.

Para Leech, a polidez está associada ao que é favorável ou desfavorável ao ouvinte, com escalas entre extremos positivo e negativo. “A polidez é essencialmente assimétrica, de modo que ser mais-polido para o falante é ser menos polido para o ouvinte [...] Havendo maior custo para o ouvinte, a proposição é menos polida; havendo maior benefício, é mais polida” (BEZERRA, 1994, 99). Leech (1983 *apud* Bezerra, 1994) ainda explica que o grau de polidez é definido pela força ilocucionária e sugere quatro funções principais dos atos ilocucionários a saber:

- a) Os atos competitivos- cujo objetivo ilocucionário compete com o objeto social, ex: ordem;
- b) Os atos de convivência- se objetivo ilocucionário coincide com o social, ex: cumprimento;
- c) Os atos colaborativos – que em objetivo ilocucionário indiferente ao social, ex: afirmação;
- d) Os atos conflitivos – seu objetivo ilocucionário se opõe ao social, ex: ameaça. (BEZERRA, 1994, p.100)

No que concerne à polidez, dentre as teorias que tentam conceituá-la, a mais conhecida e de maior prestígio é a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987). Nela, é proposto um modelo de interação baseado na noção de face, desenvolvida a partir da proposta de Goffmann (1980 [1967]). O termo “face” seria o “valor positivo que uma pessoa reclama para si através daquilo que os outros presumem ser o alinhamento por ela adotado durante um

contato específico [...] uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”. (GOFFMANN, 1980 [1967], p.77, grifo do autor)

De acordo com Goffmann, todo indivíduo vive em um mundo de encontros sociais, que promovem contatos com outros participantes. Ao se expressar, o indivíduo será avaliado pelo participante como e por ele mesmo. Levando em conta isso, Brown e Levinson entendem a polidez como um conjunto de estratégias discursivas destinadas a evitar ou amenizar o conflito.

Dessa forma, a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), leva em consideração duas propriedades básicas que podem explicar o comportamento dos participantes na interação verbal: racionalidade e a imagem pública. O primeiro considera que cada indivíduo tem um modo de raciocinar que pode ser definido de modo preciso e que o conduz aos meios necessários para chegar aos fins que deseja alcançar. No caso da segunda propriedade, defende-se que cada indivíduo constrói uma imagem para si próprio, buscando manter o prestígio no meio social em que vive.

A imagem pública possui duas vertentes: a face positiva e a face negativa. A primeira consiste na personalidade (imagem) desejada pelos interactantes, ou seja, a maneira como os indivíduos desejam ser vistos pela sociedade, isto é, a necessidade de sermos aceitos, aprovados e pertencermos a um grupo. A face negativa, por outro lado, está relacionada ao território, ao direito de sofrer perturbação, à preservação pessoal, ou seja, o desejo de todo indivíduo em ser livre, de agir sem impedimentos. Assim, enquanto a face negativa enfatiza a distância e o poder, a face positiva enfatiza a aproximação e a solidariedade.

Considerando que a imagem pública é constantemente ameaçada pelos atos linguísticos, três fatores sociais podem estabelecer o nível de polidez, e, dessa forma, a situação pode ser mais ou menos polida. Seriam eles: o poder relativo do ouvinte sob o falante e vice-versa, o *status*; a distância social entre os dois, que diz respeito ao conhecimento mútuo; e o grau de imposição do próprio ato comunicativo, que envolve tudo sobre esse ato, considerando não só os interactantes e sua posição, mas também o meio onde ocorre o ato comunicativo.

A dicotomia, *poder e solidariedade*, de Brown e Gilman (1960), é de suma importância para entendermos ainda mais as interações sociais, principalmente no que concerne ao uso das formas de tratamento. Em seu trabalho intitulado *The Pronouns of Power e Solidarity*, os autores abordam a presença dessa dicotomia nos pronomes de segunda pessoa em várias línguas. Denominam como símbolos, que também adotaremos a seguir, *T* e *V* (do

Latim *tu* e *vos*) para designar, respectivamente, algo mais familiar, próximo; e o outro, um pronome mais polido.

Em sua pesquisa, Brown e Gilman (1960) informam que no Latim antigo usava-se somente o *tu*. A forma *vos* foi usada pela primeira vez, sendo dirigida a um imperador, mas há várias teorias sobre como realmente ocorreu. Foi somente no século IV que o uso no plural ocorreu efetivamente. No Latim, o plural ainda era usado somente para o imperador ou figuras importantes. No entanto, línguas derivadas do Latim, como Português, Francês, Espanhol e Italiano possuem a variação *T/V*.

A flutuação do *T/V* pode-se dar, segundo Brown e Gilman (1960), devido à dicotomia poder e solidariedade. Os autores chamam de poder a relação entre pessoas de forma não-recíproca, ou seja, um exerce poder sobre o outro. Assim, o superior fala *T*, mas recebe *V*. Vale salientar que as formas de poder podem variar: a forma física, a idade, o sexo, a função institucionalizada na igreja, no estado, no exército ou na família.

Outro ponto importante é que as formas para a relação de poder não são homogêneas nas várias línguas. Elas podem variar não só com a língua, mas também com o tempo em que era usada. Brown e Gilman (1960) ilustram isso, mencionando que, na Europa Medieval, era comumente usado *T*, mas as pessoas recebiam *V*. Na Itália, no século V, os penitentes falavam *V* com os padres, mas recebiam *T*.

Assim, observa-se que o uso *T/V* dependia do uso de cada língua, mas que essa distinção foi *T* para intimidade e *V* formalidade foi dada com o tempo.

Por muitos séculos, no francês, inglês, italiano, espanhol e alemão, o uso do pronome *T-V* era usado em relação não-recíproca entre pessoas de poder desigual e do Estado de mútuo (de acordo com a associação de classe social), entre pessoas de poder mais ou menos equivalente. Não foi a primeira regra de diferenciação entre iguais, mas, gradualmente, uma distinção desenvolvida que às vezes é chamado de *T* de intimidade e de *V* de formalidade. (BROWN, GILMAN, 1960, p.257)¹⁹

A segunda dimensão trata-se da semântica da solidariedade, que se refere a uma relação interpessoal solidária, ou seja, os dois indivíduos possuem certo grau de intimidade. Segundo Brown e Gilman, em geral, o uso do *V* está relacionado a pessoas com pouca intimidade, distantes. No entanto, vale salientar que isso não significa que haja diferença de poder. “A regra para fazer o uso distintivo *T/V* pode ser feita generalizando a permanência de

¹⁹For many centuries French, English, Italian, Spanish, and German pronoun usage followed the rule of nonreciprocal T-V between persons of unequal power and the rule of mutual V or T (according to social-class membership) between persons of roughly equivalent power. There was at first no rule differentiating address among equals but, very gradually, a distinction developed which is sometimes called the T of intimacy and the V of formality. (BROWN; GILMAN, 1960, p.257) (tradução minha)

poder. Diferentes tipos de poder causam *V* para uma direção; diferentes pessoas não envolvidas causam *V* e podem surgir de ambas as direções.²⁰ (BROWN; GILMAN, 1960, p.257)

Assim, se há diferença de poder, o superior empregaria *T*, mas receberia *V*, entretanto, independentemente de poder, mas se não há intimidade suficiente, ambos usam e recebem *V*. Isso porque o *V* se torna mais provável, mesmo em relações simétricas, mas que a solidariedade diminui.

A pergunta que fica é: Como é determinada a solidariedade para o uso *T*? Bem, o que se observa é que não são atributos físicos, mas sim os valores. De acordo com Brown e Gilman, o uso do *T* pode ser produzido devido à frequência de contato, bem como por semelhanças objetivas. “No entanto, o contato frequente não conduz necessariamente à solidariedade. Na verdade, o resultado do contato, caso os participantes pensem de forma similar, é que pode ocorrer a semântica da solidariedade.”²¹ (BROWN; GILMAN, 1960, p.257) Dessa forma, não é somente a frequência do uso dos pronomes que trará a solidariedade, mas sim as semelhanças entre os dois indivíduos.

T deriva a sua definição comum como o pronome de qualquer condescendência ou intimidade e *V* sua definição como o pronome de reverência ou formalidade. Essas definições ainda estão em curso, mas o seu uso tem ido além disso.²² (BROWN; GILMAN, 1960, p.258, grifos dos autores)

Brown e Gilman (1960) definem o *poder* e a *solidariedade* como duas dimensões importantes para os estudos dos pronomes de segunda pessoa. Enquanto o *poder* refere-se à relação assimétrica, em que um exerce poder sobre o outro; a *solidariedade* está relacionada à questão de intimidade, de aproximação entre os falantes. Segundo os autores, a segunda dimensão vem aumentando, aparecendo cada vez mais nas relações solidárias.

Em sua pesquisa sobre *T/V* nos falares de diversos estudantes estrangeiros que residiam em Boston, Brown e Gilman (1960) realizam vários estudos. Em um destes, eles elaboram um questionário em inglês com perguntas sobre como é o tratamento dentro de casa,

²⁰A rule for making distinctive use of *T* and *V* among equals can be formulated by generalizing the power semantic. Differences of power cause *V* to emerge in one direction of address; differences not concerned with power cause *V* to emerge in both directions. (BROWN; GILMAN, 1960, p.257) (tradução nossa)

²¹However, frequent contact does not necessarily lead to the mutual. It depend on whether contact results in the discovery or creation of the like-mindedness that seems to be the core of the solidarity semantic. (BROWN; GILMAN, 1960, p.257) (tradução nossa)

²²*T* derives its common definition as the pronoun of either condescension or intimacy and *v* its definition as the pronoun of reverence or formality. These definitions are still current but usage has, in these definitions are still current but usage has, in fact, gone somewhat beyond them. (BROWN; GILMAN, 1960, p.258) (tradução nossa)

com os familiares, entre colegas, funcionários de locais que eles frequentam no seu país de origem. As perguntas poderiam ser respondidas das seguintes formas: *T* definitivamente; *T* provavelmente; Possivelmente *T* e *V*, provavelmente *V*, definitivamente *V*. Essas perguntas foram respondidas por alunos estrangeiros (França, Itália e Alemanha) das universidades de Havard, Boston University, MIT, e Office of the French Consul em New England, que residiam em Boston em 1957. Foram, ao todo, 81 informantes do gênero masculino, 50 franceses, 20 alemães e 11 italianos.

Nessa pesquisa, os resultados não foram homogêneos, já que, para cada país, houve uma conclusão diferente. Houve um contraste entre alemães e franceses, pois, enquanto os alemães optam pelo *T* mais nas situações familiares, ou seja, no relacionamento entre os parentes, os franceses preferem usar *T* em relações entre amigos, em situações de camaradagem. Ponto importante é no que concerne aos italianos, visto que são os que mais usam *T*. Vale salientar que o uso de *T* pelos homens italianos estende-se às mulheres italianas, diferentemente dos alemães e franceses que restringem o *T* aos homens.

Em alguns trabalhos recentes, a alternância dos pronomes *você* e *tu* é estudada não só à luz da Teoria Variacionista, mas também se embasa na Teoria da Polidez. Dentre eles, encontramos as pesquisas de Santos (2012), Lopes *et al* (2009), Modesto (2006), Lucca (2005). Em trabalhos que observam a variação *você*, *ocê* e *cê*, também foi encontrado a Teoria da Variação com a Teoria da Polidez na tentativa de explicar o fenômeno, como o de Gonçalves (2008).

Já Bezerra (1994, 1997), em pesquisa não muito recente, como vimos na subseção anterior, também analisa, à luz da teoria da polidez, o uso dos pronomes *tu* e *você* na fala de crianças da Paraíba. Neste estudo, foram feitas gravações em 1992 no condomínio onde as crianças moravam. Os informantes, no total de 19, tinham entre 6 a 12 anos, pertenciam à classe média e eram filhas de profissionais de nível universitário. Baseado nos pressupostos teóricos de Brown e Levinson (1987), constatou-se que os pronomes *tu/você* estão presentes nas conversas entre familiares, mas que essas formas parecem indicar regras para seu uso.

Em situações de intimidade, em que há interesse mútuo entre falante e ouvinte, há o predomínio do *tu*; já nas situações de não-solidariedade, em que o falante ameaça a face do ouvinte, predomina o uso do *você*. A alternância dos pronomes surge em atos competitivos (ordem, pergunta...) e os conflitivos (insulto, ameaça, entre outros). Em sua pesquisa, Bezerra constatou que as crianças em sua aquisição de regras de polidez estão aprendendo a substituir atos conflitivos, sem atenuação, por outros em que o grau de polidez varia.

Consideramos, portanto, que a Teoria da Polidez é um importante recurso para explicar a alternância dos pronomes em estudo. Dessa forma, utilizamo-nos em nosso trabalho desta teoria.

4 A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Os estudos sobre a língua iniciam-se com a Tradição Gramatical, que tem como objeto a norma prescritiva e que a língua correta era a escrita por grandes escritores e estudiosos. Isso ainda vigorou por muito tempo, mas, em meados do século XX, a chamada Linguística Moderna rompe com a Tradição Gramatical, ao propor que qualquer variedade da língua possa ser objeto de estudo, sem que uma seja mais importante que outra para a Linguística.

Em sua orientação inicial, chamada de estruturalista, os estudiosos da Linguística Moderna não se preocuparam com a variação, mudança e norma, tendo seu foco no sistema, na estrutura abstrata que permitiria que as línguas funcionassem. Dentre esses linguistas, encontramos Ferdinand de Saussure que hoje é considerado o pai da Linguística Moderna.

Saussure estabelece a dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*), mas prefere estudar a língua por considerá-la um objeto homogêneo, oferecendo, assim, vantagens para o seu estudo. Ele separa a língua da fala e, dessa forma, para ele, é como se separasse o social do individual; o essencial do que é acessório. Então, a língua, o objeto de estudo de Saussure, “não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação” (SAUSSURE, 2006 [1916], p.22). Já a fala (*parole*) é a parte psíquica e não entra nos estudos, “o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21).

Segundo Saussure (2006 [1916]), a língua é um contrato coletivo, pois

Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila. A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve. (SAUSSURE, 2006 [1916], p.22).

Para Labov (2008 [1972]), Saussure, apesar de reconhecer que a língua tem um lado social, não se propõe estudar a *parole*, por acreditar que não se pode descrever, nem explicar a sua heterogeneidade. Esse fato pode ser o motivo pelo qual muitos linguistas que trabalham dentro da tradição saussureana não levam em consideração os fatores sociais, de modo a

acreditarem que eles não possam interferir em fatos linguísticos. Para eles, as explicações dos fatos linguísticos devem estar associadas a fatores internos da língua.

Meillet opõe-se à escolha feita pelo mestre genebrino, focalizando o estudo do sistema desvinculado da sociedade, e também se opõe à dicotomia “sincronia e diacronia”, pois, na sua ótica, a estrutura só pode ser explicada a partir da história e da diacronia. “Ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva da realidade” (CALVET, 2002, p.14).

De acordo com Calvet (2002, p.16), a insistência de Meillet em defender que a língua é, ao mesmo tempo, um “fato social” e um “sistema que tudo contém” faz dele um precursor, de alguma forma, do que hoje é conhecido como Sociolinguística. Como, para Meillet, a língua é um fato social e, dessa forma, a linguística seria uma ciência social, é que somente a mudança social é que pode dar conta da variação linguística.

Em 1964, vários pesquisadores se juntam para uma conferência em Los Angeles, por iniciativa de Bright. Ao promover esse evento, este estudioso dá início ao nascimento da Sociolinguística. O autor considera que uma das maiores dificuldades da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não ocorre de forma aleatória, mas que é intrínseca às diferenças sociais sistemáticas. No entanto, “Bright só pode conceber a sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatos de língua, que vem complementar a linguística ou a sociologia e a antropologia”. (CALVET, 2002, p.31). O autor propõe uma lista de dimensões²³ da sociolinguística que permitiriam informar quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística.

No início da década de 60, Labov analisa um fenômeno de mudança linguística, os ditongos /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard. Este trabalho é considerado um marco na sociolinguística, visto que os estudos nessa área puderam contar com uma série de procedimentos que Labov desenvolveu para pesquisar esse fenômeno, o que deu origem à Teoria Variacionista.

Em 1966, Labov (2008 [1972]) decide estudar as variedades do inglês não-padrão, particularmente de porto-riquenhos e negros da cidade de Nova Iorque. De forma contundente, desmistifica a lógica que atribuía à “privação e pobreza linguística” às dificuldades de aprendizagem das classes trabalhadoras e minorias étnicas socialmente

²³ Calvet apresenta quatro dimensões propostas por Bright, que seriam: a oposição sincronia/diacronia; os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos; a extensão da diversidade, com tríplex classificação: diferenças multidialetal, multilingual ou multissocial as aplicações da sociolinguística, com mais uma classificação em três partes: a sociolinguística como diagnóstico de estruturas sociais, como estudo do fator sócio-histórico e como auxílio ao planejamento. (CALVET, 2002, p.30).

desfavorecidas. O autor rejeita completamente o conceito de deficiência linguística, que considera um mito sem nenhuma base na realidade social.

Em seu trabalho sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos em Nova Iorque, Labov (2008 [1972]) observou a fala dos vendedores de três lojas (Saks, Macy's e S. Kein), que possuem público alvo bem distinto: a Saks apresenta um público de classe alta; a Macy's, da classe média; e a S. Kein, da classe trabalhadora. Sua hipótese é a de que a fala dos vendedores iriam variar de acordo com o *status* da loja. O autor diz que o principal efeito estratificador sobre os empregados é o prestígio da loja, junto com as condições de trabalho.

Assim, nessa pesquisa, Labov pôde perceber que aqueles que trabalham na loja de maior prestígio possuem maior segurança linguística que os das outras lojas. Outro ponto é que, segundo Labov, os pesquisadores fazem observações objetivas de aspectos da estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala. Essas observações poderão trazer dados mais seguros e precisos sobre os padrões linguísticos. No caso dessas lojas, na Macy's, que tem o público de classe média, seus funcionários são os melhores remunerados e possuem melhores condições trabalhistas. No entanto, os vendedores preferem trabalhar na Saks, pois é a de maior prestígio e seus funcionários sentem-se compartilhando esse prestígio. Desconsiderar o contexto no qual o fenômeno está inserido, muitas vezes, pode causar resultados enviesados. É o que constatamos, ao lermos “que testes rápidos e anônimos deste tipo não podem ser interpretados plenamente sem o conhecimento detalhado da história dialetal da área e sem um estudo mais sistemático da distribuição das variáveis linguísticas e normas subjetivas”. (LABOV, 2008[1972], p. 89)

Em um trabalho com crianças negras do gueto de Harlem, Labov (1967) mostrou que elas dispunham de um vocabulário básico exatamente igual ao de qualquer outra criança e dominavam dialetos ou variedades linguísticas que são sistemas linguísticos perfeitamente estruturados, possuindo a mesma capacidade para a aprendizagem conceitual e para o pensamento lógico que qualquer outra criança. Porém, o déficit de aprendizagem de leitura dessas crianças estava relacionado “à depreciação simbólica do inglês vernáculo afro-americano, que era parte de um racismo institucionalizado em nossa sociedade e determinava o fiasco educacional àqueles que a usavam (LABOV, s/d)²⁴”.

²⁴ “[...] was the symbolic devaluation of African American Vernacular English that was a part of the institutionalized racism of our society, and predicted educational failure for those who used it”. (tradução nossa)

Labov (1967) afirma que, para avaliar a verdadeira capacidade verbal da criança, é necessário estudá-la no contexto cultural em que tal capacidade se desenvolve e em situações naturais e distensas. Assim, ele usa várias técnicas que deixam os falantes à vontade, transformando entrevista em conversa informal, onde o falante esquece até que está sendo gravado. Com isso, fica claro que, para este autor, o fracasso escolar não tem a causa na criança e na sua capacidade linguística, e sim na inadequação e na incapacidade da escola de incorporar o dialeto não-padrão em sua realidade pedagógica. A partir de suas pesquisas é que nasce a sociolinguística variacionista, com objetivo de lutar por uma concepção social da língua.

Para Labov (2008 [1972]), o estudo da língua se baseia no entendimento de que ela é um conjunto estruturado de normas sociais e que “é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008 [1972], p.215).

As pesquisas desenvolvidas nessa área se tornam inovadoras não apenas por reconhecer a variação, como bem colocam Paiva e Duarte (2006, p.133), mas por sistematizá-la. As autoras enfatizam que os estudos sobre a heterogeneidade da língua antecedem Weinreich, Labov e Herzog, mas que eles inovaram ao tentar sistematizar, “ordenar” a fala. Agora, cabe ao linguista não apenas informar a variação, mas descrever e explicá-la.

Segundo Lucchesi e Araújo (s/d), o objetivo da sociolinguística é “estudar os padrões de comportamento linguístico dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis”. Dessa forma, mesmo havendo uma heterogeneidade, a variação não é o resultado do uso arbitrário ou aleatório dos falantes.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), apesar de a maioria dos linguistas concordarem com o fato de que “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.87), ainda continuam com a concepção simplista do idioleto homogêneo.

“Não ofereceram nenhum meio efetivo para constituir uma comunidade de fala a partir de vários desses idioletos, nem sequer para representar o comportamento de um único falante com diversos idioletos à sua disposição. Tampouco ofereceram um método efetivo para constituir uma única língua a partir de estágios homogêneos cronologicamente discrepantes” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.87).

Labov (2008 [1972]) informa também que não podemos desconsiderar apenas as pressões estruturais, pois, com esta restrição, pode ser muito difícil explicar qualquer mudança. “Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo vazio. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação” (LABOV, 2008 [1972], p. 20). Assim, para qualquer mudança existe um porquê e por isso deve ser investigada.

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), existem alguns problemas para os quais uma teoria da mudança deve fornecer respostas. Seriam eles: *fatores condicionantes* (mudanças e condicionamentos possíveis); *transição*, que são os estágios intervenientes entre dois estados da língua, que segue em um *continuum*; *encaixamento*, que é o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social; *avaliação* que são os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua; e *implementação* que são as razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época.

O problema dos *fatores condicionantes* está relacionado à determinação do conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Os autores Weinreich, Labov e Herzog observam que nem toda combinação de fatores linguísticos e sociais estão contemplados nos estudos, visto que a seleção das variáveis quem faz é o pesquisador.

Na questão da *transição*, é importante destacar que exigirá a determinação do valor de uma variável linguística. A mudança ocorrerá de forma lenta, mas gradual, e pode ser perceptível através da faixa etária. Pode ocorrer “à medida que o falante aprende uma forma alternativa, durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e quando uma das formas se torna obsoleta” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.122).

Sobre o *encaixamento*, Weinreich, Labov e Herzog atestam que haverá pouca discordância entre os linguistas de que as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. Na estrutura linguística, raramente ocorre uma mudança de um sistema inteiro por outro. Entretanto, “um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.123). Na estrutura social, assim como o próprio sistema não é homogêneo, os fatores sociais não influenciam de forma igual a existência de um fenômeno, e pode haver pouca correlação nos estágios iniciais e finais de uma mudança.

A *avaliação* é a dimensão em que percebemos melhor a mudança, visto que está no nível consciente do falante. Pode adquirir *status* de prestígio ou ser estigmatizada. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.120), o nível de consciência social é importante para a mudança linguística e que nela, quando uma variável linguística adquire importância social, os falantes substituem a norma de prestígio pelo vernáculo básico como “controle no audiomonitoramento”, ou seja, monitoramento da fala pelo próprio falante.

No entanto, de acordo com Labov (2008 [1972]), nem sempre a mudança linguística ocorre através daquele grupo de maior *status*. Quando isso ocorre, o grupo de prestígio estigmatiza a forma resultante de mudança, por meio do domínio que eles possuem das várias instituições da rede de comunicação. E, em outros casos, sob extrema estigmatização, uma forma se torna assunto de comentário social explícito, podendo desaparecer. Trata-se então de um estereótipo, que pode se distanciar cada vez mais das formas que são realmente usadas na fala. Sobre estereótipos, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.119), assim, se posicionaram:

[Os] ‘estereótipos’ linguísticos não estão relacionados ao comportamento linguístico de modo um-a-um; eles estão agudamente concentrados em itens lexicais individuais mais do que em categorias abstratas. A correção nos estilos formais associada a tais estereótipos é extrema mas bizarra em sua distribuição, e é acompanhada por uma considerável tensão psicológica na maioria dos falantes: os resultados são o conjunto assistemático e instável de contrastes característicos da linguagem formal.

A *implementação* ocorre quando a mudança linguística já está encaixada e generalizada em outros elementos do sistema. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125), a “completação (sic) da mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía”.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125-126) apresentam sete assertivas gerais sobre a natureza da mudança linguística que podem ser consideradas como centrais, sumariadas a seguir:

1. A mudança linguística não pode ser considerada como aleatória, ela “começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.125)

2. Não se deve associar estrutura com homogeneidade. “A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante ativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.125)
3. Nem toda variação e heterogeneidade implica mudança, mas toda mudança implica variação e heterogeneidade.
4. A mudança linguística não ocorre de forma súbita nem homogênea; "ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico". (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.126)
5. A mudança linguística ocorre nas gramáticas da comunidade de fala. “Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.126)
6. A mudança linguística ocorre dentro da comunidade como um todo e não apenas em determinados participantes.
7. Tanto os fatores linguísticos como os sociais são importantes para o desenvolvimento da mudança linguística.

Considerando essas assertivas, podemos dizer que a mudança linguística é ordenada, mas não homogênea. Apesar de heterogênea, não ocorre apenas com alguns membros da comunidade, na verdade, ocorre como um todo. Também não ocorre de repente, e sim de forma gradual. De acordo com Paiva e Duarte (2006), as variantes velhas e novas rivalizam num momento de tempo e essa alternância pode ser significativa, visto que pode representar uma transição para outro estado de língua. Enquanto há a transição, ela pode ser percebida, geralmente, no controle social da variação, na sua distribuição pelos diferentes estratos sociais da população analisada.

A mudança linguística está ligada à comunidade de fala, por isso é importante defini-la. Vale salientar que a comunidade de fala não é entendida como um conjunto de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que os diferencia de outros grupos. Sobre comunidade linguística, Alkmim se posiciona assim:

[...] um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que

falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIM, 2008, p. 31, grifo do autor).

Segundo Guy (2000), a comunidade de fala é a unidade social, que tem duas funções na teoria sociolinguística. Uma delas é fornecer dados, “explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes” (GUY, 2000, p.18). A outra função seria fornecer “uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas)” (GUY, 2000, p.18).

Guy (2000) afirma que, apesar das diferenças encontradas na literatura sociolinguística, podemos apresentar algumas características à comunidade de fala que são comuns a todas as definições. São elas, nas palavras do autor:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas. (GUY, 2000, p.18)

Wardhaugh (2002) trabalha com a noção de que um falante pode pertencer a diversas comunidades de fala, visto que é um processo identificatório, explicando assim o porquê dela ser considerada fluida e dinâmica.

Já, segundo Labov (2008 [1972]), para conceituar língua deve-se levar em conta o contexto social, uma vez que ela tem função comunicativa. Assim, a língua não pode ser analisada desvinculada do contexto social de uma comunidade de fala. Para Labov (2008 [1972, p.150]):

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Relacionando língua e comunidade de fala, Labov (2008 [1972]) postula que há fronteiras que delimitam o indivíduo a participar de uma comunidade e não de outra. Essas fronteiras podem ocorrer de forma consciente ou inconsciente. Para Severo (2008, p.7), “o nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável está associado à classificação dos elementos variantes da língua face à avaliação social a que estão sujeitos”. No nível consciente, os falantes compartilham atitudes e valores semelhantes em relação à língua.

Tal classificação engloba os seguintes tipos, conforme Labov (2008 [1972]) apresenta: indicadores, marcadores e estereótipos. Os *indicadores* são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas sem apresentar nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa, como no caso da variação da pretônica de R[e]cife ou R[i]cife. Quanto aos *marcadores*, eles possuem tanto estratificação estilística quanto estratificação social. Apesar de estarem abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva, como, por exemplo, o uso das formas de tratamento, tanto pronominal como nominal. Já os *estereótipos* são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade, como a síncope das proparoxítonas (ônibus ~ [‘ôjbus]).

O uso das formas de tratamento de segunda pessoa, *tu*, *você*, *cê* e *o(a) senhor(a)*, *macho*, *mulher*, *rapaz*, *meu amigo*, *cara* e *minha filha*, nessa pesquisa, como já foi dito acima, representa um exemplo de marcador linguístico, já que eles permanecem abaixo do nível de consciência, correlacionando-se às estratificações sociais e estilísticas e podendo ser diagnosticados em testes subjetivos. No entanto, o uso dos pronomes, apesar de ser correlacionado a estratificações sociais e estilísticas, não é marcado pelos falantes.

Um ponto importante de salientar, é que, para os sociolinguistas, a coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e a concorrência (quando duas formas concorrem, ou seja, só pode ser usada uma forma) existem nas comunidades de fala. Um exemplo disso seria se, em caso de maior intimidade e interação, os falantes usassem mais *tu/você* e, em casos mais formais, com pouca intimidade, usassem *senhor*. O primeiro caso seria de coocorrência e o segundo seria de concorrência. Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista também é chamada de *Teoria da Variação*.

A *Teoria da Variação* considera a língua em seu contexto sociocultural. Não só os fatores linguísticos, mas os fatores sociais são importantes. Também não basta apenas mostrar a existência ou a importância da variação, é “necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da

estrutura linguística”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.107) Os autores também enfatizam a necessidade de haver um controle dos fatores, para que haja uma melhor precisão do fenômeno. Caso contrário, poderá apresentar um resultado duvidoso, impreciso.

Em toda comunidade de fala, haverá fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso da língua. Labov (2008[1968]), em seu estudo realizado na cidade de Nova Iorque, observa o uso do (r) e investiga quais condicionadores são significativos para a ocorrência do (r) casual e do (r) enfático.

De acordo com Tarallo (2007, p.8), as variantes linguísticas seriam “as formas alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. No caso, cada forma de se usar o *r* seria uma variante. Já as variáveis seriam o conjunto dessas variantes.

As variáveis podem ser categorizadas também como: dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que desejamos estudar, no caso a variação das formas de tratamento *tu, você, cê, o(a) senhor(a), macho, mulher, rapaz, meu amigo, minha filha e cara*. Já as variáveis independentes são aquelas que condicionam a variável dependente e se classificam em variáveis linguísticas ou sociais. O paralelismo formal seria um exemplo de variável linguística, enquanto o sexo/gênero seria um fator social.

Labov (2008[1968]) aponta que essas variáveis ou grupos de fatores são definidas por métodos quantitativos que permitem um estudo mais detalhado da mudança linguística, e, principalmente, que as formas selecionadas não terão o mesmo peso, existirá o favorecimento de uma perante outra.

Labov propõe duas formas de estudar os fenômenos linguísticos: pela mudança em tempo aparente e em tempo real. No estudo em tempo aparente, observa-se a fala do grupo mais jovem, a fim de perceber se esse usa a variante inovadora, o que pode indicar uma mudança em progresso. O estudo em tempo real é feito através da observação do comportamento de uma variável em duas épocas distintas.

A proposta de Labov [...] parte do pressuposto de que é possível captar mudanças através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias, análise essa que se convencionou chamar de mudança em tempo aparente. As formas das curvas de distribuição dariam a indicação de uma variação estável ou de uma mudança em curso e, nesse caso, implementação ou perda de um processo. Essa distribuição, no entanto, por faixas etárias, pode ser apenas aparente e não representar mudanças na comunidade, vindo a constituir um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração. (LEITE; CALLOU; MORAES, 2003, p.88)

Turell (2003) enfatiza que, quando há indícios de mudança linguística, isso não significa que necessariamente ela ocorrerá. Isso pode, simplesmente, representar uma característica padrão de uma faixa etária.

A maneira mais simples de estudar a mudança linguística é estudá-la em *tempo aparente*, baseado na análise da distribuição das variáveis linguísticas em diferentes faixas etárias. Esta distribuição entre os grupos etários não deve ser confundida com o comportamento linguístico regular de idade, que é repetido em cada geração, que tem a ver com diferenças decorrentes de o desenvolvimento da linguagem encontrada em todos os indivíduos. (TURELL, 2003, p.7)²⁵

Tendo em vista o cuidado que se deve ter sobre mudança linguística, Labov (1968) aponta como solução que o estudo em tempo aparente forneça subsídios para uma observação mais apurada do fenômeno para um estudo em tempo real, ou seja, observar a comunidade de fala em duas épocas distintas.

Tendo como base essa distinção entre tempo aparente e tempo real, nosso trabalho se configura um estudo de tempo aparente, porque observamos se os jovens utilizavam uma variante diferente da dos mais velhos. Quando isso ocorre, podemos dizer que há indícios de uma mudança em progresso.

Tendo visto o que já foi dito, estudar a língua falada não é uma tarefa fácil. Ela varia com uma frequência muito maior que a língua escrita, causando a impressão de que estamos tentando estudar e sistematizar o caos. Essa impressão não confunde o sociolinguista que analisa, descreve e sistematiza a língua falada, usada por uma comunidade de fala, que é heterogênea, mas organizada, e por isso pode ser estudada.

No Brasil, por exemplo, onde existe uma grande extensão territorial, a variação diatópica é muito presente, pois, com facilidade, notamos que cada localidade possui um modo de falar e de se expressar diferente de outras localidades. Sobre a alternância do *tu* e *você*, por exemplo, na região Sul, os falantes optam pelo uso do *tu*, com exceção de Curitiba. Já no restante do país, encontramos algumas localidades em que há uma alternância entre os pronomes de segunda pessoa e em outros onde o uso do *você* é quase categórico, como São Paulo e Minas Gerais. E, dentro de cada lugar, há falares diferentes, seja por conta da idade,

²⁵ The simplest way to study linguistic change is to study it in *apparent time*, based on the analysis of the distribution of linguistic variables across different age groups. This distribution across age groups should not be confused with the regular linguistic behaviour of age grading, repeated in every generation, which has to do rather with differences resulting from the language development found in all individuals (TURELL, 2003, p.7). (Tradução nossa)

do sexo/gênero, da escolaridade entre outros. Assim, a variação faz parte da língua e, conseqüentemente, não existe o certo e o errado, apenas uma forma é diferente da outra. O que, na verdade, existe são falares estigmatizados, que sofrem preconceito.

E essa questão sobre preconceito, torna-se interessante, porque, ao se estudar variação, não se pode esquecer de que isso envolve a avaliação das variedades linguísticas no que diz respeito a *status* e correção. Segundo Paiva e Duarte (2006, p. 134), “em sociedades com uma sólida tradição literária como a nossa, a língua escrita impera como modelo a partir do qual se impõe uma jurisdição coercitiva. As diferentes variedades faladas se relacionam de forma mais ou menos remota com esse modelo”. A avaliação será negativa em casos em que a relação a esse modelo se distancia, enquanto as mais próximas recebem o *status* de norma culta.

Os falares populares são geralmente estigmatizados, porque há pessoas que condenam a norma popular, acreditando que a língua falada no Brasil é homogênea. Assim, como não falamos o português padrão e há uma distância entre a norma culta e a norma padrão da variedade brasileira, desde o início, “enraizou-se, na nossa cultura, uma atitude purista e normativista que vê erros em toda parte e condena o uso de qualquer fenômeno que não esteja em concordância com o que dizem os compêndios gramaticais mais conservadores” (FARACO, 2002, p.43).

No entanto, vale salientar, para concluir, que “as avaliações atribuídas a uma variante linguística podem se alterar ao longo do tempo” (PAIVA; DUARTE, 2006, p.146) e as variantes que antes eram estigmatizadas, podem se tornar de prestígio com o processo de mudança.

5 NORMA CULTA E NORMA POPULAR

Para discutirmos a distinção entre norma culta e norma popular, é preciso antes disso explicarmos o que é norma. A discussão sobre norma já é antiga, principalmente por ter sido, por muito tempo, caracterizada como o uso correto da língua.

Segundo Mattos e Silva (1996), a tradição gramatical normativo-prescritivo nasceu na Grécia clássica no século XIX com intuito de preservar o “estado de pureza” da língua. É interessante notar que, apesar de anos, e de surgirem novos estudos sobre o assunto, esse ideal homogeneizador e segregador ainda permanece como modelo principalmente nas instituições de ensino brasileiras.

Nas primeiras décadas do século XX, a chamada Linguística Moderna rompe com a Tradição Gramatical, ao propor “como um dos seus axiomas a prevalência do falado sobre o escrito, ou seja, qualquer variedade de uma língua passa a ser objeto de estudo, sem que seja mais importante que outra para a Linguística” (MATTOS E SILVA, 1996, p. 24). Assim há o rompimento da postura tradicional de que somente a variedade padrão escrita deve ser objeto da gramática, que, antes era normativa, e, no momento, passa a ser descritiva.

No estruturalismo, o teórico que mais desenvolveu esse conceito foi Eugenio Coseriu. O autor vai além da *langue* e *parole*, de Saussure, e propõe uma tríade formada por sistema, norma e fala. Vejamos como Coseriu (1986) define sistema (língua):

A língua é, pois, um sistema comprovado de isoglossas em uma comunidade de fala; sistema que pode ser mais amplo ou mais restrito, dependendo do número de pessoas que compõem a comunidade e de acordo com espaço ou tempo. Tal sistema não existe apenas concretamente, ou seja, como sistema de atos linguísticos comuns efetivamente registrados, mas também virtualmente, na consciência de falantes pertencentes a uma comunidade, como memória de atos linguísticos precedentes a uma comunidade, e possibilidade de produzir, segundo seu modelo, novos atos linguísticos mais ou menos "idênticos", ou seja, compreensíveis dentro de uma mesma comunidade.²⁶ (COSERIU, 1986, p. 12).

Assim, Coseriu (1986) define sistema como modelo abstrato, servindo de código para toda a comunidade. Ao tratar de linguagem, o autor conceitua os atos linguísticos de um indivíduo da comunidade de fala, como sendo “qualquer sistema de signos simbólicos

²⁶ La lengua es, pues, un sistema de isoglosas comprobado en una comunidad de hablantes; sistema que puede ser más amplio o más limitado, según el número de individuos de que se compone la comunidad y según el mayor o menor espacio o tiempo considerados. Tal sistema no existe sólo concretamente, es decir, como sistema de actos lingüísticos comunes efectivamente registrados, sino también virtualmente, en la conciencia de los hablantes pertenecientes a una comunidad, como memoria de actos lingüísticos precedentes y posibilidad de producir según su modelo nuevos actos lingüísticos más o menos «idênticos», o sea, comprensibles dentro de la misma comunidad. (Tradução da autora)

utilizados para intercomunicação social, isto é, qualquer sistema de signos que sirva para expressar e comunicar ideias e sentimentos, ou seja, conteúdos da consciência”²⁷ (COSERIU, 1986, p. 11). A fala seria o ato concreto e individual, mas condicionado e determinado por normas que a sociedade impõe. A norma seria, então, uma abstração intermediária entre a fala (concreto) e o sistema (mais abstrato que a norma).

Coseriu, apesar de importante estudioso que pôde conceber a língua enquanto fenômeno histórico, não indica caminhos metodológicos para a apreensão da norma (MATTOS E SILVA, 1996, p. 27). Somente com a Sociolinguística é que será desenvolvida uma teoria e uma metodologia precisa e detalhada para a explicitação da inter-relação entre os fenômenos de variação e mudança.

Nessa área, há a necessidade de conceituar norma, por considerar as diversas situações sociais no uso da língua. O conceito de certo e errado já não tem mais validade, visto que a sociolinguística não tem intenção de agregar juízo de valor, e sim mostrar que fatores sociais são de grande valia para o delineamento da norma da comunidade de fala.

Entendida na teoria laboviana a norma comum a uma comunidade de fala como as avaliações positivas feitas pelos membros dessa comunidade em relação a determináveis variantes de uma variável, esses usos prestigiados e que servirão de modelo são assim fatores fundamentais na configuração da variação e da mudança diacrônica que a Sociolinguística busca descrever e interpretar. (MATTOS E SILVA, 1996, p. 29)

Segundo Mattos e Silva (1996), a norma está no centro de um dos problemas para a compreensão da variação e mudança, além de conceituar a comunidade de fala laboviana. As normas comuns estariam num cruzamento entre as variáveis classe social e estilo, visto que as variantes prestigiadas serão realizadas pela classe alta no estilo mais consciente nos usos dos falantes.

Com base no que foi dito acima, o conceito de norma, para a Sociolinguística, estará pautada exatamente nas realizações da fala que são avaliadas positivamente por uma comunidade. Mattos e Silva (1996) mostra a definição de norma na perspectiva da Sociolinguística, comparando-a com o conceito de Coseriu:

²⁷ cualquier sistema de signos simbólicos empleados para la intercomunicación social, es decir, cualquier sistema de signos que sirva para expresar y comunicar ideas y sentimientos, o sea, contenidos de la conciencia. (Tradução da autora)

Deste modo, em vez de definir norma como a definiu Coseriu: sistema de realizações obrigatórias sociais e culturais de uma comunidade, poder-se-á defini-la como: sistema de realizações sociais e culturais avaliadas positivamente por uma comunidade (MATTOS E SILVA, 1996, p. 30).

Apoiando-se nos conceitos adotados pela Sociolinguística, Luccchesi (2002, p. 66) define norma como “[o] conjunto de valores subjetivos profundamente determinado por fatores sociais, culturais e ideológicos, que [...] está intimamente relacionado às tendências e aos padrões de comportamento linguístico que se observa numa comunidade[...]”.

Essa ideia de que norma é um fator de identificação de um grupo, também é adotada por vários sociolinguistas, como Faraco (2002, p.39), quando afirma que “[a norma] não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas”. Nota-se que a norma não é entendida apenas como um conjunto de formas linguísticas que são compartilhadas; ela vai além disso, visto que questões sociais, culturais e ideológicas também são importantes, pois não apenas marcam o falante como também o identificam em determinada comunidade.

Sobre definição de norma, nem todos os autores distinguem norma culta de norma-padrão. Faraco (2002), Luchesi (2002), Bagno (2001), dentre outros, adotam essa distinção que acreditamos ser importante, uma vez que, apesar de próximas, são muito diferentes.

Faraco (2002) distingue norma culta de norma-padrão, de modo geral, a norma padrão é aquela prescrita pela gramática normativa, enquanto a norma culta é aquela utilizada “por uma parcela da população que mais direta e intensamente lida com a cultura escrita” (FARACO, 2002, p.39). O que as diferencia é que a primeira dita como se deve falar e a segunda é como os falantes realmente falam.

Ao definir norma culta em função dos pressupostos que essa terminologia traz, Faraco (2002) faz ressalvas:

“O qualitativo “culto”, por exemplo, tomado em sentido absoluto pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Tal perspectiva está, muitas vezes, presente no universo conceitual e axiológico dos falantes da norma culta, como fica evidenciado pelos julgamentos que costumam fazer dos falantes de outras normas, dizendo que estes “não sabem falar”, “falam mal”, “falam errado”, “são incultos”, “são ignorantes”etc”. (FARACO, 2002, p. 39)

E, assim, por norma culta, o autor entende que é “a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos

sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita” (FARACO, 2002, p. 40). Ele enfatiza que isso ocorre principalmente com aquele grupo que historicamente controla o poder social, mas deixa claro que a norma culta não é falada apenas por eles.

Aleóg (s/d apud Barros, 1999) tenta diferenciar a norma padrão que chama de norma explícita²⁸ da norma culta, considerando três pontos: a existência de um “**discurso da norma**”, que procura prescrever regras, ditando o que é certo e errado; a remissão a um “**aparelho de referência**”, isto é, “a usuários de autoridade e prestígio em matéria de linguagem e a academias, gramáticas e dicionários; a **difusão e imposição** na escola, na imprensa e na administração pública” (ALEÓG, s/d apud BARROS, 1999, p.37, grifos da autora).

Apesar de não tratarmos do falar culto nesta pesquisa, Barros (1999) levanta questões de extrema importância para o nosso trabalho. Para a autora, o discurso da norma tem como meta prescrever certas regras que deverão ser seguidas e que ditarão o que é certo ou errado, o que é bonito e o que é feio. Essa norma está, como diz a autora, em um aparelho de referência. Segundo Barros (1999, p. 38), “a norma explícita não se diferencia das demais por ‘qualidade’ linguística, mas por elementos sócio-históricos: necessidades de organização política, de unificação nacional, de domínio de grupos ou de classes.” Intrínseca a isso está a difusão e imposição dessa norma a todos os falantes, principalmente na escola. O que não é de estranhar se o aluno diz “Não sei português!”.

Ao tratar de norma culta e norma popular, Lucchesi (2002) faz a seguinte diferenciação:

A NORMA CULTA seria, então, constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania, e é tributária, enquanto norma linguística, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império e inspirados na língua da Metrópole portuguesa. A NORMA POPULAR, por sua vez, se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social. (LUCCHESI, 2002, p.87, grifos do autor).

Lucchesi mostra que a norma culta é aquela usada pelos que tiveram acesso à educação, e é a de maior prestígio, enquanto a norma popular, foco de nosso trabalho, é aquela, usada pela maior parte da população, entretanto, ainda continua sendo estigmatizada.

²⁸ Aleóg (apud BARROS, 1999) adota o termo norma explícita para se referir à norma padrão.

Bagno (2001) questiona se a norma culta é antônimo de norma popular e, para responder a isso, ele prefere distingui-la com outros termos. Segundo o autor, essa terminologia é arraigada de preconceito, visto que a norma culta leva a crer que a norma popular seria a norma inculta, rude. Para ele, esses termos deveriam ser substituídos por *variedade prestigiada* e *variedade estigmatizada*. Já que a primeira refere-se aqueles que tiveram acesso à educação e viveram em centros urbanos, enquanto a segunda faz referência àqueles que participam de grupos sociais desfavorecidos.

Sobre a definição de norma popular, foco do nosso trabalho, encontramos o trabalho de Bentes (2010), que, em seu artigo sobre o problema do popular na linguagem, mostra que este termo, muitas vezes, é usado para tratar de algo considerado inferior. Para a autora (2010, p.209), o termo popular deve ser tratado como uma “forma de apreensão e/ou de conhecimento por parte de quem se aproxima desse objeto”, ou seja, deve-se ter atenção aos múltiplos e complexos recursos semióticos que o configuram.

Bentes (2010) informa que há três critérios para a constituição do popular: o das relações entre grupos e/ou classes sociais, o das relações entre oralidade-escrita e o das relações entre local e global. Em sua pesquisa, ela resolveu trabalhar apenas com as classes sociais, enfocando que “uma variedade popular de língua necessariamente deriva de um processo de elaboração de uma identidade e/ou consciência de classe” (BENTES, 2010, p.210). Nesse caso, a variedade popular é desenvolvida a partir da consciência dos falantes e/ou como uma forma de identificação com a comunidade na qual estão inseridos.

Sobre norma culta, Preti (1999) questiona o próprio termo *culto*, ao estudar a norma culta urbana na cidade de São Paulo. Vejamos o que o autor diz a este respeito:

Em que poderíamos diferenciar os falantes urbanos *cultos* dos falantes chamados *comuns*? Dependendo da situação de interação, pode-se identificar aqueles por apresentarem certas marcas provenientes de sua cultura linguística, em decorrência de seu grau de escolaridade. Não são certamente índices absolutos, específicos, pois, dependendo das circunstâncias (convívio com falantes cultos, por exemplo), podem estar presentes também nos falantes comuns e, com isso, estamos propondo a relatividade da classificação de dialetos sociais e registros. (PRETI, 1999, p. 25, grifos do autor).

Essa indagação de Preti é crucial, pois mostra como é difícil discernir o falante culto do falante comum, não sendo, muitas vezes, possível fazer esta distinção. Já que vivemos em comunidade e, assim sendo, nossa interação com os outros é de fundamental importância para a forma como nos expressamos, não se pode considerar apenas os fatores intrínsecos à pessoa,

como o sexo/gênero, idade e escolaridade, mas o seu convívio. Desse modo, uma criança que só tenha contato com adultos não falará do mesmo modo que uma criança que tem muito contato com outras. Apesar da mesma idade e do mesmo sexo/gênero, dependendo de com quem a criança conviverá fará com que se comunique de maneiras diferentes. Assim mesmo o falante comum pode ter características da fala do indivíduo culto, simplesmente porque no seu trabalho tem contato direto com falantes cultos.

As normas se diferenciam por questões sociais, pois quem teve acesso à educação, ao ensino superior, também terá acesso à norma de prestígio, enquanto os demais, de modo geral, ficarão fadados a uma única norma. A gramática, que deveria ser uma descrição da língua culta brasileira e servir como referência, é uma forma de discriminar e excluir os socioculturalmente desprestigiados.

Sobre o uso da norma culta na sala de aula, Cyranka e Pernambuco (2008) constataram a necessidade de trabalhar a oralidade. Do mesmo modo que a comunidade linguística pode ensinar, de forma inconsciente, padrões linguísticos, a escola também pode fazê-lo. Os dialetos sociais estigmatizados apresentam um sistema linguístico diferente, mas estruturalmente apto a oferecer os mesmos recursos expressivos utilizados na norma culta. Dominando as variedades da língua, o aluno não iria usar apenas uma forma, mas ele poderia se adequar melhor ao registro e ao estilo da situação comunicativa. “Não estaria, nesse caso, substituindo competências, isto é, não estaria reprimindo o uso da variedade trazida pelo aluno de seu ambiente familiar, legitimamente utilizado, por ele respeitado, do qual frequentemente se orgulha” (CYRANKA; PERNAMBUCO, 2008, p.24).

Um dos problemas de não se tratar de forma clara a variação linguística dentro das escolas é a falta de conhecimento dos próprios professores sobre como proceder nesta tarefa. Um fato que corrobora isso é a pesquisa de Pinto e Cyranka (2010), em que as autoras fazem entrevistas em uma escola pública, em Juiz de Fora (MG), com professores e alunos sobre o ensino de português e o seu uso. Observaram, por parte dos professores, que a maioria tem consciência da variação, mas tem insegurança na hora de tratá-la na sala de aula.

Dessa forma, os professores optam por tratar apenas a norma padrão em sala, distanciando o aluno da língua que ele fala, pois este acredita que o português visto na escola é como uma língua estrangeira, difícil de aprender. Vale salientar que, além da falta de preparação do professor em trabalhar com variação linguística, encontramos também o problema do material didático que apresenta esse assunto de forma superficial. Sem uma formação adequada, como bem reforçam Cyranka e Pernambuco (2008), o professor fica preso a uma só norma por não saber como lidar com a variação.

E esse trabalho é ainda mais dificultado devido à influência da mídia que faz com que os pais e a própria escola queiram que o aluno “não aprenda o português errado”. Assim, as instituições de ensino favorecem a inserção deste tipo de preconceito entre os alunos, sem que o próprio professor, muitas vezes, tenha consciência disso.

Fato que comprovou isso foi o caso do livro didático de português, *Uma Vida Melhor*, da Coleção *Viver, Aprender*, adotado pelo Ministério da Educação (MEC), e a repercussão negativa que teve ao apresentar informações sobre a variação linguística. Uma das intenções deste livro seria o combate ao preconceito linguístico, mas o que aconteceu foi justamente o contrário, como mostram as manchetes encontradas²⁹: “Livro didático do MEC tem erro de português”, “Livro usado pelo MEC ensina o aluno a falar errado”. Sua repercussão negativa, na mídia oral e escrita, faz com que os pais e a própria escola tenham receio desse tipo de estudo.

Esse preconceito também é reforçado por alguns gramáticos, considerados especialistas em língua portuguesa, que se apresentam, principalmente, em colunas de jornais, programas de televisão, em manuais de questões vernáculas. Com o uso da gramática normativa, ditam o que é certo e o que é errado, desprezando as variações linguísticas e disseminando a ideia de que não fala corretamente quem não fala obedecendo aos preceitos da gramática normativa.

Tendo como base o material didático e uma formação adequada do professor sobre variação, a escola deve ensinar a norma culta, mas não exigindo do aluno que ele substitua a norma que traz de casa pela adotada na instituição onde estuda. Essa língua não deve ser substituída, nem julgada como errada. Ratificado por Faraco (2002), Luchesi (2002), Bagno (2001), Mattos e Silva (1985), dentre outros, Camacho (2011, p.36) afirma que “todas as línguas e dialetos (variedades de uma língua) são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam e nenhuma língua ou variedade dialetal é inerentemente inferior a outra similar sua”. Uma vez que o aluno consiga se comunicar com sua língua, não há motivos para condená-la. É uma variedade, mesmo que estigmatizada, mas que funciona.

É dever da escola não condenar a forma como o seu aluno fala, e sim proporcionar possibilidades de se dizer a mesma “coisa” com linguagens diferentes, para que este possa se adequar a sua língua a qualquer ambiente.

²⁹ Informações retiradas dos sites: <http://blogs.estadao.com.br/jt-cidades/livro-didatico-do-mec-defende-erros-de-portugues/> e <http://colunistas.ig.com.br/poderonline/2011/05/12/livro-usado-pelo-mec-ensina-aluno-a-falar-errado/>

“Usar apenas o dialeto padrão nas situações comunicativas que requerem diferentes estilos é tão inadequado [...] quanto usar apenas o vernáculo [...]. Em suma, o papel da escola é oferecer condições para que o aluno desenvolva sua *competência comunicativa*” (GORSKI; COELHO, 2009, p.83-84, grifo das autoras).

O aluno desenvolvendo sua competência comunicativa estaria ampliando seu conhecimento sobre a sua língua, adequando-se ao registro nas mais diversas situações comunicativas. “Desse modo, a escola estaria realizando sua importante tarefa, do ponto de vista político-social, de promover as camadas marginalizadas, abrindo-lhes o acesso aos bens simbólicos que a língua veicula” (CYRANKA; PERNAMBUCO, 2008, p. 26).

Assim, para concluir, como numa relação de poder, os mais escolarizados têm acesso à norma de prestígio, enquanto os demais são estigmatizados por usarem a norma popular. Dessa forma, nossa “gramática normativa é uma descrição de um estado de língua que não mais existe, mas que goza do prestígio da correção pela força da instituição escolar” (FIORIN, 2000, p. 30). O estudo que se baseia na norma popular, como o nosso, vem no intuito de desmistificar esse mito e mostrar que a norma falada por mais da metade de uma população tem o seu valor e deve ser respeitada.

6 METODOLOGIA

6.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa, que recebeu parecer do Comitê de Ética para sua realização, conforme podemos visualizar no ANEXO A, trata-se de uma descrição sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, que, conforme Calvet (2002, p. 103), “consiste precisamente em pesquisar correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais”, cruzando fatores linguísticos e sociais e interpretando os dados fornecidos por essas combinações.

Para que tenhamos uma descrição linguística que se aproxime do real, o foco desse trabalho volta-se para a análise quantitativa. Ela nos fornecerá subsídios, para que possamos ter uma compreensão melhor do fenômeno analisado na localidade de Fortaleza. Para isso, é importante contar com uma amostra significativa, como salienta Guy e Zilles (2007).

Para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos; conseqüentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação de dados, e a interpretação e inferência. Logo, parece justo dizer que toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa. (GUY; ZILLES, 2007, p.19).

No entanto, é importante enfatizar que o objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa sociolinguística não é produzir números (por exemplo, medidas estatísticas para resumir os dados), mas identificar e explicar fenômenos linguísticos, segundo GUY e ZILLES (2007, p. 31). Esses números servirão para que a pesquisa não tenha resultados enviesados devido à escassez de dados.

6.2 O *CORPUS* E A AMOSTRA

Utilizamos os inquéritos do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante, NORPOFOR) que, conforme Araújo (2011), foi desenvolvido com o objetivo de documentar e fornecer dados de língua falada em distintas situações de fala para estudo da variedade popular do português falado em Fortaleza.

De acordo com Araújo (2011), o perfil de cada informante do NORPOFOR apresenta as seguintes características: i) são indivíduos nascidos em Fortaleza ou cearenses que vieram para esta capital com até 5 anos de idade; ii) pouco se afastaram desta capital, mas sempre que

o fizeram foi por um período nunca superior a dois anos seguidos; iii) possuem residência fixa em Fortaleza; iv) possuem pais cearenses.

Segundo Araújo (2011), a distribuição dos informantes no *corpus* foi feita em função das variáveis sociais controladas no projeto, a saber: sexo (homens e mulheres), faixa etária (I: 15 a 25 anos, II: 26 a 49 anos e III: a partir dos 50 anos), escolaridade (A: 0 a 4 anos, B: 5 a 8 anos, e C: 9 a 11 anos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID, Diálogo entre dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF), como se vê no quadro 3.

Quadro 3 - Distribuição dos informantes por sexo, idade, tipo de registro e escolaridade (NORPOFOR)

| | Gênero | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------|-----------|---|---|----|---|---|----|---|---|----------|---|---|----|---|---|----|---|---|
| | Masculino | | | | | | | | | Feminino | | | | | | | | |
| Registro | DID | | | D2 | | | EF | | | DID | | | D2 | | | EF | | |
| Escolaridade Faixa etária | A | B | C | A | B | C | A | B | C | A | B | C | A | B | C | A | B | C |
| I | 5 | 4 | 5 | 4 | 4 | 5 | 2 | 2 | 4 | 4 | 5 | 4 | 2 | 5 | 5 | 0 | 0 | 2 |
| II | 4 | 5 | 5 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3 | 4 | 5 | 5 | 5 | 4 | 5 | 5 | 0 | 5 | 4 |
| III | 5 | 6 | 5 | 3 | 3 | 4 | 3 | 2 | 1 | 4 | 5 | 4 | 4 | 5 | 4 | 1 | 1 | 1 |

Fonte: Araújo (2011, p. 839)

A utilização dos dados do NORPOFOR justifica-se, nesta pesquisa, pelo fato de: i) nosso objeto de estudo pertencer à norma popular; ii) apresentar uma distribuição, relativamente, equilibrada de informantes por célula; iii) constituir-se no banco de dados mais atual no que diz respeito ao falar popular de Fortaleza; iv) possuir um número de informantes, ao todo são 157, bastante representativo do falar fortalezense.

Nesta pesquisa, fizemos um recorte no *corpus* disponível e selecionamos 53 informantes, alojando, em cada célula, três informantes. A única exceção ocorre na célula que apresenta as seguintes características: gênero feminino (F), de menor faixa etária (I), e de menor escolaridade (A), por só termos disponíveis 2 informantes nesta célula. Assim, temos 27 informantes do gênero masculino (M) e 26 do gênero feminino (F); 18 informantes nas duas últimas faixas etárias (II e III) e nos dois últimos níveis de escolaridade (B e C) e 17 na primeira faixa etária (I), assim como no primeiro nível de escolaridade (A), como podemos visualizar no quadro 4.

Quadro 4 - Distribuição dos informantes por variáveis sociais controladas na nossa amostra

| | Gênero/sexo | | | | | |
|--|-------------------|-------------------|--------------------|-------------------|-------------------|--------------------|
| | Masculino (M) | | | Feminino (F) | | |
| Escolaridade Faixa etária | 0 a 4 anos (A) | 5 a 8 anos (B) | 9 a 11 anos (C) | 0 a 4 anos (A) | 5 a 8 anos (B) | 9 a 11 anos (C) |
| 15 a 25 anos (I) | 3 | 3 | 3 | 2 | 3 | 3 |
| 26 a 49 anos (II) | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |
| a partir dos 50 anos (III) | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |

Fonte: Elaboração própria

A exemplo do projeto NURC³⁰ (Norma Urbana Culta do Brasil), o NORPOFOR apresenta três tipos de gravações: o DID (Diálogo entre Informante e Documentador), o D2 (Diálogo entre Dois Informantes) e a EF (Elocução Formal). O DID trata-se de um tipo de entrevista sociolinguística em que há um nível intermediário de formalidade, pois, em sua maioria, o documentador e o informante não se conheciam. A EF apresenta o mais alto nível de formalidade, devido ao grau de planejamento deste tipo de registro e também da formalidade dos locais onde eram realizados. Já o D2, tipo de entrevista utilizada nessa pesquisa, pode ser considerada a gravação mais espontânea do NORPOFOR, já que esse é um tipo de inquérito constituído por dois informantes que necessariamente são amigos ou parentes. (ARAÚJO, 2011) No D2, os documentadores pouco interferiam na conversa. Em nossas gravações, há raríssimos casos em que ocorre a interferência do documentador, pois isso só acontecia quando os informantes ficavam sem assunto para conversar ou quando os documentadores queriam incentivar os informantes a conversarem. Dos inquéritos que fazem parte de nossa amostra, a fala do documentador aparece nas gravações: 04, 74 e 94, no início da conversa, para incentivar os informantes a conversarem e, também, nos inquéritos 15, 37,

³⁰ O Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) foi criado, pelo professor Néelson Rossi, em âmbito nacional, em 1969, selecionando as cinco cidades do Brasil com mais de 1 milhão de habitantes. O NURC tinha inicialmente o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Seriam 600 informantes (300 do sexo masculino e 300 do sexo feminino) com nível superior de escolaridade, nascidos na cidade sob estudo ou residentes aí desde os cinco anos de idade, filhos de falantes nativos de língua portuguesa, de preferência nascidos na cidade sob pesquisa. (SILVA, 1996, p.85)

49 e 72, quando os informantes ficam sem assunto ou têm dificuldade para iniciar um novo tema.

Analisando alguns inquéritos do tipo DID (Diálogo entre informante e documentador), notamos que, de certa forma, os entrevistadores influenciam o uso dos pronomes. Como eles fazem as perguntas, em geral, quando a idade do entrevistador e entrevistado se aproxima, eles alternam entre o uso do *tu* e *você* (o que poderia ser até objeto de estudo), e quando a idade do entrevistado é bem superior a dele, utilizam *senhor* ou *senhora*, mostrando respeito. Dessa forma, não cremos ser viável a utilização dos DIDs para os nossos objetivos, posto que o nosso interesse não é estudar a variação pronominal na fala dos entrevistadores, e sim na dos informantes. Acreditamos que utilizar material com menor monitoramento, como no caso do D2, é imprescindível, para que seja possível saber qual pronome e qual forma nominal é mais utilizada no dia a dia do fortalezense e quais os agentes motivadores deste uso. A escolha pelo estilo menos controlado do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) difere da dos trabalhos já produzidos, como o de Soares (1980)³¹ e o de Sales (2004)³²

Ainda sobre o D2, Araújo (2011) esclarece que os interlocutores podiam escolher sobre o quê falar, e, em geral, suas conversas tratavam de assuntos do cotidiano, como trabalho, família, lazer. A autora também atesta que, ao falar sobre assuntos dessa natureza, “o informante se envolvia, emocionalmente, com o conteúdo narrado, despreocupando-se com a forma como falava” (ARAÚJO, 2011, p. 842). Assim, utilizando a estratégia de narrativa de experiência pessoal, o documentador reduzia a tensão da situação e facilitava o surgimento do vernáculo, isto é, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p.244). Além do(s) assunto(s), o informante escolhia o local, o dia e o horário da gravação, o que tornava a situação mais natural. Sobre o local de realização do inquérito, vejamos o que diz Araújo (2011, p.842) a este respeito:

O local da entrevista sempre era determinado pelo entrevistado. No caso dos DIDs e D2s, alguns informantes preferiam realizar a entrevista em seu local de trabalho, já outros escolhiam a escola onde estudavam ou a casa de um amigo ou parente. A grande maioria, no entanto, optou por fazer a gravação na sua própria residência.

³¹ Soares utiliza entrevistas em que os informantes apresentaram um diálogo de acordo com as gravuras apresentadas. Seu material com conversas ocasionais é muito reduzido, contando apenas com 26 informantes.

³² Sales, como já informado, trabalha com DIDs.

Como a nossa intenção, neste trabalho, é estudarmos a fala dos informantes em situação de menor monitoramento, para analisarmos o uso das formas de tratamento pronominais *tu/você/cê/senhora* e nominais *macho, rapaz, mulher, meu amigo, minha filha* em um ambiente o mais próximo do natural e termos uma resposta a mais próxima da realidade dos falantes fortalezenses, decidimos, por isso, utilizar apenas as entrevistas do tipo D2.

Durante as entrevistas, os documentadores do NORPOFOR utilizaram um gravador analógico Sony TCM - DV e três gravadores analógicos CSR (Slimline Cassete Recorder with ATRS WG223 - TR). As gravações foram digitalizadas pela coordenadora do Projeto, a profa. Aluiza Alves de Araújo, com o auxílio do programa *Sound Forge 9.0*. No processo de digitalização, a taxa de amostragem foi de 44 100 Hz.

Consultando as fichas dos informantes do NORPOFOR, que se encontram sob os cuidados da coordenadora do Projeto, observamos que, para os inquéritos selecionados na nossa amostra, havia, ao todo, 28 documentadores. Desse cômputo, 02 eram professores universitários, Aluiza Alves de Araújo (inquéritos: 04, 71 e 72) e Kilpatrick Müller Campelo (inquéritos: 52, 60 e 74), e 26 cursavam Letras na Universidade Estadual do Ceará. Destes últimos, 19 eram mulheres (inquéritos: 14, 15, 37, 49, 50, 99, 101, 107, 108, 111, 118, 122, 125, 129, 132, 139, 141, 153, 155, 156, 157 e 160) e 07 eram homens (inquéritos: 35, 37, 93, 94, 106, 114, 152, 154). Todos os inquéritos foram realizados por um documentador, excetuando-se o de número 37 que teve dois documentadores (um universitário e uma universitária). Dentre os universitários, poucas gravações foram feitas pelo mesmo documentador: 93 e 94 (universitário), 108 e 160 (universitária) e 125 e 129 (universitária), 118 e 132 (universitária).

De acordo com Araújo (2011), os documentadores recebiam as mesmas orientações de como proceder nas gravações dos inquéritos, para garantir que as entrevistas fossem realizadas com o mesmo padrão de qualidade. A autora assevera que o papel do documentador era “[...] estimular o(s) informante(s) a falar e controlar os fatores que pudessem prejudicar a qualidade da gravação (intervenção de terceiros, ruídos externos, manuseio do gravador e fitas cassete, entre outros)” (ARAÚJO, 2011, p. 841). Além disso, nos DIDs e D2s, “as perguntas do pesquisador eram formuladas com a intenção de se obter um largo número de dados da fala do informante, evitando respostas monossilábicas, porque o objetivo era colher uma amostra bastante próxima de uma conversa natural” (ARAÚJO, 2011, p. 843).

A consulta às fichas dos informantes também nos permitiu elaborar o quadro 5 com as seguintes informações: o número do inquérito analisado, o gênero, o bairro/ Secretaria

Executiva Regional (doravante SER), a atividade exercida, a idade e a escolaridade de cada informante.

Quadro 5 - Distribuição dos informantes da nossa amostra por número do inquérito /gênero, bairro / Secretaria Executiva Regional (SER), atividade exercida/ idade e escolaridade

| Inquérito/Gênero | Bairro/SER | Atividade exercida/Idade | Escolaridade |
|-------------------------|---------------------------------------|---|---------------------|
| 04/Homem | Informante 1-Messejana/VI | Bancário/44 anos | 9 - 11 |
| 04/Mulher | Informante 2- Messejana/VI | Prenda do lar/42 anos | 9 - 11 |
| 14/Homem | Informante 1- Mondubim/V | Militar/38 anos | 9 - 11 |
| 14/Homem | Informante 2- Maraponga/V | Oficial de Justiça/35 anos | 9 - 11 |
| 15/Homem | Informante 1- Vila União/IV | Comerciante/25 anos | 9 - 11 |
| 35/Homem | Informante 1- Messejana/VI | Mecânico/21 anos | 5 - 8 |
| 35/Homem | Informante 2- Messejana/VI | Estofador/21 anos | 5 - 8 |
| 37/Homem | Informante 2- Parque São Miguel/VI | Funcionário terceirizado da Prefeitura de Fortaleza/24 anos | 0 - 4 |
| 49/Mulher | Informante 1- Henrique Jorge/III | Costureira/41 anos | 9 - 11 |
| 49/Mulher | Informante 2- Henrique Jorge/III | Desempregada/40 anos | 9 - 11 |
| 50/Mulher | Informante 1- Parangaba/IV | Estudante/17 anos | 9 - 11 |
| 52/Homem | Informante 1- Parque São José/V | Vigilante/34 anos | 5 - 8 |
| 52/Homem | Informante 2- Planalto do Pici/III | Vigilante/35 anos | 0 - 4 |
| 60/Mulher | Informante 2- Demócrito | Prendas do lar/51 anos | 5 - 8 |

| | | | |
|------------|-----------------------------------|---|--------|
| | Rocha/IV | | |
| 71/Homem | Informante 1- Antonio Bezerra/III | Funcionário Público/51 anos | 9 - 11 |
| 71/Homem | Informante 2- Antonio Bezerra/III | Funcionário Público/53 anos | 9 - 11 |
| 72/Homem | Informante 1- Jockey Clube/III | Serviços gerais/22 anos | 9 - 11 |
| 72/Homem | Informante 2- Jockey Clube/III | Tatuador/23 anos | 9 - 11 |
| 74/Mulher | Informante 1-Jockey Clube/III | Voluntária em uma creche escola/23 anos | 5 - 8 |
| 74/Mulher | Informante 2- João XXIII/III | Estudante/18 anos | 5 - 8 |
| 93/Mulher | Informante 1- Álvaro Weyne/I | Aposentada/59 anos | 0 - 4 |
| 93/Mulher | Informante 2- Álvaro Weyne/I | Lavadeira/63 anos | 0 - 4 |
| 94/Homem | Informante 1- Barra do Ceará/I | Pedreiro/34 anos | 0 - 4 |
| 94/Homem | Informante 2- Barra do Ceará/I | Pedreiro/31 anos | 0 - 4 |
| 99/Mulher | Informante 1- Tancredo Neves/VI | Dona de casa/42 anos | 5 - 8 |
| 99/Mulher | Informante 2- Varjota/II | Doméstica/28 anos | 5 - 8 |
| 101/Mulher | Informante 1- Bonsucesso/III | Prendas do lar/29 anos | 5 - 8 |
| 106/Homem | Informante 2- Messejana/VI | Aposentado/76 anos | 0 - 4 |
| 107/Mulher | Informante 1- Henrique Jorge/III | Dona de casa/78 anos | 5 - 8 |
| 108/Homem | Informante 1- Quintino Cunha/III | Serviços gerais/46 anos | 5 - 8 |
| 111/Homem | Informante 1- Carlito | Comerciante/58 anos | 9 - 11 |

| | | | |
|------------|---|-------------------------------|--------|
| | Pamplona/I | | |
| 114/Mulher | Informante 1- Serrinha/IV | Estudante/20 anos | 5 - 8 |
| 114/Mulher | Informante 2- Serrinha/IV | Prenda do lar/38 anos | 0 - 4 |
| 118/Mulher | Informante 1- Monte Castelo/I | Estudante/17 anos | 0 - 4 |
| 122/Mulher | Informante 1- Henrique Jorge/III | Estudante/16 anos | 9 - 11 |
| 122/Mulher | Informante 2- Fátima/IV | Estudante/16 anos | 9 - 11 |
| 125/Mulher | Informante 2- Bela Vista/III | Doméstica/42 anos | 0 - 4 |
| 129/Mulher | Informante 1- Parquelândia/III | Aposentada/60 anos | 9 - 11 |
| 129/Mulher | Informante 2- Parquelândia/III | Merendeira escolar/49 anos | 0 - 4 |
| 132/Homem | Informante 1- Otávio Bonfim (Farias Brito)/I | Operário/52 anos | 0 - 4 |
| 132/Homem | Informante 2- Farias Brito/I | Pintor Aposentado/ 60 anos | 5 - 8 |
| 139/Mulher | Informante 2- Alto Alegre/V | Doméstica/19 anos | 0 - 4 |
| 141/Homem | Informante 1- Parque Santa Rosa/V | Estudante/15 anos | 5 - 8 |
| 152/Mulher | Informante 1- Antônio Bezerra/III | Prendas do lar/55 anos | 5 - 8 |
| 152/Homem | Informante 2- Antônio Bezerra/III | Comerciante/51 anos | 0 - 4 |
| 153/Homem | Informante 1- Parque São José/V | Balconista/24 anos | 0 - 4 |
| 153/Homem | Informante 2- Bom Jardim/V | Balconista/18 anos | 0 - 4 |
| 154/Homem | Informante 2- José Walter/V | Aposentado/53 anos | 5 - 8 |
| 155/Homem | Informante 1- Álvaro | Motorista/55 anos | 5 - 8 |

| | | | |
|------------|-----------------------------------|--------------------------------------|--------|
| | Weyne/I | | |
| 156/Mulher | Informante 2 - Praia do Futuro/II | Bordadeira/62 anos | 0 - 4 |
| 157/Mulher | Informante 1- Álvaro Weyne/I | Cozinheira/51 anos | 9 - 11 |
| 157/Mulher | Informante 2- Praia de Iracema/II | Gerente administrativa/52 anos | 9 - 11 |
| 160/Homem | Informante 1- Quintino Cunha/III | Auxiliar de serviços gerais/ 46 anos | 5 - 8 |

Fonte: Elaboração própria

O quadro 3 mostra que as profissões/atividades de nossos informantes variam muito, pois encontramos estudantes (7), donas de casa (7), aposentados (4), comerciantes (3), domésticas (3), balconistas (2), funcionários públicos (2), pedreiros (2) serviços gerais (2), vigilantes (2), auxiliar de serviços gerais (1), bancário (1), bordadeira (1), costureira (1), cozinheira (1), desempregada (1), estofador (1), funcionário terceirizado da Prefeitura de Fortaleza (1), gerente administrativo (1), lavadeira (1), mecânico (1), merendeira escolar (1), militar (1), motorista (1), oficial de justiça (1), operário (1), pintor aposentado (1), tatuador (1), voluntária em uma creche escola (1).

Quanto à situação socioeconômica dos informantes do NORPOFOR, vejamos o que diz Araújo (2011, p. 839): “Considera-se que os informantes apresentam baixo nível socioeconômico, tomando-se a sua profissão, a do cônjuge e a dos seus pais, o local de moradia e a quantidade de filhos, como indicadores da classe social”.

Sobre o local de residência dos informantes, Araújo (2011, p. 839) afirma que, no NORPOFOR, “os informantes são provenientes de 69 bairros, distribuídos entre as seis regionais que compõem o município de Fortaleza, possibilitando, assim, uma representação geográfica de toda a área da cidade” (Para visualizar onde se localiza Fortaleza no Ceará, ver ANEXO C).

Fortaleza, atualmente, possui 114 bairros e seis "Secretarias Executivas Regionais"³³ (SER's), isto é, unidades administrativas diretas da prefeitura, responsáveis pela execução dos

³³ Quanto à divisão administrativa de Fortaleza, no ano de 1933, o município aparece constituído de 7 distritos: Fortaleza, Alto da Balança, Barro Vermelho, Messejana, Mondubim, Porangaba e Pajuçara. Em 1936, Pajuçara passou a denominar-se Rodolfo Teófilo e, em 1937, Barro Vermelho passou a Antônio Bezerra. Em 1938, foram extintos os distritos de Rodolfo Teófilo, sendo seu território anexado ao distrito de Maracanaú, e o distrito Alto

serviços públicos em cada área (ANEXO B). As SER's não têm área sobreposta a dos distritos históricos, que não têm função administrativa, mas as sedes das SER são próximas aos núcleos dos cinco distritos.

(<http://belezadefortaleza.blogspot.com.br/2009/08/subdivisao.html>)

Na nossa amostra, com relação à localidade, temos 10 informantes da SER I; 3 da SER II; 19 da SER III; 6 da SER IV; 8 da SER V; e, por fim, 7 da SER VI. Os dez da SER I são provenientes dos seguintes bairros: Álvaro Weyne (4), Barra do Ceará (2), Carlito Pamplona (1), Farias Brito (2) e Monte Castelo (1); já os três da SER II são oriundos da Praia de Iracema (1), Praia do Futuro (1) e Varjota (1). Os dezenove da SER III são provenientes dos bairros Antonio Bezerra (4), Bela Vista (1), Bonsucesso (1), Henrique Jorge (4), João XXVIII (1), Jockey Clube (3), Parquelândia (2), Planalto do Pici (1) e Quintino Cunha (2). Os seis da SER IV procedem do Demócrito Rocha (1), Fátima (1), Parangaba (1), Serrinha (2) e Vila União (1). Os oito da SER V provêm dos bairros Alto Alegre (1), Bom Jardim (1), José Walter (1), Maraponga (1), Mondubim (1), Parque Santa Rosa (1) e no Parque São José (2). E, por fim, os sete da SER VI são oriundos dos bairros Messejana (5), Parque São Miguel (1) e Tancredo Neves (1). Assim, temos informantes de todas as regionais de Fortaleza, contemplando toda a área geográfica desta capital.

Com base nos dados do Censo Demográfico, realizado em 2000³⁴, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fortaleza possui 114 bairros, nos quais estão presentes as evidências das disparidades de renda e suas repercussões no nível educacional, reflexo do sistema político-econômico dominante. As famílias com renda mais elevadas concentram-se, nessa época, em sua maioria, na zona leste e sudeste, incluindo o Centro (R\$ 1.306,06).

São eles: Meireles (R\$ 4.288,36), Aldeota (R\$ 3.336,30), Praia de Iracema (R\$ 1.859,73), Mucuripe (R\$ 2.796,98), Varjota (R\$ 2.167,98), Papicu (R\$ 2.220,41), Cocó (R\$ 3.437,34), Praia do Futuro I (R\$ 1.616,46), Joaquim Távora (R\$ 1.572,94), Estância (Dionísio Torres) (R\$ 3.264,66), Salinas (R\$ 2.125,66), Guararapes (R\$ 3.537,79), Engenheiro Luciano Cavalcante (R\$ 1.469,07), Cidade dos Funcionários (R\$ 1.685,57), Parque Manibura (R\$ 2.125,68), Cambé (R\$ 1.675,89) e Alagadiço Novo (R\$ 1.566,29). Apenas três bairros da zona oeste aparecem com renda alta, Fátima (bairro próximo ao centro) com renda média de R\$

da Balança foi anexado ao distrito sede de Fortaleza. Em 1960, o município passa a ser constituído de 5 distritos: Fortaleza, Antônio Bezerra, Messejana, Mondubim e Parangaba, ex-Porangaba. Essa divisão territorial ainda permanece. (IBGE, disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/1H8>)

³⁴ Como as gravações do projeto NORPOFOR foram iniciadas em 2003 e concluídas em 2006, o Censo Demográfico apresentado aqui é o de 2000.

2.017,22; Benfica (bairro antigo) com 1.417,93; e, Parquelândia (R\$ 1.530,53) (MATOS; NETO, 2003, p.7).

Contraopondo-se à zona leste, a zona oeste é onde se concentram as famílias com rendas mais baixas, que variam entre R\$ 269,63 a R\$ 373, 87.

São bairros antigos e novos que se misturam, nesse traçado, acompanhando o litoral (Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará e Floresta), além de prosseguir no sentido norte-sul (Autran Nunes, Genibau, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim, Parque São José, Parque Santa Rosa (Apolo XI), Parque Presidente Vargas, Canindezinho e Siqueira); finalmente, mais para o sul, encontram-se: Barroso e Jangurussu, e Curió. (MATOS; NETO, 2003, p.7)

Matos e Neto (2003) afirmam que os indicadores socioespaciais estaduais destacam Fortaleza como um município privilegiado comparado aos demais, devido à quantidade de indústrias na capital e grande concentração de comércio atacadista e varejista.

Um ponto importante disso é a divisão da cidade: o lado Oeste seria a zona pobre, enquanto a zona Leste seria a zona rica. Para Matos e Neto (2003, p.3), “Esta cartografia da Capital cearense apresenta oposições entre bairros onde moram pessoas de rendas diferentes, que podem ou não, ter acesso aos serviços e aos equipamentos sociais de boa qualidade”. Há também bairros pobres na zona leste, como no litoral, Cais do Porto e Vicente Pinzón, e outros que se localizam em áreas mais abastardas, a sudeste, que são Edson Queiroz e Sabiaguaba.

Apesar de haver famílias abastardas na zona oeste e famílias de classe baixa na zona leste, Fortaleza parece se dividir em duas: a zona pobre (oeste) e a zona rica (leste). Matos e Neto (2003) apontam indícios de que essa divisão tenha ocorrido na década de 70. A zona leste teve um crescimento devido a investimentos na criação do *Shopping Center Um*, do Centro de Convenções e da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Já na década de 80, a implantação do Parque do Cocó, do *Shopping Center Iguatemi* e a construção do Centro Administrativo Virgílio Távora, sede do governo estadual, consolidou ainda mais a ascensão da área. Ao mesmo tempo em que ocorre isso, a outra área, torna-se desvalorizada. O comércio se instala na área nobre, ficando apenas pequenos comércios nessa região. A partir dos anos 90, essa diferença social se acentua.

Não se trata de diversas cidades, dentro da Cidade de Fortaleza, mas de uma única cidade cheia de contrastes. Os dados revelam uma urbe com uma regularidade em seus bairros: uma unidade na diversidade, um espaço que existe com essa relação de oposições, ou seja, uma espacialidade capitalista que discrimina uns, ao mesmo tempo em que, (sic) privilegia outros. (MATOS; NETO, 2003, p.7)

De acordo com nossos dados, a regional II é aquela com o menor número de informantes e também é a área onde se concentram as famílias com maior renda. Na zona oeste, onde estão as regionais I, III, IV e V, encontramos a maior quantidade de informantes e, de acordo com os dados do IBGE, são as regionais em que se encontram as famílias com menor renda.

Observa-se uma relação entre escolaridade e renda. Nos bairros onde os chefes de família possuem maiores níveis de renda também são aqueles em que os chefes de família possuem o maior nível de escolaridade. O mesmo ocorre com o inverso: em bairros onde o chefe de família possui as menores rendas, possuem também o menor nível de escolaridade. No entanto, as autoras chamam atenção para casos como os bairros Edson Queiroz e Vicente Pinzón, que mostram a heterogeneidade da região, onde moram tanto os menos escolarizados e com renda baixa, como os mais escolarizados e com renda alta.

Essa heterogeneidade apresentada acima não fica restrita apenas a esses bairros. Mesmo nos bairros nobres, há pessoas de baixa renda, assim como nos bairros periféricos há pessoas de renda alta. “Os indicadores mostram a coexistência espacial de ricos e pobres, em um mesmo bairro. Bairros considerados ricos, que aparentavam uma paisagem mais visível da riqueza, guardam uma miséria que os dados censitários fizeram emergir” (MATOS; NETO, 2003, p.10). Em outras palavras, mesmo nos bairros considerados nobres, há também uma população pobre, assim como nos bairros considerados pobres encontramos famílias com renda alta.

6.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS

6.3.1 Variável dependente

A nossa variável dependente é uma variável eneária, a variação pronominal de 2ª pessoa, e as suas variantes são as formas de tratamento pronominais *tu/você/cê/senhor* e nominais *macho, rapaz, mulher, cara, meu amigo, minha filho*.

6.3.2 Variáveis independentes

A maioria das variáveis testadas foi escolhida devido à sua presença em vários trabalhos relacionados ao uso pronominal de *tu/você/cê/senhor* e que, nestes estudos, foram selecionadas na análise estatística. Após o contato com os inquiridos, também acrescentamos as variáveis estrutura do verbo e a posição do pronome em relação ao verbo, por suspeitarmos que poderiam ter relevância para esta investigação. No entanto, nenhum outro estudo havia contornado antes estes dois grupos..

Como nas formas nominais *macho, mulher, rapaz, minha filha, cara, meu amigo* não encontramos trabalhos desenvolvidos com essas variantes, não tínhamos parâmetros para a seleção das variáveis independentes e, por isso, adotamos os mesmos grupos de fatores controlados para as variantes pronominais, com exceção da função sintática, pois todas formas nominais estavam na função de vocativo, e do tipo de referente, já que todas as formas nominais apareceram como referente específico.

6.3.2.1 Variáveis linguísticas

Ao todo, foram elencadas 13 variáveis linguísticas: tipo de referente, estrutura do verbo, posição em relação ao verbo, paralelismo, efeito gatilho, tipo de verbo, tipo de fala, tempo verbal, função sintática do pronome, tipo de entonação, tipo de relato, concordância com o verbo e polaridade da sentença. Abaixo, abordamos estas variáveis mais detalhadamente, ilustrando cada uma com dados da nossa amostra.

a) Tipo de referente

Alguns trabalhos apontam que esse grupo de fatores tem relevância para o estudo da alternância entre *tu x você*, mas não para o pronome *senhor*, como o de Franceschini (2010) e Oliveira (2007; 2005). As autoras, no entanto, trabalham apenas com a determinação do sujeito. No nosso estudo, analisaremos tanto o pronome com referente determinado quanto o indeterminado. O referente é indeterminado quando ele se refere ao “grupo”, ou seja, é usado de forma genérica. A seguir, apresentamos os fatores deste grupo:

- Genérico

Inf.1: *se você aprende a tratar um peixe... você... aprende a tratar um/ atender um freguês*
(Inq. 153)

- Específico

Inf.2: *pra mim né que sou solteiro agora você que já é dono de casa* (Inq. 153)

b) Estrutura do verbo

Decidimos observar se a estrutura do verbo também interfere na realização dos pronomes. Acreditamos que os verbos simples influenciam mais na escolha do pronome *tu*. Por isso, analisamos os seguintes fatores:

- Verbo simples

Inf.2: *se você sente assim né* (Inq. 153)

- Verbo composto

Inf.2: *e tu tem viajado pro interior* (Inq. 71)

- Locuções verbais

Inf.1: *cê tava FORMAdo a ser sargento* (Inq. 14)

c) Posição em relação ao verbo

Os pronomes, de modo geral, tendem a ficar antes do verbo. No entanto, observamos que algumas vezes eles aparecem depois do verbo, ou apenas os verbos são recuperados pelo contexto. Dessa forma, esperamos que a posição do pronome em relação ao verbo possa nos indicar se algum pronome é mais recorrente, dependendo de sua posição em relação ao verbo. Por isso, decidimos controlar essa variável, dividindo-a nos fatores abaixo:

- Verbo recuperado pelo contexto

Inf.1: porque por exemplo eu sou o capitão *cê* é capitão também eu descobro que *você* *vêi* da máfia ai eu fico até revoltado com *você* porque eu me matéi de estudar pra chegar na função que eu tou aí *você* de repente com DINheiro *você* chegou lá... (Inq. 14)

- Antes do verbo

Inf.2: *se você sente assim né* (Inq. 153)

Inf. 1 *ele disse rapaz, olha eu era pequeno eu... eu naquela época inventaram o Kichute kichute era o mó sucesso do mundo* (Inq.04)

- Depois do verbo

Inf.2: *tem que ficar de olho em tu* (Inq. 153)

Inf. 1 *é o que tu quer não mar* (Inq. 72)

d) Paralelismo formal

O paralelismo formal foi apontado por alguns estudos como grupo de fator linguístico de maior relevância nos estudos variacionistas de alternância pronominal. Dentre eles, temos: Santos (2012), Martins (2010), Zilli (2009), Oliveira (2007; 2005), Lucca (2005) e Orlandi (2004). Essa variável consiste em apontar se os pronomes de segunda pessoa tendem a se repetir durante a fala no mesmo turno. Como esta variável se apresenta muito relevante em diversos estudos, fizemos o seu controle por meio dos seguintes fatores:

- Com paralelismo- primeiro da série

Inf.2: *quando tu tá sozinho... tu::... tu joga?...* (Inq. 153)

Inf. 1: *ai tem que ser golaço logo dele ai diz que o cara comentarista disse assim... diz que o torcedor do Fortaleza passou embriagado ai chegou pra ele o cara diz “rapaz tu assistiu o jogo?” ai o o torcedor “rapaz assistiu quanto é que foi?” “rapaz foi de dois a um pro Fortaleza” ai o cara que conversa que foi de dois a um pro Forta/ “tá ficando doido macho dois a um pro Fortaleza de quem foi o gol me diga ai diga ai de quem foi o gol?”* (Inq.14)

- Com paralelismo- não primeiro da série

Inf.2: *quando tu tá sozinho... tu::... tu joga?...* (Inq. 153)

Inf. 1: *ai tem que ser golaço logo dele ai diz que o cara comentarista disse assim... diz que o torcedor do Fortaleza passou embriagado ai chegou pra ele o cara diz “rapaz tu assistiu o jogo?” ai o o torcedor “rapaz assistiu quanto é que foi?” “rapaz foi de dois a um pro Fortaleza” ai o cara que conversa que foi de dois a um pro Forta/ “tá ficando doido macho dois a um pro Fortaleza de quem foi o gol me diga ai diga ai de quem foi o gol?”* (Inq.14)

- Forma de tratamento isolada

Inf.1: *você que já é dono de casa...* (Inq. 153)

e) Efeito gatilho

O efeito gatilho foi considerado relevante nos estudos de Oliveira (2007; 2005) e também decidimos estudá-lo na nossa amostra. Denominamos de efeito gatilho o fato de o falante parecer influenciar seu interlocutor. Dessa forma, um informante pronuncia uma forma de tratamento e, logo em seguida, o outro a usa. Assim, controlamos os fatores abaixo:

- *Tu precedido de tu/Você precedido de você*

Inf.1: *tu não convida nem a mulher pra ir:: jogar é::...*

Inf.2: *na::m.. tu é doido é má... boto ela lá pra casa da mãe dela má...*

Inf.1: *se você aprende a tratar um peixe... você... aprende a tratar um/ atender um freguês...
você aprende a tratar um frango... você aprende a cortar um boi... (Inq. 153)*

- Sem efeito gatilho

Inf.1: *a senhora começou a falar sobre a dificuldade da da criação do que ela ti::nha no
passado (em termos de) confo::rto ne? de aprendiza::gem como era mais/ ho::je tá muito
mais difícil criar os filhos né o que é que tem a dizer sobre isso? tem de você TER alguma
coisa? deles ter hoje o que tu não tinha ontem?*

Inf.2: *ah eu vivo sempre dizendo que... os menino daqui são mais presos eu fui criada so::lta
no meio da rua brincando é como tu/ toda liberdade eu hoje eu não dou essa liberdade a ele
pelo motivo de de ... (Inq. 04)*

f) Tipo de verbo

Inicialmente, selecionamos todos os verbos em nossos inquéritos, mas o número encontrado foi muito elevado, quase 200 verbos diferentes, o que impossibilitou que cada um fosse codificado individualmente, pois não havia códigos suficientes para isso. Em razão disso, decidimos trabalhar, assim como Loregian-Penkall (2004), com quatro tipos de verbo, discriminados a seguir:

- *Dicendi*: relacionados ao dizer. São definidos como verbos que normalmente introduzem o discurso.

Inf.1: *vai fazer coisa... coisa ruim né?... a gente::... vai fazer coisa boa né?... que vocês diz
né?... (Inq. 153)*

- Epistêmico: verbos de atividade mental, como: pensar, saber, compreender, conhecer, imaginar, entre outros.

Inf.2: *aparece coisa ruim que você nem imagina que você tá fazendo... (Inq. 153)*

- Estado: verbos que indicam o estado de um ser, como: ser, estar, permanecer, ficar, continuar, tornar-se.

Inf.2: *na::m.. tu é doido é má... boto ela lá pra casa da mãe dela má... (Inq. 153)*

- Ação: verbos que indicam uma ação, como: sair, brincar, beber, dançar...

Inf.1: *[então se você faz assim....* (Inq. 153)

-Verbo Ter: por não conseguirmos inserir o verbo Ter em nenhuma dessas categorias, optamos por analisá-lo isoladamente.

Inf. 1 *tu não tinha ontem?* (Inq. 04)

g) Tipo de fala

O trabalho de Dias (2007) mostra que esse grupo de fatores foi considerado relevante, por isso decidimos incorporá-lo ao elenco de variáveis analisadas. Do mesmo modo, separamos os tipos de fala, mas acrescentamos outros tipos que consideramos relevantes, conversas sobre relacionamento amoroso; fofoca; recordações e religião. Assim, foram testados os seguintes fatores:

- Conversas casuais, que englobam todo tipo de conversa, contendo narração, descrição ou argumentação sobre assuntos de modo geral.

Inf.1: *[você tem que fazer um pouquinho de cada...*

Inf.2: *é:: eu... quando eu tô cansado de jogar sinuca... eu faço o baralho... jogo um pouquinho de baralho... brincar...*

Inf.1: *tu gosta mesmo muito é de jogar né?...* (Inq. 153)

Inf. 2 *meu irmão tu já pensou se um dia eles pedem pra ir praquilo ali?* (Inq. 04)

- Conversas relacionadas ao trabalho:

Inf.1: () *as coisa que::... que a pessoa faz na... na vida... tudo vale... tudo vale... o que a pessoa... tudo que a pessoa aprende na profissão... tudo é bom...*

Inf.2: *é...*

Inf.1: *tudo que a pessoa aprende na vai... atrapalhar nada na sua vida... é... só faz coisa bem a você... coisa boa né?...*

Inf.2: *é...*

Inf.1: *se você aprende a tratar um peixe... você... aprende a tratar um/ atender um freguês... você aprende a tratar um frango... você aprende a corta um boi...*

Inf.2: *é...* (Inq. 153)

Inf. 1 [...]trabalhava lá de/com máquina... entrava lá dez da noite saia seis da manhã... LÁ O BARulho era grande VIU? E:: tinha a gente que ficava moco... viu? por causa dos barulho das MÁquina e é porque num usava abafador... a gente usava... e:: usava máscara também... e a poeira era grande... AI quando eu sai eu fazia exame de ouvido... ai a doutora disse **rapaz** você faz quantos ano que trabalha no barulho? ai eu falei... **rapaz**... já to quase onze ano aqui dentro da ()... teus ouvido tão só o (mí)... doutora e eu agradeço a Deus por não ter saído daqui moco... porque muita gente de lá moco... porque o BARULHO é GRAnde... os motor das máquina [deste tamanho... (Inq.132)

- Conversas sobre relacionamento amoroso:

Inf.2: *você sente pela sua mulher né?...* (Inq. 153)

Inf.1 *ai depois menino... rapaz* quando de re-pen-ti-men-te chegou um loirinha liNda... ai a loirinha pegou...[ei bichinha... (Inq. 35)

- Fofoca: denominamos de fofoca toda conversa casual que trata desde relacionamento amoroso a trabalho, mas que os falantes não estão envolvidos, eles estão falando de terceiros que não participam do discurso.

Inf.1: *tu viu...o ... o menino mandou sequestrar o filho da A....* (Inq. 49)

Inf2 *Ficou com um menino la.. mulher...e...babado quentissimo:: pelo amor de Deus ((risos))ela ficou com um menino lá diz que ele era lin::do* (Inq. 122)

- Recordações: lembranças do lugar onde viveu, da infância e adolescência.

Inf.2: *aonde naquele tempo você num tinha... pronto* (Inq. 74)

Inf.1: *ela é muito boa pra você* (Inq. 60)

Inf.2: *É:: senhor W. é o seguinte e::u... saí de casa muito novo...* (Inq. 132)

Inf1 *Ainda mulher Deus me livre desde daquele tempo* (Inq. 122)

- Religião: em alguns casos, os interlocutores conversam sobre o tema religião e, como era frequente, optamos por tratá-lo como um tipo de conversa.

Inf.1: *como é que você concilia né tá dando pra conciliar a comuniDA de família né?* (Inq. 152)

Inf. 2 *minha filha... a palavra de Deus tem que tá sempre aberta* (Inq. 49)

- Observações irônicas/brincadeira

Inf.2: *é::...*

Inf.1: *se eu tou dizendo que a mulher não presta... é porque não presta...*

Inf.2: *se você sente assim né... tem que:: fazer o que...((ri levemente))... você bem... é (trazer em sua mente o que)...*

Inf.1: *presta não má... apoia muita coisa ruim ela...*

Inf.2: *é...*

Inf.1: *apoia muita coisa ruim... os meninos vêi lá faz... putaria é vem passar a mão na cabeça... (Inq. 153)*

Inf2 *Foi não vamos fazer uma vaquinha para que o colégio que estava falindo ((risos)) mas é história **mulher** tu é doida é ? ((risos)) mais o engraçado é que todo ano inventa essas histórias né é incrível* (Inq. 122)

- Repreensão

Inf.1: *não... não quando eu tô sozinho em casa...sozinho em casa mesmo [(eu gosto de ouvir é o som)...*

Inf.2: *[tu não convida nem a mulher pra i:: joga é::...*

Inf.1: *na::m.. tu é doido é má... boto ela lá pra casa da mãe dela má...*

Inf.2: *não má... faz isso não má... é tua esposa má... vai fazer pra que [isso?*

Inf.1: *[se ela que/ se ela que ir... e eu não quero ir... e aí? (Inq. 153)*

Inf.1 *que conversa é essa **rapaz** ?eu quando era pequeno eu apanhava de cinto...tu nunca apanhou não? (Inq.04)*

h) Tempo verbal

No trabalho de Almeida e Assunção (2008), o tempo verbal foi considerado relevante, sendo o modo indicativo o favorecedor do uso do *tu*. Já no estudo de Orlandi (2004) não só o modo, mas o tempo verbal favoreceu o pronome *tu*, no caso o presente do indicativo. Assim como Orlandi (2004), analisamos esta variável que, em nosso trabalho, apresentou os seguintes fatores:

- Presente do indicativo

Inf.1: *você aprende a corta um boi* (Inq. 153)

- Pretérito perfeito do indicativo

Inf.2: *mas é porque tu não parou ainda assim pra... pra ouvir NE* (Inq. 153)

- Pretérito imperfeito do indicativo

Inf.2: *mas quando tu era solteiro... tu:: tinha assi::m...muita... liberdade?...* (Inq. 153)

- Presente do subjuntivo

Inf.2: *... vem dizer que tu não olha pros mu/ pros homem que passa não?...* (Inq. 153)

- Pretérito imperfeito do subjuntivo

Inf.1: *mas se você tiver o controle dela... não deixa não...* (Inq. 153)

- Futuro do subjuntivo

Inf.1: *quando tu quiser uma coisa* (Inq. 153)

- Infinitivo pessoal

Inf.1: *vou te dar tanto pra tu ir lá pra mãe... pra aguentar ela...* (Inq. 153)

i) Função sintática do pronome

Esta variável foi considerada relevante nos estudos de Andrade (2010), Mota (2008) e Modesto (2006). Em nossos dados, encontramos seis funções para este grupo e inserimos mais dois fatores: a frase sem verbo e quando é impossível de informar qual sua função sintática. A seguir, apresentamos cada um dos fatores testados.

- Função sujeito

Inf.1: *você aprende a cortar um boi*

Inf.2: *tu não convida nem a mulher pra i:: joga é::...* (Inq. 153)

- Função objeto indireto

Inf.2: *ela te dá assim...vou te da tanto pra tu ir lá pra mãe... pra aguentar ela...*

Inf.2: *eu não sei nada... de você aí não mas... sei quase nada não ma::s...*

Inf.1: *aí tem que ficar de olho em tu né?...* (Inq. 153)

- Função objeto direto

Inf.1: *que eu boto você lá dentro...* (Inq. 14)

- Vocativo

Inf.2: *::E a senhora ainda fala nesse negócio?* (Inq. 04)

- Predicativo do sujeito

Inf.2: *quem é que a senhora* (Inq. 125)

-Complemento nominal

Inf.1: *a perseverança de você querer que esse copo esteja bem aqui assim...* (Inq. 72)

- Frase sem verbo

Inf.1: *e tu... M.?* (Inq. 93)

- Impossível identificar

Inf.2: *é como tu/ toda liberdade eu hoje eu não dou essa liberdade* (Inq. 04)

j) Tipo de entonação

No estudo de Dias (2007), assim como no trabalho de Assunção e Almeida (2008), foi apontado como grupo de fator de relevância o tipo de estrutura da frase, se afirmativa, exclamativa ou interrogativa. Já Andrade (2010) optou por estudar o tipo de entonação, se interrogativa ou não interrogativa. Segundo a autora, o motivo se deu por, muitas vezes, não conseguir distinguir a exclamativa da declarativa. O mesmo ocorreu em nossa amostra, sendo difícil detectar essa diferença. Dessa forma, decidimos, assim como Andrade (2010), analisar os fatores abaixo:

- Não interrogativa (declarativa/exclamativa)

Inf.1: *estou terminado de pagar ainda... falta vinte prestação ainda... pra tu ver...[* (Inq. 153)

- Interrogativa

Inf.2: *então pode dizer que tu não é santinho não né?...* (Inq. 153)

k) Tipo de relato

Em alguns estudos, o tipo de relato aparece como relevante, como mostra Lucca (2005).

Por isso, decidiu-se analisar os fatores a seguir:

- Relatos da própria pessoa (relato original)

Inf.2: *é:: as vezes... jogo de bola... jogo de bola...*

Inf.1: *o que pode fazer é deixar você liso...*

Inf.2: *é::...*

Inf.1: *mas se você tiver o controle dela... não deixa não...*

Inf.2: *o jogo mais perigoso é:: é é jogar bola né? porque a gente... pode... qualquer hora...*

(Inq. 153)

Inf. 1 *é o que o álcool fez contigo máh* (Inq. 72)

- Relatos retomados pelo interlocutor (relato reportado)

Inf.1: *um já passeio com ela má... vou pra casa da mãe dela... só pra aguentar aquela mãe dela [ela...*

Inf.2: *[então se você faz assim....*

Inf.1: *ela quer é me pagar macho... ela te dá assim...vou te da tanto pra tu ir lá pra mãe... pra aguentar ela...*

Inf.2: *assim é demais má....* (Inq. 153)

Inf. 1 *é como o Lula/ o Lula pegou e disse **rapaz**, eu vou acabar com esses bingão e eu com certeza dou razão a ele...* (Inq. 94)

l) Polaridade da sentença

Assim como Lima-Hernandes e Barroso (2007), adotamos o termo polaridade que designa um campo de tensão gradual que se move entre dois pontos de configuração da informação sentencial: polaridade negativa e positiva. Esse termo já foi adotado por vários pesquisadores como Seixa e Alkmim (2012), Souza *et al* (2008), Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2006) que procuraram estudar a polaridade negativa. Nos trabalhos dos pronomes de segunda pessoa, encontramos o de Andrade (2010) que controlou a polaridade da sentença por meio dos fatores: afirmativa *versus* negativa. Com base nisso, consideramos necessário testarmos os seguintes fatores:

- Sentença afirmativa

Inf. 1 *a senhora começou a falar sobre a dificuldade da da criação do que ela ti::nha* (Inq. 04)

- Sentença negativa

Inf. 1 *tu não tinha ontem?* (Inq. 04)

6.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

Dentre os grupos de fatores extralinguísticos, estudaremos 5 variáveis, a saber: a faixa etária, a escolaridade, o gênero/sexo, o grau de intimidade entre os informantes e o tipo de relação entre os interlocutores. Para cada uma, teceremos a seguir algumas considerações pertinentes.

a) Faixa etária

A faixa etária é apontada pelos estudos variacionistas como um grupo de fator importante, uma vez que pode dar indícios de uma mudança linguística em progresso. No estudo realizado em três lojas de departamento de Nova Iorque, Labov (2008 [1972]) observa que os jovens preferem as marcas de prestígio. “Enquanto os de menos de 40 anos mostram um padrão bastante confuso em sua reação subjetiva a (r), os que têm entre 18 e 39 anos mostram uma completa unanimidade em sua avaliação positiva deste traço de prestígio” (LABOV, 2008 [1972], p. 164 -165).

Araújo (2007), em seu artigo sobre a variável faixa etária nos trabalhos sociolinguísticos, chegou à conclusão de que, quando a variável é um fenômeno em uma possível mudança em curso, ela é mais recorrente na fala dos jovens do que na fala dos idosos; já quando se trata de uma variável estável, os mais jovens e os mais velhos apresentam frequências mais altas da variante inovadora e os medianos (devido às pressões de mercado, etc.) apresentam uma frequência significativamente mais baixa.

Quanto aos estudos sobre as formas de tratamento, como foi apontado na pesquisa de Franceschini (2011), o pronome *tu* está mais presente na fala dos mais velhos, enquanto o pronome *você* apresenta uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem. Dos trabalhos já realizados, foi revelado que, nos estudos de Alves (2010), Oliveira (2007; 2005), Assunção e Almeida (2008) e Dias (2007), a faixa etária foi a variável extralinguística de maior relevância.

No Centro-Oeste, como vemos em Dias (2007), os jovens usam mais o *tu*, enquanto os mais velhos usam mais o *você*. No Sul, o trabalho de Loregian-Penkal (2004) revela que os jovens são os que mais utilizam o pronome *tu*. No Nordeste, os estudos de Alves (2010) e Oliveira (2007; 2005) mostram que os jovens favorecem o uso do *tu*. Daí a necessidade de controlarmos na nossa amostra os seguintes fatores:

- Faixa etária I (15 a 25 anos)
- Faixa etária II (26 a 49 anos)
- Faixa etária III (a partir de 50)

b) Escolaridade

Um grupo de fator de grande relevância para os estudos variacionistas é a escolaridade, uma vez que estudos apontam que esta variável influencia nas escolhas linguísticas dos falantes. Os que têm mais tempo na escola, normalmente, estão em contato mais fortemente com as formas de prestígio, enquanto os que não vão à escola, às vezes nem tiveram esse contato. De modo geral, está associada à questão da forma estigmatizada, ou seja, os falantes com menos escolaridade tendem a utilizar a forma que possui menos prestígio.

Segundo Votre (2010), há uma oposição entre as formas de expressão das pessoas consideradas na escala socioeconômica com os falares de pessoas que não possuem prestígio social nem econômico. As pessoas que são prestigiadas, com escolaridade mais elevada e que estão inseridas em uma classe social mais alta, tornam-se modelo e referência do bem falar e escrever. Em oposição a esses falantes, os de classe baixa, com pouca escolaridade, sofrem preconceitos, com falares que são estigmatizados.

Quanto às pesquisas sobre a alternância dos pronomes de 2ª pessoa, a escolaridade é um grupo de fator considerado importante, aparecendo selecionado pelo Varbrul em muitos trabalhos, além de ser considerado o mais relevante de todos, como ocorre nos estudos de Santos (2012), Franceschini (2011), Zilli (2009), Modesto (2006), Loregian-Penkal (2004), Orlandi (2004) e Packer (1990).

Em nosso estudo, trabalhamos apenas com a norma popular, uma vez que o projeto NORPOFOR não teve intenção de estudar a norma culta de Fortaleza. Assim, analisamos os três níveis de escolaridade controlados neste projeto, que são os seguintes:

- nenhum a 4 anos
- 5 a 8 anos
- 9 a 11 anos

c) Gênero/sexo

É importante destacar a discussão que paira sobre os termos gênero e sexo. Isso se deve ao fato de, por muito tempo, terem sido tratados como sinônimos. Enquanto o sexo é atribuído por uma questão biológica, o gênero é atribuído pelo seu papel social, o que o torna mais viável para o estudo. Dessa forma, trataremos esta variável como gênero/sexo em virtude do nosso banco de dados ter dado preferência ao sexo biológico, quando se fazia o contato com o informante.

Sobre as diferenças na fala de homens e mulheres, Paiva (2010, p. 35) afirma que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres “refletem mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres”. Por sua vez, Labov (2008[1972]) assevera que as mulheres optam pela variante de prestígio. O autor atesta que, em fala monitorada, elas usam as formas consideradas estigmatizadas menos que os homens e optam também pela forma de prestígio. Além de usar a variante prestigiada, segundo o autor, na fala casual, as mulheres tendem a usar a variante inovadora e tendem a se corrigir mais que os homens nos contextos formais.

Assim, pode-se dizer que homens e mulheres, mesmo vivendo na mesma comunidade de fala, procuram meios diferentes para se comunicar. A escolha pela norma padrão, pelas mulheres, deve-se a vários fatores, dentre eles, estudiosos acreditam que sejam devido às pressões sociais. Consideradas como “sexo frágil”, é necessário quebrar preconceitos para serem aceitas e isso reflete nas escolhas linguísticas.

Ainda sobre as diferenças na fala entre homens e mulheres, Peña e Castillo (1998) mostram que isso acontece há muito tempo, devido à desvalorização da mulher no decorrer dos anos. Os autores entendem que as mulheres constituiriam um grupo minoritário, de menor *status*. Por isso, o uso da língua poderia ser uma arma, para que elas não se sentissem inferiores ao homem.

Na oposição masculino-feminino, os dois elementos não se encontram no mesmo nível. Enquanto o termo homem não possuía nenhuma marca negativa, na palavra mulher se encontram muitas conotações desse tipo. O resultado disso foi que, ao longo do tempo, as mulheres adquiriram consciência de si mesmas como um grupo, mais especificamente como um grupo minoritário. Estudos recentes em psicologia social indicam que as pessoas podem adquirir identidade social, como resultado de sua participação em vários grupos, mas somente adquirem sentido como tal, quando se comparam com outros grupos. Esta comparação mostra que há grupos com status mais elevado do que os outros, geralmente os grupos no poder e tem uma grande autoestima, e os grupos de menor status, subordinados e com baixa autoestima. Neste último grupo poderia pôr a mulher, visto que é amplamente reconhecido que ela tem um status inferior em relação aos homens em sociedade. E precisamente este reconhecimento das mulheres como uma minoria e sua busca para mudar isso, não só no local de trabalho, de educação e nível social, como também no aspecto

linguístico, melhor identificam a mulher como um grupo ³⁵. (PEÑA; CASTILHO, 1998, p.38)

Baseados nisso, podemos dizer que a luta por igualdade faz com que as mulheres, inconscientemente, optem por uma língua mais conservadora. Ao se tratar do uso de pronomes de segunda pessoa, deveríamos, então, esperar, neste caso, que a mulher preferisse o pronome neutro, *você*.

É válido dizer que a preocupação linguística não ocorre apenas na fala mais monitorada, mas também no estilo menos monitorado a mulher tende a se preocupar com o uso da variável de maior prestígio. Tanto que, nos trabalhos sociolinguísticos, o grupo de fatores sexo/ gênero quase sempre é apontado como relevante para a ocorrência da variação. Ao tratarem dos pronomes *tu* e *você*, Santos (2012), Franceschini (2011), Andrade (2010), Paredes (2008), Dias (2007), Lucca (2005) e Lorengian-Penkall (2004) apresentaram esta variável como importante em suas pesquisas.

As pesquisas sociolinguísticas revelam que, em casos de variação estável, os homens utilizam mais frequentemente as formas não padrão do que as mulheres. No entanto, nos casos em que há indícios de mudança linguística, as mulheres usam as formas inovadoras com mais frequência do que os homens (LABOV, 1990).

Para Labov (2008[1972], p.348), “a generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”. Esse papel de cada gênero faria parte dos padrões de interação social, que operam sobre um conjunto sutil de valores sociais convencionais. Não seria “somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro.”

³⁵ En la oposición hombre-mujer, los dos elementos no se encontraban en el mismo nivel. Mientras el término hombre no poseía ninguna marca negativa, en la palabra mujer se encontraban muchas connotaciones de este tipo. Esto provocó que, con el paso del tiempo, las mujeres adquirieran conciencia de ellas mismas como grupo, más específicamente como grupo minoritario. Estudios recientes en psicología social indican que las personas pueden adquirir identidad social como resultado de su pertenencia a varios grupos, pero solamente adquieren sentido como tal cuando se comparan con otros grupos. De esta comparación se desprende que existen grupos con mayor estatus que otros, generalmente los grupos que ostentan el poder y poseen una alta autoestima, y grupos con un menor estatus, subordinados y con baja autoestima. En este último grupo podría ubicarse la mujer, pues es ampliamente reconocido que ella posee un estatus inferior respecto al hombre en la sociedad. Y justamente este reconocimiento de la mujer como minoría y su búsqueda por cambiar este hecho, no sólo en el ámbito laboral, educativo y social, sino también en el aspecto lingüístico, identifican mejor a La mujer como grupo. (tradução minha)

Quando se trata dos trabalhos já realizados sobre a alternância dos pronomes de segunda pessoa no Brasil, Scherre e Yacovenco (2011) realizaram uma síntese desses estudos, mostrando a distribuição destes pronomes, por região brasileira, em função do comportamento de cada gênero e do que isso representa do ponto de vista sociolinguístico. Vejamos as palavras das autoras a este respeito:

Associamos o uso mais frequente de TU por parte das mulheres (caso das localidades das regiões Sul, Nordeste e Norte), quando esse pronome for um traço mais geral ou de fácil registro e marcar a identidade geográfica dos falantes. Por outro lado, associamos o uso menos frequente de TU por parte das mulheres (caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste), quando esse pronome for um traço menos geral ou de difícil registro e não marcar a identidade geográfica dos falantes, mas, sim, essencialmente, interação solidária ou de maior proximidade entre os falantes (logo, os homens estão à frente, quando esse pronome for um traço mais específico marcando relações solidárias entre grupos mais coesos). (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 135)

A realização dos pronomes na fala das mulheres não ocorre de forma homogênea no Brasil. Enquanto em algumas localidades, há o predomínio do *tu*, em outras há o predomínio do *você*. Como Scherre e Yacovenco (2011) bem enfatizam, o uso do *tu* pode ocorrer pelo traço mais genérico ou marcar a identidade geográfica. Observa-se que as duas formas são aceitas, mas, dependendo da localidade, a própria população adotará uma como a de prestígio ou marca identitária. E isso se dará, preferencialmente, através da fala da mulher.

Assim, considerando as informações apresentadas aqui, decidimos analisar o comportamento desta variável em nossa amostra, controlando os fatores:

- Masculino
- Feminino

d) Grau de intimidade entre os informantes

Nos trabalhos realizados sobre a alternância dos pronomes, um grupo de fatores recorrente nesses estudos é o grau de intimidade entre os informantes. Alguns estudos, como o de Martins (2010), Soares (1980) e Sette (1980), apontam que, quando há a alternância, o grau de intimidade indica qual pronome será usado. Os resultados apontam que, quanto maior a informalidade, maior o emprego do pronome *tu* e quanto menor a formalidade, maior o uso do pronome *você*.

Para determinarmos o grau de intimidade entre os interlocutores da nossa amostra, examinamos a ficha pessoal dos informantes. Após isso, fizemos a audição do inquérito e

observamos a conversação entre os participantes e a quantidade de troca de turnos entre eles para sabermos se o grau de intimidade entre os falantes era alto ou baixo. Daí estipulamos os seguintes fatores:

- Alto grau de intimidade: caracteriza as conversas em que havia um alto índice de troca de turno entre os informantes e eles falavam quase na mesma proporção.
- Baixo grau de intimidade: conversas impessoais que tratavam do passado ou apenas do trabalho dos informantes, com textos longos e com pouca troca de turno³⁶ entre os interlocutores.

e) Grau de simetria entre os interlocutores: simetria e assimetria

Outra variável presente nos estudos das formas de tratamento é o tipo de relação entre os interlocutores. Brown e Gilman (1960) explicam que as relações simétricas ocorrem quando existe uma relação hierárquica de poder nas relações - superior/inferior, seja pela idade, seja por função no ramo profissional ou simétrica, quando os falantes se encontram numa relação de igualdade de papéis sociais.

Trabalhos como o de Dias (2007) apontam que, quando a relação é de simetria, utiliza-se o pronome de maior intimidade e, quando a relação é de assimetria, emprega-se a forma de menor intimidade. Trabalhos como o de Lopes e Duarte (2003) e o de Silva e Barcia (2002, 2002a), que estudaram peças teatrais brasileiras e portuguesas e cartas particulares respectivamente, corroboram com essa afirmativa e mostram que, nas relações de assimetria, o uso do pronome de menor intimidade será utilizado pelo interlocutor que estiver na posição desfavorável, enquanto o pronome de maior intimidade será empregado pelo falante que estiver na posição favorável. Em nosso trabalho, dividimos esta variável em quatro fatores, que são:

- Muito simétrico: os informantes apresentam a mesma idade e o mesmo sexo; não é possível perceber quem domina a situação, porque ambos interagem muito; há muita disputa pelo turno de fala e o documentador não participa nenhuma vez do diálogo.
- Totalmente assimétrico: os interlocutores têm idades diferentes e sexos distintos; um dos falantes tem maior poder sobre a situação e pode haver a interferência do documentador.

³⁶ Marchuschi (2003 [1986], p.89) define turno como “produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio, que é significativo e notado”. O autor lembra a diferença entre *ato de fala* e turno. No exemplo, “você me emprestaria o telefone/ que o meu está quebrado?”, são dois atos, mas um turno. (MARCHUSCHI, 2003 [1986], p.89, grifo nosso)

- Parcialmente simétrico: os participantes possuem mesma idade e sexos diferentes; não é possível perceber quem domina a situação, porque ambos interagem muito e há muita disputa pelo turno de fala e o documentador não participa nenhuma vez do diálogo.
- Parcialmente assimétrico: os interlocutores apresentam idades diferentes e mesmo sexo, um deles tem maior poder sobre a situação e pode haver a interferência do documentador.

6.4 LEVANTAMENTO DE DADOS

Inicialmente, lemos as transcrições para sabermos quais inquiridos apresentavam mais registros do fenômeno em estudo e, em seguida, fizemos a audição apenas daqueles que apresentavam mais ocorrências dos pronomes analisados, porque, apesar de já haver material transcrito, precisávamos não só termos absoluta certeza da realização de formas como *cê* e *você* que, facilmente, poderiam ter sido transcritas de forma equivocada pelo transcritor, considerando o volume de dados de uma transcrição sociolinguística, mas também necessitávamos conferir a entonação dos enunciados, pois o transcritor também poderia se esquecer de usar o sinal indicativo de interrogação ou alterar a ordem dos elementos da frase, o que ocorreu com pouca frequência, mas encontramos alguns casos deste tipo.

Ao todo, fizemos a audição de 25 horas, 21 minutos e 25 segundos. Feito isso, o próximo passo foi codificar o material.

6.5 CODIFICAÇÃO DOS FATORES

Concluído o levantamento de dados, a etapa seguinte foi a codificação dos fatores. Atribuímos códigos tanto para a variável dependente como para as variáveis independentes. Para ilustrar nossas palavras, tomemos uma ocorrência “*tu não tinha ontem?*”, retirada do inq. 04, que era codificada da seguinte forma: (tm2CasSoz0e?ndTs+p0. Nesta cadeia de codificação, t representa a variável dependente *tu* e as demais, as variáveis independentes, como o gênero/sexo (m- masculino), a faixa etária (2- 25 a 49 anos), a escolaridade (C- 9 a 11 anos), posição do pronome em relação ao verbo (a- antes do verbo), estrutura do verbo (s- verbo simples), função sintática do pronome (S- sujeito), tipo de relato (o- original), paralelismo (z- isolado), efeito gatilho (0- sem efeito gatilho), tipo de referente (e- específico), tipo de entonação (?- frase interrogativa), polaridade da sentença (n- negativa), tempo verbal

(d- pretérito imperfeito do indicativo) , tipo de verbo (T- verbo ter), grau de intimidade entre os informantes (s- parcialmente assimétricos), tipo de relação entre os interlocutores (+- muita interação), tipo de fala (p- lembranças da adolescência) e, por fim, concordância com o verbo (0- tu com morfologia verbal zero). Seguindo esta mesma sequência, fizemos a codificação de todas as ocorrências de nossa amostra.

Tivemos o cuidado em utilizar códigos que fossem motivados, para facilitar a codificação e não utilizamos códigos como l e 1 ou O e 0 no mesmo grupo, o que poderia dificultar futuramente o processo de correção e a leitura dos dados. Após salvarmos os dois arquivos no formato .tkn, um para as formas pronominais e outro para as formas nominais, os dados puderam ser submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X.

6.6 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para a análise estatística dos dados, utilizamos em nosso trabalho o pacote computacional Varbrul, que é constituído por um conjunto de programas para análise estatística de dados linguísticos em variação. Sobre o Varbrul, Guy e Zilles (2007, p. 105) afirmam que:

é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes.

Usaremos este programa na sua versão mais atual, o GoldVarb X, largamente utilizado pelos pesquisadores variacionistas, para se obter o resultado mais preciso nos estudos descritivos da língua. O uso dessa ferramenta permite que possamos fazer uma análise mais adequada da alternância das formas de tratamento pronominais (*tu/você/cê/senhor*) e nominais (*macho, rapaz, mulher, cara, meu amigo, minha filho*), definindo “a natureza e a extensão de cada um dos efeitos condicionadores, permitindo ‘predizer’ probabilisticamente a taxa aproximada [do uso dos pronomes] por certo indivíduo” (GUY; ZILLES, 2007, p.49). Esses resultados poderão ser fornecidos através das informações sobre as características sociais do informante, da situação social e do contexto linguístico.

De forma muito sucinta, Guy e Zilles (2007) explicam como se faz a análise:

Na análise quantitativa, cada fator recebe um ‘peso’ (‘valor do fator’ ou ‘probabilidade de *input*’ (‘Po’), que é, de fato, uma medida global do índice de aplicação da regra. Uma função matemática é usada para combinar os valores dos fatores e a probabilidade de *input*, a fim de produzir os índices esperados de aplicação da regra em cada célula. Diversas funções foram usadas na literatura; a que é favorecida atualmente é a ‘função logística’. (GUY; ZILLES, 2007, p.51).

O primeiro passo para iniciar a análise estatística é submeter o arquivo de dados ao *checktok*, que verifica os erros cometidos na fase de digitação, que devem ser corrigidos pelo pesquisador. Com base nesse arquivo corrigido, ele pode criar o arquivo de células, responsável por apresentar as porcentagens obtidas para todas as variáveis. Neste arquivo, pode ocorrer nocaute que, segundo Guy e Zilles (2007, p.158), “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente”.

Ao aparecer um nocaute, a primeira ação do pesquisador é decidir se eles resultam da pequena quantidade de ocorrências ou se são nocautes verdadeiros. Se esta última possibilidade for a escolhida, os nocautes são excluídos das rodadas seguintes, visto que “o instrumento quantitativo que produz pesos relativos é apropriado exclusivamente para fenômenos linguísticos variáveis”. (SCHERRE; NARO, 2010, p.152) No entanto, apesar de serem retirados, devem ser analisados pelo pesquisador, pois são de extrema importância para compreendermos o fenômeno variável, uma vez que podem dar indícios de “um início ou fim de uma mudança linguística, ou a especialização de significância referencial, de funções discursivas ou de funções pragmáticas.” (SCHERRE; NARO, 2010, p.153).

Caso o nocaute seja aparente, Guy e Zilles (2008, p.160) apresentam algumas formas de eliminá-lo, mas ainda reter os dados: amalgamar o nocaute a outros fatores ou não usá-lo. Para os autores, quando os dados dos nocautes estão isolados num fator com poucos dados, a melhor opção é combinar tal fator com outro que não seja nocaute. O importante aqui é decidir com que fator o nocaute será amalgamado. Deve-se ter cuidado para haver uma lógica em sua combinação e não criar outro grupo que haja nocaute. Os autores também enfatizam que, caso haja muitos dados, o ideal é que o pesquisador pense na possibilidade de não retirar os dados sob pena de alterar os pesos relativos. A segunda forma de eliminar os nocautes é recodificá-lo com “não aplicável”, usando o sinal da barra /. Segundo Guy e Zilles (2008, p.161) não é a forma preferível de tratar o nocaute e aponta casos em que isso pode ocorrer: “quando não existe nenhuma amalgamação com outro fator do mesmo grupo que seja

plausível em termos teóricos; há muito pouco dados; a exclusão de fatores com nocautes permite ainda assim que se obtenha um grupo apropriado, talvez com outro título”.

Ainda lidando com o arquivo de células, outra possibilidade, numa análise estatística do GoldVarb X, é ocorrer *singleton group*, termo dado para os casos em que só são registradas ocorrências para um único fator dentro de um grupo. Nesses casos, eliminamos esse grupo, visto que o programa não avança na análise, quando há nocautes ou *singleton group*.

Após decidir se os nocautes devem ser excluídos ou amalgamados, prossegue-se a análise com a obtenção da seleção das variáveis relevantes para a regra de aplicação e dos pesos relativos referentes a cada um dos fatores. Quanto aos valores dos pesos relativos de uma regra binária, Scherre e Naro (2010), assim como Guy e Zilles (2008), informam que: abaixo de 0,50, o fator pode ser considerado desfavorecedor da regra variável e, acima de 0,50, é tido como favorecedor; já 0,50 é considerado o ponto neutro, ou seja, não favorece nem desfavorece a regra analisada.

Os valores percentuais são importantes, mas deve-se ter o cuidado de fazer a sua leitura junto com a do peso relativo, que estabelece uma significância estatística para a ocorrência de uma determinada variante. Nesse caso, o valor do peso relativo oferece ao pesquisador uma informação estatisticamente mais precisa sobre o fenômeno, já que trabalhar apenas com os percentuais pode acarretar em atribuir uma informação duvidosa ao objeto de estudo (GUY; ZILLES, 2008). Sobre isso, os autores ressaltam que:

Quando há vários fatores contextuais diferentes afetando uma variável linguística, uma série de tabelas que apresente esses efeitos separadamente [...] pode facilmente dar resultados distorcidos ou até enganadores, se os dados não estiverem uniformemente distribuídos por todas as variáveis independentes. Uma vez que a distribuição dos dados linguísticos geralmente é, de fato, desigual, uma análise multivariada dará resultados mais preciosos, porque ao mesmo tempo em que computa o efeito de uma variável independente, ela controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis independentes conhecidas. (GUY; ZILLES, 2008, p. 34)

O pesquisador deve observar também qual foi o *input*, que é a média global corrigida, obtido na melhor rodada. Vejamos o que dizem Scherre e Naro (2010, p.165) sobre isso:

O papel do *input* no modelo misto ou logístico é o de fazer com que exista ‘somente um conjunto de efeitos de fatores que prediz qualquer conjunto particular de percentagens contextuais’ e permitir que diferentes análises do mesmo conjunto de dados possam ser adequadamente comparadas (Sankoff, 1988b). O *input* funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, e o efeito de cada

fator pode ser interpretado como uma medida do desvio deste ponto de referência associado ao fator.

Além do *input*, observa-se também o *nível de significância* que quanto mais baixo (0,05 ou 0,01), maior a confiança de que esse dado é verdadeiro, ou seja, não foi um dado camuflado pelos percentuais. (SCHERRE; NARO, 2010)

Feita a primeira análise, pode-se fazer o seu refinamento por meio de outras mais específicas, aprofundando o resultado através de testes com as variáveis estudadas. “Muito mais comum são situações em que é preciso realizar sucessivas análises, para testar várias hipóteses e sub-hipóteses, e, ao final, aperfeiçoar o ajuste do modelo quantitativo” (GUY; ZILLES, 2007, p.174). Para isso, o primeiro passo é eliminar grupos de fatores que não são significativos para o trabalho. Ao se ter os primeiros dados informados pelo *step-up/step-down*, deve-se “testar (com rodadas adicionais) as distinções feitas dentro dos grupos de fatores, e eliminar os que não são significativos” (GUY; ZILLES, 2007, p.174-175).

Guy e Zilles (2007) também informam que há outras opções para se fazer testes com as variáveis. “Consideramos [...] outras recodificações e rodadas adicionais: testar análises alternativas, eliminar redundância e superposição de fatores e investigar interação” (GUY; ZILLES, 2007, p.175).

Ao final da análise estatística, os dados são interpretados do ponto de vista sociolinguístico. Convém lembrar, conforme Scherre e Naro (2010, p. 162), que “Os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista”. Assim, de nada valem os dados, se o linguista não souber interpretá-lo.

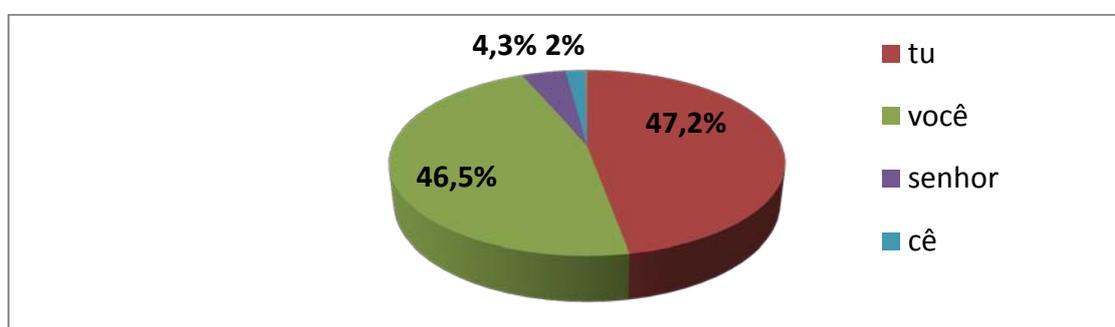
7 ANÁLISE DOS DADOS

Para desenvolver nossa análise, dividimo-la em duas grandes partes: uma que apresenta as rodadas apenas para as formas pronominais *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *o(a) senhor(a)*, que podem ocorrer em mais de uma função sintática; e outra que traz as rodadas realizadas para as formas de tratamento *macho*, *mulher*, *rapaz*, *meu/minha filho(a)*, *cara*, *meu amigo*, *amiga*, *meu irmão*, *menino(a)*, que atuam apenas na posição de vocativo.

7.1 FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAIS

Nessa primeira parte da análise, apresentamos as rodadas binárias realizadas para as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *o(a) senhor(a)*, formas que atuam em mais de uma função sintática, como sujeito, objeto, predicativo, adjunto e vocativo. Na nossa amostra, estes pronomes se distribuem pelas funções sintáticas da seguinte forma: sujeito: *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *o(a) senhor(a)*; vocativo: *você* e *o(a) senhor(a)*; predicativo do sujeito: *você* e *o(a) senhor(a)*; objeto indireto: *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*; objeto direto: *você* e *o(a) senhor(a)*; adjunto adnominal: *você* e *o(a) senhor*. Nota-se que o *você* e *o(a) senhor(a)* aparecem em todas as funções sintáticas, mas o *tu* aparece apenas na função de sujeito e objeto indireto.

Gráfico 7: Percentuais obtidos para as variantes que ocorrem em mais de uma função sintática



Submetidos os nossos dados ao GoldVarb X, obtivemos 1679 ocorrências, distribuídas pelas cinco variantes analisadas, desta maneira: *tu* com 792 ocorrências (47,2%), *você* com 780 realizações (46,5%), *o(a) senhor(a)* com 73 dados (4,3%), *cê* com 33 realizações (2%) e *ocê* somente com 1 dado (0,1%). O gráfico 6 permite a visualização da distribuição dos percentuais destas formas, com exceção do *ocê*, que, praticamente, não ocorreu na amostra. Os pronomes mais frequentes são o *tu* e o *você* que, em termos de aplicação, aparecem

praticamente empatados. O(a) *senhor(a)* é a terceira variante mais recorrente em nossos dados, assemelhando-se, esse resultado, ao trabalho de Martins (2010), único estudo em que aparece esse pronome (4,9%), diferentemente dos demais *corpora* analisados no restante do país, em que o(a) *senhor(a)* aparece com uma frequência muito baixa, inviabilizando análises estatísticas. O *cê* dá indícios de aparecer no falar fortalezense, mas ainda de forma muito tímida, enquanto o *ocê*, que só apareceu uma vez, foi excluído, por esse motivo, de futuras análises.

Como, na nossa amostra, os pronomes mais recorrentes são *tu* e *você*, decidimos comparar seus resultados com os de outros trabalhos realizados em diversas partes do Brasil. Com a ajuda da tabela 1, constatamos que nenhum outro estudo mostra um uso tão aproximado desses pronomes, como o que corre no nosso.

Tabela 1: Frequência de uso das variantes *tu* e *você* em outras localidades do Brasil

| Estudo | Localidade | Tu | Você |
|-----------------------------------|--|-----------|-------------|
| Nogueira (2013) | Feira de Santana e Salvador –BA | 4,85 | 95,15 |
| Santos (2012) | Rio de Janeiro-RJ | 12 | 49 |
| Babilonia e Martins (2011) | Manaus-AM | 35 | 65 |
| Franceschini (2011) | Concórdia_SC | 55 | 45 |
| Andrade (2010) | Brasília-DF | 48 | 26 |
| Rocha (2010) | Ratones e Santo Antonio de Lisboa- PR | 97 | 3 |
| Martins (2010) | Tefé-AM | 42,9 | 22,9 |
| Alves (2010) | Maranhão | 38,4 | 51,3 |
| Lopes et al (2009) | Rio de Janeiro-RJ | 35 | 65 |
| Zilli(2009) | Criciúma –SC | 93 | 7 |
| Santana (2008) | Santana-BA | 34 | 65 |
| Divino (2008) | Recôncavo Baiano-BA | 16 | 58 |
| Assunção e Almeida (2008) | Santana-BA | 10 | 90 |
| Mota (2008) | São João da Ponte-MG | 10 | 89 |
| Dias (2007) | Brasília | 10,6 | 26,5 |
| Oliveira (2007) | Santo Antônio de Jesus e Poções-BA | 12 | 88 |
| Herênio (2006) | Uberlândia-MG | | 100 |
| Herênio (2006) | Imperatriz-MA | 27 | 73 |
| Modesto (2006) | Santos-SP | 32 | 67 |
| Oliveira (2005) | Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé | 12 | 88 |
| Lucca (2005) | Brasília | 72 | 28 |
| Loregian-Penkall (2004) | Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha | 87 | 13 |
| Loregian-Penkall (2004) | Região de Santa Catarina | 26 | 74 |
| Loregian-Penkall (2004) | Região do Rio Grande do Sul | 89 | 11 |

| | | | |
|-----------------------------------|---------------------------------|------|-------|
| Orlandi (2004) | Tubarão-SC | 73 | 27 |
| Sales (2004) | Fortaleza-CE | 7 | 93 |
| Paredes Silva (Amostra 80) | Rio de Janeiro-RJ | 9 | 91 |
| Paredes Silva (Amostra 00) | Rio de Janeiro-RJ | 9 | 91 |
| Paredes Silva (Amostra 96) | Rio de Janeiro-RJ | 68 | 32 |
| Mendes (1998) | Congresso Universitário da UFMG | | 100 |
| Bezerra (1994, 1997) | Paraíba | 69 | 31 |
| Packer (1990) | Jaraguá do Sul- SC | 22,9 | 35,06 |
| Sette (1980) | Recife-PE | 2,5 | 52,5 |

Fonte: Elaboração própria

O trabalho que mais se assemelha ao nosso, de acordo com a tabela 1, é o de Franceschini (2011), com 55% para *tu* e 45% para *você*. Os demais estudos possuem percentagens bem diferentes das nossas. Além disso, ainda segundo a tabela 1, na maioria das localidades, o uso do *você* é mais evidente, com exceção de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em que o uso do *tu* é mais acentuado.

Controlamos também o fato de haver ou não a concordância verbal com o pronome *tu* e somente 3/792³⁷ dados foram encontrados para a concordância canônica (0,37%). Dessa forma, podemos dizer que, na fala dos informantes fortalezenses, a concordância canônica praticamente inexistente. Por não ter produtividade nos nossos dados, o grupo de fatores concordância verbal foi retirado do elenco de variáveis.

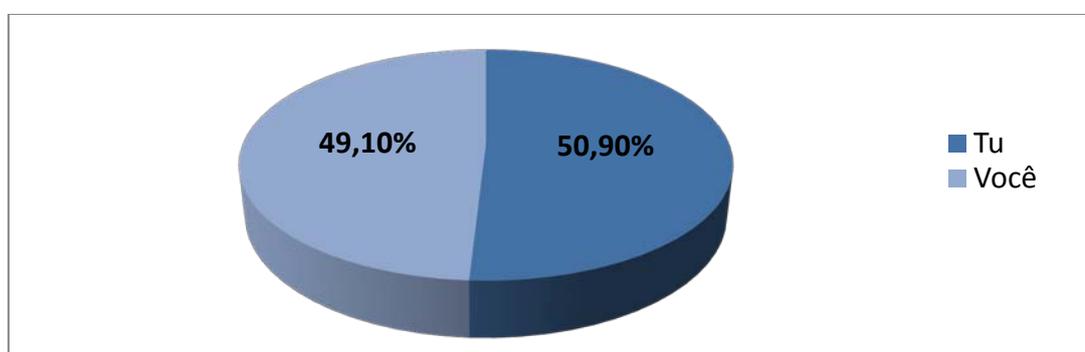
Para desenvolver esta primeira parte da análise, realizamos as seguintes rodadas binárias: *tu x você*, *tu x você + cê*, *cê x você* e *senhor x você*. Depois de analisar cada uma destas, apresentamos rodadas com o refinamento de resultados para as variáveis sociais (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade) e para a única variável interacional (grau de intimidade entre os informantes), selecionadas como relevantes na rodada *tu x você*. Isto foi feito apenas nesta rodada, por ela ter sido a que apresentou o maior número de dados.

³⁷ Do total de ocorrências para *tu*, apenas foram registrados 3 dados com a concordância canônica, produzidos por um homem (um dado) e uma mulher (duas ocorrências).

7.1.1 TU X VOCÊ

Na primeira análise binária realizada para *tu* x *você*, obtivemos 1572 dados e verificamos que, no grupo de fatores função sintática, tivemos alguns nocautes, a saber: o *tu* não apareceu na função de objeto direto (com 08 ocorrências para *você*), na de adjunto adnominal (com 04 ocorrências *você*), na de predicativo do sujeito (com 01 ocorrência *você*) e na de vocativo (com 04 ocorrências *você*). Com a eliminação destes nocautes, o número de ocorrências passou a ser de 1555 dados e, na segunda rodada, obtivemos os seguintes resultados: 50,9% para *tu*, com 792/1555, e para *você* 49,10%, com 763/1555, como mostra o gráfico 8. Mesmo com a eliminação de dados, nota-se ainda uma semelhança entre os números da primeira e da segunda rodada:

Gráfico 8: Percentuais obtidos para as variantes *tu* e *você* após a retirada dos nocautes



Na segunda rodada, o GoldVarb X revelou que o melhor *step up* foi o 138 (*Input* 0.499, *Log likelihood* = -820.719, *Significance* = 0.042). Dos 17 grupos de fatores controlados neste estudo, treze foram selecionados pelo programa. Foram eles, por ordem decrescente de relevância: entonação, tipo de fala, tipo de referente, faixa etária, sexo/gênero, grau de interação no discurso, tipo de relato, tipo de verbo, função sintática, paralelismo formal, escolaridade e tempo verbal. Os grupos excluídos foram somente cinco: posição em relação ao verbo, estrutura do verbo, polaridade, grau de simetria entre os informantes e efeito gatilho. A seguir, veremos cada variável selecionada nesta rodada por ordem de importância.

a) Entonação

Tabela 2: Atuação da entonação sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total³⁸ | % | P.R. |
|---------------------------------|----------------------------------|----------|-------------|
| <i>Interrogativa</i> | 269/354 | 76 | 0,701 |
| <i>Declarativa/ exclamativa</i> | 523/1201 | 43,5 | 0,438 |

Selecionada em primeiro lugar, esta variável diz respeito tanto às frases interrogativas quanto às declarativas e/ou exclamativas. Como mostra a tabela 2, as frases interrogativas (76,% e 0,701) favorecem o uso do *tu* de forma bastante expressiva, ao passo que as frases declarativas e/ou exclamativas (43,5% e 0,438) inibem o seu emprego.

A frase entonacional, para Hernandorena (2001, p. 239), seria “o conjunto de frases fonológicas ou apenas uma frase fonológica que porte um contorno de entoação identificável”. O contorno entoacional das frases declarativas, exclamativas ou interrogativas é a primeira pista que o ouvinte utiliza para proceder à interpretação da frase, uma vez que elas apresentam um comportamento específico (SILVA, 2011, p.24). A este respeito, Silva (2011) procura desenvolver diferenças entre a entoação das interrogativas e das declarativas.

Para Fónagy (1993, p.44), essa ‘busca de tensão que parece caracterizar a entoação das interrogativas as associa de forma evidente aos enunciados inacabados’. A esse respeito, pode-se afirmar que o comportamento fonológico descendente final das frases assertivas é semelhante ao comportamento das frases acabadas, visto que ambas veiculam uma informação completa. A questão total, por outro lado, mostra a intenção do falante em completar uma informação através da resposta sim/não de seu interlocutor, o que justifica, semanticamente, concretizar-se por meio de uma curva ascendente final, comportamento semelhante ao de frases inacabadas. (SILVA, 2011, p.37).

Considerando que as diferenças entre os enunciados possa se dar entre informação completa e incompleta, nas frases interrogativas há necessidade de uma maior interação para que o outro possa “acabar” o enunciado de seu interlocutor. Dessa forma, entende-se o uso do pronome *tu* ter sido mais evidente nesse contexto de menor monitoramento e de maior grau de intimidade entre os interlocutores.

³⁸ Aplica refere-se à quantidade de ocorrências da variante analisada, enquanto o Total refere-se ao total de vezes que as duas variantes foram realizadas nessa rodada. O P.R. é a abreviatura para Peso Relativo.

Quanto aos trabalhos já realizados no Brasil, na pesquisa de Andrade (2010) e Lucca (2005), essa variável também é selecionada para o pronome *tu*, assim como no de Almeida e Assunção (2008) e, nestes três estudos, as interrogativas favorecem essa variante. Esta última investigação não apresenta pesos relativos, portanto a afirmação de que este grupo favorece o *tu* se baseia apenas nos percentuais obtidos para as interrogativas (29%) e para as afirmativas (6%).

O trabalho de Lucca (2005) mostra que o tipo de estrutura que mais favorece o uso do *tu* é a exclamativa (94% e 0,87), mas a frase interrogativa também favorece esse pronome, mesmo de forma menos expressiva (79% e 0,54). A autora afirma que o caráter emotivo das frases interrogativas reflete no estilo menos monitorado, favorecendo o uso do *tu*.

Andrade (2010) observa que os enunciados interrogativos (46,7% e 0,73) favorecem o *tu*, ao contrário dos não interrogativos (29,9% e 0,42). Nota-se, em seu estudo, que os pesos relativos desta variável são tão expressivos quanto os nossos. A autora constata que, em orações mais exaltadas, com tom mais emotivo ou cantado (tom alto ou ascendente), o *tu* é favorecido.

Um ponto importante é que o tipo de registro que foi selecionado para a nossa pesquisa, o D2 (Diálogo entre dois informantes), apresenta um baixo monitoramento e uma situação de interação mais próxima, já que são amigos ou familiares conversando. Dessa forma, é de se esperar que haja mais frases interrogativas do que, por exemplo, nas entrevistas sociolinguísticas do tipo DID. Essas frases são mais frequentes nas conversas, como Silva (2011) mostra, como forma de interagir ainda mais com o interlocutor.

Apesar de conhecermos sua importância, em nossa hipótese inicial, esperávamos que esse fosse um grupo de fatores selecionado pelo programa, mas não esperávamos que se revelasse o maior favorecedor do *tu*. No entanto, acreditávamos que as frases interrogativas, pelo seu caráter mais íntimo, favoreceriam o uso do pronome *tu*.

b) Tipo de fala

A segunda variável selecionada foi o tipo de fala que se refere aos assuntos abordados pelos interlocutores na nossa amostra. De acordo com os pesos relativos da tabela 3, as observações irônicas/brincadeiras (0,910) surgem como o fator que mais influencia positivamente o uso do *tu*. Embora com valores menos expressivos, a fofoca (0,655) também favorece esse pronome, assim como as conversas sobre relacionamento amoroso (0,587) e as

recordações (0,579). Entretanto, esses dois últimos fatores apresentam pesos bem menos expressivos do que os dois primeiros. Os demais fatores desfavorecem o uso do *tu*, sendo a repreensão seu maior inibidor (0,167), seguido pela religião (0,218), pela conversa sobre o trabalho (0,457) e pela conversa casual (0,472).

Em nossa amostra, constata-se que os tipos de conversa onde encontramos mais descontração ou em que questões emotivas estão em pauta são aliadas da aplicação do *tu*, confirmando nossa hipótese a respeito disso. Assim enunciados, como “Inf. 1 tu é dOido meu irmão... (Inq. 35)”, muito recorrentes nas brincadeiras e observações irônicas de nossos interlocutores, favorecem, de forma muito acentuada, o uso do pronome *tu*, conforme esperávamos.

Para ilustrar, alguns exemplos de brincadeiras e/ou observações irônicas presentes em nosso *corpus*.

Inf.2:[aí *tu* ficou logo estribado hein... (Inq. 35)

Inf.2: [isso *tu* estribado que só uma bezerra... (Inq. 35)

Inf1- NÃO *você* que falou alto... *cê* parece que é MÔca

Inf2- môca é *tu*

Inf1- é lesada *tu*... (Inq. 49)

Tabela 3: Atuação do tipo de fala sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|--------------|------|-------|
| Observações irônicas/brincadeiras | 48/53 | 90,6 | 0,910 |
| Fofoca | 25/40 | 62,5 | 0,655 |
| Conversa sobre relacionamento amoroso | 59/93 | 63,4 | 0,587 |
| Recordações | 40/99 | 41,5 | 0,579 |
| Conversa Casual | 541/1057 | 51,2 | 0,472 |
| Conversa sobre trabalho | 68/161 | 42,2 | 0,457 |
| Religião | 10/48 | 20,8 | 0,218 |
| Repreensão | 1/4 | 25 | 0,167 |

Por fofoca³⁹, entende-se aqui o ato de se falar de qualquer assunto, envolvendo um terceiro. O papel deste fator sobre o pronome *tu* pode ser explicado da seguinte forma: quando

³⁹ Segundo Weiser, (2009, p.357), em uma “**abordagem estratégica**” à fofoca, “os representantes dessa corrente preferem ver o mexerico como um gênero comunicativo que serve para a realização de interesses pessoais – muitas vezes, aos custos de um terceiro ausente”. Ainda de acordo com Wieser (2009, p.338), “para fofocar as pessoas têm que compartilhar os mesmos valores e conhecer a terceira pessoa ausente cujo caráter ou

os falantes conversam sobre outra pessoa, estão em uma situação informal, com um alto grau de intimidade, sem se preocupar com o que o outro vai pensar, porque confia no seu interlocutor.

Conversando sobre relacionamento amoroso e recordações do passado, o informante mostra, em geral, menor preocupação com a fala, visto que a sua atenção está centrada no quê ele fala e não no como.

No trabalho de Dias (2007), também destacam-se as observações irônicas como favorecedoras do emprego do *tu* em Brasília (31,7% e 0,80), mas com valores menos expressivos do que os achados em nossa análise. Apesar de sua baixa ocorrência, somente 04 dados, vale mencionar que a repreensão (4,9% e 0,34 para *tu*) no estudo de Dias (2007) foi um dos fatores selecionados para o *você*, ratificando o estudo de Bezerra (1994; 1997), em que este pronome tende a ocorrer em situações de não solidariedade, quando o falante ameaça a face do ouvinte.

c) Tipo de referente

Tabela 4: Atuação do tipo de referente sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Específico</i> | 785/1472 | 53,3 | 0,529 |
| <i>Genérico</i> | 7/83 | 8,4 | 0,110 |

A referência diz respeito à forma como são usados os pronomes: se de forma específica, referindo-se ao interlocutor, ou de forma genérica, quando se usa a segunda pessoa para se reportar a qualquer um. Verificamos que o pronome *tu* é, discretamente, favorecido quando é usado de forma específica (53,3% e 0,529), mas é amplamente desfavorecido se empregado de modo genérico (8,4% e 0,110), conforme podemos ver na tabela 4.

Encontramos somente sete ocorrências para forma genérica, que é um número muito reduzido, se comparado ao *você*, em uma amostra de 1555 dados, sendo que desses 792 pertencem ao *tu*. Desse modo, podemos dizer que o pronome *tu* como forma genérica não é muito usual entre nossos informantes, mas sim o *você*. Como ilustração do que estamos chamando de uso do *tu* genérico, abaixo segue um trecho da transcrição do inquirido 72, que faz parte de nossa amostra:

comportamento, supostamente, contradiz esses valores. O mexerico, então, marca o limite entre estes que fazem parte de um grupo e aqueles que não”.

Inf1. *Eu NÃO acho certo e nem errado não... eu acho que cada um tem sua consciência... cada um tem seu poder auto crítico... acho que cada um tem a força dentro de você... porque se eu for achar certo ou errado não vai interferir em nada na sua posição... o que tu acha pra ti mesmo... se tu pega... se tu/ seu tu tiver viciado não é o que tu quer não máh é o que o álcool fez contigo máh tu que se viciou pelo Álcool o álcool te viciou. (Inq. 72)*

Em todos os trabalhos onde essa variável foi relevante, mesmo quando a predominância do pronome não é a mesma, o *você* é mais usado como genérico do que o *tu*. Franceschini (2011), Martins (2010), Andrade (2010), Oliveira (2007, 2005) obtiveram resultados semelhantes aos do nosso estudo, revelando o favorecimento do *tu* pela forma específica. Outras pesquisas dão notícia do uso categórico do *você* como referência genérica, como o estudo de Nogueira (2013) e o de Divino (2008).

Dessa forma, podemos dizer que o uso do *tu*, de modo geral, é de referência específica, como hipotetizávamos. Isso não ocorre somente entre os nossos informantes, pois a maioria das pesquisas aponta para o uso genérico feito com o pronome *você*, como afirma Dias (2007), que, mesmo não tendo feito nenhuma análise estatística, mostrou que, na referência genérica, o uso é de 3,7% para *tu*, enquanto a aplicação do *você* é de 96,3%.

d) Faixa etária

Tabela 5: Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 388/625 | 62,1 | 0,637 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 262/520 | 50,4 | 0,460 |
| <i>Faixa etária III (a partir de 50 anos)</i> | 142/410 | 34,6 | 0,341 |

A faixa etária foi considerada relevante para os nossos estudos, sendo a quarta variável selecionada. Em nossa pesquisa, os informantes mais novos (faixa etária I) surgem como os únicos favorecedores do uso do *tu* (62,1% e 0,637), já que as faixas etárias II (50,4% e 0,460) e III (34,6% e 0,341) inibem o seu emprego, como mostra a tabela 5.

Labov (2008 [1972]) estabelece duas formas de estudar uma mudança linguística: em tempo aparente, “ao longo das dimensões formadas por faixas etárias da população atual”, ou em tempo real que “permite distinguir entre a gradação etária da população atual e os efeitos da mudança linguística” (LABOV, 2008 [1972], p.194).

Nosso trabalho analisa dados do tempo aparente, porque o banco de dados com o qual trabalhamos considerou as faixas etárias da comunidade de fala fortalezense da época (período de 2003 a 2006) como representante da “passagem de tempo”.

Leite, Callou e Moraes (2003, p. 88) entendem que o pesquisador, ao lidar com o tempo aparente, pode não estar diante de uma mudança, porque a distribuição por faixas etárias “pode ser apenas aparente e não representar mudanças na comunidade, vindo a constituir um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração”. Assim, o resultado em tempo aparente é de suma importância, para que se possa comparar esse estudo com um outro, no futuro, e observar se, realmente, se se trata de uma gradação etária ou de uma mudança linguística.

No entanto, segundo Araújo (2007, p.400), em “caso de possível mudança em curso os jovens apresentaram uma frequência muito mais alta da variante inovadora do que os adultos que, por sua vez, apresentaram uma frequência mais alta que os idosos”. Dessa forma, podemos dizer que os nossos dados apresentam indícios de uma mudança em curso, uma vez que o uso do *tu* se dá com os mais jovens, e, quanto mais velhos, de forma gradativa, mais se utiliza o *você*.

Considerando a afirmação de Leite, Callou e Moraes (2003), poderíamos dizer que os pesos da tabela 05 indicam uma gradação etária, mas, ao observarmos outros grupos de fatores, como o sexo/gênero e a escolaridade, acreditamos que, na verdade, há indícios aqui de uma mudança linguística, conforme esperávamos.

Sobre tempo aparente, Sankoff (2006, p.11) diz que este é “Um conceito verdadeiramente poderoso em constatar a presença de mudança linguística”. Para a autora, encontrar a distribuição da faixa etária em uma gradação, oferece indícios de que haja uma mudança linguística⁴⁰.

As pesquisas de Martins (2010), Alves (2010), Andrade (2010), Rocha (2010), Lopes et al (2009), Mota (2008), Paredes Silva (2008), Santana (2008), Dias (2007), Oliveira (2005), assim como a nossa, selecionaram os mais jovens como favorecedores do *tu*, mostrando que esta variante está em crescente ascensão, apresentando, dessa forma, indícios de uma mudança linguística, enquanto os trabalhos de Franceschini (2011), Assunção e Almeida (2008) e Oliveira (2007) privilegiam o uso do *você*. Vale salientar que, no trabalho de Franceschini (2011), os falantes da região em estudo, Concórdia- SC, usam com mais

⁴⁰ The most important implication of this conclusion is that apparent time is a truly powerful concept in locating the presence of change. (tradução minha)

frequência o pronome *tu*, sinalizando uma mudança em tempo aparente, como expõe a autora. Nesses trabalhos, podemos observar que todos sinalizam uma possível mudança linguística. Em nossa pesquisa, não apenas a faixa etária, mas outras variáveis nos darão subsídios para dizermos que há indícios de que o uso do *tu* no falar de Fortaleza trata-se de uma mudança linguística.

e) Gênero/sexo

Tabela 6: Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------|--------------|------|-------|
| <i>Feminino</i> | 470/802 | 58,6 | 0,576 |
| <i>Masculino</i> | 322/753 | 42,8 | 0,419 |

A quinta variável selecionada foi o gênero/sexo, cujos resultados, dispostos na tabela 5, indicam que as mulheres (58,6% e 0,576) são aliadas do *tu*, ao contrário dos homens (42,8% e 0,419), refutando nossa hipótese inicial, segundo a qual seriam os homens os maiores favorecedores do uso do *tu* e as mulheres seriam aliadas do *você*.

Os resultados obtidos aqui para esta variável se assemelham aos de trabalhos realizados na região norte, nordeste e sul do Brasil, a saber: Babilônia e Martins (2011) e Martins (2010) na região Norte; Franceschini (2011), Zilli (2009) e Loregian-Penkal (2004) na região Sul; Santana (2008) e Oliveira (2007; 2005) na região Nordeste. Todos esses trabalhos mostraram o grupo de fatores gênero/sexo como relevante, apresentando a mulher como favorecedora do *tu*. Nesses estudos, observamos que os falantes não estigmatizam o uso desse pronome, principalmente no Norte e Sul, onde, na verdade, é a variante mais usada.

Já as pesquisas realizados nas regiões Centro-Oeste, por Andrade (2010), Dias (2007) e Lucca (2005), e, no Sudeste, por Santos (2012), Lopes et al (2009) e Paredes Silva (2008), mostram que os homens beneficiam o uso do *tu*. Embora esses estudos indiquem um crescimento do uso desse pronome, não o apresentam como variante de prestígio. Na região Nordeste, encontramos apenas um trabalho, o de Assunção e Almeida (2008), que mostra os homens privilegiando o *tu*.

A pesquisa de Sales (2004), realizada com dois *corpora*, na cidade de Fortaleza, mostrou que as mulheres, diferentemente de nossa pesquisa, usam com mais frequência o *você*. Como a autora trabalha apenas com os DID (Diálogos entre Informante e

Documentador), isso pode ter contribuído para o uso do *você*, já que, neste tipo de gravação, o ambiente é monitorado e, nessas circunstâncias, os interlocutores tendem a ter mais cuidado com a fala, preferindo usar um pronome mais neutro.

Labov (1990) propôs dois princípios que nortearam suas pesquisas no que diz respeito ao gênero/sexo. O primeiro princípio considera que, em uma variação estável, os homens usam mais frequentemente a forma não padrão que as mulheres. Dessa forma, os homens são menos influenciados pelo estigma social, enquanto as mulheres são mais conservadoras, usam mais a forma padrão, devido ao prestígio da variante escolhida. O segundo princípio diz respeito às mudanças linguísticas. Quando há as mudanças *from above* [com consciência social e externas à variedade em uso], as mulheres favorecem o uso da variante de prestígio mais que os homens. Por ocorrerem em um nível relativamente elevado de consciência social, “mostram uma maior taxa de ocorrência em estilos formais, são frequentemente sujeitos a hipercorreção, e às vezes mostram estereótipos evidentes como com variáveis sociolinguísticas estáveis⁴¹” (LABOV, 1990, p.213). O autor expõe que o papel da mulher está relacionado tanto à aquisição de novos padrões de prestígio como também à eliminação de formas estigmatizadas.

Importar um novo padrão de prestígio é, essencialmente, a adoção de uma norma externa à comunidade de fala, e os grupos com alta insegurança linguística são mais sensíveis a essas normas. Os mesmos grupos são mais suscetíveis à eliminação de formas estigmatizadas, que se realiza sob o comando vigilante dos grupos dominantes reconhecidos publicamente⁴² (LABOV, 1990, p.213).

Labov (1990) ainda informa que, na mudança *from below* [sem consciência social e internas à variedade em uso], as mulheres usam a variante inovadora com mais frequência que os homens. O autor ainda ressalta que as mulheres da classe média baixa são as que mais evitam formas estigmatizadas e preferem formas de prestígio.

Em nossa pesquisa, podemos ver que o *tu* não é estigmatizado pelos nossos informantes, mesmo que ocorra sem a concordância canônica. Apesar dos dados nos fornecerem indícios de que o *tu* possa ser uma variante inovadora, por ser mais usada pelas

⁴¹ show a higher rate of occurrence in formal styles, are often subject to hypercorrection, and sometimes show overt stereotypes as with stable sociolinguistic variables (LABOV, 1990, p.213). (tradução minha)

⁴² The importation of a new prestige pattern is essentially the adoption of a norm external to the speech community, and groups with high linguistic insecurity are most sensitive to such norms. The same groups are most susceptible to the elimination of stigmatized forms, which takes place under the vigilant stewardship of the publicly recognized dominant groups. (LABOV, 1990, p.213). (tradução minha)

mulheres e pelos mais escolarizados, não podemos fazer tal afirmação, visto que não temos subsídios para comprová-la. Trabalhos anteriores, de outra natureza, mostram que o *tu* já era produzido pelos falantes fortalezenses. No entanto, observamos que essa variante não é estigmatizada pelos falantes estudados.

Outro ponto importante é que mesmo o *tu* não sendo uma variante estigmatizada, não podemos afirmar que o *você* o seja. Scherre e Yacovenco (2011) afirmam que os estudos sobre a alternância dos pronomes *tu e você* nas regiões Sul, Nordeste e Norte do Brasil, os quais mostram que o *tu* é mais frequente na comunidade de fala estudada, não indicam que haja uma forma estigmatizada.

Apesar de haver um comportamento diferenciado entre os falantes das cidades do Sul, Nordeste e Norte pesquisadas, observamos que, em caso de variação estável (Sul) e mudança abaixo do nível de consciência social (Norte e Nordeste), há uma nítida tendência de as mulheres usarem o pronome TU mais frequentemente do que os homens. Entretanto, contrariamente ao proposto por Labov no Paradoxo da Conformidade⁴³, não há uma associação clara de prestígio ou de desvio das normas pré-estabelecidas em relação às formas TU ou VOCÊ. Esta associação se dá, às vezes, à questão da não concordância com o pronome TU, mas não claramente com a forma TU ou VOCÊ. (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p.133-134)

Assim, em nossa pesquisa, podemos dizer que o uso do *tu* não é uma forma estigmatizada, entretanto também não é a de prestígio. O uso do *tu* e *você* se alternam de forma que não há predominância de um em detrimento do outro nas falas onde há o baixo monitoramento. O que se observa apenas é que o uso do *tu*, mesmo sem a concordância canônica, é bem aceito pela comunidade de fala em estudo.

f) Grau de intimidade entre os informantes

Tabela 7: Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Alto grau de intimidade</i> | 767/1409 | 54,4 | 0,525 |
| <i>Baixo grau de intimidade</i> | 25/146 | 17,1 | 0,272 |

⁴³ Labov (2001) opta por reformular sua teoria do Paradoxo do Gênero e a restabelece como Paradoxo da Conformidade: “as mulheres evidenciam um comportamento linguístico menos desviante que os homens em relação ao cumprimento da norma padrão, caso o desvio seja seriamente condenado. Entretanto, as mulheres mostram-se mais desviantes que os homens no que se refere ao exercício da norma padrão, quando a irregularidade não é gramaticalmente rechaçada (estigmatizada) pela comunidade linguística” (RUMEU, 2013, p.570).

O grau de intimidade que se refere à forma como se desenvolve a conversa entre os informantes foi o sexto grupo de fatores selecionado. Na tabela 7, observamos que o alto grau de intimidade favorece, timidamente, o uso do *tu* (54,4% e 0,525), enquanto o baixo grau de intimidade lhe (17,1% e 0,272) desfavorece o emprego nitidamente

Os resultados de nossa pesquisa corroboram com os dados de Martins (2010), Assunção e Almeida (2008), Mota (2008), Paredes Silva (2008), Divino (2008), Bezerra (1994; 1997), Packer (1990) e Soares (1980). Esses trabalhos apontam que o *tu* é favorecido em relações de intimidade, enquanto o *você* é beneficiado em conversas com pouca intimidade. Dessa forma, as pesquisas indicam que o *tu* é usado como pronome de solidariedade praticamente por todo país.

Em nosso estudo, os resultados mostram que o informante fortalezense favorece o uso do *tu* em relações de intimidade, ou seja, em relações de solidariedade, ratificando nossa expectativa, pois acreditávamos que o *tu* ocorresse com mais frequência em ambientes onde o grau de intimidade fosse alto, por ser considerado um pronome mais íntimo e foi, exatamente, isso que os dados revelaram. Essa informação confirma o que diz Soares (1980) sobre o uso do *tu* em relações de intimidade na cidade de Fortaleza:

a variedade do português falado em Fortaleza apresenta um sistema ternário das formas de tratamento: - tratamento deferencial ou não-íntimo: *o senhor, a senhora* como sujeito, e o título *doutor(a), professor (a),etc, Sr.(a),Seu, Dona, Senhorita*, precedendo ou não o primeiro nome como vocativo. –tratamento não-deferencial e não-íntimo: *você*. –tratamento não-deferencial e íntimo: *tu* e *você*. (SOARES, 1980, p.40-41, grifos da autora).

g) Tipo de relato

Tabela 8: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Original</i> | 755/1431 | 52,8 | 0,516 |
| <i>Reportada</i> | 37/124 | 29,8 | 0,318 |

O tipo de relato, sétima variável selecionada, comporta dois fatores: relato original e relato reportado. O primeiro ocorre quando os interlocutores conversam usando a sua fala, enquanto o segundo refere-se à fala que já ocorreu e eles pretendem retomá-la. Nossos resultados indicam que a fala original (52,8% e 0,516) favorece o uso do *tu*, porém, de modo

muito tímido, já a fala reportada (29,8% e 0,318) inibe, claramente, o seu emprego, como podemos ver na tabela 8.

Abaixo, ilustramos o relato original e o relato reportado com trechos da nossa amostra, retirados do inquérito 04:

Inf. 1 *eu quando era pequeno eu apanhava de cinto... tu nunca apanhou não?* (Inq. 04 - fala original).

Inf. 1 *ai o pai dele disse assim ó tá vendo aí? você tem dois sapatim em casa (que dá) pa você usar o ano todim você fez uma confusão tão grande pelo um kichute...ó aquele rapaz ali só tem uma perna ó ele disse que teve/rapaz o momento que o pai dele disse...* (Inq. 04- fala reportada).

Essa variável, que não é muito testada nos estudos e quando o é, é pouco selecionada, mostrou-se relevante no trabalho de Andrade (2010) e no de Alves (2010). O primeiro trabalho, assim como o nosso, favoreceu o *tu* nas falas originais. Neste estudo, em uma rodada enéaria, o peso relativo para *tu* é de 0,47, mostrando que há um favorecimento nas falas originais, ao passo que as falas reportadas favorecem o uso do *cê* (0,42). Já Alves (2010), em sua pesquisa, observa que o *tu* é favorecido pelo discurso relatado por terceiros (61,1% e 0,76).

Nossa hipótese foi comprovada, pois defendíamos que as falas originais favorecessem o uso do *tu*, enquanto o distanciamento em relatar fala de terceiros ou sua própria fala em outras situações provocaria o favorecimento do *você*.

h) Tipo de verbo

Tabela 9: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Dicendi</i> | 45/83 | 54,2 | 0,554 |
| <i>Ação</i> | 467/887 | 52,6 | 0,547 |
| <i>Epistêmico</i> | 145/240 | 60,4 | 0,541 |
| <i>Sem verbo</i> | 3/7 | 42,9 | 0,514 |
| <i>Estado</i> | 82/164 | 50 | 0,373 |
| <i>Verbo Ter</i> | 50/174 | 28,7 | 0,310 |

O tipo de verbo foi o oitavo grupo de fatores relevante para o *tu*. Os resultados para esta variável, como indicam os pesos relativos da tabela 9, apresentam os verbos: *dicendi*

(0,554), de ação (0,547) e epistêmico (0,541) como favorecedores da regra, apesar de seus pesos relativos não se distanciarem muito do ponto neutro. As frases sem verbo (0,514) atuam de forma praticamente neutra sobre o *tu*, enquanto os verbos que indicam estado (0,373) e o verbo *ter* (0,310) são desfavorecedores desse pronome.

Hipotetizávamos que o verbo de estado favorecesse o uso do *tu*, já que essa forma ocorre, na maioria das vezes, em uma situação de informalidade. Expressões como “Tu é doido!” mostrou-se muito recorrente em nosso *corpus*, porém não foram suficientes, para que os verbos indicadores de estado favorecessem esse pronome.

As frases sem verbos apresentam uma baixa quantidade de ocorrências, sete ao todo, e só três destas ocorrem com o *tu*. Por isso, o seu comportamento, levemente, favorável ao *tu* deve ser visto com reservas.

Os verbos epistêmicos, assim como no trabalho de Franceschini (2011), favorecem o uso do *tu*. No entanto, em seu estudo, os verbos *dicendi* beneficiam o emprego do *você*, já, em nossa pesquisa, os verbos *dicendi* favorecem a aplicação do *tu*. Mesmo sendo uma variável importante, só encontramos os resultados desse estudo para comparar com os nossos, em virtude de não ter sido analisada em outros trabalhos. Na nossa amostra, apenas os verbos que indicam estado e o verbo *ter* favorecem o *você*.

i) Função sintática do pronome

Tabela 10: Atuação da função sintática sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Função Sujeito</i> | 771/1468 | 52,5 | 0,516 |
| <i>Frase Sem verbo</i> | 1/3 | 33,3 | 0,254 |
| <i>Função Objeto Indireto</i> | 18/75 | 24 | 0,251 |
| <i>Impossível Identificar</i> | 2/9 | 22,2 | 0,233 |

A função sintática foi a nona variável considerada relevante e seus dados, expressos na tabela 10, revelam que a função de sujeito (52,5% e 0,516) age de forma quase neutra sobre o emprego do *tu*, já a função de objeto indireto (24% e 0,251) não beneficia a sua aplicação, assim como quando é impossível identificar a função (22,2% e 0,233) e quando a frase não tem verbo (33,3% e 0,254).

Observamos que a maioria das pesquisas analisa o pronome só na função de sujeito, o que impossibilita compararmos nossos resultados aos destes estudos. Os trabalhos de Mota

(2008) e Modesto (2006), realizados no sudeste, mostraram que o *tu* é favorecido como objeto. Já na pesquisa de Andrade (2010) o *cê* é favorecido como sujeito, enquanto a estrutura sem verbo favorece o *tu*.

Inicialmente, nossa suposição era que o *tu* fosse mais favorecedor como objeto que como sujeito, mas os dados revelaram o inverso: o *tu* é beneficiado como sujeito, enquanto o *você* é favorecido como objeto.

Ao fazermos essa rodada, como já foi dito anteriormente, eliminamos alguns nocautes que ocorreram, em sua maioria, na função sintática. Assim, predicativo do sujeito, vocativo, adjunto adnominal e objeto direto se apresentaram como funções que tiveram um efeito categórico na aplicação do *você*. Vale salientar, entretanto, que encontramos poucos dados nessas funções. Observamos que, como objeto indireto, o *você* também é favorecido, assim como as frases sem verbo e as que não conseguimos identificar a função sintática do pronome.

O pronome *tu* selecionado apenas como sujeito pode ter sido influenciado pela quantidade de dados. O que se observa é que a função de objeto é a que mais favorece o pronome *você*. Isso pode ter ocorrido, porque, na língua portuguesa, não existe o pronome oblíquo para fazer referência ao *você*, enquanto para o *tu* há o *te*, *ti*.

j) Paralelismo formal

Tabela 11: Atuação do paralelismo formal sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Isolado</i> | 479/782 | 61,3 | 0,541 |
| <i>Primeiro da série</i> | 126/282 | 44,7 | 0,495 |
| <i>Não primeiro da série</i> | 187/491 | 38,1 | 0,437 |

O paralelismo foi a décima variável selecionada nesta rodada e, de acordo com a tabela 11, quando o pronome está isolado (61,3% e 0,541), o *tu* é favorecido, mas não de forma expressiva. No entanto, quando ele é o primeiro da série (44,7% e 0,495) ou não (38,1% e 0,437), seu uso é inibido.

Dos trabalhos analisados, Santos (2012), Martins (2010), Oliveira (2007; 2005) e Lucca (2005) observaram que o pronome *tu* é favorecido quando há paralelismo *tu* precedido de *tu*. Já, no estudo de Franceschini (2011), os resultados apontam, assim como no nosso, que, quando não há paralelismo, há o favorecimento desse pronome.

Esperávamos, tendo em vista os resultados de outros trabalhos, que essa variável ocupasse, nesta análise, um lugar de maior destaque na seleção das variáveis, como o de Martins (2010), e que os seus valores percentuais e probabilísticos fossem bem expressivos. No entanto, esta hipótese não foi confirmada.

Uma explicação para que este grupo de fatores não tenha tido um desempenho tão forte aqui quanto imaginávamos reside no fato de que os trabalhos que o apresentam como uma variável de alta relevância tenham sido desenvolvidos com o DID (Diálogo entre Informante e Documentador), já o nosso tomou para análise o D2 (Diálogo entre Dois Informantes). No DID, o informante tende a falar mais em um turno, pois o entrevistador faz perguntas para que ele possa desenvolver o tema, já, no D2, o próprio interlocutor interrompe a fala do outro, assim os turnos são mais curtos que no DID, favorecendo o uso isolado das formas pronominais.

k) Escolaridade

Tabela 12: Atuação da escolaridade sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>0-4 anos</i> | 168/358 | 46,9 | 0,451 |
| <i>5-8 anos</i> | 278/559 | 49,7 | 0,478 |
| <i>9-11 anos</i> | 346/638 | 54,2 | 0,546 |

A escolaridade foi selecionada como a décima primeira variável que mais influencia a regra. Os resultados obtidos para este grupo revelam que o *tu* só é favorecido, embora discretamente, pelos falantes de maior escolaridade (54,2% e 0,546), já que os de menor escolaridade (0-4 anos: 46,9% e 0,451; 5-8 anos 49,7% e 0,478) não favorecem o seu uso, como indica a tabela 12.

Defendíamos a hipótese de que a escolaridade mais baixa favoreceria o uso do *tu*, como ocorre em algumas localidades. No entanto, observamos que quanto maior a escolaridade, maior a segurança no emprego do *tu*. Vale ressaltar que nossa pesquisa só trabalha com informantes que possuem, no máximo, o ensino médio. Os resultados com para o ensino superior ainda precisam ser testados para confirmarem se essa gradação de segurança do falante realmente ocorre.

As pesquisas de Santos (2012), Franceschini (2011), Zilli (2009), Modesto (2006), Loregian-Penkall (2004) e Packer (1990) mostram o mesmo resultado: quanto menor a

escolaridade, maior a frequência de uso do *tu*; quanto maior a escolaridade, maior o uso do *você*. No entanto, os nossos dados apontam que, diferentemente dos estudos elencados, os mais escolarizados usam mais o pronome *tu*, o que nos oferece indícios de que o pronome *tu* não é estigmatizado na comunidade examinada, uma vez que é frequente na fala dos mais escolarizados, ratificando os resultados da variável gênero/sexo e faixa etária.

l) Tempo verbal

Tabela 13: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *tu* (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Pretérito imperfeito do ind.</i> | 36/60 | 60 | 0,663 |
| <i>Futuro do ind.</i> | 56/93 | 60,2 | 0,600 |
| <i>Pretérito perfeito do ind.</i> | 158/232 | 68,1 | 0,579 |
| <i>Sem verbo</i> | 3/7 | 42,9 | 0,576 |
| <i>Gerúndio</i> | 15/34 | 44,1 | 0,572 |
| <i>Presente do indicativo</i> | 468/913 | 51,3 | 0,506 |
| <i>Pretérito imperfeito do subj.</i> | 11/31 | 35,5 | 0,401 |
| <i>Futuro do subjuntivo</i> | 7/24 | 29,2 | 0,324 |
| <i>Infinitivo pessoal</i> | 36/141 | 25,5 | 0,292 |
| <i>Imperativo</i> | 1/9 | 11,1 | 0,275 |
| <i>Presente do subjuntivo</i> | 1/11 | 9,1 | 0,120 |

A última variável selecionada foi o tempo verbal. Os pesos relativos da tabela 13 informam que o pretérito imperfeito do indicativo (0,663) é o maior favorecedor do emprego do *tu*. Outros tempos verbais também contribuem com o uso desse pronome: o futuro do indicativo (0,600), o pretérito perfeito do indicativo (0,579), as frases sem verbo (0,576) e o gerúndio (0,572). O presente do indicativo (0,506) se comportou de forma neutra sobre a regra, já o: presente do subjuntivo (0,120), imperativo (0,275), infinitivo pessoal (0,292), futuro do subjuntivo (0,324) e pretérito imperfeito do subjuntivo (0,401) não favorecem o *tu*.

Vamos aqui relativizar o papel do fator sem verbo, assim como o do modo imperativo que aparecem como um dos aliados do *tu*, porque o seu número de dados foi muito baixo.

Nossa hipótese inicial era a de que o tempo verbal que mais iria favorecer o uso desse pronome era o presente do indicativo. Devido à alta frequência nos dados, acreditávamos que esse tempo seria o maior aliado do *tu*. Entretanto, o pretérito imperfeito do indicativo mostrou-se mais relevante mesmo não sendo tão recorrente.

Os resultados desta variável nos revela também que o modo do tempo verbal é importante, porque os verbos no indicativo favorecem o uso do *tu*, enquanto os verbos no subjuntivo e imperativo favorecem o uso do *você*.

Os únicos trabalhos que tiveram essa variável selecionada foram os estudos de Assunção e Almeida (2008) e Orlandi (2004). No primeiro trabalho, o modo indicativo era o que favorecia o *tu*, enquanto, no segundo, apenas o presente do indicativo beneficiava esse pronome. Os resultados dessas pesquisas se assemelham com os da nossa, pois o modo indicativo foi o mais favorecedor do *tu*.

Essa primeira rodada trouxe-nos informações valiosas quanto à atuação dos pronomes *tu* e *você* no falar de Fortaleza. O uso do pronome *tu* ocorre em situações de alta intimidade, quando o assunto é de natureza mais íntima e é usado quase sempre como referência específica, em fala original, em enunciados interrogativos e, principalmente, na função de sujeito; os mais jovens, as mulheres e também os mais escolarizados favorecem o uso do *tu*, o que nos possibilita observar que é um pronome não estigmatizado na comunidade.

7.1.1.1 Refinamento de resultados de variáveis selecionadas na rodada *tu x você*

Considerando que nosso estudo é de natureza sociolinguística, nesta seção, refinaremos os resultados das variáveis extralinguísticas selecionadas na rodada *tu x você*, que foram sexo/gênero, faixa etária, grau de escolaridade e grau de intimidade, com o propósito de aprofundá-los. Assim, foram realizadas três rodadas entre o *tu* e o *você*: só com as mulheres, só com os mais jovens, só com os de maior escolaridade e só para o maior grau de intimidade, visto que estes grupos se mostraram aliados do *tu na rodada 7.1.1*. Decidimos fazer estes refinamentos, apenas na rodada *tu x você* em virtude de ter sido a que apresentou o maior número de dados.

A seguir, apresentamos cada uma das análises refinadas.

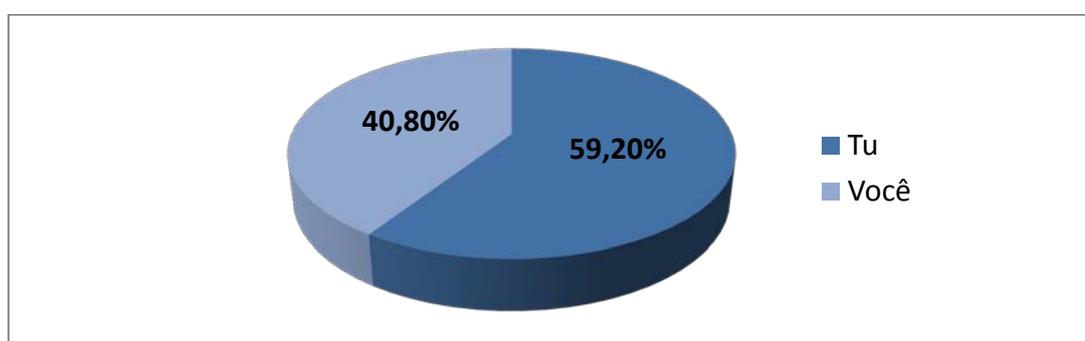
7.1.1.1.1 Só com as mulheres

Submetemos mais uma vez os nossos dados ao programa e obtivemos 807 dados. Nesta rodada, algumas variáveis não apresentaram dados para o *tu*, ocasionando nocautes no(a): a) posição do verbo, sem verbo (04 dados para *você*); b) estrutura do verbo, sem verbo (04 dados para *você*); c) função sintática, objeto direto (03 dados para *você*) e vocativo (02 dados para *você*); d) tempo verbal, sem verbo (04 dados para *você*) e verbo no modo

imperativo (04 dados para você); e) tipo de verbo, sem verbo (04 dados para *você*); f) tipo de fala: conversas que indicam repreensão (04 dados para *você*). Ocorreu um *singleton group*, na variável tipo de referente, por não haver dados para referência genérica para *tu* (23 dados para *você*). Todos estes nocautes e o *singleton group* foram excluídos na rodada seguinte, restando, assim, 793 dados.

Na terceira rodada, ainda ocorreu nocaute na variável função sintática, porque o fator impossível de identificar não teve dados para *você* (01 ocorrência para *tu*). Com a eliminação do último nocaute, ficamos com 792 dados, sendo 469 para *tu* (59,2%) e 323 para *você* (40,8%), conforme podemos ver no gráfico 9.

Gráfico 9: Percentuais obtidos para as variantes *tu* e *você* na rodada só com as mulheres após a retirada dos nocautes



O GoldVarb X apresentou o *step up* 109 (*Input* 0.617, *Log likelihood* = -380.172, *Significance* = 0.008) como o melhor da análise. Dos 16 grupos de fatores controlados neste estudo, onze foram selecionados pelo programa nesta rodada. Foram eles, por ordem decrescente de relevância: tipo de fala, tempo verbal, entonação, faixa etária, grau de simetria entre os informantes, escolaridade, função sintática, grau de interação no discurso, tipo de relato, tipo de verbo e paralelismo formal. Os grupos excluídos foram somente cinco: posição em relação ao verbo, estrutura do verbo, polaridade e efeito gatilho. O tipo de referente já havia sido excluído antes dessa rodada. A seguir, veremos cada variável selecionada por ordem de relevância.

a) Tipo de fala

Tabela 14: Atuação do tipo de fala sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Observações irônicas/brincadeiras</i> | 33/36 | 91,7 | 0,925 |
| <i>Fofoca</i> | 24/39 | 61,5 | 0,682 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 31/50 | 62 | 0,657 |
| <i>Recordações</i> | 22/42 | 52,4 | 0,613 |
| <i>Conversa Casual</i> | 335/536 | 62,5 | 0,465 |
| <i>Religião</i> | 8/39 | 20,5 | 0,362 |
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 16/34 | 32 | 0,184 |

A primeira variável selecionada foi o tipo de fala que se refere aos assuntos abordados pelos interlocutores na nossa amostra. De acordo com os pesos relativos da tabela 14, as observações irônicas/brincadeiras (0,925) surgem como o fator que mais influencia positivamente o uso do *tu*. Embora com valores menos expressivos, a fofoca (0,682) também favorece esse pronome, assim como as conversas sobre relacionamento amoroso (0,657) e as recordações (0,613). Os demais fatores desfavorecem o emprego do *tu*, sendo conversa sobre o trabalho a sua maior desfavorecedora (0,184), seguida pela religião (0,362) e pela conversa casual (0,465).

Constatamos que, considerando apenas as mulheres, os fatores desta variável que favorecem o *tu* são os mesmos da análise 7.1.1. Os pesos ainda indicam um favorecimento mais expressivo nesta análise exclusiva para as mulheres do que na rodada feita com homens e mulheres. Para recordações, temos, nesta rodada, o peso de 0,613, mas, na análise 7.1.1, era de 0,579, assim como conversa sobre relacionamento amoroso, com 0,657 na atual rodada, e na análise 7.1.1, com 0,587. Em fofoca, na rodada atual, com 0,682, e, na análise 7.1.1, com 0,655, bem como nas observações irônicas, com 0,925 na presente análise, e, na análise 7.1.1, com 0,910.

Assim, para as mulheres, as conversas mais informais e de maior intimidade são aquelas que favorecem o uso do pronome *tu*.

b) Tempo verbal

Tabela 15: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Gerúndio</i> | 8/13 | 61,5 | 0,764 |
| <i>Futuro do ind.</i> | 40/53 | 75,5 | 0,670 |
| <i>Pretérito imperfeito do ind.</i> | 21/31 | 67,7 | 0,610 |
| <i>Pretérito perfeito do ind.</i> | 102/141 | 72,3 | 0,566 |
| <i>Presente do indicativo</i> | 272/461 | 59 | 0,500 |
| <i>Pretérito imperfeito do subj.</i> | 5/18 | 27,8 | 0,289 |
| <i>Infinitivo pessoal</i> | 15/53 | 28,3 | 0,252 |
| <i>Futuro do subjuntivo</i> | 5/15 | 33,3 | 0,223 |
| <i>Presente do subjuntivo</i> | 1/7 | 14,3 | 0,170 |

A segunda variável selecionada foi o tempo verbal, cujos pesos relativos mostram, na tabela 15, que o gerúndio (0,764) é o aliado mais forte da aplicação do *tu*. O futuro do indicativo (0,670) e o pretérito imperfeito do indicativo (0,610) também aparecem como aliados dessa variante, assim como o pretérito perfeito do indicativo (0,566), embora este último apresente um comportamento mais discreto do que os já citados anteriormente. O presente do indicativo (0,500) atua de forma neutra sobre essa forma de tratamento, ao passo que o pretérito imperfeito do subjuntivo (0,289), o infinito pessoal (0,252), o futuro do subjuntivo (0,223) e o presente do subjuntivo (0,170) desfavorecem o emprego do *tu*.

Os dados indicam que o modo subjuntivo, assim como o infinitivo pessoal, inibem o uso do *tu*, enquanto o gerúndio e os tempos no modo indicativo (exceção do presente) favorecem a sua ocorrência. No entanto, o número de ocorrências do gerúndio, do presente do subjuntivo, do futuro do subjuntivo e do pretérito imperfeito do subjuntivo foi pequeno. Com isso, temos de avaliar estes dados para estes fatores e, também para o modo subjuntivo, com bastante cautela, porque eles podem ter sofrido influência da escassez de dados.

c) Entonação

Tabela 16: Atuação da entonação sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Interrogativa</i> | 171/215 | 79,5 | 0,710 |
| <i>Declarativa/ exclamativa</i> | 298/577 | 51,6 | 0,417 |

A terceira variável selecionada foi a entonação, diferentemente do que ocorreu na primeira rodada, onde havia sido a maior favorecedora do *tu*. Conforme mostram os pesos da tabela 16, as frases interrogativas (0,710) privilegiam a regra de forma bastante expressiva, ao passo que as frases declarativas e/ou exclamativas (0,417) inibem o seu emprego. Acreditamos que isso ocorra, conforme já dissemos na análise 7.1.1, devido ao menor monitoramento e maior grau de intimidade da situação de fala típica do D2 (Diálogo entre Dois Informantes), visto que os informantes, além de se conhecerem, estavam livres para conversar sobre qualquer assunto em qualquer lugar que escolhessem.

d) Faixa etária

Tabela 17: Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 154/225 | 68,4 | 0,582 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 199/295 | 67,5 | 0,701 |
| <i>Faixa etária III (a partir de 50 anos)</i> | 116/272 | 42,6 | 0,232 |

A faixa etária foi considerada relevante para os nossos estudos, sendo o quarto grupo de fatores selecionado. Como mostram os pesos relativos da tabela 17, os informantes mais jovens - faixa etária I – 15 a 25 anos, com 0,582 - , beneficiam o uso do *tu*, mas de forma bem menos expressiva que a faixa etária II – 26 a 49 anos (0,701) - , que é a faixa que mais colabora com o emprego do *tu*, diferentemente do que ocorre entre os mais idosos - faixa etária III (a partir dos 50 anos) (0,232) - , que inibem o seu emprego.

As mulheres entre 26 a 49 anos também beneficiam o uso do *tu*, diferentemente da análise 7.1.1, em que essa faixa etária não favorecia a aplicação do pronome. O que se observa é que as mulheres jovens e adultas preferem usar um pronome de maior intimidade. Considerando que o *tu* não é estigmatizado, as mulheres jovens e adultas não sentem a pressão de usarem a variante padrão.

e) Grau de simetria entre os interlocutores

Tabela 18: Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Totalmente assimétrico</i> | 19/31 | 61,3 | 0,966 |
| <i>Parcialmente assimétrico</i> | 178/254 | 70,1 | 0,734 |
| <i>Totalmente simétrico</i> | 265/254 | 55,8 | 0,358 |
| <i>Parcialmente simétrico</i> | 7/32 | 21,9 | 0,065 |

O quinto grupo de fatores relevante para o *tu* foi o grau de simetria, cujos pesos relativos, como indica a tabela 18, mostram o seguinte: o fator totalmente assimétrico (0,966) atua, entre as mulheres, como o mais forte aliado do uso do pronome *tu*, seguido dos parcialmente assimétricos (0,734), quando os interlocutores possuem idade diferente e mesmo sexo/gênero. Já nas interações totalmente simétricas, (0,358), assim como nas parcialmente simétricas (0,065), isto é, quando os informantes apresentam a mesma idade e sexo/gênero diferente, ocorre inibição do uso do pronome *tu*.

Os dados apontam que, para as mulheres, a diferença de idade torna-se um fator crucial para o uso do *tu*. Quando possuem a mesma idade, as mulheres optam por usar o *você*, já em casos de idades diferentes, independentemente do sexo/gênero, a mulher prefere usar o *tu*. Pode-se dizer, então, dizer que as mulheres preferem manter as relações assimétricas, usando formas mais íntimas.

f) Escolaridade

Tabela 19: Atuação da escolaridade sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>0-4 anos</i> | 89/142 | 62,7 | 0,153 |
| <i>5-8 anos</i> | 169/322 | 52,5 | 0,458 |
| <i>9-11 anos</i> | 211/328 | 64,3 | 0,712 |

A escolaridade foi selecionada como a sexta variável que mais influencia a regra. Os pesos relativos obtidos para este grupo revelam que o *tu* só é favorecido pelas mulheres de

maior escolaridade (0,712), já as de menor escolaridade não favorecem o seu uso (0-4 anos: 0,153; 5-8 anos: 0,458), como indica a tabela 19.

Constata-se que somente a maior escolaridade dá ao informante segurança no emprego do *tu*, o que ratifica a ideia de que, em Fortaleza, o uso do pronome *tu* não é considerado estigmatizado.

g) Função sintática do pronome

Tabela 20: Atuação da função sintática sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Função Sujeito</i> | 464/768 | 60,4 | 0,518 |
| <i>Impossível Identificar</i> | 1/4 | 25 | 0,342 |
| <i>Função Objeto Indireto</i> | 4/20 | 20 | 0,066 |

A função sintática foi a sétima variável considerada relevante e seus dados, expressos na tabela 20, revelam que a função de sujeito (60,4% e 0,518) continua agindo de forma quase neutra sobre o emprego do *tu*, já a função de objeto indireto (20% e 0,066) inibe a sua aplicação, assim como quando é impossível identificar a função (25% e 0,342).

Destoando dos trabalhos dessa natureza, em nosso estudo, a função sujeito é a que, timidamente, favorece o uso do pronome *tu*. De modo geral, nas outras localidades, como mostram Mota (2008) e Modesto (2006), o *tu* é favorecido na função de objeto. Em Fortaleza, esse pronome não foi encontrado na função de objeto direto e pouco encontrado como objeto indireto.

h) Grau de intimidade entre os informantes

Tabela 21: Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Alto grau de intimidade</i> | 456/752 | 60,6 | 0,468 |
| <i>Baixo grau de intimidade</i> | 13/40 | 32,5 | 0,918 |

O grau de intimidade que se refere à forma como se desenvolve a conversa entre os informantes foi o oitavo grupo de fatores selecionado. Na tabela 21, observando os pesos relativos, constatamos que o alto grau de intimidade (0,468) desfavorece o uso do *tu*, enquanto o baixo grau de intimidade (0,918) favorece, expressivamente, a sua aplicação.

Os nossos resultados apontam que a mulher prefere usar o *tu* em casos de baixo grau de intimidade. Uma de nossas hipóteses para que isso ocorra seria o fato de que a mulher usaria o *tu* como estratégia para dar um tom à conversa de maior intimidade, mesmo em conversas em que se observa pouca intimidade.

Os dados mostram que tanto as mulheres favorecem o uso do *tu* com idades diferentes como também com baixo grau de intimidade. Isso reforça a ideia de que a mulher tende a quebrar os laços de formalidade, adotando o pronome que indica intimidade. Porém, a escassez de ocorrências no fator baixo grau de intimidade pode ter influenciado nesse resultado, se comparado com os dados do alto grau de intimidade.

Vale ressaltar que, como só trabalhamos com D2 (Diálogo entre Dois Informantes), nem sempre havia um baixo grau de intimidade entre os informantes, visto que eles já se conheciam e os próprios informantes escolhiam com quem e onde conversar, e sim que eles poderiam estar incomodados com a presença do documentador ou com o gravador, dando à conversa características de baixo grau de intimidade.

i) Tipo de relato

Tabela 22: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Original</i> | 441/719 | 61,3 | 0,523 |
| <i>Reportada</i> | 28/73 | 38,4 | 0,290 |

O tipo de relato foi a nona variável selecionada. Nossos resultados indicam que a fala original (61,3% e 0,523) beneficia o uso do *tu*, porém, de modo pouco expressivo, já a fala reportada (38,4% e 0,290) inibe, sem dúvida, o seu emprego, como podemos ver na tabela 22.

Os dados permitem a constatação de que a fala original favorece o uso do *tu*. Isso ocorreria, porque, durante a gravação, há maior intimidade entre os interlocutores durante a própria conversa do que no momento de retomar a sua própria fala ou de terceiro. As

mulheres, assim, preferem uma forma considerada mais polida para retomar a fala, como *você* ou *senhor*.

j) Tipo de verbo

Tabela 23: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Dicendi</i> | 34/54 | 63 | 0,572 |
| <i>Epistêmico</i> | 86/132 | 65,2 | 0,546 |
| <i>Ação</i> | 276/443 | 62,3 | 0,529 |
| <i>Verbo Ter</i> | 22/79 | 27,8 | 0,253 |
| <i>Estado</i> | 51/84 | 60,7 | 0,065 |

A décima variável selecionada foi o tipo de verbo. Os pesos relativos dessa variável, na tabela 23, mostram que os verbos *dicendi* (0,572), epistêmico (0,546) e de ação (0,529), são favorecedores da regra, apesar de não serem muito expressivos, principalmente este último que apresenta um comportamento quase neutro. O verbo *ter* (0,253) e os que indicam estado (0,065) desfavorecem o pronome.

Os dados se assemelham aos da análise 7.1.1, com os verbos *dicendi*, epistêmico e de ação favorecendo o *tu* de forma pouca expressiva, enquanto o verbo *ter* e os que indicam estado inibem seu uso. O que se observa é que as mulheres, assim como o grupo misto de homens e mulheres, usam os mesmos verbos com os pesos semelhantes no sentido de favorecer *tu*.

k) Paralelismo formal

Tabela 24: Atuação do paralelismo formal sobre o pronome *tu* na fala das mulheres (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Isolado</i> | 319/464 | 68,8 | 0,549 |
| <i>Primeiro da série</i> | 66/124 | 53,2 | 0,524 |
| <i>Não primeiro da série</i> | 84/204 | 41,2 | 0,377 |

O paralelismo foi o último grupo de fatores selecionado nesta rodada e, de acordo com a tabela 24, quando o pronome está isolado (68,8%, 0,549) ou quando é o primeiro da série

(53,2%, 0,524), o *tu* é favorecido, embora timidamente, mas, quando ele não é o primeiro da série (41,2%, 0,377), o uso desse pronome é inibido.

Esse resultado mostra que, mesmo discretamente, o paralelismo favorece o *tu*. Para Scherre (1998, p.46, grifo da autora), a “facilidade de processamento associada à lei do menor esforço, tendência à repetição mecânica de formas semelhantes, funcionamento da memória imediata, aspectos psicolinguísticos de processamento, automonitoração e fatores estilísticos se relacionam à *produção*”. Assim, as repetições ocorrem devido a uma tendência de o próprio ser humano repetir o pronome que acabou de ser dito.

A autora também explica a ausência do paralelismo, como ocorre na forma isolada, “A lei do menor esforço, por exemplo, associada aqui à diminuição do esforço de produção pelo mecanismo da repetição, muitas vezes tem sido também usada na linha do princípio da quantidade: marcas redundantes são previsíveis; então, por que fazer esforço em repeti-las?” (SCHERRE,1998, p.47). Ao mesmo tempo em que o interlocutor pode fazer uso da lei do menor esforço e repete o mesmo pronome, ele também simplesmente omite, como ocorre com mais frequência com o *tu*.

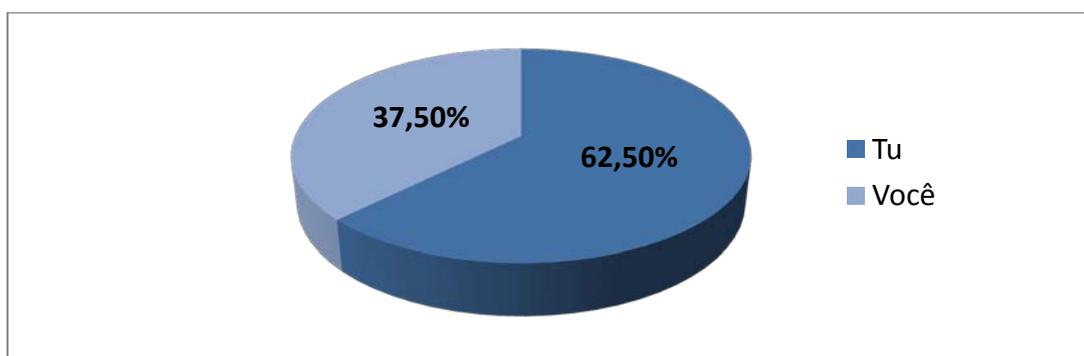
7.1.1.1.2 *Só com os mais jovens*

Na primeira rodada, com 635 dados, ocorreram nocautes e foi preciso retirá-los. Foram eles: a) estrutura do verbo: no contexto não houve ocorrências para *você* (04 dados para *tu*); b) função sintática: não houve casos de vocativo, objeto direto e adjunto adnominal para *tu* (02, 04 e 04 dados para *você*, respectivamente); c) tipo de fala: não ocorreram repreensão (02 dados para *você*) nem recordações (06 dados para *você*) para *tu*.

Na segunda rodada, agora com 613 dados, tivemos mais nocautes e fizemos mais exclusões de dados nas variáveis: a) posição em relação ao verbo: não houve casos de sem verbo para *você* (03 dados para *tu*); b) estrutura do verbo: não houve casos de sem verbo para *você* (03 dados para *tu*); c) tempo verbal: não tivemos casos de sem verbo para *você* (03 dados para *tu*); d) tipo de verbo: o *você* não apareceu com o fator sem verbo (03 dados para *tu*).

Na terceira rodada, sem nenhum nocaute, obtivemos 610 dados, distribuídos em 381 para *tu* (62,5%) e 229 para *você* (37,5%), como podemos ver no gráfico 10.

Gráfico 10: Percentuais obtidos para as variantes *tu e você* na rodada só com os mais jovens após a retirada dos nocautes



Submetemos os 610 dados à análise do GoldVarb X e verificamos que o *step up* 81 (*Input* 0.631, *Log likelihood* = -302.247 e *Significance* = 0.000) foi eleito o melhor desta análise. Dos 16 grupos de fatores que foram submetidos ao programa, seis foram considerados relevantes: grau de intimidade entre os informantes, tipo de referente, escolaridade, tipo de fala, entonação e tipo de verbo. Não foram selecionadas as seguintes variáveis: sexo/gênero, posição do pronome em relação ao verbo, estrutura do verbo, função sintática, paralelismo formal, efeito gatilho, tipo de relato, polaridade, tempo verbal, grau de simetria. A seguir, analisaremos cada variável selecionada de acordo com a ordem de relevância.

a) Grau de intimidade entre os informantes

Tabela 25: Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome *tu* na fala dos mais jovens (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Alto grau de intimidade</i> | 379/553 | 68,5 | 0,581 |
| <i>Baixo grau de intimidade</i> | 2/57 | 3,5 | 0,041 |

A primeira variável selecionada na fala dos mais jovens foi o grau de intimidade. De acordo com os pesos relativos da tabela 25, o alto grau de intimidade favorece o uso do *tu* pelos jovens (0,581), enquanto o baixo grau de intimidade inibe a sua aplicação (0,041).

Os dados indicam que os jovens em relações íntimas usam mais o pronome íntimo, o *tu*. É bom informar que só houve casos para *tu e você* com grau de simetria, indicando a mesma faixa etária. Dessa forma, podemos dizer que os jovens preferem, em relações íntimas e solidárias, usar o pronome *tu*, ao se abordarem pessoas que possuem a mesma faixa etária.

b) Tipo de relato

Tabela 26: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *tu* na fala dos mais jovens (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Original</i> | 369/591 | 62,4 | 0,520 |
| <i>Reportada</i> | 12/19 | 63,2 | 0,150 |

A segunda variável selecionada foi o tipo de relato. Conforme os pesos relativos da tabela 26, as falas originais beneficiam, de forma muito discreta, o uso do *tu* pelos jovens (0,520), ao passo que a fala reportada inibe o seu emprego (0,150).

Como já foi dito na rodada 7.1.1, a fala original favorece o *tu* em razão da intimidade entre os interlocutores durante a comunicação face a face, principalmente os mais jovens. Na fala reportada, por envolver um terceiro na conversa, os interlocutores preferem usar um pronome mais neutro, o *você*.

c) Escolaridade

Tabela 27: Atuação da escolaridade sobre o pronome *tu* na fala dos mais jovens (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>0-4 anos</i> | 71/169 | 42 | 0,335 |
| <i>5-8 anos</i> | 114/185 | 61,6 | 0,414 |
| <i>9-11 anos</i> | 196/256 | 76,6 | 0,669 |

A escolaridade foi a terceira variável selecionada. Na tabela 27, os pesos relativos indicam que os jovens mais escolarizados são os que mais favorecem o uso do *tu* (0,669). Os demais níveis de escolaridade (de 0 a 4 anos, com 0,335 e de 5 a 8 anos de estudo, 0,414) inibem a aplicação do uso do pronome.

Constatamos uma gradação nos níveis de escolaridade, pois notamos que à medida que aumenta o grau de escolaridade, aumenta também o emprego do *tu* entre os mais jovens. Assim, os jovens com maior escolaridade não estigmatizam esse pronome.

d) Tipo de fala

Tabela 28: Atuação do tipo de fala sobre o pronome *tu* na fala dos mais jovens (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---|---------------------|----------|-------------|
| <i>Observações irônicas/brincadeiras</i> | 26/28 | 92,9 | 0,930 |
| <i>Fofoca</i> | 13/14 | 92,9 | 0,824 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 41/55 | 74,5 | 0,664 |
| <i>Conversa Casual</i> | 265/436 | 60,8 | 0,441 |
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 31/67 | 46,3 | 0,472 |
| <i>Religião</i> | 5/10 | 50 | 0,111 |

O tipo de fala foi o quarto grupo de fatores selecionado pelo programa. Segundo a tabela 28, os pesos relativos mostram que as observações irônicas/brincadeiras são as grandes favorecedoras (0,930) do *tu*, seguida da fofoca (0,824) e da conversa sobre relacionamento amoroso (0,664). Já as conversas casuais (0,441), conversa sobre trabalho (0,472) e religião (0,111) desfavorecem o uso do pronome.

De posse desses dados, podemos dizer que as conversas que requerem mais intimidade entre os interlocutores (observações irônicas/brincadeiras, fofoca e relacionamento amoroso) são as que mais beneficiam o uso *tu* na fala dos mais jovens. Já as conversas que não necessitam de muita intimidade (conversa causal, sobre o trabalho e religião) são as que inibem o uso desse pronome. Observa-se, entretanto, a escassez de ocorrências para *tu*, apenas 05, nas conversas sobre religião, o que mostra que esse tipo de assunto é pouco tratado entre os jovens, principalmente em relações solidárias.

e) Entonação

Tabela 29: Atuação da entonação sobre o pronome *tu* na fala dos mais jovens (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Interrogativa</i> | 119/153 | 77,8 | 0,668 |
| <i>Declarativa/ exclamativa</i> | 262/457 | 57,3 | 0,442 |

A quinta variável selecionada foi a entonação. Na tabela 29, os pesos relativos mostram que, entre os mais jovens, a entonação interrogativa beneficia o uso do *tu* (0,668), já a entonação declarativa/exclamativa coíbe o seu uso (0,442).

Assim como ocorreu na análise (7.1.1), os enunciados interrogativos são os maiores favorecedores do pronome *tu* pelos falantes jovens. De acordo com o que já foi dito, essa entonação requer proximidade entre os interlocutores, visto que esse tipo de enunciado está inacabado, precisando do outro para completá-lo.

f) Tipo de verbo

Tabela 30: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *tu* na fala dos mais jovens (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Dicendi</i> | 21/27 | 77,8 | 0,808 |
| <i>Ação</i> | 226/359 | 63 | 0,551 |
| <i>Epistêmico</i> | 70/107 | 65,4 | 0,467 |
| <i>Estado</i> | 43/65 | 66,2 | 0,340 |
| <i>Verbo Ter</i> | 21/27 | 40,4 | 0,258 |

A última variável selecionada foi o tipo de verbo. Conforme a tabela 30, os verbos *dicendi* (0,808) são, entre os mais jovens, grandes aliados do *tu*. Também os verbos de ação (0,551), embora de forma menos expressiva, favorecem esse pronome. Os demais tipos de verbos, epistêmico (65,4% e 0,467), que indicam estado (66,2% e 0,340) e o verbo *ter* (40,4% e 0,258) desfavorecem o uso do *tu*.

O que se observa com esses dados é que os jovens preferem usar o *tu* em situações nas quais provoca o outro a falar, como mostra o trecho da transcrição, retirado do inquérito 51:

Inf1. **Tu** conseguiu descobrir quem é aquele rapaz que **tu** disse que era meu amigo?
 Inf2. Quem? C.?
 Inf1. Nao. **Tu** disse que falou com um menino da minha classe... um dia aí na internet...
 Inf2. Ah nao lembro o nome do menino nao... faz tanto tempo... eu falo com várias pessoas... nao dá pra saber... (Inq. 51) (grifos nossos)

Nessa conversa, encontramos dois jovens de 15 anos, o informante 1 é um homem e o informante 2 é uma mulher. A intimidade dos interlocutores favoreceu o uso do *tu*, assim

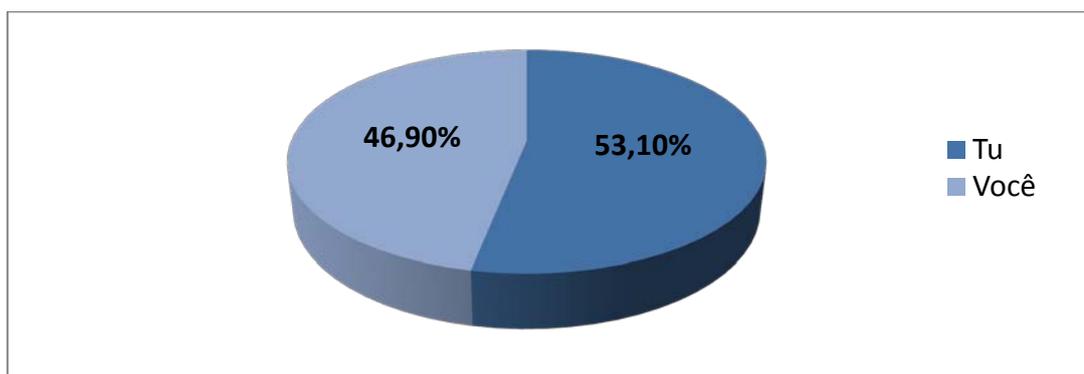
como o uso de alguns verbos que influenciam o outro a falar. O uso dos verbos *dicendi*, como apontado no trecho transcrito, favorece ainda mais o uso do pronome *tu* pelos jovens.

7.1.1.1.3 Só com os mais escolarizados

Na primeira rodada, tínhamos 648 dados, mas, surgiram nocautes. Foram eles: a) estrutura do verbo; no contexto não teve ocorrência para *você* (03 dados para *tu*); b) função sintática: não houve casos de *tu* como predicativo do sujeito, objeto direto, vocativo, adjunto adnominal e frase sem verbo (01, 03, 02, 04 e 02 dados para *você*, respectivamente); c) tempo verbal: o *tu* não apareceu relacionado a nenhum verbo no presente do subjuntivo (04 dados para *você*); d) tipo de fala: não tivemos dados para brincadeiras/observações irônicas para *você* (19 dados para *tu*).

Excluídos os nocautes, na segunda rodada, obtivemos 610 ocorrências, distribuídas da seguinte maneira: 324 para *tu* (53,1%) e 286 para *você* (46,9%), conforme mostra o gráfico 11.

Gráfico 11: Percentuais obtidos para as variantes *tu* e *você* na rodada só com os mais escolarizados após a retirada dos nocautes



Os 610 dados foram submetidos à análise do Goldvarb X e tivemos, como melhor *step up*, o 87 (*Input* 0.539, *Log likelihood* = -299.134 e *Significance* = 0.0450). Das 16 variáveis testadas, nove foram excluídas: tipo de relato, função sintática, estrutura do verbo, posição do pronome em relação ao verbo, efeito gatilho, polaridade, tempo verbal, grau de intimidade e tipo de fala. Sete grupos de fatores foram selecionados pelo programa, por ordem de relevância: faixa etária, entonação, sexo/gênero, tipo de referente, grau de simetria, tipo de verbo e paralelismo formal, os quais serão analisados, na ordem apresentada, a seguir.

a) Faixa etária

Tabela 31: Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu* na fala dos mais escolarizados*(tu x você)*

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 186/246 | 75,6 | 0,794 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 69/178 | 38,8 | 0,393 |
| <i>Faixa etária III (a partir de 50 anos)</i> | 69/186 | 37,1 | 0,203 |

A primeira variável selecionada foi a faixa etária. Na tabela 31, os dados indicam que, dentre os mais escolarizados, os mais jovens (0,794) são os únicos aliados do *tu*. A faixa etária dos adultos, de 26 a 49 anos (0,393), desfavorece o pronome, assim como os mais velhos (0,203).

Podemos constatar que os jovens mais escolarizados são aqueles que mais favorecem o uso do *tu*. Isso nos fornece mais subsídios, para defendermos que esse pronome não é estigmatizado.

b) Entonação

Tabela 32: Atuação da entonação sobre o pronome *tu* na fala dos mais*escolarizados (tu x você)*

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Interrogativa</i> | 112/140 | 80 | 0,737 |
| <i>Declarativa/ exclamativa</i> | 212/470 | 45,1 | 0,424 |

A entonação foi o segundo grupo de fatores selecionado. Mais uma vez, a entoação interrogativa favorece o uso do *tu* (80% e 0,737), agora pelos mais escolarizados (45,1% e 0,424), conforme revela a tabela 32.

Na fala dos mais escolarizados, a entoação interrogativa favorece o uso do *tu*, mostrando que esses informantes se utilizam desse enunciado para dar continuidade à conversa e manter mais estreita a relação com seu interlocutor.

c) Gênero/sexo

Tabela 33: Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *tu* na fala dos mais escolarizados*(tu x você)*

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Feminino</i> | 191/307 | 62,2 | 0,621 |
| <i>Masculino</i> | 133/303 | 43,9 | 0,377 |

O gênero/sexo foi a terceira variável selecionada pelo programa. A tabela 33 mostra que as mulheres mais escolarizadas beneficiam o uso do *tu* (62,2% e 0,621), enquanto os homens inibem o seu emprego (43,9% e 0,377).

Os pesos apontam que as mulheres mais escolarizadas são as que mais beneficiam o uso do *tu*. Com esse resultado, constatamos, claramente, que o *tu* não é uma variante estigmatizada em Fortaleza. Como já foi dito anteriormente, tanto as mulheres como os mais escolarizados tendem a evitar a forma estigmatizada pela região, e em Fortaleza, a forma preferida tanto pelas mulheres como pelos mais escolarizados é o pronome *tu*.

d) Tipo de referente

Tabela 34: Atuação do tipo de referente sobre o pronome *tu* na fala dos maisescolarizados *(tu x você)*

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Específico</i> | 317/558 | 56,8 | 0,536 |
| <i>Genérico</i> | 7/52 | 13,5 | 0,177 |

A quarta variável selecionada foi o tipo de referente. Na tabela 34, podemos ver que o referente específico favorece o *tu* (56,8% e 0,536) pelos falantes mais escolarizados, mas, de forma muito discreta, e o referente genérico inibe o seu uso (13,5% e 0,177).

Como já poderíamos prever, o referente específico é o que mais favorece o uso do *tu*. O uso desse pronome como genérico foge um pouco dos padrões do falar de nossos informantes, tanto que só foram encontradas sete ocorrências para o uso genérico, sendo que o mesmo informante repetiu esse uso seis vezes.

e) Tipo de relação entre os interlocutores

Tabela 35: Atuação do tipo de relação entre os interlocutores sobre o pronome *tu* na fala dos mais escolarizados (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Parcialmente assimétrico</i> | 38/77 | 49,4 | 0,707 |
| <i>Muito simétrico</i> | 274/472 | 58,1 | 0,490 |
| <i>Parcialmente simétrico</i> | 12/61 | 19,7 | 0,306 |

O tipo de relação entre os interlocutores foi a quinta variável selecionada. O único favorecedor do *tu* entre os mais escolarizados, como mostra a tabela 35, é o parcialmente assimétrico (sexo/gênero diferente, mas faixa etária igual), com 0,707. Já o muito simétrico (sexo/gênero e faixa etária iguais) e parcialmente simétrico (sexo/gênero igual, mas faixa etária diferente) desfavorecem esse pronome (0,490 e 0,306, respectivamente).

Os dados mostram que a diferença de sexo/gênero pode favorecer o uso do *tu*. Esse dado indica que os falantes mais escolarizados, em situação de intimidade, procuram formas que favoreçam mais a relação de solidariedade.

f) Tipo de verbo

Tabela 36: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *tu* na fala dos mais escolarizados (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Sem verbo</i> | 2/4 | 50 | 0,622 |
| <i>Epistêmico</i> | 68/106 | 64,2 | 0,593 |
| <i>Dicendi</i> | 19/32 | 59,4 | 0,556 |
| <i>Ação</i> | 198/340 | 58,2 | 0,537 |
| <i>Estado</i> | 15/47 | 31,9 | 0,336 |
| <i>Verbo Ter</i> | 22/81 | 27,2 | 0,302 |

A sexta variável selecionada foi o tipo de verbo. De acordo com os pesos da tabela 36, o que mais favorece o uso do *tu* pelos mais escolarizados é quando não há verbo (0,622). Os verbos epistêmicos (0,593) também colaboram com este uso, assim como os verbos *dicendi* (0,556) e de ação, embora estes dois últimos atuem de forma discreta. Já os verbos de estado (31,9% e 0,336) e o verbo *ter* (27,2% e 0,302) não favorecem o uso do *tu*.

Os verbos que favorecem a aplicação do *tu* nesta rodada são os mesmos encontrados na análise 7.1.1. A diferença está na ordem e também no valor dos pesos, mas só é significativo o fator sem verbo (0,514 para 0,622). Contudo, justamente quando não há verbo é o contexto que apresenta o menor número de ocorrências, apenas quatro dados no total e só 02 para o *tu*, o que nos faz olhar para este resultado com desconfiança. Os demais mantêm quase o mesmo valor. Já os verbos que indicam estado e o verbo *ter* coíbem o uso do pronome *tu*. Os pesos das duas rodadas são semelhantes (0,373 e 0,310 estado e verbo *ter*, para a análise 7.1.1), indicando que não houve mudanças significativas nessa análise para essa variável.

f) Paralelismo formal

Tabela 37: Atuação do paralelismo formal sobre o pronome *tu* na fala dos mais escolarizados (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Isolado</i> | 190/293 | 64,8 | 0,569 |
| <i>Primeiro da série</i> | 50/119 | 42 | 0,429 |
| <i>Não primeiro da série</i> | 84/198 | 42,4 | 0,440 |

O último grupo de fatores selecionado para a rodada só com os informantes mais escolarizados foi o paralelismo formal. O uso isolado favorece o emprego do *tu* (64,8% e 0,569), enquanto o primeiro da série (42% e 0,429) e não primeiro da série (42,4% e 0,440) inibem o seu uso pelos falantes mais escolarizados, de acordo com a tabela 37.

Observamos mais uma vez que não houve alterações significativas dessa rodada para a que realizamos em 7.1.1. As formas isoladas são favorecidas pelos mais escolarizados. Isso ocorre porque a conversa é de alta interação, o que faz com que os interlocutores não demorem muito no seu turno. Com turnos curtos, há uma maior chance de haver pronomes ocorrendo de forma isolada.

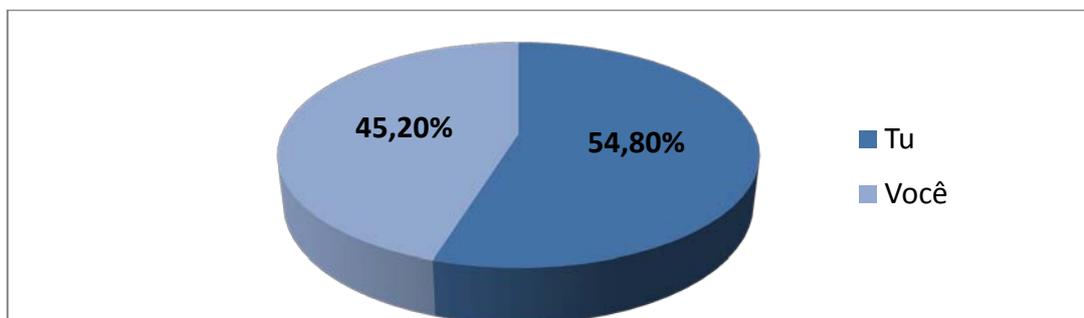
7.1.1.1.4 Só com os que possuem maior grau de intimidade

Inicialmente, tínhamos 1421 dados, mas registramos nocautes na rodada e tivemos que excluí-los. Foram eles: a) função sintática: não tivemos ocorrência de *tu* como predicativo do sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, vocativo e frase sem verbo (01, 05, 04, 02 e 02

dados para *você*, respectivamente); b) tempo verbal: não tivemos *tu* para o modo imperativo (8 dados para *você*).

Na segunda rodada, contávamos com 1399 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 767 dados para *tu* (54,8%) e 632 para *você* (45,2%), como mostra o gráfico 12.

Gráfico 12: Percentuais obtidos para as variantes *tu* e *você* na rodada só com os mais escolarizados após a retirada dos nocautes



Submetidos os 1399 dados ao programa, o melhor *step up* foi o 105 (*Input* 0.557, *Log likelihood* = -764.249 e *Significance* = 0.018). Das 16 variáveis testadas, foram selecionadas, por ordem de relevância, nove grupos de fatores: entonação, faixa etária, tipo de referente, sexo/gênero, tempo verbal, tipo de fala, tipo de relato e função sintática. Já a escolaridade, estrutura do verbo, posição do pronome em relação ao verbo, paralelismo formal, efeito gatilho, polaridade, tipo de verbo e grau de simetria entre os interlocutores foram eliminados pelo programa. A seguir, apresentaremos a análise de cada variável selecionada por ordem de relevância.

a) Entonação

Tabela 38: Atuação da entonação sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---------------------------------|--------------|------|-------|
| <i>Interrogativa</i> | 260/337 | 77,2 | 0,703 |
| <i>Declarativa/ exclamativa</i> | 507/1062 | 47,7 | 0,432 |

A primeira variável selecionada foi a entonação. De acordo com a tabela 38, as interrogativas foram as maiores aliadas do *tu* (77,2% e 0,703), já as declarativas/exclamativas inibem o uso do pronome (47,7% e 0,432).

Percebemos que os falantes que possuem maior grau de intimidade com seu interlocutor usam mais o *tu*, nas frases interrogativas como forma de aumentar ainda mais a interação.

O resultado dos pesos desta rodada é semelhante ao da análise 7.1.1 (interrogativas: 0,701 e declarativas/exclamativas: 0,432).

b) Faixa etária

Tabela 39: Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 386/567 | 68,1 | 0,647 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 262/518 | 50,6 | 0,454 |
| <i>Faixa etária III (a partir de 50 anos)</i> | 119/314 | 37,9 | 0,312 |

A faixa etária é a segunda variável que mais favorece o uso do *tu*. Os pesos mostram que os mais jovens (68,1% e 0,647) são os que mais beneficiam o pronome, enquanto os de idade mediana (50,6% e 0,454) e os mais velhos (37,9% e 0,312) desfavorecem-no, como podemos ver na tabela 39.

Como vimos nas outras rodadas, os jovens preferem o uso do *tu* e há uma gradação quanto a esse favorecimento: quanto mais velhos, menos recorrente é o uso desse pronome. A situação de alta intimidade favorece ainda mais os jovens a usarem o *tu*.

c) Tipo de referente

Tabela 40: Atuação do tipo de referente sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Específico</i> | 760/1334 | 57 | 0,525 |
| <i>Genérico</i> | 7/65 | 10,8 | 0,111 |

O terceiro grupo de fatores selecionado foi o tipo de referente. A tabela 40 indica que o referente específico (57% e 0,525) favorece, de forma discretíssima, o uso do *tu*, já o referente genérico (10,8% e 0,111) inibe sua aplicação.

Reforçamos mais uma vez que o uso genérico fica quase restrito ao pronome *você*, não só pelos falantes investigados, mas também pelos de outras localidades, conforme foi dito na análise 7.1.1. Não foi encontrado o uso genérico em situação de baixa intimidade. Assim, para o informante usar o *tu* como genérico, é necessário muita intimidade, visto que foge dos padrões convencionais dos falantes.

d) Gênero/sexo

Tabela 41: Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Feminino</i> | 456/756 | 60,3 | 0,572 |
| <i>Masculino</i> | 311/643 | 48,4 | 0,416 |

O quarto grupo de fatores selecionado foi gênero/sexo. As mulheres (60,3% e 0,572) favorecem o uso do *tu* e os homens (48,4% e 0,416) inibem a sua aplicação, como podemos visualizar na tabela 41.

As mulheres, assim como os mais escolarizados, favorecem o uso do pronome *tu* nas situações de maior intimidade, já os homens preferem o uso do pronome *você*, assim como os menos escolarizados. Essa informação confirma o fato de que o *tu* não é uma forma estigmatizada na localidade em estudo. Os pesos mais uma vez se assemelham com os da análise 7.1.1, em que as mulheres favoreciam (0,576) o *tu* e os homens inibiam (0,419) essa forma.

e) Tempo verbal

Tabela 42: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Sem verbo</i> | 3/5 | 60 | 0,735 |
| <i>Pretérito imperfeito do ind.</i> | 35/52 | 67,3 | 0,688 |
| <i>Futuro do ind.</i> | 56/84 | 66,7 | 0,629 |
| <i>Gerúndio</i> | 15/26 | 57,7 | 0,608 |
| <i>Pretérito perfeito do ind.</i> | 154/209 | 73,7 | 0,593 |
| <i>Presente do indicativo</i> | 449/839 | 53,5 | 0,491 |

| | | | |
|---|--------|------|-------|
| <i>Pretérito imperfeito do subj.</i> | 11/29 | 37,9 | 0,414 |
| <i>Infinitivo pessoal</i> | 36/121 | 29,8 | 0,310 |
| <i>Futuro do subjuntivo</i> | 7/23 | 30,4 | 0,304 |
| <i>Presente do subjuntivo</i> | 1/11 | 9,1 | 0,103 |

A quinta variável selecionada foi o tempo verbal. Como podemos ver nos pesos da tabela 42, o fator sem verbo (0,735) é o que mais favorece o emprego do *tu* nas falas de maior intimidade. Também se mostraram seus favorecedores: o pretérito imperfeito do indicativo (0,688), o futuro do indicativo (0,629), o gerúndio (0,608) e o pretérito perfeito do indicativo (0,593). O presente do indicativo (0,491) inibe o uso do *tu*, assim como o pretérito imperfeito do subjuntivo (0,414), infinitivo pessoal (0,310), futuro do subjuntivo (0,304) e o presente do subjuntivo (0,103).

Nesta rodada, observamos que o presente do indicativo se comportou diferentemente das outras rodadas, em que ele apresentava um comportamento neutro e aqui aparece desfavorecendo o uso do *tu*. Já os outros fatores, apesar de os valores dos pesos não serem os mesmos e a ordem deles sofrer alteração, não apresentaram mudanças significativas, comparando-se com a análise 7.1.1.

Também, nesta rodada, os sem verbo e o presente do subjuntivo tiveram um número escasso de ocorrência, o que nos faz pensar que, talvez, o comportamento de ambos os fatores estejam distorcidos.

f) Tipo de fala

Tabela 43: Atuação do tipo de fala sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---|---------------------|----------|-------------|
| <i>Observações irônicas/brincadeiras</i> | 48/53 | 90,6 | 0,908 |
| <i>Fofoca</i> | 25/40 | 62,5 | 0,661 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 59/93 | 63,4 | 0,553 |
| <i>Conversa Casual</i> | 533/966 | 55,2 | 0,477 |
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 68/143 | 47,6 | 0,467 |
| <i>Recordações</i> | 23/73 | 31,5 | 0,401 |
| <i>Religião</i> | 10/27 | 37 | 0,297 |
| <i>Repreensão</i> | 1/4 | 25 | 0,189 |

A sexta variável selecionada foi o tipo de fala. Os pesos da tabela 43 mostram que as observações irônicas/brincadeiras (0,908) são os maiores aliados do *tu* nas falas de maior intimidade. A fofoca (0,661) e as conversas sobre relacionamento amoroso (63,4% e 0,553) também favorecem esse pronome, embora tenham valores menos expressivos que os obtidos para as conversas irônicas e as brincadeiras. Já os demais fatores desfavorecem o uso do *tu*, sendo que a repreensão (0,189) aparece como a maior inibidora desse pronome, seguida pela religião (0,297), pelas recordações (0,401), pela conversa sobre o trabalho (0,467) e pela conversa casual (0,477).

Mais uma vez, as observações irônicas/brincadeiras surgem como grandes aliadas do *tu*, comprovando, inequivocamente, que esse tipo de fala é característico de uma conversa informal e com alta intimidade. Fato interessante foi a recordação, que até então (nas rodadas 7.1.1 e 7.1.1.1) favorecia o uso do *tu*, não ter apresentado o mesmo comportamento nas situações de alta intimidade. Dessa forma, nota-se que ela favorece esse pronome em situação de baixa intimidade.

É bom destacar aqui a baixa ocorrência para as falas que indicam repreensão, com apenas um dado. Bezerra (1994; 1997) mostra que, em situação onde o falante ameaça a face do ouvinte, esse falante tende a usar o pronome *você*.

g) Tipo de verbo

Tabela 44: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------|--------------|------|-------|
| <i>Epistêmico</i> | 144/228 | 63,2 | 0,559 |
| <i>Sem verbo</i> | 3/5 | 60 | 0,545 |
| <i>Ação</i> | 448/783 | 57,2 | 0,539 |
| <i>Dicendi</i> | 42/72 | 58,3 | 0,530 |
| <i>Estado</i> | 80/152 | 52,6 | 0,385 |
| <i>Verbo Ter</i> | 50/159 | 21,4 | 0,329 |

A oitava variável selecionada foi o tipo de verbo e, conforme os pesos da tabela 44, os verbos epistêmicos (0,559), o fator sem verbo (0,545), os verbos de ação (0,539) e os *dicendi* (0,530) favorecem o uso do *tu*, enquanto os que indicam estado (0,385) e o verbo *ter* (0,329) desfavorecem o emprego desse pronome.

Mesmo a ordem dos pesos deste fator não sendo a mesma encontrada na análise 7.1.1 e nos demais refinamentos (7.1.1.1.1, 7.1.1.1.2, 7.1.1.1.3), os pesos das rodadas se assemelham, mantendo o favorecimento do *tu* de forma discreta. Os verbos que indicam estado e o verbo *ter* continuam desfavorecendo o uso dessa variante. Vale também observar a escassez de dados dos casos de sem verbo, somente cinco, dificultando uma análise mais precisa.

h) Tipo de relato

Tabela 45: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Original</i> | 731/1285 | 56,9 | 0,517 |
| <i>Reportada</i> | 36/114 | 31,6 | 0,320 |

A oitava variável foi o tipo de relato. Na tabela 45, podemos ver que a fala original favorece o uso do *tu* (031,6% e 517), enquanto a fala reportada desfavorece essa forma (31,6% e 0,320).

Essa variável apresenta os resultados dos pesos semelhantes ao da análise 7.1.1., em que a fala original é 0,516 e a fala reportada apresenta o peso de 0,318. Dessa forma, podemos dizer que a fala original favorece o uso do *tu*, quando seus interlocutores estão em uma situação de grande intimidade. A fala reportada, até por sua característica de contar algo que já foi dito, perde um pouco a informalidade, favorecendo o uso do *você*.

i) Função sintática do pronome

Tabela 46: Atuação da função sintática sobre o pronome *tu* na fala dos interlocutores com maior grau de intimidade (*tu x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Função Sujeito</i> | 747/1340 | 55,7 | 0,509 |
| <i>Função Objeto Indireto</i> | 18/50 | 36 | 0,310 |
| <i>Impossível Identificar</i> | 2/9 | 22,2 | 0,236 |

A última variável selecionada foi a função sintática do pronome. A tabela 46 revela que o *tu* se comporta de forma neutra na função de sujeito (55,7% e 0,509), já, como objeto

indireto (36% e 0,310) e quando é impossível identificar a função (22,2% e 0,236), o pronome é desfavorecido nas falas de maior intimidade.

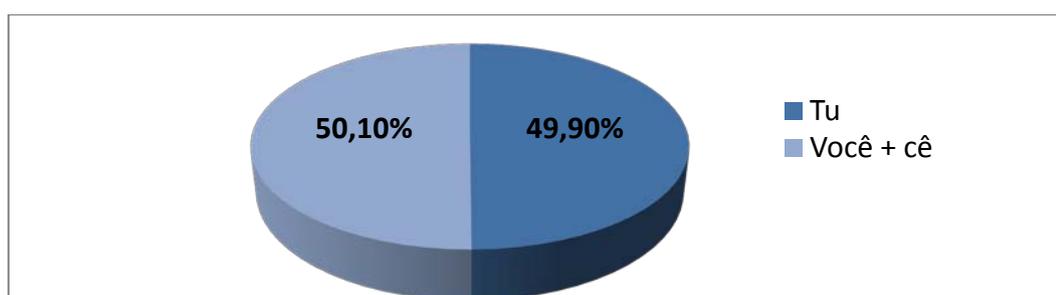
Observamos, na fala de maior intimidade, que, o *tu* é levemente favorecido na função de sujeito, pois está muito próximo do ponto neutro. Na análise 7.1.1, a função de sujeito era de 0,516, indicando também um leve favorecimento do *tu* nesta posição, já que o peso é quase neutro.

O que podemos observar nas rodadas refinadas é que elas mostram que o uso do *tu* é uma forma não estigmatizada, apesar de não podermos afirmar que ela seja de prestígio. As mulheres, os jovens e os mais escolarizados são os que mais favorecem o seu uso, principalmente nas situações de maior intimidade e quando conversam sobre temas de caráter íntimo. Com isso, podemos dizer que na função de sujeito, em fala original, de preferência nos enunciados interrogativos, o uso do *tu* é bastante recorrente, principalmente como referente específico.

7.1.2 TU X VOCÊ E CÊ

Em outra rodada, *tu x você+cê*, amalgamamos o *você* com *cê*, com o intuito de averiguarmos se haveria mudanças significativas quanto à seleção das variáveis. Ao fazermos a primeira análise binária, tínhamos 1605 dados, mas encontramos nocautes na função sintática, em seus fatores: predicativo (01 dado para *você*), objeto direto (08 ocorrências para *você*), vocativo (04 dados para *você*) e adjunto adnominal (04 dados para *você*). Eliminados estes nocautes, realizamos a segunda rodada e ficamos com 1588 ocorrências, sendo 792 para *tu* (49,1%) e 796 para *você* (50,1%), como mostra o gráfico 13.

Gráfico 13: Percentuais obtidos para as variantes *tu* e *você(cê)* após a retirada dos nocautes



Os 1588 dados foram submetidos à análise do GoldVarb X e vimos que o melhor *step up* foi o 132 (*Input* 0.486, *Log likelihood* = -846.711, *Significance* = 0.030). Estes dados se assemelham com os da análise 7.1.1, mas, dos 17 grupos de fatores, tivemos, dessa vez, 11 variáveis selecionadas, por ordem de relevância, pelo programa: entonação do pronome, tipo de fala, tipo de referente, faixa etária, grau de intimidade entre os interlocutores, sexo/gênero, tipo de relato, tipo de verbo, função sintática, paralelismo formal e tempo verbal. Não foram selecionadas: escolaridade, posição em relação ao verbo, estrutura do verbo, efeito gatilho, polaridade e grau de simetria entre os informantes. A escolaridade não foi considerada relevante nesta análise, como ocorreu na rodada *tu x você*.

Nas tabelas que se seguem, inserimos também os pesos relativos da rodada *tu x você*, a fim de observarmos mais facilmente as semelhanças entre a atual rodada e a 7.1.1.

a) Entonação

Tabela 47: Atuação da entonação sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. <i>Tu x você + cê</i> | P.R. <i>(tu x você)</i> |
|---------------------------------|---------------------|----------|--------------------------------------|-----------------------------------|
| <i>Interrogativa</i> | 269/360 | 74,7 | 0,696 | 0,701 |
| <i>Declarativa/ exclamativa</i> | 523/1228 | 42,6 | 0,439 | 0,438 |

Os dados apontam, na tabela 47, que os enunciados interrogativos são fortes aliados do pronome *tu* (74,7% e 0,696), diferentemente das frases declarativas/exclamativas (42,6% e 0,439). Os pesos obtidos na análise *tu x você+cê* são os mesmos observados na rodada *tu x você* (interrogativa: 0,701 e declarativa/interrogativa: 0,438), mostrando que, independentemente do uso *você* ou *cê*, o pronome *tu* é mais usado em frases interrogativas. Além de os valores dos pesos relativos serem muito aproximados nas duas rodadas, essa variável repete-se como a mais relevante para o uso do pronome.

b) Tipo de fala

Tabela 48: Atuação do tipo de fala sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|--|---------------------|----------|------------------------------------|-----------------------------|
| <i>Observações irônicas/brincadeiras</i> | 48/53 | 90,6 | 0,914 | 0,910 |
| <i>Fofoca</i> | 25/40 | 62,5 | 0,673 | 0,655 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 59/93 | 63,4 | 0,572 | 0,587 |
| <i>Recordações</i> | 40/100 | 40,0 | 0,571 | 0,579 |
| <i>Conversa Casual</i> | 541/1088 | 49,7 | 0,473 | 0,472 |
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 68/162 | 42,0 | 0,459 | 0,457 |
| <i>Religião</i> | 10/48 | 20,8 | 0,232 | 0,218 |
| <i>Repreensão</i> | 1/4 | 25 | 0,186 | 0,167 |

Assim como na primeira análise, a segunda variável selecionada foi o tipo de fala. Como informa a tabela 48, por ordem de relevância, tivemos, como favorecedores do *tu*, os fatores: observações irônicas/brincadeiras (0,914), fofoca (0,673), conversa sobre relacionamento amoroso (0,572) e recordações (0,571). Já a repreensão (0,186), as conversas sobre religião (0,232), trabalho (0,459) e conversa casual (0,473) inibem o uso desse pronome. Mais uma vez, os valores dos pesos relativos desta análise se assemelham aos da rodada sem o amálgama entre *você* e *cê* e a ordem dos fatores nesta variável continua a mesma da análise 7.1.1.

c) Referência

Tabela 49: Atuação da referência sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|-------------------|---------------------|----------|------------------------------------|-----------------------------|
| <i>Específica</i> | 785/1505 | 52,2 | 0,527 | 0,529 |
| <i>Genérica</i> | 7/83 | 8,4 | 0,123 | 0,110 |

A terceira variável selecionada foi a referência, assim como na análise 7.1.1. Os dados mostram, segundo a tabela 49, que a referência específica (52,2% e 0,527) favorece o uso do *tu*, enquanto a referência genérica (8,4% e 0,123) desfavorece a sua aplicação. Vale salientar que os pesos relativos continuam semelhantes (sem amalgamar: 0,529 para referência específica e 0,110 para referência genérica). Assim, entendemos que os resultados desta rodada são os mesmos encontrados em 7.1.1.

d) Faixa etária

Tabela 50: Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|--|---------------------|----------|--|-----------------------------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 388/634 | 61,2 | 0,640 | 0,637 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 262/539 | 48,6 | 0,448 | 0,460 |
| <i>Faixa etária III (a partir de 50 anos)</i> | 142/415 | 34,2 | 0,352 | 0,341 |

O quarto grupo de fatores selecionado foi a faixa etária. Os dados revelam indícios de uma mudança linguística em progresso. Na tabela 50, a faixa etária I (61,2% e 0,640) é a única que favorece o *tu*, enquanto a faixa II (48,6% e 0,448) e a faixa III (34,2% e 0,352) desfavorecem a sua aplicação. Na análise para *tu x você*, esse grupo foi também o quarto grupo de fatores selecionado e os pesos relativos apresentados nas duas análises são semelhantes. Mais uma vez, os resultados das duas análises não são destoantes.

e) Grau de intimidade entre os informantes

Tabela 51: Atuação do grau de intimidade entre os informantes sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|--|---------------------|----------|--|-----------------------------------|
| <i>Alto grau de intimidade</i> | 767/1441 | 53,2 | 0,528 | 0,525 |
| <i>Baixo grau de intimidade</i> | 25/147 | 17,0 | 0,253 | 0,272 |

Nesta rodada, o grau de intimidade foi a quinta variável selecionada, enquanto na análise 7.1.1, foi a sexta, mas, observando os pesos relativos de ambas as rodadas, concluímos que o resultado é o mesmo, isto é, o alto grau de intimidade (53,2% e 0,528) favorece o uso do *tu* e o baixo grau de intimidade (17% e 0,253) inibe o seu emprego, como podemos ver na tabela 51.

f) Gênero/sexo

Tabela 52: Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. <i>Tu x você + cê</i> | P.R. <i>(tu x você)</i> |
|-------------------------|---------------------|----------|---|------------------------------------|
| <i>Feminino</i> | 470/808 | 58,2 | 0,585 | 0,576 |
| <i>Masculino</i> | 322/780 | 41,3 | 0,412 | 0,419 |

A sexta variável selecionada nesta rodada foi gênero/sexo, já, na análise 7.1.1, foi a quinta. Os dados da tabela 52 revelam, assim como na análise *tu x você*, que as mulheres favorecem o uso do *tu* (58,2% e 0,585), ao passo que os homens desfavorecem o emprego desse pronome (41,3% e 0,412). Notamos, mais uma vez, que os pesos relativos desta rodada se assemelham bastante ao da análise 7.1.1. Por isso, consideramos que os resultados de ambas as rodadas não são diferentes.

g) Tipo de relato

Tabela 53: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. <i>Tu x você + cê</i> | P.R. <i>(tu x você)</i> |
|-------------------------|---------------------|----------|---|------------------------------------|
| <i>Original</i> | 755/1462 | 51,6 | 0,516 | 0,516 |
| <i>Reportada</i> | 37/126 | 29,4 | 0,320 | 0,318 |

O sétimo grupos de fatores selecionado foi o tipo de relato, assim como na análise 7.1.1. Notamos, observando a tabela 53, que os relatos originais (0,516) repetem o mesmo peso relativo da análise anterior, já, na fala reportada (0,320 e 0,318), temos apenas uma leve alteração no peso. Assim, concluímos que os resultados obtidos aqui não divergem dos da rodada *tu x você*.

h) Tipo de verbo

Tabela 54: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|-------------------|---------------------|----------|------------------------------------|-----------------------------|
| <i>Epistêmico</i> | 145/244 | 59,4 | 0,549 | 0,541 |
| <i>Dicendi</i> | 45/85 | 52,9 | 0,543 | 0,554 |
| <i>Ação</i> | 467/908 | 51,4 | 0,543 | 0,547 |
| <i>Sem verbo</i> | 3/7 | 42,9 | 0,520 | 0,514 |
| <i>Estado</i> | 82/168 | 48,8 | 0,369 | 0,373 |
| <i>Verbo Ter</i> | 50/176 | 28,4 | 0,324 | 0,310 |

O tipo de verbo foi a oitava variável selecionada, ocupando a mesma posição obtida na análise para *tu x você*. Observando, na tabela 54, os pesos relativos desta rodada e os da anterior, verificamos que eles são, levemente, diferentes, mas não a ponto de alterarem o papel dos fatores sobre a variante em estudo. Assim, os verbos epistêmicos (0,549), *dicendi* (0,543), de ação (0,543) e os sem verbo (0,520) continuam favorecendo o *tu*, mesmo de forma tímida, enquanto os verbos que indicam estado (0,369) e o verbo Ter (0,324) agem de forma inibidora sobre este pronome.

Notamos uma pequena mudança na ordem dos fatores: enquanto, nesta rodada, o verbo epistêmico é o primeiro selecionado, seguido do *dicendi* e do de ação; na análise 7.1.1, o primeiro selecionado foi o *dicendi* (0,554), seguido do verbo que indica ação (0,547) e do verbo epistêmico (0,541). Como a diferença na ordem destes fatores é provocada por uma diferença extremamente pequena entre os seus pesos, entendemos que os resultados desta rodada são, praticamente, idênticos aos da análise 7.1.1.

i) Função sintática do pronome

Tabela 55: Atuação da função sintática sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|-------------------------------|---------------------|----------|------------------------------------|-----------------------------|
| <i>Função Sujeito</i> | 771/1501 | 51,4 | 0,516 | 0,516 |
| <i>Frase Sem verbo</i> | 1/3 | 33,3 | 0,271 | 0,254 |
| <i>Impossível Identificar</i> | 2/9 | 22,2 | 0,254 | 0,233 |
| <i>Função Objeto Indireto</i> | 18/75 | 24 | 0,254 | 0,251 |

A função sintática do pronome foi o nono grupo de fatores selecionado, tal como ocorreu na análise 7.1.1. Os pesos relativos desta análise se assemelham aos da rodada

anterior. A função de sujeito (0,516), repetindo o mesmo peso da rodada *tu x você*, é a única favorecedora do uso do *tu*. Já os fatores que desfavorecem o uso desse pronome, o objeto indireto (0,254), a frase sem verbo (0,271) e quando é impossível identificar (0,254), apresentam pesos relativos distintos dos da primeira análise, mas ainda assim semelhantes aos da análise *tu x você*. Por isso, acreditamos que os resultados desta análise não diferem dos observados na análise 7.1.1.

j) Paralelismo formal

Tabela 56: Atuação do paralelismo formal sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|------------------------------|---------------------|----------|------------------------------------|-----------------------------|
| <i>Isolado</i> | 479/801 | 59,8 | 0,536 | 0,541 |
| <i>Primeiro da série</i> | 126/288 | 43,8 | 0,497 | 0,495 |
| <i>Não primeiro da série</i> | 187/499 | 37,5 | 0,444 | 0,437 |

Assim como ocorreu na análise 7.1.1, a décima variável selecionada na análise atual foi o paralelismo formal. Como mostra a tabela 56, os pesos relativos das duas rodadas se assemelham, pois o pronome isolado continua favorecendo, discretamente, o uso do pronome *tu* (0,536 e 0,541), enquanto o primeiro da série (0,497 e 0,495) e o não primeiro da série (0,444 e 0,437) desfavorecem o seu uso. Mais uma vez, os resultados desta análise não destoam do que vimos em 7.1.1.

k) Tempo verbal

Tabela 57: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *tu* (*tu x você e cê*)

| | Aplica/Total | % | P.R. Tu x você + cê | P.R. (tu x você) |
|--------------------------------------|---------------------|----------|------------------------------------|-----------------------------|
| <i>Pretérito imperfeito do ind.</i> | 36/61 | 59,0 | 0,657 | 0,663 |
| <i>Sem verbo</i> | 3/7 | 42,9 | 0,607 | 0,576 |
| <i>Futuro do ind.</i> | 56/95 | 58,9 | 0,606 | 0,600 |
| <i>Pretérito perfeito do ind.</i> | 158/233 | 67,8 | 0,597 | 0,579 |
| <i>Gerúndio</i> | 15/35 | 42,9 | 0,563 | 0,572 |
| <i>Presente do indicativo</i> | 468/938 | 49,9 | 0,501 | 0,506 |
| <i>Pretérito imperfeito do subj.</i> | 11/31 | 35,5 | 0,411 | 0,401 |

| | | | | |
|-------------------------------|--------|------|-------|-------|
| <i>Futuro do subjuntivo</i> | 7/24 | 29,2 | 0,314 | 0,324 |
| <i>Infinitivo pessoal</i> | 36/144 | 25,0 | 0,293 | 0,292 |
| <i>Imperativo</i> | 1/9 | 11,1 | 0,256 | 0,275 |
| <i>Presente do subjuntivo</i> | 1/11 | 9,10 | 0,124 | 0,120 |

O tempo verbal foi o décimo primeiro grupo de fatores selecionado, diferentemente da primeira rodada em que foi o décimo segundo. Apesar disso, assim como aconteceu com todos os grupos de fatores das outras variáveis, os pesos relativos continuam semelhantes. Assim, os verbos no modo indicativo: pretérito imperfeito (0,657), futuro (0,606), pretérito perfeito (0,597), no gerúndio (0,563) e sem verbo (0,607) favorecem o uso do *tu*. O presente do indicativo (0,501) se comporta de forma neutra. Já os verbos no modo subjuntivo: presente (0,124), pretérito imperfeito (0,411) e futuro (0,314), no infinitivo pessoal (0,293), bem como os do imperativo (0,256) desfavorecem o seu uso.

Vale salientar que a ordem dos fatores foi quase mantida a mesma: nesta rodada, temos na sequência, pretérito imperfeito do indicativo, sem verbo e futuro do indicativo como os primeiros, enquanto na rodada anterior ficou: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do indicativo e sem verbo. Os demais permanecem na mesma ordem. Assim, podemos dizer que os resultados desta rodada não divergem dos observados na análise anterior.

Comparando os resultados da atual rodada com o da análise *tu x você*, foi observado que não houve grandes mudanças no que diz respeito ao comportamento das variáveis, já que tanto a ordem dos fatores como os pesos relativos se assemelham muito entre si. Todos os grupos de fatores selecionados na rodada *tu x você + cê* aparecem na que realizamos para *tu x você*.

7.1.3 CÊ X VOCÊ

Observamos, nos demais trabalhos realizados pelo Brasil, que há diferenças entre os pronomes *você* e *cê*. Scherre e Yacovenco (2011) enfatizam a importância de estudar as variantes *você*, *ocê* e *cê* e, dessa forma, preferimos analisá-los separadamente, a fim de observarmos se há diferenças entre eles no falar fortalezense e quais condicionamentos atuam sobre o *cê*.

Apresentamos, na tabela 58, os resultados percentuais dos estudos encontrados sobre a frequência de uso de *você* e *cê* no português brasileiro, para que possamos comparar nossos resultados aos destas pesquisas.

Tabela 58: Frequência de uso das variantes *você* e *cê* em diversas localidades do Brasil

| Estudo | Localidade | Você | Cê |
|---|--------------------------------|-------------|-----------|
| Nogueira (2013) | Feira de Santana e Salvador-BA | 88,03 | 2,33 |
| Loregian-Penkal e Menon (2012) | Curitiba-PR | 69,7 | 30,3 |
| Nascimento (2011) | São Paulo-SP | 54,3 | 43 |
| Calmom (2010) – PORTVIX entrevistados | Vitória-ES | 74,2 | 25,8 |
| Calmom (2010)- PORTVIX entrevistadores | Vitória-ES | 76 | 24 |
| Calmom (2010)- Fala Casual 1 | Vitória-ES | 31,4 | 68,6 |
| Calmom (2010)- Fala Casual 2 | Vitória-ES | 63,2 | 36,8 |
| Gonçalves (2008) | Arcos-MG | 22 | 54 |
| Dias (2007) | Brasília-DF | 26,5 | 51,4 |
| Peres (2006) | Belo Horizonte-MG | 59 | 34 |
| | Belo Horizonte-MG | 15 | 77,5 |
| Andrade (2004) | Brasília-DF | 53 | 25 |
| | | 63 | 21 |
| Coelho (1999) | São Francisco-MG | 20 | 56 |

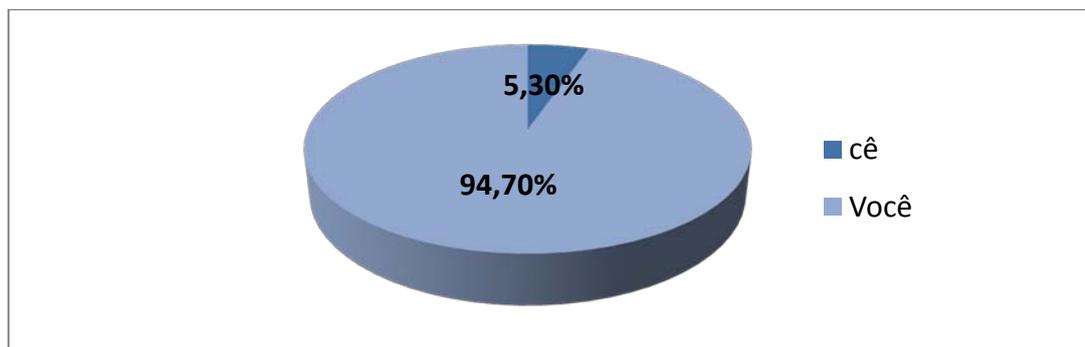
Os trabalhos que tiveram o *você* e *cê* investigados mostram dados percentuais bem diferentes do nosso. O trabalho de Nogueira (2013), que apresenta o uso do *cê* na região em estudo ainda de forma pouco intensa, é o que mais se aproxima dos nossos resultados. Nas demais pesquisas, observamos um uso crescente, com dados bem superiores aos nossos.

Na primeira rodada para *cê x você*, encontramos 813 dados, mas alguns destes dados precisaram ser excluídos, porque, como tínhamos poucas ocorrências para o *cê*, 33 ao todo, ocorreram muitos nocautes. Devido a isso, tivemos que excluir alguns fatores, que só apresentaram dados para o *você*. Foram eles: a) os verbos compostos (04 dados); b) o verbo recuperado pelo contexto (06); c) o presente do subjuntivo (10); d) o pretérito do subjuntivo (22); e) o futuro do subjuntivo (17); f) o modo imperativo (08); g) tempo verbal, sem verbo (06); h) para tipo de verbo, sem verbo (06 dados); i) não houve casos de *cê* para totalmente assimétrico (48 dados); j) conversas religiosas (38 dados); k) repreensões (03 dados); l) fofocas (16 dados); m) brincadeiras/observações irônicas (05 dados); n) conversas sobre

relacionamento amoroso (34 dados). Além disso, algumas variáveis apresentaram *singleton group*, por não apresentarem o *cê* em pelo menos dois fatores. Foram elas: a) posição em relação ao verbo, que só teve ocorrências de *cê* antes do verbo (680 dados); b) função sintática, que só apresentou dados de *cê* como sujeito (697 dados); c) efeito gatilho, que não teve dados para casos com efeito gatilho para *cê* (38 dados); d) tipo de referente, que não apresentou casos de *cê* genérico (77 dados).

Excluindo os nocautes e os *singleton groups*, restaram 619 ocorrências, divididas da seguinte forma: 33 dados para *cê* (5,3%) e 586 para *você* (94,7%), como podemos ver no gráfico 14.

Gráfico 14: Percentuais obtidos para as variantes *cê* e *você* após a retirada dos nocautes



Ao submetermos os dados à análise do GoldVarb X, verificamos que o melhor *step up* foi o 27 (*Input* 0.034, *Log likelihood* = -115.851, *Significance* = 0.009). Dos 13 grupos de fatores controlados, 03 foram considerados relevantes, nesta ordem: escolaridade, grau de intimidade entre os informantes e sexo/gênero. Não foram selecionadas as variáveis: entonação, tipo de fala, faixa etária, tipo de relato, tipo de verbo, paralelismo formal, grau de simetria entre os interlocutores, tempo verbal, estrutura do verbo e polaridade. Lembramos que os grupos de fatores: função sintática, efeito gatilho, posição em relação ao verbo e tipo de referente não participaram desta rodada, porque já tinham sido excluídos antes.

A seguir, analisaremos todas as variáveis selecionadas, segundo a ordem de relevância do programa estatístico.

a) Escolaridade

Tabela 59: Atuação da escolaridade sobre o pronome *cê* (*cê x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>0-4 anos</i> | 7/152 | 4,6 | 0,562 |
| <i>5-8 anos</i> | 3/184 | 1,6 | 0,249 |
| <i>9-11 anos</i> | 23/283 | 8,1 | 0,642 |

Selecionada como a mais relevante de todas as variáveis, o grau de escolaridade, conforme podemos ver na tabela 59, mostra que os mais escolarizados são os que mais favorecem o uso do *cê* (8,1% e 0,642). No entanto, aqueles com menor escolaridade (4,6% e 0,562) também colaboram com a realização da forma reduzida, embora o peso relativo deste nível de escolaridade não seja tão expressivo quanto o que vimos na escolaridade mais alta. Aqueles com escolaridade intermediária (1,6%, 0,249), entre 5 a 8 anos, inibem o uso da forma reduzida.

Dos trabalhos examinados, os de Loregian-Penkál e Menon (2012) e Nascimento (2011) mostram que os informantes de ensino fundamental e médio são os maiores favorecedores do *cê*, diferentemente dos nossos resultados. Vale salientar que essas duas pesquisas trabalharam com o nível superior, e, na nossa amostra, há, no máximo, o nível médio.

Hipotetizávamos que os menos escolarizados fossem os maiores favorecedores do *cê*, porque acreditávamos que esta forma era estigmatizada no falar dos fortalezenses. No entanto, para nossa surpresa, os mais escolarizados, assim como os menos escolarizados, favorecem o *cê*, contraditando a suposição inicial.

b) Grau de intimidade entre os informantes

Tabela 60: Atuação do grau de intimidade sobre o pronome *cê* (*cê x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Alto grau de intimidade</i> | 32/517 | 6,2 | 0,598 |
| <i>Baixo grau de intimidade</i> | 1/102 | 1,0 | 0,117 |

Os resultados para o grau de intimidade, a segunda variável selecionada pelo programa, indicam que os informantes com um alto grau de intimidade (6,2% e 0,598) favorecem o *cê*, enquanto os que apresentam baixo grau de intimidade (1% e 0,117) atuam de forma desfavorecedora sobre esta forma, segundo a tabela 60.

Os dados, como já esperávamos, mostram que quanto maior o grau de intimidade, maior o uso da forma reduzida. Isso ratifica, assim, a ideia de que quanto menor o monitoramento e maior a interação entre os informantes, maior será o uso do pronome mais informal, confirmando o que diz Nascimento (2011) a esse respeito.

Assim, quando há um alto grau de intimidade, os nossos falantes preferem a forma não padrão, mas, se baixa o grau de intimidade, o uso do *ocê*, a forma considerada padrão, aparece. No entanto, preferimos relativizar esta afirmação, em virtude da baixa quantidade de dados que compõe nosso *corpus* no que se refere ao *cê*. Apenas um dado desta forma foi registrado para o baixo grau de intimidade e 32 para o alto grau de intimidade. São números tímidos, considerando os dados das rodadas realizadas em 7.1.

c) Gênero/sexo

Tabela 61: Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *cê* (*cê x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Feminino</i> | 6/229 | 6,9 | 0,330 |
| <i>Masculino</i> | 27/390 | 2,6 | 0,603 |

A última variável selecionada foi o gênero/sexo e seus pesos, expostos na tabela 61, mostram que os homens (0,603) são os únicos aliados dessa forma, enquanto as mulheres (0,330) a inibem. Assim, em nossos dados, os homens utilizam o *cê* com mais frequência que as mulheres. Esse resultado se assemelha ao de Calmon (2010), Andrade (2004) e Coelho (1999).

Considerando que *cê* é uma forma muito mais usada em situação de alto grau de intimidade, não acreditamos que seja uma variante de prestígio. Apesar de o peso relativo das mulheres apontar indícios de que o *cê* seja estigmatizado pelo falante fortalezense, não podemos afirmar isso, visto que os informantes mais escolarizados são os favorecedores dessa redução. Apesar de uma baixa recorrência, observamos que a maioria dos casos ocorre em relações de solidariedade, vindas, principalmente do homem, assim como ocorreu no trabalho de Lucca (2005), em que os homens são os maiores favorecedores do *cê*, em relações de solidariedade.

7.1.4 O(A) SENHOR(A) X VOCÊ

O(a) *senhor(a)* se revelou um pronome razoavelmente frequente em nossa amostra e, por isso, decidimos efetuar uma rodada entre esta forma e *você*, para averiguarmos quais condicionamentos atuam sobre *o(a) senhor(a)*. Devemos esclarecer que juntamos as formas *o senhor e a senhora*, pois o nosso intuito era observar quais fatores influenciam o uso desse pronome, independentemente do sexo/gênero.

Tabela 62: Frequência de uso das variantes *você* e *o(a) senhor(a)* em diversas localidades do Brasil

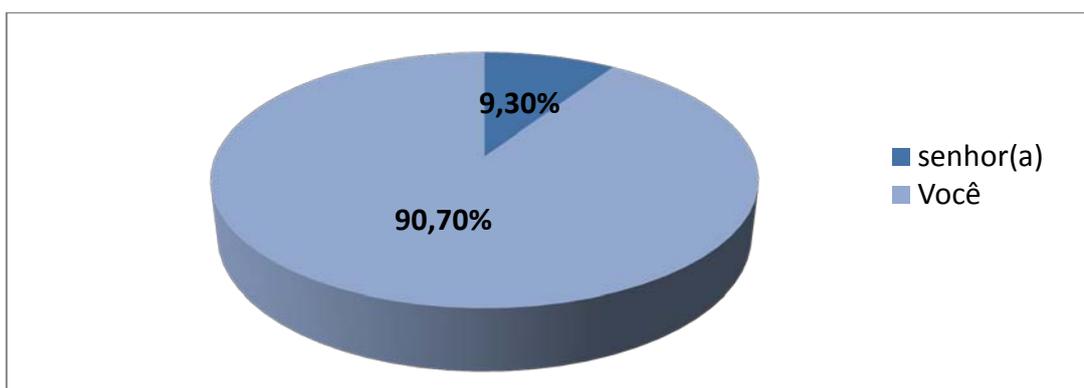
| Estudo | Localidade | Você | Senhor |
|------------------------|--------------------------------|--------|--------|
| Nogueira (2013) | Feira de Santana e Salvador-BA | 88,03% | 5,04% |
| Martins (2010) | Tefé-AM | 22,9% | 4,9% |
| Packer (1990) | Jaguará do Sul-SC | 35,06% | 9,52% |

Como podemos observar, há um uso majoritário do *você*. Esse resultado considera todos os dados, visto que não encontramos pesquisas que tratem da análise binária *o(a) senhor(a) x você*. Os trabalhos desenvolvidos mostram semelhança com nossos resultados percentuais, visto que o uso do *você* é bem mais amplo que *o(a) senhor(a)*.

Na rodada inicial, tivemos 853 ocorrências, mas apareceram *singleton groups* nas variáveis: a) no efeito gatilho, no fator sem efeito gatilho não encontramos dados para *o(a) senhor(a)*, com 38 para *você*; b) no grau de intimidade, no baixo grau de intimidade, não foi registrada ocorrência para *o(a) senhor(a)*, com 126 para *você*; c) no tipo de referente, na referência genérica, não houve dados para *o(a) senhor(a)*, com 77 para *você*. Por isso, foi preciso excluir as variáveis mencionadas. Eliminamos também os fatores em que só apareceu o *você*: a) nos verbos encontrados pelo contexto (23 dados); b) na frase sem verbo (02 dados); c) no futuro do subjuntivo (17 dados) e no gerúndio (19 dados); d) brincadeiras/observações irônicas, 5 ocorrências).

Efetuamos uma nova rodada sem os nocautes e sem os *singleton groups* e obtivemos 787 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 73 dados para *o(a) senhor(a)* (9,3%) e 714 dados para *você* (90,7%), como mostra o gráfico 15.

Gráfico 15: Percentuais obtidos para as variantes *o(a) senhor(a)* e *você* após a retirada dos nocautes



Submetidos os 787 dados ao GoldVarb X, vimos que o *step up* 91 (*Input* 0.018, *Log likelihood* = -148.121, *Significance* = 0.045) foi a melhor rodada. Das 14 variáveis submetidas à análise, oito foram selecionadas nesta ordem de relevância: tipo de relato, gênero/sexo, escolaridade, função sintática, tempo verbal, tipo de fala, grau de simetria e faixa etária. Os grupos de fatores entonação, tipo de verbo, paralelismo formal, posição em relação ao verbo, estrutura do verbo e polaridade não foram selecionados pelo programa. O efeito gatilho, o grau de intimidade entre os informantes e o tipo de referente foram eliminados na rodada anterior, por isso não participaram desta análise.

Em seguida, analisaremos cada uma das variáveis selecionadas, de acordo com a ordem de relevância fornecida pelo GoldVarb X.

a) Tipo de relato

Tabela 63: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *o(a) senhor(a)* (*o(a) senhor(a)*x *você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------|--------------|------|-------|
| Reportada | 32/117 | 27,4 | 0,903 |
| Original | 41/666 | 6,2 | 0,406 |

A primeira variável selecionada foi o tipo de relato e os resultados obtidos para este grupo indicam que só a fala reportada favorece, de forma expressiva, o uso do *o(a) senhor(a)* (27,4% e 0,903), enquanto a fala original desfavorece (6,2% e 0,406) essa forma, como mostra a tabela 63.

Como podemos observar, as falas reportadas são as maiores favorecedoras da recorrência do(a) *senhor(a)*. Esse resultado mostrou que, quando os nossos informantes relatam algo ou sugerem que alguém diga algo, optam muitas vezes pelo pronome de tratamento mais formal.

Na nossa hipótese inicial, esperávamos que a fala reportada favorecesse o(a) *senhor(a)*, porque o falante requer mais cuidado ao reproduzir algo que foi dito pelo próprio falante, como também por outro falante.

O tipo de registro que escolhemos, o D2 (Diálogo entre dois Informantes), desfavorece o aparecimento do pronome *senhor(a)*, visto que os nossos informantes eram pessoas que se conheciam e que possuíam um grau de intimidade mais favorecedor do uso de pronomes mais informais, como o *tu* ou o *você*. Dessa forma, observamos que, ao se referir a outra pessoa, principalmente, quando essa exerce algum tipo de poder, seja por profissão, seja por ser um parente mais velho, o uso do(a) *senhor(a)* torna-se mais frequente.

No inquérito 132, há uma passagem em que um senhor de 52 anos relata, para outro de 60 anos, um episódio de sua vida, envolvendo seu ex-chefe. No seu relato, observamos que o uso do pronome *senhor(a)* para se referir ao seu chefe é muito recorrente, embora o informante demonstre insatisfação com o patrão. A face do chefe é ameaçada, mas o poder relativo do patrão (BROWN; LEVINSON,1987) faz com que o funcionário utilize recursos mais polidos, como o pronome *senhor(a)* para mencioná-lo. Por isso, entendemos que o uso do(a) *senhor(a)* é uma estratégia de polidez, usada pelo informante para atenuar o efeito de suas palavras dirigidas ao patrão, já que ele tem pouca intimidade com o chefe e respeita a hierarquia no seu trabalho.

*Inf. 1 quando é cinco hora eu largava e fazia o mesmo (itinerário)... ia de pés e:: pegava o ônibus na praça... AI ele... vendo aquilo né... ai ele disse W... me chamava de W... W... tu mora lá perto da Bela Vista? eu dou uma carona a você até lá em casa... fica mais perto né? eu disse é:: se o **senhor** quiser dar... a::i... quando foi outro dia nós tomamo banho cinco hora aí viemo mais ele né... primeiro dia ele num disse nada não... no segundo dia... aí no terceiro dia ele já começou a dar piada sabe?... RAPAZ cês limpa os pés aí que eu comprei esse carro agora... VOCÊS tão SUjando meu carro de AREIA aí... aí eu já tava dentro do carro... me deu vontade de dizer... Seu E. amanhã nos num viemo mais seu C. não... não era desse jeito... o homem tá enricando e tá BESTa agora... quando foi no outro dia cinco HOra... terminou o serviço eu tomei BANho... vesti minha roupa e () da casa né... uma viagem de pés e pega ônibus na praça né... ai quando foi no outro dia... ele me chamou... W. que é seu C.? É:: eu sei que você num foi mais eu ontem... NÃO seu C. num foi nã::o... seu CARRINHO tá NOVINHO... comprou agora... tou sujando seu carro de are::ia... eu num nasci dentro de carro... tenho perna pra ANdar... vou... vou mas não com o **senhor**... o **senhor** me desculpe mas eu num vou mais não... o seu carrinho é NOvo... ele RAPAZ o que é ISSO RAPAZ?... num sei o QUÊ... aí eu seu C. é o seguinte... SENhor quando não tinha NADA... o senhor não era desse jeito*

*não como é agora... agora que você tá enricando... tá com essa bestEira RAPAZ... quer saber de uma coisa? eu num trabalho mais pro **senhor** NENHUM SEGUNDO... ME DÊ AÍ o que eu tenho diREItto... pague minha SEMAna... e me dê aí...ah... o que eu tenho de direito... ai ele rapaz o que é isso? ai eu disse... é isso mesmo... ai ele foi e me pagou ai eu ((barulho das mãos batendo uma na outra)) NUNca mais eu vi esse homem... cabra besta RAPAZ...(Inq. 132, grifos nossos)*

Tanto no trecho do inquérito 60 quanto no excerto do inquérito 99, que vemos mais abaixo, os informantes referem-se a pessoas mais velhas que são membros da família ou consideram da família. O uso do(a) *senhor(a)* para se referir a essas pessoas é muito recorrente em nosso *corpus*.

*Inf. 2 todo carinho pra **senhora** é desse jeito... tudo que ele arranja é pra mim... mas dê pra sua mÃe essa aí é sua mãe eu sou só sua avó... não mas foi a **senhora** que me criou ele diz desse jeito () a **senhora** me criou eu dou pra **senhora** eu sei que ela é minha mãe mas a **senhora** foi que toda vida deu/ deu cari::nho e e/ e de deu atenção a mim.: (Inq. 60)*

*Inf. 1 fechou o olho eu fui e disse madrinha a **senhora** olha aí a a I... que eu vou voltar lá ne (inq. 99)*

b) Gênero/sexo

Tabela 64: Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *o(a) senhor(a)* (*o(a) senhor(a)x* você)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Feminino</i> | 54/359 | 15 | 0,628 |
| <i>Masculino</i> | 19/424 | 4,5 | 0,391 |

O segundo grupo de fator selecionado foi o gênero/sexo que, conforme a tabela 64, apresenta as mulheres (15%, 0,628) como aliadas do(a) *senhor(a)*, ao passo que os homens (4,5%, 0,391) se revelam desfavorecedores desta forma.

Os dados indicam que *o(a) senhor(a)* é mais recorrente na fala das mulheres que na fala dos homens. Observa-se que os homens, em uma situação de maior formalidade ou de não intimidade com seu interlocutor, preferem o uso do *você*, enquanto as mulheres usam com mais frequência o pronome *senhor(a)*.

É bom lembrar o fato de que o tipo de inquérito examinado nesta amostra, o D2 (Diálogo entre Dois Informantes), não favorece o uso desse pronome, visto que os informantes escolhiam com quem conversavam, onde realizavam a gravação e sobre o quê

falavam. O baixo monitoramento e o alto grau de intimidade não favorecem o uso do(a) *senhor(a)*, mas ainda assim ele foi produtivo em nossos dados. Isso nos faz pensar que, em registros mais formais, seu uso deve ser muito mais exacerbado.

c) Escolaridade

Tabela 65: Atuação da escolaridade sobre o pronome *o(a) senhor(a) (o(a) senhor(a)x*
você)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------|---------------------|----------|-------------|
| 0-4 anos | 27/198 | 13,6 | 0,650 |
| 5-8 anos | 35/288 | 12,2 | 0,636 |
| 9-11 anos | 11/297 | 3,7 | 0,277 |

A terceira variável selecionada, a escolaridade, revelou que, segundo os pesos da tabela 65, os menos escolarizados (de 0 a 4 anos, com 0,650; de 5 a 8 anos, com e 0,636) são favorecedores do pronome *senhor(a)*, ao contrário dos mais escolarizados (de 9 a 11 anos, com 0,277).

Esses dados mostram que, como esperávamos, quanto menor a escolaridade maior o uso da forma *senhor(a)*, revelando uma polidez dos nossos informantes. Assim, ao conversarem com outra pessoa, seja por um cargo superior ao seu, seja pela idade, os informantes com baixa escolaridade optam por um tratamento mais formal e mais respeitoso para com o seu interlocutor.

Uma possível explicação para isso está na questão da relação de poder (BROWN; LEVINSON, 1987). Em relações assimétricas, o falante de menor escolaridade sente-se inferior ao outro e opta por uma forma para indicar assimetria entre os interlocutores, como uma maneira de mostrar respeito. Essa preocupação já não ocorre tanto com os mais escolarizados, como vimos nos resultados. Isso acontece, porque esses indivíduos, sendo os mais escolarizados da amostra, não se preocupam em tratar o outro de forma diferenciada, usando um pronome que demonstre simetria entre os interlocutores, mas que é considerado mais neutro, o *você*.

d) Função sintática do pronome

Tabela 66: Atuação da função sintática no pronome *o(a) senhor(a)* (*o(a) senhor(a)x*
você)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Vocativo</i> | 6/9 | 66,7 | 0,992 |
| <i>Predicativo do sujeito</i> | 1/2 | 50 | 0,979 |
| <i>Adjunto adnominal</i> | 2/6 | 33,3 | 0,973 |
| <i>Impossível Identificar</i> | 1/8 | 12,5 | 0,884 |
| <i>Objeto Direto</i> | 2/10 | 20 | 0,815 |
| <i>Objeto Indireto</i> | 6/55 | 10,9 | 0,485 |
| <i>Sujeito</i> | 55/693 | 7,9 | 0,464 |

A função sintática foi a quarta variável selecionada e, segundo os pesos relativos apresentados na tabela 66, observamos que o uso do pronome *senhor(a)* é favorecido, por ordem de importância, pelas seguintes funções sintáticas: o vocativo (0,992), o predicativo do sujeito (0,979), o adjunto adnominal (0,973), o objeto direto (0,815) e quando é impossível identificar o pronome (0,884). Quando *o(a) senhor(a)* ocupa a posição de sujeito (0,464) ou de objeto indireto (0,485), ocorre o desfavorecimento do uso desse pronome.

Esperávamos que *o(a) senhor(a)* fosse favorecido tanto pelo vocativo como pelo sujeito. No entanto, vimos que o sujeito não favorece *o(a) senhor(a)*. Vale ressaltar aqui que, na maioria das funções sintáticas, tivemos poucas ocorrências, o que nos faz olhar para os resultados dos fatores vocativo, predicativo do sujeito, adjunto adnominal, objeto direto e impossível de determinar a função com bastante cautela.

Infelizmente, não temos dados de outros trabalhos sobre esta variável para compará-los com os nossos, posto que, em outras localidades estudadas, as pesquisas se limitam em estudá-lo apenas na função subjetiva.

e) Tempo verbal

Tabela 67: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *o(a) senhor(a)* (*o(a) senhor(a)x*
você)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Pretérito imperfeito do ind.</i> | 5/28 | 17,9 | 0,857 |
| <i>Pretérito perfeito do ind.</i> | 17/88 | 19,3 | 0,837 |
| <i>Pretérito imperfeito do subj.</i> | 4/24 | 16,7 | 0,782 |
| <i>Futuro do ind.</i> | 4/40 | 10 | 0,499 |
| <i>Presente do indicativo</i> | 32/467 | 6,9 | 0,443 |
| <i>Presente do subjuntivo</i> | 2/12 | 16,7 | 0,454 |

| | | | |
|----------------------------------|-------|------|-------|
| <i>Infinitivo pessoal</i> | 4/107 | 3,7 | 0,259 |
| <i>Imperativo</i> | 1/9 | 11,1 | 0,242 |
| <i>Sem verbo</i> | 4/8 | 50 | 0,177 |

O tempo verbal, quinta variável selecionada, revelou que, de acordo com os pesos da tabela 67, os tempos verbais que mais favorecem o uso do(a) *senhor(a)* são: o pretérito imperfeito do indicativo (0,857), o pretérito perfeito do indicativo (0,837) e o pretérito imperfeito do subjuntivo (0,782). Já os tempos verbais: futuro do indicativo (0,499), presente do indicativo (0,443), presente do subjuntivo (0,454), infinitivo pessoal (0,259), imperativo (0,242) e o fator sem verbo (0,177), desfavorecem o(a) *senhor(a)*.

Esperávamos que os tempos no modo indicativo, assim como ocorreu com o *tu*, fosse favorecedor do pronome *senhor(a)*, mas constatamos que o tempo passado foi o maior aliado do pronome. Tal resultado mostra que os falantes, narrando fatos do passado, usam com mais frequência o(a) *senhor(a)*. Remeter-se ao passado pode ter favorecido a realização desse pronome.

Contudo, não podemos deixar de notar mais uma vez a baixa quantidade de dados no presente do subjuntivo, no imperativo e no fator sem verbo, o que pode ter influenciado o desempenho destes fatores sobre a variante analisada.

f) Tipo de fala

Tabela 68: Atuação do tipo de fala sobre o pronome o(a) *senhor(a)* (o(a) *senhor(a)*x *você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---|---------------------|----------|-------------|
| <i>Religião</i> | 5/39 | 12,8 | 0,842 |
| <i>Repreensão</i> | 2/5 | 40 | 0,834 |
| <i>Recordações</i> | 8/60 | 13,3 | 0,746 |
| <i>Conversa Casual</i> | 55/543 | 10,1 | 0,599 |
| <i>Fofoca</i> | 1/16 | 6,2 | 0,207 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 1/34 | 2,9 | 0,084 |
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 1/90 | 1,1 | 0,056 |

Os resultados para o tipo de fala, sexta variável selecionada, estão disponíveis na tabela 68 e, com base nos seus pesos relativos, notamos que religião (0,842), repreensão (0,834) e recordações (0,746) favorecem o(a) *senhor(a)* de forma bastante expressiva. Também contribuem com o uso dessa forma as conversas casuais (0,599), enquanto a fofoca

(0,207), a conversa sobre relacionamento amoroso (0,084) e a conversa sobre o trabalho (0,056) inibem o seu uso.

Acreditávamos que os fatores religião, repreensão e conversa sobre o trabalho favorecessem o pronome *senhor(a)*. Assim, nossa hipótese só não se confirmou para conversa sobre o trabalho, mas devemos observar que, neste fator, só foi encontrada uma ocorrência para o(a) *senhor(a)*.

O fator recordações também nos surpreendeu, pois não acreditávamos que apresentasse um comportamento favorecedor da forma *senhor(a)*. As lembranças do passado distanciam o falante do seu presente, favorecendo esse pronome. É importante notar que, nas repreensões, em que estão presentes as relações de poder, também favorecem a forma de maior respeito, pois, segundo Brown e Levinson (1987), quando o falante ameaça a face negativa do ouvinte, utilizam-se alguns recursos de polidez, para atenuar a ameaça. Tais recursos seriam aqueles que servem para afastar os interlocutores, como o uso de pronomes, no nosso caso, o(a) *senhor(a)*.

Quanto à religião, o próprio tema já mostra um distanciamento entre os interlocutores, o que pode favorecer o uso do pronome *senhor(a)*. As conversas casuais, apesar de favorecerem esse pronome, não o fazem de forma expressiva como as outras falas.

Devemos ressaltar a baixa frequência de dados no fator repreensão, com apenas cinco ocorrências ao todo e somente 02 favorecendo o(a) *senhor(a)*. Os fatores fofoca, conversa sobre relacionamento amoroso e conversa sobre o trabalho apresentam, cada um, apenas uma ocorrência para o(a) *senhor(a)*. A forma de tratamento *senhor(a)* é pouco presente nessas conversas em razão de o grau de intimidade ser muito alto, ou seja, as pessoas já se conhecem e tem intimidade de conversar sobre diversos assuntos, até pelo fato de os informantes escolherem com quem e onde vão conversar. O uso de *senhor(a)* não ficaria adequado nesse tipo de interação. Enquanto o(a) *senhor(a)* é mais presente nas conversas mais formais e menos íntimas, as fofocas e a conversa sobre relacionamento amoroso são, justamente, conversas mais informais e mais íntimas, favorecendo o *tu*.

g) Tipo de relação entre os interlocutores

Tabela 69: Atuação do tipo de relação entre os interlocutores sobre o pronome *o(a)**senhor(a) (o(a) senhor(a)x você)*

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Parcialmente assimétrico</i> | 28/209 | 13,2 | 0,762 |
| <i>Muito simétrico</i> | 41/459 | 8,9 | 0,491 |
| <i>Parcialmente simétrico</i> | 3/72 | 4,2 | 0,152 |
| <i>Totalmente assimétrico</i> | 1/43 | 2,3 | 0,077 |

A sétima variável selecionada, cujos pesos relativos aparecem na tabela 69, revela que somente na relação entre os interlocutores parcialmente assimétrica (0,762), ou seja, mesmo gênero/sexo, mas idades diferentes, o uso do(a) *senhor(a)* é favorecido, enquanto os demais tipos de relação: muito simétrico (0,491), parcialmente simétrico (0,152) e totalmente assimétrico (0,077) desfavorecem o seu emprego.

No fator totalmente assimétrico (sexo/gênero e idade diferentes), só encontramos um dado para *o(a) senhor(a)* entre 43 ocorrências. Também o fator parcialmente simétrico (sexo/gênero diferente e idade igual) apresentou poucos dados para este pronome, apenas 03 de 72 ocorrências. A distribuição dos dados nestes dois fatores nos leva a constatar que os informantes com a mesma idade são os maiores desfavorecedores desse pronome, mas, quando a faixa etária é diferente, o uso do(a) *senhor(a)* parece ser mais produtivo.

Já esperávamos que a diferença de idade favorecesse o uso do(a) *senhor(a)*, porque esse pronome, para ser usado, requer formalidade ou pouca intimidade entre os falantes. No entanto, a nossa hipótese foi apenas parcialmente confirmada, já que pressupúnhamos que tanto o parcialmente assimétrico como o fator totalmente assimétrico beneficiassem essa variante. Portanto, nossa expectativa era a de que somente a diferença de idade fosse importante para o uso do(a) *senhor(a)*. Ao que parece, além da diferença de idade, é necessário também que os interlocutores sejam do mesmo sexo/gênero.

A idade diferente torna-se um dos fatores que contribuem, para que haja uma relação de poder (BROWN; GILMAN, 1960). Ela ocorre em relações assimétricas em que um falante exerce poder sobre o outro. Como, por exemplo, o caso de uma pessoa conversando com uma mais velha ou um subordinado falando com o seu chefe.

h) Faixa etária

Tabela 70: Atuação da faixa etária sobre o pronome *o(a) senhor(a)* (*o(a) senhor(a)x* *você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---|--------------|------|-------|
| Faixa etária I (15 a 25 anos) | 14/241 | 5,8 | 0,309 |
| Faixa etária II (26 a 49 anos) | 31/265 | 11,7 | 0,616 |
| Faixa etária III (a partir de 50 anos) | 28/277 | 10,1 | 0,560 |

Os resultados para a oitava variável selecionada, a faixa etária, aparecem na tabela 70 que informa o seguinte: os adultos (faixa II, com 11,7% e 0,616) e os mais velhos (faixa III, com 10,1% e 0,560) favorecem o uso do(a) *senhor(a)*, diferentemente dos jovens (faixa I, com 5,8% e 0,309). Assim, as duas faixas com maior idade preferem o tratamento mais formal, com maior destaque para a faixa intermediária, a dos adultos.

Constata-se que os mais jovens pouco usaram o pronome *senhor(a)*. Em sua maioria, preferem o uso do *você*, mesmo para se referirem a pessoas mais velhas. Acreditávamos que os mais jovens inibissem o uso do(a) *senhor(a)*, já que esse pronome não é tão frequente na amostra examinada e a polidez seria mais frequente em pessoas mais velhas.

Segue o relato de uma conversa, extraído do inquérito 35 do NORPOFOR, entre um jovem de 21 anos e seu patrão, feita pelo próprio rapaz a outro informante. Apesar de não mencionar a idade do ex-chefe, observa-se o respeito do rapaz em relação ao patrão devido à hierarquia no trabalho.

*Inf. 1: e vê que ele não é e sabe que tem alguém que tem capacidade de fazer... algo que:: ultrapasse ele né? ele quer derrubar... assim ele fez comigo quis me derrubar... mas não me derrubou eu saí porque:: eu queria provar pra eles que... não... não precisava dele para aquilo... aí foi na hora que eu peguei meu som... amarrei na minha bicicleta e... fui até a recepção e disse oh R... é... eu estou me demitindo... foi um prazer né? dançar com **você**... **você** entendeu aquele percurso todo lá que eu fiquei falando e tal e... detonei né o que eu queria falar falei o que era de errado lá o que era certo que eles não fazem coisas tão certas né?*

Os dados mostram que a faixa etária que mais favorece o uso do(a) *senhor(a)* é a adulta, aquela mais ativa profissionalmente. Acredita-se que, por usarem mais essa forma no trabalho, é também a mais usada em outras situações.

i) Tipo de verbo

Tabela 71: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *o(a) senhor(a)* (*o(a)**senhor(a)x você*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Epistêmico</i> | 12/101 | 11,9 | 0,719 |
| <i>Estado</i> | 16/96 | 16,7 | 0,677 |
| <i>Ação</i> | 32/420 | 7,6 | 0,483 |
| <i>Dicendi</i> | 5/40 | 12,5 | 0,462 |
| <i>Sem verbo</i> | 4/8 | 50 | 0,460 |
| <i>Verbo Ter</i> | 4/122 | 3,3 | 0,257 |

A última variável selecionada é o tipo de verbo, cujos pesos relativos indicam, conforme a tabela 71, que os verbos epistêmicos (0,719) e os que indicam estado (0,677) favorecem o uso do(a) *senhor(a)*. Já os demais verbos: os que indicam ação (0,483), os *dicendi* (0,462), quando não há verbo (0,460) e o verbo *ter* (0,257) inibem o seu uso.

Nossa hipótese era a de que os verbos de ação e os *dicendi* favorecessem o seu uso, já que esperávamos que, em falas reportadas, houvesse a maior produção do pronome *senhor(a)*, mas isso não foi confirmado nos nossos dados.

Os únicos verbos que favorecem o uso do(a) *senhor(a)* são o epistêmico e o que indica estado. Conjecturamos que o verbo de ação também favorecesse esse pronome devido a sua recorrência no *corpus*, mas observamos que, mesmo com a alta frequência, esse fator inibe a presença do(a) *senhor(a)*.

No grupo sem verbo, encontramos, ao todo, 08 ocorrências e destas apenas 04 pertencem ao(a) *senhor(a)*, o que não nos permite fazer afirmações conclusivas sobre este fator.

Acreditamos que as conversas que foram selecionadas como relevantes, recordações, repreensão e religião, tenham favorecido o aparecimento desses verbos e, conseqüentemente, o uso do(a) *senhor(a)*.

Em falas não originais, em que o falante relata algo que já aconteceu, há o favorecimento do(a) *senhor(a)*. Por se reportar a algo que já se passou, os tempos verbais que mais favorecem essa forma pronominal são aqueles que indicam o passado. Os assuntos que mais privilegiaram o(a) *senhor(a)* foram a repreensão, as recordações e a religião. Esse pronome ocorre, diferentemente do *tu*, na forma de vocativo, adjunto adnominal e predicativo do sujeito. As mulheres, os informantes com escolaridade entre 0 a 8 anos e os indivíduos a

partir de 26 anos são os que mais beneficiam o(a) *senhor(a)*. Por fim, esse pronome é mais usado por falantes do mesmo sexo/gênero, mas com idades diferentes.

Sobre a questão de uma possível mudança linguística, ainda não temos subsídios suficientes para fazermos qualquer afirmação, mas constatamos que esse pronome é muito produtivo em Fortaleza, visto que foi recorrente apesar do ambiente não ter sido propício ao seu aparecimento.

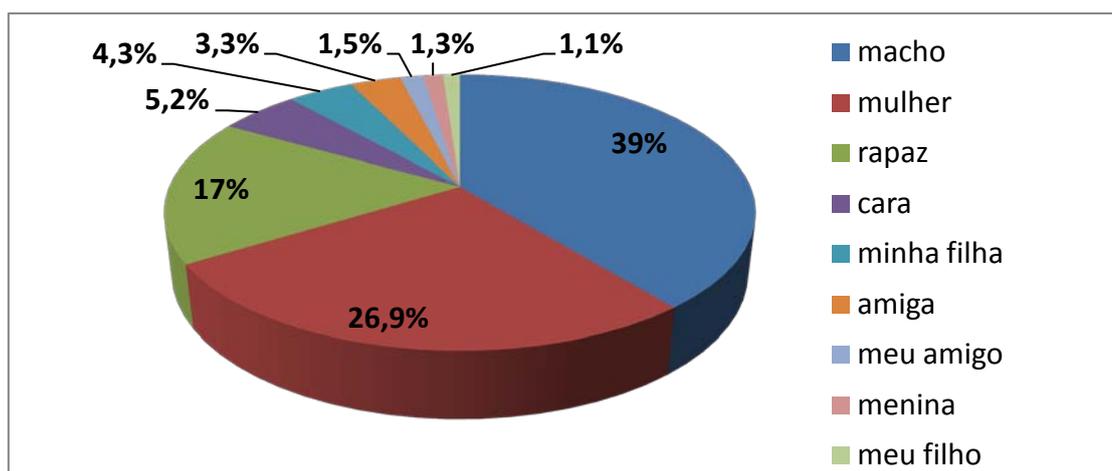
7. 2 FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAIS

Na segunda parte desta análise, estudaremos o comportamento daquelas formas nominais que só ocorreram como vocativo, mas apresentaram uma frequência de uso considerável nos nossos dados e, por isso, achamos relevante estudá-las, a fim de sabermos quais grupos de fatores condicionam seu uso. Estamos nos referindo às formas: *macho*, *mulher*, *rapaz*, *minha/meu filho(a)*, *cara*, *meu amigo*, *amiga*, *menino(a)* e *meu irmão*.

Lembramos aqui que, na primeira parte desta análise, encontramos o(a) *senhor(a)* muito recorrente como vocativo, mas esta variante não será contemplada aqui pelo fato de esta forma puder atuar em outras posições. Por isso, decidimos analisá-la em 7.1.1.

Submetidos os nossos dados ao GoldVarb X, obtivemos 908 ocorrências, distribuídas pelas onze variantes analisadas: *macho* com 354 ocorrências (39%), *mulher* com 244 realizações (26,9%), *rapaz* com 154 dados (17%), *cara* com 47 ocorrências (5,2%), *minha filha* com 39 realizações (4,3%), *amiga* com 30 ocorrências (3,3%), *meu amigo* com 14 realizações (1,5%), *menina* com 13 realizações (1,3%), *meu filho* com 10 ocorrências (1,1%), *meu irmão* com 2 dados (0,2%) e *menino* somente com 1 dado (0,1%). O gráfico 16 nos dá a visualização da distribuição destas formas, com exceção das duas últimas em virtude da escassez de dados.

Gráfico 16: Percentuais obtidos para cada variante apenas na função de vocativo



Nesta amostra, observamos que a variante *macho* (39%) é a mais recorrente de todas e a forma *mulher* (26,9%) aparece com a segunda maior frequência de uso. A forma *rapaz* (17%) aparece como a terceira mais usada, seguida das variantes *cara* (5,2%) e *minha filha* (4,3%). As formas *meu amigo*, *menina*, *meu filho*, *meu irmão* e *menino* apresentaram um número inexpressivo de dados, 14, 13, 10, 02 e 01, respectivamente, e, por isso, não pudemos efetuar análises binárias com estas formas, mas, para todas as outras, foram realizadas rodadas.

Devemos esclarecer que, neste estudo, não fizemos distinção entre as variantes fonéticas *macho*, *má*, *mar*, *mancho* e *man*, encontradas na nossa amostra, pois todas foram consideradas, para que tivéssemos um número maior de dados para a forma *macho*. Do mesmo modo e pelo mesmo motivo, não distinguimos entre as formas: *rapaz*, *rapá* e *rapaiç*; *mulher*, *muié* e *mulé*; *minha filha* e *mia fia*, *meu irmão* e *mermão*.

Infelizmente, não podemos comparar os resultados obtidos aqui com os de outras localidades, porque os trabalhos já realizados se limitam a observar apenas a alternância dos pronomes *tu*, *você*, *cê*, *ocê* e *o(a) senhor(a)*.

Para desenvolver esta segunda parte da análise, fizemos rodadas binárias com as formas mais frequentes: *macho x rapaz*, *mulher x minha filha*, *cara x macho* e *rapaz x cara*.

Com a forma *amiga*, apesar de recorrente, não foi possível fazer uma análise tendo em vista que somente uma informante a utilizou.

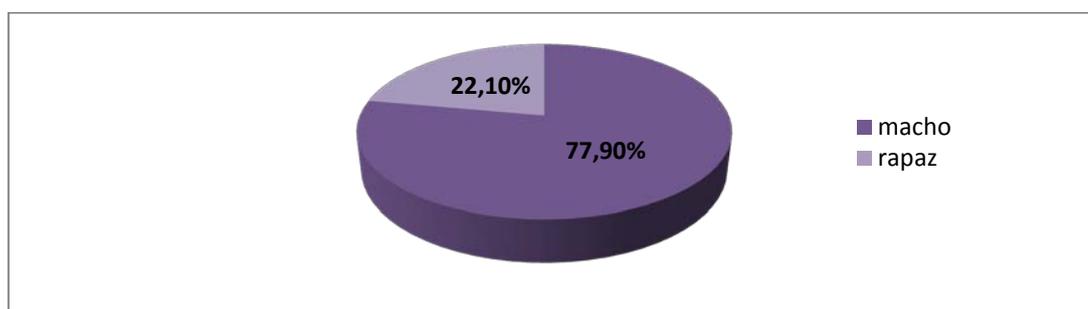
A seguir, mostraremos cada uma das análises binárias realizadas.

7.2.1 MACHO X RAPAZ

Para *macho x rapaz*, na primeira análise, foram registrados 508 dados. No entanto, encontramos nocautes em vários fatores: a) na escolaridade mais alta (entre nove a onze anos), não houve ocorrência para *macho* (51 dados para *rapaz*); b) em relação à posição do verbo, quando o verbo é dado pelo contexto, não ocorreu dado para *macho* (01 dado para *rapaz*); c) nas locuções verbais, não tivemos dado para *macho* (02 para *rapaz*); d) na polaridade, em frases sem verbo, só houve registro para *macho* (02 dados); e) no futuro do indicativo e no modo imperativo, não ocorreu dados para *macho* (01 e 02 dados, respectivamente, para *rapaz*) e, no pretérito imperfeito do indicativo, não houve dado para *rapaz* (01 para *macho*); f) nos verbos *dicendi* e naqueles que indicam estado, não encontramos dados para *macho* (01 e 04 dados para *rapaz*, respectivamente); g) nos totalmente assimétricos e parcialmente simétricos (mesma idade, sexo diferente), só tivemos dados para *rapaz* (15 e 09 dados); h) na faixa etária de 50 anos em diante só teve ocorrência para *rapaz* (51 dados para *rapaz*). Na variável grau de intimidade, apareceu um *singleton group*, pois não houve dados para *macho* (14 dados para *rapaz*) no fator baixo grau de intimidade, o que nos fez excluir essa variável.

Feitas as exclusões, mencionadas acima, restaram, na segunda rodada, 441 dados, com os quais efetuamos a segunda rodada que ainda apresentou: a) nocautes em dois fatores: formas que estão depois do verbo (05 ocorrências para *macho*) e tipo de fala que indica repreensão (05 dados para *macho*); b) *singleton group* em duas variáveis: no tempo verbal, devido à ausência de dados para *rapaz* no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo; e no tipo de verbo, pois não tivemos dados de *rapaz* nos verbos que indicam ação e nos verbos epistêmicos. Com a exclusão dos nocautes e dos *singleton groups*, obtivemos 438 ocorrências na terceira rodada, distribuídas assim: 341 dados para *macho* (77,9%) e apenas 97 (22,1%) para *rapaz*.

Gráfico 17: Percentuais obtidos para as variantes *macho e rapaz* após a retirada dos nocautes



Submetidos os 341 dados ao GoldVarb X, vimos que o melhor *step up* foi o 58 (*Input* 0.847, *Log likelihood* = -167.081, *Significance* = 0.011). Das 12 variáveis submetidas à análise, seis foram selecionadas pelo programa. São elas, por ordem de maior relevância: faixa etária, tipo de fala, paralelismo, tipo de relato, escolaridade e grau de simetria. Vale salientar que o grau de intimidade entre os informantes, o tipo de verbo e o tempo verbal foram excluídos, já na segunda rodada. Os grupos de fatores: sexo/gênero, entonação, referência do pronome, posição em relação ao verbo, estrutura do verbo, polaridade e efeito gatilho não foram selecionados pelo programa.

A seguir, veremos cada variável selecionada por ordem de importância.

a) Faixa etária

Tabela 72: Atuação da faixa etária sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 284/315 | 90,2 | 0,663 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 57/123 | 46,3 | 0,150 |

A faixa etária foi considerada a variável mais relevante de todas. Seus resultados, expostos na tabela 72, apontam que a faixa etária que mais favorece o uso do *macho* é a mais jovem (15 a 25 anos), com 90,2% e 0,663, ao passo que a faixa dos adultos (26 a 49 anos) desfavorece seu emprego, com 46,3% e 0,150. Vale lembrar que a faixa etária mais velha (mais de 50 anos) foi retirada devido à falta de dados para *macho*.

Assim como esperávamos, a faixa etária que mais favorece o uso do *macho* é a dos mais jovens. Não houve ocorrência dessa forma na fala dos mais velhos, mas ocorreu um número significativo do *rapaz* na faixa etária acima de 49 anos. Dessa forma, a variante *macho* foi incorporada à fala de nossos informantes jovens, sinalizando uma mudança linguística em curso.

O trabalho de Soares (1980) sobre o falar de Fortaleza apresenta algumas formas de tratamento recorrentes em seu estudo, “*doutor, menino, meu filho, chefe, conterrâneo, bichinha, rapaz, homem, Dona M, minha velha* ou o nome ou apelido do interlocutor” (SOARES, 1980, p.80), mas a forma *macho*, muito frequente em nossa pesquisa, não é mencionada neste estudo.

b) Tipo de fala

Tabela 73: Atuação do tipo de fala sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Observações irônicas/brincadeiras</i> | 20/21 | 95,2 | 0,728 |
| <i>Recordações</i> | 12/22 | 54,5 | 0,717 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 27/29 | 93,1 | 0,710 |
| <i>Fofoca</i> | 26/28 | 92,9 | 0,577 |
| <i>Conversa Casual</i> | 236/299 | 78,9 | 0,483 |
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 20/39 | 51,3 | 0,194 |

A segunda variável selecionada foi o tipo de fala que se refere aos assuntos abordados pelos interlocutores na nossa amostra. De acordo com os pesos relativos da tabela 73, as observações irônicas/brincadeiras (0,728), assim como as recordações (0,717) e as conversas sobre relacionamento amoroso (0,710) favorecem de forma expressiva o uso do *macho*. A fofoca (0,577), embora apresente um peso relativo menos expressivo que os demais, também atua positivamente sobre a aplicação do *macho*. A conversa casual (0,483) e a conversa sobre o trabalho (0,194) inibem o uso dessa forma de tratamento.

Hipotetizávamos que as conversas de maior intimidade, como as observações irônicas/brincadeiras, as conversas sobre relacionamento amoroso e a fofoca, favorecessem o uso do *macho*. Além de a nossa hipótese ter sido confirmada, notamos que as recordações também se mostraram favorecedoras do emprego do *macho*. Nas conversas sobre o passado, em que o informante tem domínio do assunto e confia no seu interlocutor, a presença do *macho* torna-se mais evidente. Assim, fica claro que quanto mais à vontade fica o falante, maior é o favorecimento dessa variante.

c) Paralelismo formal

Tabela 74: Atuação do paralelismo formal sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Não primeiro da série</i> | 59/66 | 89,4 | 0,747 |
| <i>Primeiro da série</i> | 48/56 | 85,7 | 0,689 |
| <i>Isolado</i> | 234/316 | 74,1 | 0,409 |

O paralelismo formal foi a terceira variável selecionada nesta rodada. De acordo os pesos relativos da tabela 74, o primeiro da série (0,689) e o não primeiro da série (0,747) são favorecedores da variante *macho*, sendo que o segundo fator atua de forma mais acentuada sobre a variante. A forma isolada (0,409) inibe essa forma de tratamento.

Conforme esperávamos, a repetição da forma pelo interlocutor no mesmo turno favorece o emprego do *macho*, enquanto a forma isolada desfavorece a variante, beneficiando o uso do *rapaz*. Neste caso, a presença do paralelismo favorece o aparecimento da forma *macho*. Assim, quando ocorre a presença dessa variante na fala no informante, há mais chance de ela reaparecer na mesma fala.

d) Tipo de relato

Tabela 75: Atuação do tipo de relato sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Original</i> | 336/423 | 79,4 | 0,513 |
| <i>Reportada</i> | 5/15 | 33,3 | 0,179 |

O tipo de relato, quarto grupo de fatores selecionado, encontra-se assim dividido: relato original e relato reportado. O primeiro ocorre quando os interlocutores conversam usando a sua fala, enquanto o segundo refere-se à fala que já ocorreu e eles a retomam. De acordo com os pesos relativos da tabela 75, a fala original (0,513) favorece o uso do *macho*, no entanto, de modo bastante discreto, ao passo que a fala reportada (0,179), nitidamente, inibe o seu emprego.

Como conjecturávamos, a fala original favoreceu, mas, de forma muito branda, o uso do *macho*, enquanto a fala reportada a desfavorece. Atribuímos tal resultado ao fato de que, na conversa, entre nossos informantes, as formas de tratamento são bastante recorrentes, mas o *macho* só é usado quando há um alto grau de intimidade.

Considerando todas as formas de tratamento presentes em nossa amostra, encontramos um total de 853 falas originais, mas apenas 55 reportadas, sendo que 33 dessas eram ocorrências da forma *rapaz*. Constatamos que o nosso informante prefere, no caso de fala reportada, usar o *rapaz*, forma mais aplicada quando temos baixo grau de intimidade.

A forma *macho* não foi encontrada em situação de baixo grau de intimidade em nossos dados. Vale reforçar que, apesar de a variante *rapaz* ocorrer em situações de baixa intimidade, isso não significa que ela apareça em relações assimétricas. Soares (1980, p. 56) explica que

“há assim forma neutras de igual para igual usadas para expressar informalidade como *moço*, *rapaz*, *chefe*, *amigo*, *colega*, e, com frequência, o nome próprio” (grifo nosso). O *rapaz* funciona como uma forma neutra de tratar o seu interlocutor, sem distanciá-lo, nem aproximá-lo demais.

e) Escolaridade

Tabela 76: Atuação da escolaridade sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------|---------------------|----------|-------------|
| 0-4 anos | 154/190 | 81,1 | 0,335 |
| 5-8 anos | 160/214 | 74,8 | 0,629 |
| 9-11 anos | 27/34 | 79,4 | 0,626 |

A escolaridade foi selecionada como a quinta variável que mais influencia a forma *macho*. Seus pesos relativos, expostos na tabela 76, revelam que o *macho* é, de forma inequívoca, favorecido pelos falantes de maior escolaridade (0,626) e média escolaridade (0,629), ao passo que os de menor escolaridade desfavorecem o seu uso (81,1%, 0,335).

Acreditávamos que essa forma fosse favorecida pelo menos escolarizados, mas isso não se confirmou nos nossos dados, pois os informantes com a menor escolaridade foram os únicos que inibiram a realização do *macho*. Como os mais escolarizados são os que mais utilizam essa forma de tratamento, podemos dizer que essa variante, mesmo sendo usada quando há um alto grau de intimidade, não é estigmatizada pelos nossos informantes.

Atribuímos o uso frequente da forma *macho* em nossos dados ao fato de essa variante ser uma marca identitária do falar cearense, tal como podemos observar no blog do suricate seboso (<http://blogdosuricate.com.br/>⁴⁴). Em razão disso, acredita-se que essa forma não seja estigmatizada pelo fortalezense.

⁴⁴ Os dados do facebook (<https://www.facebook.com/suricateseboso>) mostram que até o dia 25 de março de 2014 1.517.824 internautas gostaram do facebook do suricate e há 426.210 falando sobre o suricate seboso. Essa página do facebook foi desenvolvida pelo Diego Jovino, como forma de representar suas lembranças da época de escola, os costumes locais, as brincadeiras de criança, o lazer dos jovens, as relações familiares e a fala de sua comunidade. Tal página adquiriu notoriedade, em virtude de os cearenses se identificarem com a forma de falar dos seus personagens. A forma *macho* é muito recorrente na fala dos personagens criados pelo autor da página.

f) Grau de simetria entre os informantes

Tabela 77: Atuação do grau de simetria entre os informantes sobre a forma *macho*
(*macho x rapaz*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---------------------------------|--------------|------|-------|
| Totalmente simétrico | 166/230 | 72,2 | 0,398 |
| Parcialmente assimétrico | 175/208 | 84,1 | 0,612 |

O grau de simetria que se refere ao sexo/gênero e idade do falante foi o último grupo de fatores selecionado. Os pesos relativos da tabela 77 indicam que o fator parcialmente assimétrico (sexo/gênero igual e idade diferente) favorece o uso do *macho* (0,612), enquanto o totalmente simétrico inibe o seu emprego (0,398).

Nossa hipótese inicial era que tanto o totalmente simétrico e o parcialmente assimétrico favorecessem a aplicação do *macho*. No caso, essa forma estaria relacionada à fala de homens para homens, independentemente de sua idade.

Os fatores totalmente assimétrico (sexo/gênero e idade diferentes) e parcialmente simétrico (sexo/gênero diferente e idade igual) foram excluídos de nossa análise por não encontrarmos ocorrências do *macho* para tais fatores. Acreditamos que isso tenha ocorrido porque o *macho* não é usado frequentemente por mulheres, muito menos por mulheres falando com mulheres. Aliás, isso foi encontrado apenas duas vezes para *macho*. No entanto, ele é muito usado por homens. Dessa forma, independentemente da idade, contanto que os falantes tenham o mesmo sexo/gênero masculino, haverá o favorecimento do uso do *macho*.

A forma *macho* é característica peculiar da fala do cearense, usada, principalmente, por homens em relações solidárias, mas ocorre também na fala das mulheres, embora de maneira menos intensa. Este não é um tratamento estigmatizado, visto que os mais jovens e os mais escolarizados são os que mais utilizam a variante *macho*. Na verdade, sua recorrência é crescente, uma vez que os mais velhos não a produzem, o que dá indícios de que se trata de uma mudança em progresso. O seu uso marca a identidade de quem a realiza como cearense, por isso, muito recorrente e valorizado pelo fortalezense.

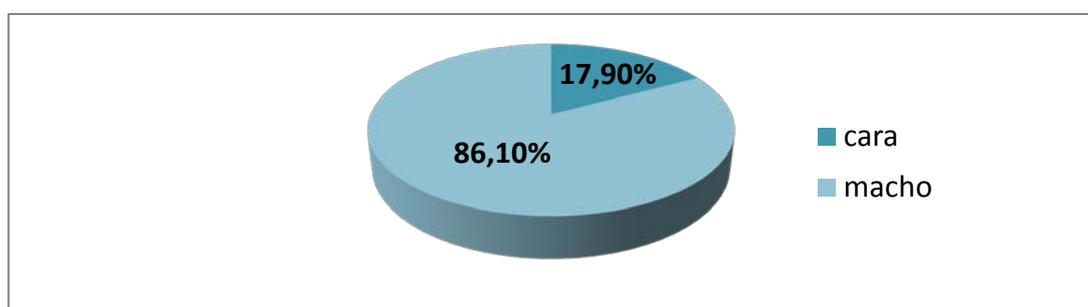
7.2.2. CARA X MACHO

Na rodada feita para *cara x macho*, tínhamos, inicialmente, 401 ocorrências. No entanto, tivemos alguns nocautes, o que nos fez eliminar alguns fatores: a) posição da forma

em relação ao verbo, depois do verbo (06 dados para *macho*); b) polaridade, nos enunciados com a forma isolada, não houve casos de *cara* (02 dados para *macho*); c) no tempo verbal⁴⁵, no pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo não ocorreu casos de *cara* (01 dado para *macho* em cada fator); d) tipo de verbo, epistêmico (01 dado para *macho*) e verbo que indica estado (01 dado para *cara*); e) tipo de fala, repreensão (05 dados para *macho*); brincadeiras/observações irônicas (20 dados para *macho*); fofoca (26 dados para *macho*); recordações (12 dados para *macho*); religião (01 dado para *cara*). Surgiram *singleton groups* em algumas variáveis que, por isso, foram retiradas da rodada. Foram elas: a) o tipo de relato por não ter havido casos de *cara* no discurso reportado; b) o efeito gatilho por não encontrarmos dados quando há efeito para *cara*; c) o grau de intimidade que não teve casos para *macho* em baixo grau de intimidade.

Na segunda rodada, com a exclusão dos nocautes e dos *singleton groups*, obtivemos 343 dados, mas ainda tivemos que retirar uma variável, o tipo de verbo, visto que o presente do indicativo não tinha dados para *macho* (03 ocorrências para *cara*). Com essa nova retirada, na terceira rodada, contamos com 331 ocorrências das formas de tratamento, distribuídas da seguinte forma: 17,9% para *cara* (46 ocorrências) e 86,1% para *macho* (285 ocorrências), como podemos ver no gráfico 18.

Gráfico 18: Percentuais obtidos para as variantes *cara* e *macho* após a retirada dos nocautes



Submetemos os 331 dados ao programa e verificamos que o *step up 25* (*Input* 0.034, *Log likelihood* = -68.493, *Significance* = 0.022) foi o melhor da rodada. Das nove variáveis submetidas à análise do GoldVarb X, sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, posição da forma em relação ao verbo, estrutura do verbo, paralelismo formal, entonação, grau de

⁴⁵ Só tivemos aqui quatro tipos de tempo verbal: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, e quando não há verbo.

simetria entre os interlocutores e tipo de fala, apenas três foram selecionadas pelo programa, na ordem de relevância: escolaridade, sexo/gênero e tipo de fala, que serão analisados a seguir, obedecendo a esta ordem. Os demais grupos de fatores: faixa etária, posição da forma em relação ao verbo, estrutura do verbo, paralelismo formal, entonação e grau de simetria entre os interlocutores não foram selecionados pelo GoldVarb X.

a) Escolaridade

Tabela 78: Atuação da escolaridade sobre a forma *cara* (*cara x macho*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>0 a 4 anos</i> | 2/132 | 1,5 | 0,264 |
| <i>5 a 8 anos</i> | 8/136 | 5,9 | 0,299 |
| <i>9 a 11 anos</i> | 36/63 | 57,1 | 0,982 |

A primeira variável selecionada foi a escolaridade. Os pesos relativos da tabela 78 mostram que a única escolaridade aliada do uso da forma *cara* é a de 9 a 11 anos, com 0,982, enquanto as demais desfavorecem o seu uso (de 0 a 4 anos: 0,264 e de 5 a 8 anos: 0,299).

Hipotetizávamos que os falantes de baixa escolaridade seriam os maiores aliados dessa forma, mas isso não foi confirmado. Somente os mais escolarizados beneficiam a variante *cara* e fazem isso de modo quase categórico. Acreditamos que tal fato ocorra porque os mais escolarizados são os que possuem mais segurança ao falar, conseqüentemente, podem usar mais as formas consideradas não padrão.

b) Sexo/gênero

Tabela 79: Atuação da escolaridade sobre a forma *cara* (*cara x macho*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Masculino</i> | 40/322 | 12,4 | 0,465 |
| <i>Feminino</i> | 6/9 | 66,7 | 0,993 |

O sexo/gênero ocupou a segunda posição entre as variáveis selecionadas. Na tabela 79, os dados mostram que as mulheres favorecem o uso do *cara* (0,993), enquanto os homens privilegiam o uso do *macho* (0,465), o que contraria a nossa hipótese inicial.

Tal resultado pode ter ocorrido, porque encontramos seis ocorrências de mulheres se referindo a outra mulher com a forma *cara*. Contudo, ressaltamos a baixa quantidade de dados

das duas formas usadas pelas mulheres, o que nos faz crer que não são muito produzidas por elas.

c) Tipo de fala

Tabela 80: Atuação da escolaridade sobre a forma *cara* (*cara x macho*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Conversa sobre trabalho</i> | 5/25 | 20 | 0,898 |
| <i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i> | 1/28 | 13,9 | 0,763 |
| <i>Conversa casual</i> | 40/278 | 14,4 | 0,422 |

A terceira e última variável selecionada foi o tipo de fala. Os pesos mostram, na tabela 80, que conversa sobre o trabalho (0,898) e conversa sobre relacionamento amoroso (0,763) beneficiam o uso do *cara*, enquanto as conversas casuais inibem o seu uso (0,422).

Esperávamos que a repreensão e as conversas sobre o trabalho fossem aliadas dessa variante. No entanto, não tivemos nenhum dado para *cara* em repreensão, mas as conversas sobre trabalho a favoreceram, confirmando, parcialmente, nossa hipótese.

A forma *cara* não é específica do falar de Fortaleza, mas ocorre com certa frequência. Os dados mostraram que os mais escolarizados foram os que mais favoreceram o seu uso, assim como, de forma surpreendente, as mulheres também. Das formas que são mais usadas para se referir a homens, *cara* foi a mais usada pelas mulheres para se referir a outra mulher. As duas formas, sendo solidárias, são usadas sempre em relações de alto grau de intimidade.

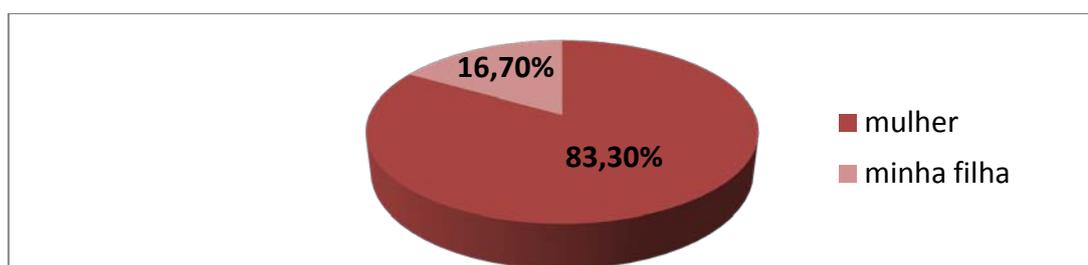
7.2.3. MULHER X MINHA FILHA

Na primeira rodada realizada para *mulher x minha filha*, obtivemos 283 dados. No entanto, vimos que sugeriram nocautes, porque não foram encontrados dados para *minha filha* nos fatores: posição do pronome depois do verbo (com 04 dados para *mulher*); locuções verbais (com 01 dado para *mulher*); imperativo (com 01 dado para *mulher*); futuro do indicativo (com 01 ocorrência para *mulher*); tipo de verbo, os *dicendi* (01 dado para *mulher*) e os que indicam estado (03 dados para *mulher*); tipo de fala, as conversas amorosas (com 05 dados para *mulher*), recordações (com 03 dados para *mulher*) e conversas sobre trabalho (04 dados para *mulher*). Não houve dados para *mulher* no grau de simetria, parcialmente simétrico (com 01 dado para *minha filha*). Todos estes nocautes foram excluídos, bem como o *singleton*

group que apareceu nas variáveis: paralelismo, retirada por não ocorrer casos para *minha filha*, com primeiro da série nem não primeiro da série; e grau de intimidade, que só apresentou dados no fator alto grau de intimidade para as duas formas.

Sem nocautes e sem *singleton groups*, na segunda rodada, restaram 261 dados, mas tivemos de fazer uma terceira rodada, porque apareceu um *singleton group* na variável entonação por não haver dados em frases interrogativas para *minha filha* (12 dados para *mulher*). Eliminada a variável, ainda ficamos com 261 ocorrências, sendo 223 ocorrências para *mulher* (85,4%) e 38 para *minha filha* (14,6%), como podemos ver no gráfico 19.

Gráfico 19: Percentuais obtidos para as variantes *mulher* e *minha filha* após a retirada dos nocautes



Os 261 dados foram submetidos ao GoldVarb X que apresentou o *step up* 15 (*Input* 0.890, *Log likelihood* = -92.597, *Significance* = 0.004) como o melhor da rodada. Dos 12 grupos de fatores submetidos à análise, apenas dois foram selecionados pelo programa. São eles, por ordem de maior relevância: faixa etária e escolaridade. Vale salientar que, antes de efetuarmos esta rodada, três variáveis foram excluídas em função da ausência de dados: grau de intimidade entre os informantes, paralelismo e entonação. Já os grupos de fatores: sexo/gênero, posição da forma em relação ao verbo, estrutura de verbo, tipo de discurso, tempo verbal, tipo de verbo, grau de simetria, tipo de fala, polaridade e efeito gatilho não foram selecionados pelo programa.

A seguir, analisaremos cada variável selecionada por ordem de relevância.

a) Faixa etária

Tabela 81: Atuação da faixa etária sobre a forma *mulher* (*mulher x minha filha*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|---|--------------|------|-------|
| Faixa etária I (15 a 25 anos) | 110/117 | 94 | 0,749 |
| Faixa etária II (26 a 49 anos) | 105/129 | 81,4 | 0,314 |
| Faixa etária III (mais de 50 anos) | 8/15 | 53,3 | 0,138 |

A faixa etária foi selecionada como a mais relevante de todas. Como podemos ver na tabela 81, os pesos relativos indicam que a faixa etária que mais favorece o uso da forma *mulher* é a mais jovem (15 a 25 anos), com 0,749. Já a faixa etária dos adultos (26 a 49 anos) desfavorece seu uso, com 0,314, bem como a faixa dos mais velhos (mais de 50 anos) que é a que mais inibe o uso dessa forma de tratamento, com 0,138.

Nossa expectativa era a de que o uso da *mulher* fosse beneficiado na fala dos informantes mais jovens, enquanto *minha filha* fosse privilegiado na fala dos mais velhos. Considerando a teoria de *poder e solidariedade*, de Brown e Gilman (196), tal hipótese foi confirmada e atribuímos isso ao fato de que o termo *mulher* indica uma relação de solidariedade, de simetria, enquanto *minha filha*, associado à relação familiar, sugere uma relação, apesar de próxima, assimétrica, de cima para baixo.

Soares (1980, p.56) diz que “a expressão *meu filho* ou *minha filha* é bastante comum da parte de pessoas mais velhas para mais jovem, independentemente do sexo.” Nossos dados mostram que essa forma continua sendo mais usada por pessoas mais velhas.

Já a forma *mulher* possui um uso acentuado pelas mulheres mais jovens, sendo ela característica de relações de solidariedade entre informantes do sexo/gênero feminino.

b) Escolaridade

Tabela 82: Atuação da escolaridade sobre a forma *mulher* (*mulher x minha filha*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------|---------------------|----------|-------------|
| 0 a 4 anos | 14/19 | 73,7 | 0,402 |
| 5 a 8 anos | 77/84 | 91,7 | 0,741 |
| 9 a 11 anos | 132/158 | 73,7 | 0,375 |

A segunda e última variável que mais influencia a forma *mulher* foi a variável escolaridade. Os pesos deste grupo revelam que a *mulher* é favorecida apenas pelos falantes de escolaridade média (0,741), já que tanto os de menor escolaridade (0,402) como os de maior escolaridade (0,375) inibem o seu uso, como indica a tabela 82.

Esperávamos que os dois primeiros níveis de escolaridade (0 a 4 e 5 a 8 anos) favorecessem o uso da *mulher*. No entanto, para nossa surpresa, o único fator favorecedor foi a escolaridade de 5 a 8 anos.

O que se observa nestes dados é que a forma *mulher* não é estigmatizada, pois, apesar de os falantes mais escolarizados não a favorecerem, os que possuem escolaridade mediana a beneficiam de forma muito expressiva. O uso das duas formas só ocorreu em situação de alto grau de intimidade entre as mulheres. Isso revela que, nas relações solidárias, as mulheres de escolaridade mediana preferem o uso da forma *mulher*.

As formas *mulher* e *minha filha* são específicas para mulheres e ocorrem em relações de solidariedade. Encontramos na nossa análise apenas seis ocorrências para *mulher* falada por homens e duas para *minha filha*, comprovando que essas formas de tratamento são usadas preferencialmente por mulheres.

O uso destas formas se apresenta de maneira diferenciada entre as faixas etárias: enquanto os mais velhos usam *minha filha*, as mais jovens preferem usar o *mulher*. O uso desta forma, *mulher*, também pode ser uma forma de marcar o grupo, como uma questão identitária, posto que em Fortaleza é natural esse tipo de tratamento, não sendo considerado pejorativo, já em outros lugares pode ser tachado como vulgar usar a forma *mulher* para se referir a outra pessoa do sexo/gênero feminino.

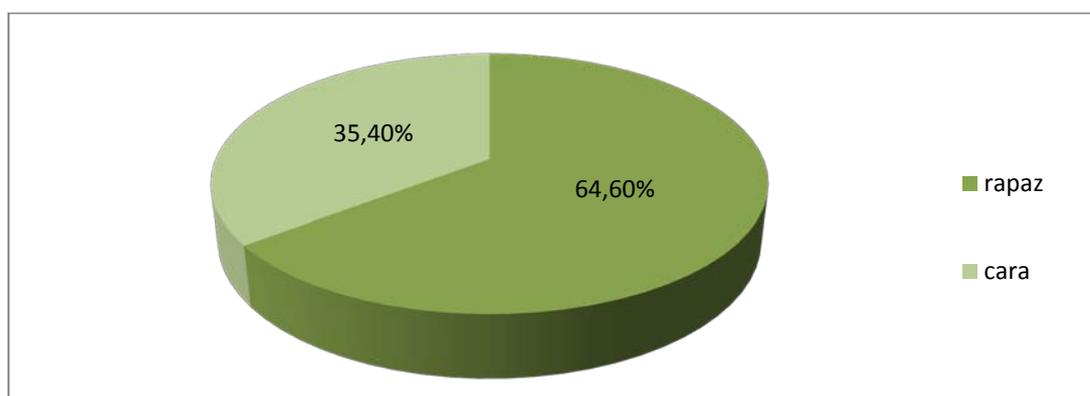
7.2.4. RAPAZ X CARA

Na rodada inicial feita para *rapaz x cara*, tivemos 201 dados, mas, como ocorreram nocautes, foi preciso excluirmos os seguintes fatores, por não apresentarem dados para *cara*: a) escolaridade entre 9-11 anos (51 dados para *rapaz*), b) posição depois do verbo (02 dados para *rapaz*), c) verbo recuperado pelo contexto (01 dado para *rapaz*), d) locuções verbais (02 dados para *rapaz*), e) futuro do indicativo (01 dado para *rapaz*), f) modo imperativo (02 dados para *rapaz*), g) pretérito perfeito (01 dado para *rapaz*), h) verbo *dicendi* (01 dado para *rapaz*), i) verbo epistêmico (01 dado para *rapaz*), j) totalmente assimétrico (15 dados para *rapaz*), k) parcialmente simétrico (09 dados para *rapaz*), l) repreensão (05 dados para *rapaz*), m) recordações (17 dados para *rapaz*), n) brincadeira/observações irônicas (04 dados para *rapaz*), o) fofocas (02 dados para *rapaz*). Somente o fator religião (01 dado para *cara*) foi excluído por não ter ocorrido dados para *rapaz*. Além disso, foi registrado dois *singleton groups*: um na variável tipo de relato, por ter apresentado, no fator discurso reportado, 33 dados apenas para *rapaz* e outro, no efeito gatilho, possuindo apenas dados para *rapaz* (21 ocorrências) para com efeito gatilho.

Na segunda rodada, após as exclusões detalhadas acima, restaram 130 dados, mas, ainda, ocorreram *singleton groups*, em duas variáveis: a) tempo verbal, por só ter dados (03)

para *cara* no presente do indicativo; b) tipo de verbo, onde os verbos que indicam ação (02 dados para *cara*) e os que indicam estado (01 dado para *cara*) não apresentaram dados para *rapaz*. Após a exclusão destes dois grupos de fatores, ainda contabilizando 130 dados, distribuídos da seguinte forma: 84 para *rapaz* (64,6%) e 46 para *cara* (35,4%), como podemos visualizar no gráfico 20.

Gráfico 20: Percentuais obtidos para as variantes *rapaz* e *cara* após a retirada dos nocautes



Submetidos os 130 dados à análise do GoldVarb X, vimos que o *step up 32* (*Input* 0.867, *Log likelihood* = -29.989, *Significance* = 0.017) foi o melhor da rodada. Dos 11 grupos de fatores submetidos à análise, apenas 04 foram selecionados pelo programa. São eles, por ordem de relevância: escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e posição da forma em relação ao verbo. Já as variáveis: estrutura de verbo, grau de simetria, grau de intimidade, tipo de fala, paralelismo, polaridade e entonação não foram selecionados pelo programa. Não devemos esquecer que, antes de concluirmos a atual rodada, quatro grupos de fatores: tipo de verbo, tempo verbal, tipo de relato e efeito gatilho, foram excluídos por terem se revelado *singleton groups*. A seguir, veremos cada variável selecionada por ordem de relevância.

a) Escolaridade

Tabela 83: Atuação da escolaridade sobre a forma *rapaz* (*rapaz x cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------|--------------|------|-------|
| <i>0 a 4 anos</i> | 32/34 | 94,1 | 0,847 |
| <i>5 a 8 anos</i> | 45/53 | 84,9 | 0,731 |
| <i>9 a 11 anos</i> | 7/43 | 16,3 | 0,070 |

A escolaridade foi a primeira variável selecionada. Os resultados desta variável, de acordo com a tabela 83, indicam que a menor escolaridade é a que mais favorece o uso de *rapaz* (94,1% e 0,847), bem como a escolaridade média (84,9% e 0,731), enquanto os mais escolarizados são os que inibem o uso do *rapaz* (16,3% e 0,070).

Os nossos dados apontam que os falantes de menos escolaridade são aqueles que mais favorecem o uso do *rapaz*. Acreditamos que seja uma forma neutra, conforme Soares (1980, p.56) expõe: “há assim formas neutras de igual para igual usadas para expressar informalidade como *moço (a)*, *rapaz*, *chefe*, *amigo*, *colega*, e, com frequência, o *nome próprio*” (grifos da autora).

Dessa maneira, observa-se que *rapaz*, usado principalmente pelos menos escolarizados, ocorre em situação de alta intimidade de forma neutra.

b) Sexo/gênero

Tabela 84: Atuação do sexo/gênero sobre a forma *rapaz* (*rapaz x cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Masculino</i> | 82/122 | 67,2 | 0,562 |
| <i>Feminino</i> | 2/8 | 25 | 0,022 |

O sexo/gênero foi o segundo grupo de fatores selecionado. Na tabela 84, os pesos relativos mostram que os homens são aqueles que mais favorecem o uso do *rapaz* (67,2% e 0,562), enquanto as mulheres (25% e 0,022) desfavorecem o seu emprego.

Quando estão em uma relação de solidariedade, os homens preferem a variante *rapaz*, forma considerada neutra, como já dizia Soares (1980). No entanto, salientamos que nosso estudo revela que, no grau de simetria, as duas formas não estão presentes em nenhuma conversa envolvendo mulher e homem, pois os interlocutores estão sempre se relacionando com pessoas do mesmo sexo/gênero, quando a usam.

Além disso, a quantidade de dados mostra que essas formas são pouco produzidas por mulheres, visto que encontramos apenas oito no total.

c) Faixa etária

Tabela 85: Atuação da faixa etária sobre a forma *rapaz* (*rapaz x cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--|---------------------|----------|-------------|
| <i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i> | 30/72 | 41,7 | 0,148 |
| <i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i> | 54/58 | 93,1 | 0,898 |

A faixa etária foi selecionada como a terceira variável. Os pesos da tabela 85 mostram que a faixa etária dos adultos é a única que favorece (0,898) a variante *rapaz* e que os mais jovens (0,148) são aqueles que inibem seu uso.

Considerando que os homens foram o que mais produziram a forma *rapaz*, os resultados mostram que essa variante é muito mais usada em relações de solidariedade entre falantes do gênero masculino e que os homens adultos preferem formas mais neutras a formas mais características de determinada idade, como *cara*. Desse modo, podemos dizer que, enquanto os mais jovens preferem formas que marquem a idade, os de idade mediana (os adultos) preferem usar formas mais neutras.

d) Posição em relação ao verbo

Tabela 86: Atuação da posição em relação verbo sobre a forma *rapaz* (*rapaz x cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------------------|---------------------|----------|-------------|
| <i>Isolado</i> | 83/126 | 65,9 | 0,532 |
| <i>Antes do verbo</i> | 1/4 | 25 | 0,018 |

A última variável selecionada foi a posição da forma em relação ao verbo. Os dados mostram, conforme podemos ver na tabela 86, que a forma *rapaz* é, levemente, favorecida quando vem isolada (0,532), ao contrário do que acontece quando vem antes de verbo (0,018).

Importante também dizer que o fator isolado apresenta um peso relativo quase neutro. Observamos que o uso antes do verbo é pouco produtivo para as duas variantes, *rapaz e cara*, pois, de um total de 04 dados, só um pertencia à variante *rapaz*. Tal resultado pode ter ocorrido porque só foi computado verbo quando este poderia concordar com o pronome *tu* ou *você*. Observamos que estas duas formas ocorrem mais quando o verbo não se refer ao vocativo, como podemos ver logo abaixo.

Inf. 1: *aí tem que ser golaço logo dele aí diz que o cara comentarista disse assim... diz que o o torcedor do Fortaleza passou embriagado aí chegou pra ele o cara diz “rapaz tu assistiu o jogo?” aí o o torcedor “**rapaz** assistiu quanto é que foi?” “**rapaz** foi de dois a um pro Fortaleza” aí o cara que conversa que foi de dois a um pro Forta/ “tá ficando doido macho dois a um pro Fortaleza de quem foi o gol me diga aí diga aí de quem foi o gol?” aí o menino disse “né um do/ do/ do Fortaleza um do Cruzeiro e o outro do Fortaleza né (Inq. 14)*

Nota-se que os homens em fase adulta e de menor escolaridade são os maiores favorecedores dessa forma de tratamento. No entanto, não podemos dizer que essa forma é estigmatizada pela população, pois ocorre de forma neutra, em geral, em relações de solidariedade. Mulheres também a usam, conforme vimos nos nossos inquéritos, mas seu uso é muito reduzido.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, constatamos, quanto às variantes pronominais, que:

As frequências do *tu* e *você* se assemelham muito, diferentemente do que foi observado em outras localidades do Brasil, onde se observa, claramente, o predomínio de uma das variantes. Vale salientar que, apesar da frequência semelhante entre as duas formas nos nossos dados, a atuação dos pronomes ocorre de forma diferente.

O *tu* é mais usado em situações mais espontâneas, quando o assunto é íntimo ou só pode ser tratado apenas entre amigos. É sempre usado com referente específico (ocorreram pouquíssimos casos em que ele foi genérico). O que mais nos chamou a atenção foi o fato de a entonação interrogativa ter sido considerada relevante a ponto de ter sido a primeira variável selecionada pelo programa.

Apesar de não ser considerada a forma de prestígio, o *tu* também não é estigmatizado pelo fortalezense. Prova disso é que tanto as mulheres, os mais jovens e mais escolarizados são os que mais beneficiam a sua realização. Na verdade, esses dados nos dão indícios de que o *tu* seja uma variante não estigmatizada, usada principalmente em relações de solidariedade..

O uso de *cê* ainda é muito baixo pelos falantes fortalezenses. Somente quando há um alto grau de intimidade é que a forma reduzida ocorre. Em geral, os homens jovens e as pessoas menos escolarizadas são as que mais favorecem o seu uso.

O uso de *ocê* foi desconsiderado, porque essa variante não se realizou em quantidade suficiente em nossos dados, indicando a forma não é muito produzida pelos falantes fortalezenses.

O(a) senhor(a) foi o pronome que menos esperávamos encontrar devido ao baixo monitoramento e à informalidade da situação de fala. De certa forma, esta forma foi bem recorrente, o que prova que esse pronome é muito usado pelos fortalezenses, diferentemente do que encontramos em outras localidades, como em Brasília. O seu uso se deu em falas relatadas, principalmente na função de vocativo. Quanto ao tipo de assunto, o pronome *senhor(a)* foi favorecido apenas em assuntos com pouca informalidade, como religião, recordações (principalmente quando eles relatavam o passado em conversas com pouco diálogo) e repreensões. Como era de se esperar, as relações assimétricas foram aquelas que mais favoreceram o uso dessa forma. No tocante à diferença de idade, os mais novos usam a forma o (a) *senhor(a)* para se referir a alguém mais velho. No entanto, o pronome não é favorecido pelos jovens, sendo beneficiado pelos adultos e os mais velhos. Constatamos também que os mais velhos optam mais que os mais jovens por esse tipo de pronome,

podendo indicar cordialidade, já que são da mesma idade. Além disso, a relação de poder fica explícita quando os menos escolarizados são os maiores favorecedores desse pronome. Em se tratando de formas nominais, vimos o seguinte:

Há três variantes muito frequentes no falar de Fortaleza: *macho*, *rapaz* e *mulher*. Outras também aparecem, mas de forma menos recorrente: *cara*, *minha filha*, *amiga*, *meu amigo*, *menina*, *meu filho* e *meu irmão*.

O *macho* é uma forma que indica solidariedade, produzida, principalmente, entre homens jovens. Ocorre em conversas com alto grau de intimidade. Os dados nos dão indícios de que haja uma mudança linguística, visto que a variante aparece em nossos dados apenas nas duas primeiras faixas etárias e os mais escolarizados são os que mais a produzem. Outro ponto destacável é sua alta recorrência, o que nos faz acreditar que a forma ocorra como uma marca identitária, já que um cearense reconhece o outro ao usar essa forma de tratamento.

A forma *rapaz* ocorre de forma mais neutra e, apesar de pouco frequente, ocorre para se referir a mulheres também. O seu uso não necessita de grande intimidade como o *macho* e os homens de idade adulta são os que mais favorecem a variante. As duas escolaridades mais baixas são as maiores favorecedoras da forma.

Cara é uma forma produzida em conversas com alto grau de intimidade e os mais escolarizados são grandes aliados desta forma, bem como as conversas sobre trabalho e as conversas sobre relacionamento amoroso. Não é uma forma produzida pelos falantes mais velhos, nem em conversas em que haja sexo/gênero diferentes, apesar de ocorrer quando os falantes possuem faixa etária diferente. Das formas usadas pelos homens, essa foi a que mais ocorreu de mulher para mulher.

A forma *mulher* foi bastante recorrente com as mulheres mais jovens, enquanto as mais velhas preferem o uso de *minha filha*. Nossos dados indicaram que as duas formas só ocorreram quando há um alto grau de intimidade. Em nossos dados, não tivemos casos dessas duas formas quando o grau de intimidade é baixo. Apesar de não ser muito usual, essa forma nominal *mulher* também foi escolhida pelos homens para se referir às mulheres. Os nossos dados também revelam que a escolaridade de 5 a 8 anos é favorecedora de *mulher*, contudo, não podemos dizer que se trata de uma forma estigmatizada já que é uma forma favorecida pelas mulheres em relações de solidariedade, independentemente da idade.

Sabemos que essa pesquisa possui limitações, já que não observamos as formas de tratamento estudadas aqui em outros registros, nem analisamos o comportamento destas formas na boca dos falantes cultos de Fortaleza, o que pode ser explorado em futuros trabalhos. No entanto, acreditamos que nossos achados fornecem dados para um melhor

entendimento sobre o emprego dos pronomes *tu*, *você*, *cê* e o(a) *senhor(a)*, bem como das formas nominais no falar do fortalezense.

Esperamos que este estudo possa contribuir com o ensino de língua materna e com o ensino de língua estrangeira, fornecendo subsídios aos professores para compreenderem a real distribuição das nossas formas de tratamento e as motivações, linguísticas e extralinguísticas, por trás de seu uso, não se limitando a apresentar aos alunos apenas as formas que expressam poder e respeito, mas reconhecendo também as formas mais usuais, típicas de sua região, que indicam solidariedade e que são favorecidas principalmente pelos menos escolarizados.

Acreditamos que os resultados aqui apresentados auxiliem também os profissionais do teatro, da televisão e do cinema, pois, tendo em vista as formas de tratamento mais produzidas, que possam utilizá-las na criação de personagens com os quais o público representado possa se identificar. Por fim, esperamos que este trabalho possa colaborar futuramente com a realização de estudos diacrônicos sobre o português popular falado em Fortaleza, possibilitando ao pesquisador realizar estudos em tempo real.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística- parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v 1, 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <
http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/3606/1/2010_diss_CCBALVES.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.

ANDRADE, A. L. V. S. **A variação você, cê e ocê no português falado brasileiro**. 2004. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos?** A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <
<http://hdl.handle.net/10482/7005>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

ARAÚJO, A. A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: RJ, 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em <
http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

ARAÚJO, L. E. S. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. In: **Estudos Linguísticos de São Paulo**, XXXVI(2), 2007. GEL - Caderno de Resumos. São Paulo: UNICAMP, 2007, maio-agosto. p. 389/398. Disponível em: <
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/71.PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2014>.

ASSUNÇÃO, J. da S.; ALMEIDA, N. L. F. A realização do TU e VOCÊ na variante linguística de falantes feirenses. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2008, Feira de Santana. **Anais ...** Feira de Santana: UEFS, 2008.

AZEVEDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. **Revista Guavira Letras** (UFMS/ *Campus Três Lagoas*), v. 13, p. 49-60, 2011.

BAGNO, M. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Veredas** (UFJF), v. 5, p. 71-83, 2001 Disponível em <
<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap063.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

BARROS, D. L. P. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: definições e imagens. In: PRETI, D.(org.) **O Discurso Oral Culto**. 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações, p. 35-54, 1999.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTES, A. C. Considerações em torno do problema do popular na linguagem. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. In: II Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, 2010, Évora. **Anais ...**, Universidade de Évora, Évora. 2010. Disponível em <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/23.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

BEZERRA, M. A. Uso de tu/você em interações infantis. **Letras** (Campinas), Campinas, v. 13, n.1 e 2, p. 96-118, 1994.

_____. Uso de tu/você e estratégias de polidez. **Intercâmbio** (PUC-SP), São Paulo, v. 6, p. 496-519, 1997.

BIDERMAN, M. T. C.. Formas de tratamento e estruturas sociais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 18, p. 339-382. 1972.

BLOG DO SURICATE SEBOSO. Disponível em: <<http://blogdosuricate.com.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.) **Style in Language**. Cambridge: Massachusetts, MIT Press, p. 253-281, 1960. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

BROWN, P.; S. LEVINSON. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas (reedição). In: Universidade Estadual Paulista. (Org.) **Cadernos de formação: formação de professores didática dos conteúdos** (v. 3: Conteúdos e Didática de Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 3, p. 34-49, 2011. São Paulo, SP: Prograd/ UNESP, 2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40354/1/01d17t03.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

CAMPELO, K. M. A contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). In: **Veredas** (PPG Linguística/UFJF). Juiz de Fora, v.2, p. 133-152. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-112.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

CALMON, E. N. **Ponte da Passagem: Você e Cê transitando na fala de VITÓRIA (ES)**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CARVALHO, V. **Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador**. 2010. 198f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2010.

CINTRA, L. F. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa.** Lisboa: Livros Horizonte. 1972.

COELHO, M. do S. V. **Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas.** 1999. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

CONHECIMENTOS GERAIS DE FORTALEZA: a capital do estado do Ceará, todo crescimento geográfico e estrutural de Fortaleza, Fortaleza, 10 de ago de 2009. Disponível em: <<http://belezadefortaleza.blogspot.com.br/2009/08/subdivisao.html>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

COSERIU, E. **Introducción A La Lingüística.** Madrid: Gredos, 1986. Disponível em: <<http://textosenlinea.com.ar/academicos/Introduccion%20a%20la%20linguistica.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, v. 1, 1976.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CYRANKA, L. F. M; PERNAMBUCO, D. L. C. A língua culta na escola: uma interpretação sociolingüística. **Instrumento:** R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 10, p. 17-28, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/A-1%C3%ADngua-culta-na-escola-uma-interpreta%C3%A7%C3%A3o-sociolingu%C3%ADstica.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português falado brasileiro.** 2007. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: < http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2309>. Acesso em: 05 mar. 2013.

DIVINO, L. S. A. **Como trato o meu receptor?** (A propósito do uso de tu/ você em Santo Antônio de Jesus-BA). 2008. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/11/TDE-2008-10-28T090535Z-804/Publico/Dissertacao%20seg.pdf>. Acesso em 05 de mar de 2013.

DUARTE, I. M. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In: **Gramática: história, teorias, aplicações.** Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p. 133- 146, 2010. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25334/2/isabelduarteformas000100229.pdf>> Acesso: 02 abr. 2014.

_____. M. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. In: **Matraga.** v.18, n. 28. Rio de Janeiro: jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga28/arqs/matraga28a03.pdf>>. Acesso em: 02 abr 2014.

FARACO, C. A. Norma padrão brasileira- desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

FIORIN, J. L. Os Aldrovandros Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. de M. **O direito à fala**. Florianópolis: Insular, p. 23-37, 2000.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal Nós/A gente e Tu/Você em Concórdia-SC**. 2011. 152f. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/27214>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Trad.: Jane Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114. [1967, On face work. In: Interaction Ritual. New York: Pantheon Books, p. 5-45].

GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística das formas você, ocê e cê no português**. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Work. pap. linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2009v10n1p73> >. Acesso em: 05 mar. 2014.

GUY, G. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. p. 17-32, 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194> >. Acesso em: 05 mar. 2013.

_____; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERÊNIO, K. K. P. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística** 2006. 120f. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2006. Disponível em <<http://www.mel.ileel.ufu.br/PDF/TRABALHO0150.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. BISOL, L. (org.) 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ceará-Fortaleza- infográficos: histórico. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/1H8>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

LABOV, W. The reflection of social processes in linguistic structures. **Readings in the sociology of language**, p. 240-251, 1968. Disponível em: <http://ww2.odu.edu/al/jpbroder/labov_early_article_1964.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

_____. The Logic of Nonstandard English. In: GIGLIOLI, P. **Language and Social Context: selected Readings**. Penguin Books: Universidade de Michigan. p. 179-215, 1972.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: SANKOFF, D. *et alii.* (eds.). **Language Variation and Change**. Cambridge: Cambridge

University Press, 2 (2) 135-56. 1990. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayFulltext?type=1&fid=2703836&jid=LVC&volumeId=2&issueId=02&aid=2703828>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso, São Paulo: Parábola Editorial. 2008.[Sociolinguistic Patterns. Pensilvânia, 1972].

_____. **How I got into linguistics, and what I got out of it**. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/HowIgot.html>>. Acesso em: 28 de jul. 2014.

LEITE, Y; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos De Mudança No Português Do Brasil: Variáveis Sociais. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. **Razões e Emoção**. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. 2003. Vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 87-114. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

LIMA-HERNANDES, M. C.; CASEB-GALVÃO, V. Polaridade no encaixamento: relação entre camadas de negação e integração de orações. In: KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB, B.; SCHÖNBERGER, A. **Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung**. 1ed. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2006, v. 1, p. 257-266. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/mariacelia_c11.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____; BARROSO, P. Tensão negativa em cartas paulistas: o português culto de São Paulo. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 1, p. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11436>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

LOPES, C. Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX, In: CIAPUSCIO, G; JUNGBLUTH, K; KAISER, D. & LOPES, C. (eds.): **Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica**, Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/12-lopes.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Org.). **Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.

_____; MARCOTULIO, L. L.; SILVA, A. S.; SANTOS, V. M. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. **Veröffentlichungsreihe des Studienbereiches Neue Romania des Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin**, v. 39, p. 49-66, 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/PPU.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

_____; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do *Voceamento* no português brasileiro: expansão de *você*-sujeito e retenção do clítico-*te*. **Linguística**. V. 25, junho, p. 30-65, 2011. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul**. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/22530>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

_____; MENON, O. P. S. Você(s), ocê(s) e cê(s) em Curitiba e Londrina, Paraná. In: **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 15/1, p. 223-243, jun. 2012.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/17608913/A-variacao-tuvoce-no-DF>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 63-92.

_____; ARAÚJO, S. **A teoria da variação linguística**. s/d. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. 2ed, São Paulo: Globo, 2009.

MACHADO, A. L. G.. **Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2ª pessoa**. In: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: cultura, 2010, São Cristóvão. **Anais ...** 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>>. Acesso: 02 abr 2014.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma (movimentos no interior do português brasileiro). In: Cardoso, A.; Mattos e Silva, R. V. (orgs.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDFBA, 1996, p.19-43.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

MARTINS, G. F. **A alternância Tu/Você/ Senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas**. 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/6996/3/2010_GermanoFerreiraMartins.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

MATOS, A. M.; NETO, A. C. Opulência e Miséria nos Bairros de Fortaleza. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, n. 146(030). Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm)>. Acesso em: 20 jan. 2014.

MENDES, E. A. de M.. Você, o senhor, ou o quê? **Linguagem & Ensino**, v. 1, n. 1, p. 135-150, 1998. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/319/284>>. Acesso em 21 fev. 2014.

MENON, O. O Português pronominal do Brasil. **Revista Letras**. Curitiba. Ed. UFPR. P. 91-106, 1995. Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19069/12374>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP.** 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-02102006-221207/pt-br.php>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4 ed. São Paulo: Contexto, p. 9-14, 2010.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes Pessoais: Subsídios para uma gramática do português do Brasil.** Fortaleza: Ed. EUFC, 1994.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no Português oral de São João da Ponte (MG).** 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AIRR-7DHJPA/mariaalice_mota_diss.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 mar. 2013.

NASCIMENTO, I. B. **O uso variável do pronome de segunda pessoa *você(s)/cê(s)* na cidade de São Paulo.** 2011. 217f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06062011-155117/pt-br.php>>. Acesso em 05 de mar de 2013.

NOGUEIRA, F. M. S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor? 2013.** 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Língua e Cultura. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francieli%20Nogueira.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

OLIVEIRA, L. A. F. de. **Tu e você no português afro-brasileiro.** Comunicação ao VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2005.

_____. **Tu e Você no português popular do estado da Bahia.** Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2007.

ORLANDI, P. S. **Usos e (des)usos da flexão verbal de segunda pessoa do singular em textos orais de informantes de Tubarão (SC): um estudo de caso.** 2004. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/73813_Patricia.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.

OTHERO, G. de A. Revisitando o *status* do pronome *cê* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 135-156, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5095>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

PAIVA, M. C. A; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. A variável gênero/sexo. In.: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.(orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, p. 33-42, 2010.

PACKER, S. M. **Formas de tratamento em Jaguará do Sul- SC**. 1990. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras). UFPR, Curitiba, 1990. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24390/D%20-%20PACKER,%20SONIA%20MARIA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

PAREDES SILVA, V. L. O sujeito pronominal de 2ª pessoa na fala carioca: variação e mudança. **Revista Dia Crítica**. 2008, p. 93-106.

PEÑA; H. A. C.; CASTILLO, S. T. S. **Los estudios de género sociolingüístico: orígenes y perspectivas**, In: Colombia, Folios, ed: N/A, v. 9, fasc. 1, p. 35 - 45, Ano 1998. Disponível em: <http://www.pedagogica.edu.co/storage/folios/articulos/folios09_05arti.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.

PERES, E. P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estatuto em tempo aparente e tempo real. 2006, 234 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

PETERSEN, C. A tripartição pronominal e o estatuto das proformas *cê*, *ocê* e *você*. **D.E.L.T.A.**, v. 24, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.readcube.com/articles/10.1590/S0102-44502008000200005?locale=en>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

PRETI, D. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações. In: PRETI, D.(org.). **O Discurso Oral Culto**. 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações, p. 21-34, 1999.

_____. **Estudos de língua oral e escrita**. (Série Dispersos). Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 2004.

ARAÚJO, A. A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: RJ, 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em < http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

PINTO, C. D. M.; CYRANKA, L. F. M. Aportes sociolingüísticos à prática do professor: implicações na sala de aula. In: XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de

Janeiro:RJ, 2010.vol. XIV, Nº 2, t. 1 p. 501-513, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/501-513.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

RUMEU, M. C. B. A. variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. **Alfa**, São Paulo, 57 (2): 545-576, 2013. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4912/4674>. Acesso em: 20 mar. 2014.

ROCHA, P. G. da. A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratoles e de Santo Antônio de Lisboa: uma abordagem sociolinguística variacionista. **Working Papers em Linguística**, v. 11, p. 69-81, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11nespp69>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

RODRIGUES, D. F. **Cortesia Linguística**. 2003. 508f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003. Disponível em <http://www.esse.ipvc.pt/drodrigues/teses/DRodrigues_Doutoramento.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2014.

SALES, S. H. S. **Norma e Usos na linguagem falada em Fortaleza**. 2004. 86f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=157194>. Acesso em: 05 mar. de 2013.

SANKOFF, G. Age: Apparent time and real time. **Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics**, Second Edition, 2006. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~gillian/PAPERS/Sankoff.Age,AT,RT.pdf>>. Acesso em 05 de mar de 2014.

SANTANA, J. C. D. de. Universidade Estadual de Feira de Santana. Relatório de pesquisa: **O uso dos pronomes TU e VOCÊ no falar feirense culto**. Feira de Santana, 2008, 31p.

SANTOS, V. M. **“Tu vai para onde?... Você vai para onde?: manifestações da segunda pessoa na fala carioca**. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SantosVM.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

SAUSSURE, F. Cours de Linguistique Générale. In: BALLY, C; SECHEHAYE, A., 1978. [Ed. Br.: (2006). **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIXAS, V. C.; ALKMIM, M. G. R. de. Estruturas negativas sentenciais em textos dos séculos XVIII e XIX. In: CONGRESSO NACIONAL DE FILOLOGIA E LINGUÍSTICA, n. XVI, 2012, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – **Anais ...** Rio de Janeiro: CNLF, 2012, Volume XVI, n.04, p. 562-573. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/050.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In.: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.(orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, p. 147-177, 2010.

_____; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da Abralin**, Curitiba, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte. 2011. Disponível: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-especial-1o-parte/a-variacao-linguistica-2.pdf>>. Acesso em: 21 jan 2014.

SETTE, N. D. **Formas de tratamento no português coloquial**. 1980. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, p. 01-17, 2008. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/237690131_A_COMUNIDADE_DE_FALA_NA_SOCIOLINGSTICA_LABOVIANA_ALGUMAS_REFLEXES>. Acesso em: 2 fev. 2014.

SILVA, J. C. B. **Caracterização prosódica dos falares brasileiros: As orações Interrogativas totais**. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, L. A. Projeto NURC: histórico. **Linha d'Água**, São Paulo, n.10, p.83-90, 1996. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37169/39890>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

SILVA, A.; BARCIA, L. R. Vossa mercê, você, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX. **Revista Ao Pé da Letra**, Recife, n. 4, p. 21-30, 2002. Disponível em: <[http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%204.1/Andreza da Silva & Lucia Barcia -Vossa Merce voce vos ou tu- a flutuacao de formas em cartas cariocas dos seculos XVIII e XIX.pdf](http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%204.1/Andreza%20da%20Silva%20&%20Lucia%20Barcia%20-%20Vossa%20Merce%20voce%20vos%20ou%20tu%20-%20a%20flutuacao%20de%20formas%20em%20cartas%20cariocas%20dos%20seculos%20XVIII%20e%20XIX.pdf)>. Acesso: 28 jul. 2014.

SOARES, M. E. **As Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC/Rio, Rio de Janeiro, 1980.

SOARES, I. C.; LEAL, M. G. F. Do senhor ao tu: uma conjunção de mudanças. **Moara. Revista do curso de Mestrado** (UFPA), Belém, n.1, p.27-64, mar/set, 1993.

SOUSA, V. V. **Os (dês) caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/pdf/Valeria.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

SOUZA, L. M.; GRITTI, L. L.; OLIVEIRA, R. P. Um estudo sobre os itens de polaridade negativa no PB e seu licenciamento. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 9, p. 41-56, jul-dez, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2008v9n2p23/9351>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, E. P. **Era uma vez você**. 2002. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2002.

TURELL, M. T. Apparent and real time in studies of linguistic change and variation. **Noves SL. Noves SL: Revista de Sociolinguística** (Autumn). Barcelona: Generalitat de Catalunya 2003. Disponível em: <http://www6.gencat.net/llengcat/noves/hm03tardor/docs/a_turell.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2014.

VITRAL, L. A forma cê e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 5, n.4, v.1, p.115-124, jan./jun. 1996. Disponível em: <periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/1031/1156>. Acesso em: 20 mar. 2014.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In.: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.(orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, p. 51-58, 2010.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. 6. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. Disponível em: <<http://staff.uny.ac.id/sites/default/files/pendidikan/Dr.%20Margana,%20M.Hum.,M.A./Book%20for%20Sociolinguistics.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN & MALKIEL, 1968 [Ed. Br.: (2006)]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIESER, H. P. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca: elementos para uma descrição micro e macrosocial da conversação cotidiana**. 2009. 851f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/ea000929a.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2014.

ZILLI, G. N. **Por que “tu” e não “você”?** 2009. 50f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura. Faculdade de Letras, UNESC, Criciúma, 2009. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003F0A.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

APÊNDICE A
 MAPA DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS NO BRASIL *tu, você, ocê, cê e o(a) senhor (a)*



ANEXO A- PARECER DO COMITE DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VARIAÇÃO TU, VOCÊ E SENHOR(A) NO FALAR DE FORTALEZA

Pesquisador: TATIANE DE ARAUJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 14366013.0.0000.5534

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO CEARENSE DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 389.356

Data da Relatoria: 09/09/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto trata-se da pesquisa de mestrado da proponente e aborda o uso dos pronomes tu e você no português falado em Fortaleza, com o intuito de contribuir para o ensino de língua materna e de língua estrangeira, além de conhecer melhor o sistema pronominal do português brasileiro. Os alicerces teóricos que sustentam esta pesquisa pertencem à teoria variacionista. A amostra é constituída por 36 inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre dois Informantes), extraídos de um banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). O perfil dos informantes do corpus é o seguinte: - são nascidos em Fortaleza ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; - possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantêm residência fixa na capital cearense. O trabalho com a metodologia descritiva visa não tecer comentários quanto ao que acontece, apenas descrever o fenômeno que será estudado. A pesquisa trata-se de uma descrição sociolinguística, que, segundo Calvet (2002, p. 103), consiste precisamente em pesquisar correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos. Para que haja uma descrição linguística que se aproxime do real, o foco desse trabalho será na análise quantitativa. Ela nos fornecerá subsídios para que possamos ter uma

Endereço: Av. Paranjana, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: diana.pinho@uece.br

Página 01



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 389.356

compreensão melhor do fenômeno na localidade de Fortaleza. Nosso corpus será constituído por 53 informantes, com o tipo de registro, Dialogo entre dois Informantes, retirados do corpus NORPOFOR. Selecionaremos as variáveis linguísticas e sociais que serão utilizadas para serem pesquisa em nosso trabalho. Após isso, faremos o levantamento do corpus, a codificação dos fatores e a análise estatística. Ao final da análise estatística, serão apresentadas tabelas com os resultados referentes às variáveis selecionadas pelo programa, bem como cruzamentos entre os grupos, estatisticamente, relevantes. Unidos desses resultados, a próxima etapa é interpretar os resultados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever o comportamento variável dos pronomes tu, você e o senhor no português oral popular de Fortaleza sob a perspectiva variacionista.

Objetivo Secundário:

- Descrever e analisar as variáveis linguísticas (tipo de referente, paralelismo formal, tipo de verbo, tipo de fala, tempo verbal, função sintática do pronome, tipo de frase e tipo de relato) e sociais (faixa etária, sexo, escolaridade, tipo de relação entre os interlocutores e grau de intimidade) que condicionam o uso dos pronomes tu e você; - Verificar, ao final, se o fenômeno analisado encontra-se atualmente em variação estável ou se já existem indícios de mudança linguística em progresso; - Comparar os resultados com as pesquisas realizadas em outros falares do português brasileiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Exposição da vida pessoal dos sujeitos entrevistados, mesmo que estes não sejam identificados no corpus em questão.

Benefícios: Os resultados de como se encontra o uso desses pronomes pode fornecer subsídios para a construção de livros didáticos mais voltados para o falar cearense. Além disso, os resultados serão comparados com outros estudos já realizados sobre a temática para que uma avaliação sobre o uso dos pronomes seja atualizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é muito relevante, porque permite que se possa pensar um ensino de língua portuguesa que leve em contar o falar cearense.

Endereço: Av. Paranjana, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: diana.pinheiro@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 389.356

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto está corretamente preenchida com a assinatura da proponente e a do Coordenador do PosLA.

A proponente pede dispensa de apresentação do TCLE, visto que os dados foram colhidos de um banco de dados.

Critérios de inclusão e exclusão informados.

Riscos e benefícios informados.

Cronograma de execução da pesquisa inadequado.

Financiamento próprio.

Recomendações:

O cronograma de execução de um projeto de pesquisa não se restringe à coleta de dados.

Não há autorização para uso do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo de pesquisa atende aos ditames da Resolução 466/12 do CNS.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Foi solicitado a dispensa do TCLE por ser um trabalho de banco de dados. Os termos de apresentação obrigatória foram disponibilizados adequadamente.

Endereço: Av. Paranjana, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: diana.pinhoiro@uece.br

Página 03 de 04



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 389.356

FORTALEZA, 10 de Setembro de 2013

Assinador por:

DIANA CÉLIA SOUSA NUNES PINHEIRO
(Coordenador)

Endereço: Av. Paranjana, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: diana.pinheiro@uece.br

Página 04 de 04



ANEXO B

MAPA DAS REGIONAIS DE FORTALEZA



<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/140x.htm>

ANEXO C

